



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Tânia Carolina Oliveira Freitas

Alimentação nas prisões: Conflitualidades,
Desigualdades e Proximidades entre
Reclusos.



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Tânia Carolina Oliveira Freitas

*Alimentação nas prisões: **Conflitualidades, Desigualdades e Proximidades entre Reclusos.***

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Paula de Vilhena Mascarenhas

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

NOTA. Caso se pretenda utilizar outro tipo de licença, deve aceder à ligação <https://alunos.uminho.pt/PT/estudantes/Paginas/InfoUteisFormatacao.aspx> onde se podem encontrar outras informações adicionais.

AGRADECIMENTOS

Um grande apreço a todos aqueles que de forma generosa contribuíram ao longo destes meses para que esta investigação fosse concretizada, como Reclusos, Guardas Prisionais e respetivos Técnicos de Reinserção Social de ambos os estabelecimentos prisionais, em especial a um guarda prisional de Guimarães, Carlos..., pela sua disponibilidade constante ao longo destes anos.

Agradeço ao casal mais ímpar que a vida me trouxe, Teresa Eugénio e Ricardo Manso, que nos últimos anos me ajudaram a Ser, terminando tarefas em suspenso no tempo, ajudando-me a dar sentido às mesmas enquanto oportunidade imediata e urgente.

Agradeço ainda, a dois Seres Humanos que foram a chave de leitura, cada um à sua maneira neste processo, à Doutora Maria Paula de Vilhena Mascarenhas por ano após ano agarrar-me, mesmo com empurrões meus; e ao Marco Aurélio Silva, onde encontrei cura e casa, onde residia esta vontade e sede pelo Mundo prisional, pelos mais desfavorecidos e por qualquer Ser Humano mais esquecido! Obrigada.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

A essência temática deste estudo comparativo entre duas Instituições de caráter carcerário, situa-se nas práticas e dinâmicas que orbitam em torno do quotidiano alimentar de uma instituição que gere não só a alimentação, mas também, os horários, os destinos, os tempos e as vidas daqueles que involuntariamente a preenchem.

A investigação que se apresenta, está alicerçada pelo método indutivo, privilegiando o estudo de casos em duas instituições prisionais, com o recurso a técnicas de investigação, tais como a pesquisa e a análise bibliográfica, pesquisa e análise documental dos processos dos reclusos que entram como atores na investigação e, por fim, as entrevistas semiestruturadas aplicadas a doze reclusos de cada estabelecimento prisional em análise, bem como a agentes que se voluntariaram para fazer parte da amostra e que consagram o *Staff* das duas instituições prisionais em análise, como guardas prisionais e responsável pela alimentação prisional.

Os objetivos principais são por um lado apreender as atitudes dos reclusos perante a comida nas duas prisões e por outro analisar as dinâmicas das práticas alimentares nestas “instituições totais”, incluindo os possíveis conflitos, as desigualdades e as diferenças que se geram nos momentos alimentares coletivos e individuais, variando consoante as classes sociais, as relações familiares/amigáveis e as possíveis relações de proximidade entre os reclusos. Todas estas questões de base da vivência prisional em reflexão, levam também à busca pela verdade praticada sobre o direito à alimentação adequada em meio prisional.

Surgindo de meses de exploração do ambiente prisional de duas prisões portuguesas antagónicas, percebemos que conceito de “alimentar reclusos” não difere só de país para país, mas de prisão para prisão no mesmo país, assim das realidades empíricas percecionada em torno da alimentação, em torno dos conflitos, das proximidades e das desigualdades existentes em ambiente prisional, no que concerne à esfera alimentar, nutrir passa a não ser um direito, uma essencialidade, dentro e fora de muros, direito apenas de alguns, daqueles que têm os “padrinhos prisionais.”, daqueles que possamos chamar de verdadeiros “bandidos ” ou merecedores de prisão.

Palavras-Chave: Prisões; Alimentação; Conflitualidades; Desigualdades e Proximidades

Abstract

The thematic essence of this comparative study between two prison institutions lies in the practices and dynamics that orbits around the daily food routine of an institution. That manages not only food, but also the schedules, destinations, times, and lives of those who involuntarily fill it.

The research presented here is based on the inductive method, founded the study of cases in two prison institutions, using research techniques such as bibliographical research and analysis, documentary research and examination of the files of the recluses, those who are involved in the research and, finally, semi-structured interviews with twelve recluses from each of the prisons in research, as well as with agents who volunteered to be part of the sample and who, as well, are on the staff of the two prison institutions under analysis, as prison guards and those, responsible for prison food.

The main objectives are, in one hand, to understand recluses' attitudes towards food in the two prisons and, on the other hand, to analyse the dynamics of eating practices in these "total institutions", including the possible conflicts, inequalities and differences that arise in collective and individual eating times, varying according to social class, family/friend relationships and possible close relationships between recluses. All these basic questions about the prison experience also led to the search for the truth about the right to adequate food in prison.

After months of exploring the prison environment of two antagonistic Portuguese prisons, we realised that the concept of "feeding recluses" differs not only from country to country, but from prison to prison in the same country, so from the empirical realities perceived around food, around the conflicts, proximit and inequalities that exist in the prison environment. When it comes to food, nourishment is no longer a right, but an essentiality, inside or outside the walls. This right given to only a few, those who have "prison godfathers", those who we might call real "bandits" or deserving of imprisonment.

KEYWORDS: Prisons; Food; Conflicts; inequalities and proximity

Índice

Introdução	13
Parte I – Enquadramento Teórico do Estudo	17
Capítulo 1 – Exigências e Limitações em Reclusão	19
1.1. Prisão como Instituição Total	19
1.2. Marcadores de Tempo e Obrigações	21
1.3. Direitos na Prisão.....	22
Capítulo 2 – O Espaço Social Alimentar na prisão	27
2.1. O Espaço do comestível.....	27
2.2. O sistema alimentar	29
2.3. O Espaço culinário.....	30
2.4. O Espaço dos Hábitos de Consumo.....	31
2.5. A temporalidade alimentar	32
2.6. O espaço da diferenciação social	32
2.6.1. Desigualdades e conflitos em redor da Alimentação.....	33
2.6.2. Direito da Alimentação Adequada no dia-a-dia	35
Capítulo 3 – Traçado Metodológico da Investigação	39
3.1. O contexto do estudo	39
3.2. Objetivos, Métodos e Técnicas adotadas	41
3.3. Pesquisa e análise processual para construção da amostra	45
3.3.1. A entrevista semiestruturada.....	49
3.3.2. Os Guiões das Entrevistas	50
3.3.3. Consentimento informado.....	55
3.4. A Análise do conteúdo	56
Parte II – Fundamentação alicerçada na pesquisa do terreno	59
Capítulo 4 – Alimentação nas Prisões: O espaço social alimentar na prisão	60
Apresentação e Análise de Dados.....	60
4.1- As empresas Contratadas	60

4.2. O espaço culinário e a cantina prisional	60
4.2. A estrutura e conteúdos das refeições	62
4.3. A temporalidade alimentar	65
4.4 A diferenciação social alimentar	66
4.5 A Alimentação do “Antes” e do “Agora” na Prisão	67
4.6. O permitido/ Interdito da Reclusão	69
Capítulo 5 – Conflitos, Enredos e Sociabilidades alimentares nas Prisões.....	73
5.1 - Os conflitos de viver em reclusão.....	74
5.2 - Os alimentos: moeda de troca, roubos e furtos.....	77
5.3- Dádivas e Arrufos	79
5.4- Proximidades entre reclusos existem.....	80
5.5- Desigualdades Camufladas: É bom ter padrinhos.....	82
Conclusão	86
Bibliografia.....	90
Anexos.....	96
Anexo I.....	97
Esclarecimento relativamente ao âmbito da Investigação Estabelecimento prisional de Paços de Ferreira.....	97
Anexo II.....	100
Esclarecimento relativamente ao âmbito da Investigação Estabelecimento prisional de Guimarães	100
Anexo III.....	102
Consentimento Informado de Guimarães e Paços de Ferreira	102
Anexo IV.....	104
Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Reclusos dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães	104
Anexo V.....	108
Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Guardas Prisionais dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães	108

Anexo VI.....	112
Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Diretores dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães	112
Anexo VII.....	120
Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Técnica Responsável pela Alimentação dos Serviços Prisionais de Paços de Ferreira	120
Anexo VIII.....	128
Carta para autorização da investigação ao Presidente da Direção geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais.....	128
Anexo IX.....	132
Autorização da Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais para a realização da Investigação	132
Anexo X.....	134
Projeto de Dissertação no âmbito do Curso de Mestrado em Crime, Diferenças e Desigualdades.....	134
Anexo XI.....	136
Dados das entrevistas – Grelha de análise de conteúdo temática do Espaço Social Alimentar nos dois Estabelecimentos Prisionais	136
Anexo XII.....	189
Dados das entrevistas – Grelha de análise de conteúdo temática das Atitudes dos Reclusos e Guardas em Relação à Alimentação nos dois Estabelecimentos Prisionais.....	189
Anexo XIII.....	212
Exemplo de Ementa Estabelecimento Prisional Regional de Guimarães – Semana 23 a 29 de dezembro de 2013	212
Anexo XIV	214
Exemplo de Ementa Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira – Semana 21 a 27 de abril de 2014	214
Anexo XV	216
Despacho interno nº 6/RGEP/2013 – Objetos permitidos no espaço de alojamento prisional em regime comum.....	216

Abreviaturas e Siglas

EP´s – Estabelecimentos Prisionais

EPG – Estabelecimento prisional Guimarães

EPPF– Estabelecimento prisional Paços de Ferreira

PP- População Prisional

GEPG- Guarda Estabelecimento Prisional de Guimarães

GEPPF- Guarda Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

TAEPPF- Técnica Alimentar Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

REPG- Reclusos Estabelecimento Prisional de Guimarães

REPPF- Recluso Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

TABELA 1 - AMOSTRA DOS RECLUSOS DO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE GUIMARÃES	46
TABELA 2 - AMOSTRA DOS RECLUSOS DO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE PAÇOS DE FERREIRA	47
TABELA 3 - AMOSTRA DOS GUARDAS PRISIONAIS DO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE GUIMARÃES	48
TABELA 4 - AMOSTRA DOS GUARDAS PRISIONAIS DO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE PAÇOS DE FERREIRA.....	48
TABELA 5 - DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS RECLUSOS GUIMARÃES	52
TABELA 6 - DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS RECLUSOS PAÇOS DE FERREIRA	52
TABELA 7 - DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS GUARDAS PRISIONAIS DE GUIMARÃES	53
TABELA 8 - DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS GUARDAS PRISIONAIS DE PAÇOS DE FERREIRA	53
TABELA 9 - DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS A TÉCNICA RESPONSÁVEL PELA ALIMENTAÇÃO NO ESTABELECIMENTO PRISIONAIS DE PAÇOS DE FERREIRA.....	ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.
TABELA 10 - A GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA DO ESPAÇO SOCIAL ALIMENTAR NOS DOIS ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS.....	57
TABELA 11 - A GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA DAS ATITUDES DOS RECLUSOS E GUARDAS EM RELAÇÃO À ALIMENTAÇÃO NAS DUAS PRISÕES.....	58
TABELA 12 - CONFEÇÃO DAS REFEIÇÕES E TAREFAS VOLUNTÁRIAS DOS RECLUSOS	61
TABELA 13 - ESTRUTURA E CONTEÚDOS DAS REFEIÇÕES	63
TABELA 14 - TEMPORALIDADES DAS REFEIÇÕES NOS DOIS ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS.....	65

Introdução

Na imensidão de estudos elaborados em torno da alimentação, poucos recaem particularmente no estudo das práticas e dinâmicas alimentares nos Estabelecimentos Prisionais.

No âmbito das Ciências Sociais, os estudos sobre a Alimentação em Portugal têm registado uma forte expansão nos últimos anos com contributos relevantes da Sociologia da Alimentação, Antropologia da Alimentação e da História, contribuindo para transformar esta área num terreno menos areoso na matéria alimentar.

A nível internacional, o cenário desenrola-se de forma muito diferente, uma vez que a alimentação tem sido um objeto de estudo preferencial em múltiplos contextos, desde contextos institucionais, na vida quotidiana, nas preferências alimentares segundo religiões e culturas, nas questões ligadas à saúde, enfim, numa panóplia considerável de circunstâncias, motivo pelo qual esta investigação se desenvolve. Todavia, apesar de este tema ser amplamente abordado sobre várias perspetivas, nos últimos quatro anos verificou-se um ligeiro aumento dos mesmos em cenários de reclusão nacional e internacional.

Importa, portanto, entender a significância dada à alimentação na vida de qualquer indivíduo. O quão importante a alimentação é na sua sobrevivência, na rotina de um ser humano, no sucesso de trabalho de muitos, na conclusão de negócios de outros, enfim, na inércia do ser e ter. Alimentação, como salienta (Moreira 1994, cit Mascarenhas 1998) “assegura as necessidades biológicas, estrutura a economia, quer em termos globais, quer a nível doméstico, organiza o quotidiano, revela hierarquias e desigualdades sociais, codifica situações, marca identidades, é ainda um prazer e também uma arte” (Mascarenhas, 1998, p.12).

A Alimentação surge, portanto, na vida dos indivíduos como algo inerente à sua existência, faz parte de si alimentar-se. Todavia o ato alimentar é mais do que ato vital, remete para a cultura. Ele é regulado em determinados horários, em lugares apropriados para comer, sozinhos ou acompanhados.

Pretende-se estudar esse ato alimentar, nas mais diversas circunstâncias, afinando a análise à vida dentro das grades. Interessa ainda mais compreender o que é o “ato de comer”, no verdadeiro sentido “do fazer”, do alimentar um ser humano, perceber assim nas linhas de conhecimento da mesma autora a importância da alimentação na vida do ser humano sendo que “[...]. O ato alimentar interconecta diversos níveis da existência humana: o biológico, o psicológico, sociológico, o cultural, o económico, o político, o nutricional, o dietético, o gustativo, a identidade,

a sociabilidade e a saúde [...] Também tem relação direta com a construção dos laços de pertença intergeracional, social e familiar, interferindo com os processos de produção e de recomposição das identidades.” Mascarenhas (2012, p. 285).

Desta feita, a alimentação mostra-nos a sua complexidade nas várias formas do processo alimentar e nas fases do sistema alimentar, levanta-se então a questão de abordar algo tão necessário à sobrevivência do ser humano e tão prazeroso, mas num contexto carcerário, onde é escassa a produção de conhecimento em Portugal, remetendo-nos unicamente aos estudos mais recentes de Manuela Ivone Cunha em 2018, onde nos mostra que “ a alimentação prisional torna-se uma arena sensível, suporte de tensões e sentido contraditórios.” (Cunha, 2018, p.356).

Lembremos que a alimentação por si só é também geradora de conflitos interpessoais, quer dentro da família, quer no seio do grupo de amigos, pelos gostos, pela vontade, pelas possibilidades económicas, que nem sempre deixam que a vontade seja satisfeita naquele tempo dedicado à alimentação, imagine-se agora numa instituição total, como a prisão.

E porque “nem só de pão vive o Homem, mas de toda a palavra que vem da boca de Deus” (Mateus,4.4) insurge-se a pertinência desta investigação, nos contornos da alimentação na vida prisional, onde são vários os pontos de interesse para análise, não passando apenas pelos aspetos nutricionais do alimento consumido, mas por toda a diferenciação e análise social que o alimento prisional apresenta e que nos é passado pela boca dos vários agentes prisionais, que permitiram a investigação.

A análise social em volta da alimentação prisional nesta investigação remete-nos para as práticas alimentares na prisão; apreender possíveis conflitos existentes na circunstância alimentar; atestar desigualdades e diferenças entre reclusos no que concerne a comida que lhes chega todos os dias e as relações de proximidade ou conflito em torno da alimentação dentro da esfera institucional e da comida vinda de fora da esfera familiar. A investigação debruçar-se-á essencialmente nas perceções dos reclusos sobre a sua alimentação, no seu estabelecimento prisional, no presente e no passado, não descurando a análise da perspectiva de agentes do corpo de segurança, como os guardas prisionais sobre o tema em análise comparativa entre dois estabelecimentos prisionais Guimarães e Paços de Ferreira, tendo por base a pesquisa qualitativa, com observação direta e aplicação de entrevistas semiestruturadas a reclusos e guardas prisionais. Visa compreender os trajetos da alimentação até chegar ao recluso que é alimentado, interpretar possíveis dinâmicas dos conflitos que possam existir em torno da alimentação ou, até mesmo, em situação hipotética, concluir que a alimentação na vida prisional pode acarretar proximidades entre

reclusos, revelou-se uma tarefa árdua, onde de facto “ a comida parece um objeto, mas na verdade é uma relação (...) infinitamente interpretável, como presente, ameaça, recompensa, troca, sedução, solidariedade, asfixia” (Eagleton, 1998: p.204):

Os objetivos principais são por um lado apreender as atitudes dos reclusos perante a comida nas duas prisões e por outro analisar as dinâmicas das práticas alimentares nestas “instituições totais”, incluindo os possíveis conflitos, as desigualdades e as diferenças que se geram nos momentos alimentares coletivos e individuais, variando consoante as classes sociais, as relações familiares/amigáveis e as possíveis relações de proximidade entre os reclusos. Todas estas questões de base da vivência prisional em reflexão, levam também à busca pela verdade praticada sobre o direito à alimentação adequada em meio prisional.

A dissertação está estruturada em duas partes. Na primeira parte faz-se o estado da arte sobre a prisão como instituição total e sobre o espaço social alimentar. No primeiro capítulo apresenta-se o contexto do estudo comparativo, os Estabelecimento Prisionais de Guimarães e Paços de Ferreira, onde se aborda de antemão a rotina prisional de cada EP, as temporalidades na prisão, obrigações e limitações sujeitas, não negligenciando os direitos humanos na prisão. No capítulo dois, foca-se um conjunto de conceitos relativos ao espaço alimentar defendidos por Poulain (2003) e Mascarenhas (1999, 2007), bem como por outros autores que pensam a comida e as comensalidades como factos sociais a investigar em diversos contextos, nomeadamente nas reflexões das desigualdades e conflitos que existem à volta dos alimentos e o quão importante é consagrar o direito à alimentação adequada no dia a dia, ao nível nacional abordar-se-á alimentação em ambiente prisional Cunha (2018) e com estudos ao nível internacional sustentados em autores nesta matéria como Valentine e Longstaff (1998) e Smith (2002) entre outros. Por fim, a primeira parte encerra com o traçado metodológico da investigação, onde se procura explicar de forma pormenorizada as considerações metodológicas quanto aos procedimentos adotados na investigação. A metodologia de pesquisa administrada na investigação primou essencialmente pela abordagem qualitativa, em especial no estudo de dois casos, privilegiando a pesquisa etnográfica, com recurso à observação direta e à técnica de entrevistas semiestruturadas. Pretendendo-se uma análise comparativa entre dois estabelecimentos prisionais, bastante distintos, no que concerne a fatores como a lotação, a dimensão, as formas e dinâmicas alimentares e, conseqüentemente, a gravidade de crimes praticados e penas aplicadas, de forma a compreender e a dar a conhecer cada um deles, para posteriormente captar o essencial de ambos no que se refere à esfera alimentar da reclusão, que lhes é fornecida pelo

estabelecimento prisional e daquela que vem do exterior. Neste caminho analítico optou-se pelo Estabelecimento Prisional de Guimarães, com lotação máxima de 46 reclusos e o Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira com lotação máxima de 689 reclusos. O fundamento desta análise comparativa pousou essencialmente no compreender as dinâmicas e os significados dos conflitos que se podem desenrolar em torno da alimentação, bem como os significados que os reclusos atribuem às suas experiências alimentares, ao invés de qualificar ao nível de aspetos nutricionais as ementas consumidas pelos agentes privados da sua liberdade.

Na segunda parte do estudo faz-se a apresentação e análise dos dados, tendo por base o cenário observado da verdade prisional ao nível dos EP's observados. No capítulo número quatro é analisado o espaço social alimentar nas duas prisões, procurando-se estabelecer padrões e critérios para esta mesma análise. Os dados obtidos serão na sua grande maioria de observação direta e que incidirão sobre as estratégias dos EP's utilizadas para cumprir a entrega e a entrada de alimentos e/ou refeições dentro das prisões, o espaço culinário, temporalidades das refeições e a percepção da amostra sobre alimentação do antes e do agora na prisão (tendo por base a alteração da lei). De forma mais objetiva procurar-se-á analisar o que os entrevistados têm a dizer sobre estes pontos do estudo. O quinto capítulo entra na análise das dimensões sociais do estudo em que se irá correlacionar os dados obtidos no capítulo quatro e interpretar como estes promovem os conflitos, enredos e sociabilidades dentro e fora da prisão. Em suma, pretende-se que este capítulo procure encontrar indicadores de como a alimentação pode afetar de forma positiva ou negativa, não só o indivíduo como toda a estrutura social da prisão.

Parte I – Enquadramento Teórico do Estudo

O Ser humano é um ser social, organizando-se desde sempre em comunidades, estabelecidas por várias relações, pautadas por um sistema de direito, com vista a uma desejável e sadia convivência entre si. Por diversas razões esse direito pode ser violado, criando-se assim diversas limitações em tempo e espaço, delimitando-se espacialmente alguns indivíduos para além do espaço que o delimita, num ato de prender aquele que cometeu um crime, privando-o da sua liberdade, de modo a punir para corrigir o comportamento futuro – a prisão.

Os presos mantêm-se naquele que é um espaço definido pela sociedade, cumprindo ordenamentos jurídicos específicos no lugar e no tempo, que visam, de acordo com o Código Penal Português “a proteção de bens jurídicos e a reinserção do agente na sociedade”¹, pelo que estas pretendem colmatar os danos causados pelos indivíduos privados de liberdade com vista à sua reinserção na sociedade. Para tal, o Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais em vigor², desde 2011, traduz para todos os estabelecimentos prisionais em Portugal, um conjunto de procedimentos e normas aplicados às vivências de reclusão como os procedimentos de ingresso no estabelecimento prisional; a transferência de reclusos entre estabelecimentos prisionais, saídas e transportes, os equipamentos e objetos existentes nos espaços de alojamento e as condições da sua utilização; as condições de utilização das instalações para atividades de vida diária; o tipo, quantidade e conservação de vestuário; o tipo, quantidade, acondicionamento e frequência da receção de alimentos do exterior; as condições das visitas a reclusos e as condições de organização das atividades socioculturais e desportivas e a colaboração com instituições particulares e organização de voluntários.

Assim sendo, é neste contexto que se insere a investigação presente, mais propriamente naquele que se verifica como o direito ao alimento providenciado pela instituição total, bem como o alimento que as visitas trazem do exterior, sabendo que os gostos alimentares são os aspetos que mais perduram face ao afastamento do contexto em que se cresceu e são dos que mais inspiram a nostalgia (Bourdieu, 1979, p. 85). É nesta dimensão do “ato alimentar” mais banal

¹ CF. Artigo 40.º, 1. Do Código Penal, sobre “Finalidades da pena e das medidas de segurança”, in Código Penal, em <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675-49681175>

² CF. Decreto-Lei n.º 51/2011, de 11 de abril, documento que aprova o Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, que visa regulamentar o Código da Execução das Penas e Medidas Privativas de Liberdade – Lei 115/2009, de 12 de outubro.

que existe do cotidiano dos indivíduos que emerge a curiosidade face ao “ato alimentar” numa instituição como a prisão.

Considerando a prisão como uma instituição total, tendo em conta a perspectiva de Erving Goffman, dado que o “fechamento ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que, muitas vezes, estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas, pântanos” (Goffman, 1974, p. 16), torna-se acutilante analisar uma temática extremamente presente nas vidas de todos os indivíduos, uma vez que alimentar é uma necessidade biológica, um ato vital, social e cultural, mesmo num contexto tão invulgarmente reportado na história de vida de cada ser humano como o da prisão.

Capítulo 1 – Exigências e Limitações em Reclusão

1.1. Prisão como Instituição Total

A prisão só atingiu o seu apogeu na segunda metade do século XIX e antes do fim desse século entrou em decadência (...) Enfim em 1888 e 1889 nos primórdios da União Internacional do Direito Pena, I Von Liszt, Adolph Prins, Von Hammeln e Garofalo já sustentaram a necessidade de se encontrar alternativas à pena privativa de liberdade de curta duração. Essas inquietações transpuseram o limiar do século XX e contagiou toda a Europa Continental. (Foucault cit Bitencourt 2001, p. 65).

Fragoso, (cit Bitencourt 2001, p. 65) “A prisão é um trágico equívoco histórico e que só se justifica quando não houver, no momento, outra situação menos degradante”.

São então inúmeras as limitações do “estar encarcerado”, como o facto de imediato deixar os seus locais familiares, para entrar num mundo desconhecido, estranho e adverso, perde assim a sua liberdade, devido às rígidas características da prisão, estando sempre vigiados, por último, a obrigação de adaptar os seus comportamentos e de se sujeitar à cultura prisional, a uma série de estatutos, ideologias e códigos já bastante vinculados na população prisional, limitando assim as suas atitudes e “vontades” (Lourenço, 2005).

Michel Foucault (1995) ainda acrescenta se a pena privativa de liberdade cumpriu aquilo a que se tinha comprometido, respondendo que esta apenas atingiu o objetivo de estigmatizar, de segregar e separar o condenado.

Ao longo do tempo, o ser humano reprimiu a desviância criminal de múltiplas formas, indo desde a justiça privada (leis de talião), até à administração da justiça através de poderes públicos, passando por uma solução intermédia – em que a compensação desempenhava uma função para apaziguamento da vingança privada, tendo como fundamento a pública.

É de observar que com o progresso que a sociedade obteve, tanto as estratégias como as práticas punitivas iam espelhando o pensamento da época. Emoldurando estas estratégias e práticas punitivas na época dos colossais “escândalos” e abusos do poder, como o exemplo dado por Foucault (1999):

Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, (...) carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na Praça de Grèves, e sobre um patíbulo, que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente,

piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos no fogo, reduzidos a cinzas, e as suas cinzas lançadas ao vento (...) (in Foucault, 1999 [1987], p. 9).

Sobre estas, havia todo um aparato em volta da sua execução onde os castigos não atingiam de forma igual todas as classes sociais, a que Foucault explica como sendo: “uma fornalha” onde se lançavam chamas à violência, tal como António Pedro Dores (s/d) faz referência já nos dias de hoje que ainda ocorre uma “evidente seletividade do sistema penal”, no que toca aos estrangeiros, por exemplo, após a entrada num país estranho, estes passam a ser alvos de atenções duplicadas por parte dos agentes judiciais e num contexto privativo de liberdade, estes sofrem com o “racismo institucional”, esta situação é visível de acordo com a condição social do indivíduo e de acordo com a sua classe social.

Nos finais do Século XVII, deparamo-nos com as ideias defendidas pela Revolução Francesa, “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”, tendo uma importância enorme em todo o mundo a expansão destas ideias, assistindo-se desta forma à humanização das penas. Como Foucault salientou “desaparece, destarte, em princípios do século XIX, o grande espetáculo da punição física: o corpo supliciado e escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor. Penetramos na época da sobriedade punitiva, à aniquilação dos espetáculos punitivo”. (Foucault, 2007, p. 16).

A prisão passa a ser o elemento punitivo por excelência, permitindo objetivar o castigo e desta forma trabalhar os indivíduos através da educação e do trabalho. No mundo ocidental, a pena mais radical é a pena de morte, não implementada em todos os países. Esta coloca diversos problemas, desde problemas de ordem moral, até aos erros judiciários. A pena de prisão domina, pois, o nosso sistema penal. Tanto é que quando nos lembramos de uma sanção, é de imediato associada a pena de prisão, esquecendo-nos que existem outras formas de reprimir o crime, isto é, as medidas de substituição da prisão.

Numa entrevista dada ao jornal *Le Monde*, na sua edição de 8 de outubro de 1974, este publicou a entrevista a Robert Badinter, (então advogado em Paris, tendo-se tornado ministro da Justiça em 1981), na qual afirmava “O nosso sistema repressivo assenta na prisão. Ela é simultaneamente manifestação e culminar deste sistema, sendo o castigo judiciário por excelência (...) tenha a honestidade de admiti-lo: a nossa justiça é uma justiça de prisão”. (Badinter, cit Kuhn & Agra 2010, p. 83).

Já o escritor Loic Wacquant (2000) salienta as transformações sucedidas nos últimos trinta anos nos sistemas punitivos dos vários países ocidentais. Verificamos uma transição de um modelo de “democracia social”, universalista, para uma “democracia punitiva”, somente seletiva, sendo esta uma democracia, explicitamente comandada por políticas de criminalização repressivas e duras.

1.2. Marcadores de Tempo e Obrigações

Segundo E. Goffman (1992), o estabelecimento prisional é uma “instituição total, caracterizada por um conjunto de indivíduos que estão restringidos ao cumprimento de uma mesma rotina, a um mesmo quotidiano e a uma só autoridade” (Goffman, 1992, p. 41). Tudo o que é realizado na prisão, todas as atividades diárias, estão elaboradas por horários e regras, impostos pela administração central, mas também interna de cada prisão. De facto, “são espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos” (Foucault, 1999b, p. 127).

Logo, existe uma perda de autonomia dos reclusos para decidirem as mais pequenas ocorrências do quotidiano, ou seja, “o ser humano na prisão encara a sua autodeterminação ou “resto de liberdade” como entregues nas mãos dos que mandam (Thompson, 2002). Esta autodeterminação que lhes resta é “reduzida, empobrecida, envelhecida e infantiliza-se” (Rudnicki & Passos, 2012, p.112) ou “despersonalizada” (Goffmann, 1992, p. 42)

É de salientar o poder vincado desta instituição sobre os indivíduos que a preenchem, tratados pelo seu número de recluso e não por nomes próprios. Tudo é gerido pela autoridade hierárquica de um diretor e dos guardas prisionais, restringindo os reclusos para além das regras internas da prisão, (do tempo e da disciplina) a uma “subcultura prisional”, tornando a adaptação à prisão não muito fácil. Manuela Ivone Cunha (2002) problematizava a questão da prisão como um prolongamento do bairro, na sua obra *Entre o bairro e a prisão*, construindo uma visão extremamente original deste universo, onde sustenta que os muros e os limites físicos da cadeia estão hoje longe de definir a prisão enquanto objeto de investigação. Já não se avigora a gestão do indivíduo que integra a prisão e de toda a cultura prisional, mas da gestão de dois elementos que constituem e criam a vivência prisional, o bairro e “a continuidade entre o interior e o exterior

é constitutiva da prisão, a ponto desta, não poder mais ser pensada senão através de um constante movimento de zapping entre ambos” (2002, p.19).

Desta feita, “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder [...] O controle disciplinar põe o corpo e o gesto em perfeita e absoluta correlação, pois [...] um corpo bem disciplinado é a base do gesto eficiente” (Foucault, 1999b, pp. 129-130). Ainda em relação ao poder desta instituição o autor sintetiza a produção que o poder disciplinar efetua a partir dos corpos que controla: “uma individualidade caracterizada como celular (através do jogo da repartição espacial); orgânica (pois codifica formalmente as atividades); genética (ao acumular um tempo segmentado e serializado) e combinatória (pela composição das forças). (Foucault 1999b, p. 141).

Face a este controlo, disciplina, rigor e obediência, impõem-se questões de vontades e desejos que qualquer Ser Humano tem, mas mais ainda daqueles que são os seus Direitos, Direitos Humanos, que estão consagrados na Carta Universal dos Direitos Do Homem e por isso mesmo, devem ser integralmente aplicados e cumpridos a partir do momento onde este Homem se efetiva, seja em qualquer país, cultura, sociedade, em qualquer meio natural de vida, mas também em meio prisional.

1.3. Direitos na Prisão

No livro “Human Rights and Prisons”, expõe-se o que é aceite como boas práticas e princípios no tratamento reclusos, bem como a gestão das instituições. Deste modo, enumera-se as regras mínimas para o tratamento de reclusos e os princípios básicos:

- (1) The following rules shall be applied impartially. There shall be no discrimination on grounds of race, colour, sex, language, religion, political or other opinion, national or social origin, property, birth or other status.
- (2) On the other hand, it is necessary to respect the religious beliefs and moral precepts of the group to which a prisoner belongs. (Human Rights and Prisons, 2005, p. 168)

De facto, existem outras regras em todos os EP´s. Deve haver registos no que diz respeito a cada recluso e deve também ser feita uma separação segundo categorias: idade, registo criminal, a razão legal da detenção e as necessidades de tratamento dos reclusos. São ainda tabeladas mais categorias e regras que abordam os pontos essenciais para definir e tentar garantir o direito

dos reclusos na prisão. Outras regras dizem respeito às acomodações, ao exercício e desporto, à higiene pessoal, ao vestuário e roupa de cama; à comida; aos serviços médicos; às disciplina e punição, às informações e reclamações por parte dos prisioneiros, ao contato com o mundo exterior, aos livros, à religião, à retenção dos bens do recluso, à notificação de morte, à doença, à transferência de reclusos, do pessoal institucional e, por fim, relativas à inspeção.

Apesar de serem definidas as formas básicas de tratamento de reclusos, na maioria das vezes, estas não são cumpridas pelos EP. Por essa razão, muitas vezes, são alvos de críticas pelos defensores dos direitos humanos, tal como Manuela Cunha refere que:

Sendo por natureza uma instituição coerciva, a prisão incorre numa suspeita fundamental de ilegitimidade na lógica que preside ao quadro ao quadro dos direitos humanos, quadro este que estabeleceu limites à punição e que inspira periodicamente reformas prisionais na maior parte das democracias liberais. Expetativas de decência, de respeito pela dignidade e direitos dos/as reclusos/as, de humanização do tratamento penitenciário – também eles parte de uma ética liberal do poder -, motivaram a criação de regras e padrões (*guidelines* e *standarts*) quanto às condições de detenção, direitos e oportunidades básicos dos/as prisioneiros/as (Cunha, 2014, p. 10).

Os argumentos que fundamentam as acusações em relação às prisões, baseiam-se nos abusos de poder, nas violentas formas de repressão e punição. Nos Estados unidos da América, Elizabeth Vasiliades (2005) menciona que:

Media coverage of prisoner abuse describes disturbing U.S. military prison conditions, the International Red Cross has expressed concern of "significant problems" with U.S. confinement techniques, and U.S. prison policies have faced mounting legal challenges. These critiques are indicative of a U.S. detention system far below the basic minimum standards for treatment of prisoners under international law. Accounts of long-term solitary confinement and other torture techniques demonstrate that current detention methods are not indications of U.S. leadership in human rights (Vasiliades, 2005, pp. 71-72).

Para além do problema da sobrelotação, das questões político-económicas e dos tipos de crime cometidos, é fundamentado que as diferenças culturais de cada país estão relacionadas com a apropriação dos direitos humanos, e que, por isso, possam existir variações entre os locais na forma como tratam os reclusos. Easton refere que Whitman (2003): “for example, compares the USA unfavorably with France and Germany and attributes this to deep-rooted cultural

differences, including the tradition of respect for the dignity of the individual in France and Germany, missing in the USA” (Easton, 2011, p. 2).

Os direitos humanos são universais, logo, mesmo que, tratando-se de condenados, com uma carga “não merecedora de tal” não devem ser negados. O direito a uma alimentação adequada tem estado no palco dos direitos negados aos reclusos. De facto, a Lei n.º 115/2009 de 12 de outubro aprova o Código da Execução das Penas, onde o direito à alimentação está consagrado no artigo 31.º que determina os direitos dos reclusos em relação à alimentação:

- 1 O estabelecimento prisional assegura ao recluso refeições em quantidade, qualidade e apresentação que correspondam às exigências dietéticas, às especificidades da idade, do estado de saúde, natureza do trabalho prestado, estação do ano e clima e às suas convicções filosóficas e religiosas;
- 2 A Direção Geral dos Serviços Prisionais assegura, com regularidade, não só o controlo de qualidade como a composição e valor nutricional das refeições ministradas nos estabelecimentos;
- 3 O recluso deve ter prementemente à sua disposição água potável;
- 4 O recluso pode receber pequenas ofertas de alimentos do exterior, exceto se estiver colocado em regime de segurança, e adquirir a expensas suas, através do serviço de cantina do estabelecimento prisional, géneros alimentícios e produtos ou objetos úteis para a sua vida diária desde que razões de saúde, higiene e segurança não o desaconselhem;
- 5 O Regulamento Geral dispõe sobre os alimentos que o recluso pode receber do exterior ou adquirir a expensas suas, designadamente o tipo, quantidade, acondicionamento e frequência (Lei n.º 115/2009 de 12 de outubro, artº 31).

No III Relatório do Provedor de Justiça sobre as prisões portuguesas refere-se que o setor alimentar constitui

Um dos mais sensíveis na vida de um estabelecimento, quer pelas fragilidades do sistema que, de modo direto e imediato, se podem repercutir na vida interna do estabelecimento, como pela essencialidade do seu papel na satisfação das necessidades mais vitais dos reclusos” (III Relatório da Provedoria da Justiça, 2003, p. 141).

Se a alimentação nas prisões é considerada um dever do Estado, como descrito no referido relatório, cabe ao Estado “fornecer ao recluso quantidades suficientes diárias de alimentos e em qualidade apta e suficiente de forma a garantir a subsistência do mesmo de forma saudável promovendo assim a sua saúde” (III Relatório da Provedoria da Justiça, 2003, p. 141). Como tal facto não pode ser dissociado do art.º 13 da Constituição portuguesa onde traduz o princípio da igualdade em que todos os cidadãos “têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”, remetendo ainda para o n.º 2 do mesmo artigo,

Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual. (Constituição da República Portuguesa, art.º 13, p.13)³

Portanto, sendo a nossa constituição omissa no que respeita ao tratamento de cidadãos em situação de reclusão, a nossa âncora quanto aos direitos destes como cidadãos será pela questão do tratamento igualitário dos mesmos, uma vez que estamos a falar de cidadãos e mais que isso, de pessoas. Neste sentido, o art.º 16 da constituição no número 1 e 2 remete-nos para a não exclusão de quaisquer outras leis ou regras internacionais, sendo que os mesmos devem se coadunar. Assim sendo, os articulados números um e dois referem que:

Nº1 – Os direitos fundamentais consagrados na Constituição não excluem quaisquer outros constantes das leis e das regras aplicáveis de direito internacional;
Nº 2. Os preceitos constitucionais e legais relativos aos direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem. (Constituição da República Portuguesa, art.º 16, p.15.)⁴

Todavia a constituição expressa no art.º 18 da Constituição, a questão da força jurídica ou neste caso concreto, a necessidade da aplicação da pena prevê:

Nº 2. A lei só pode restringir os direitos, liberdades e garantias nos casos expressamente previstos na Constituição, devendo as restrições limitar-se ao necessário para salvaguardar outros direitos ou interesses constitucionalmente protegidos;
Nº 3. As leis restritivas de direitos, liberdades e garantias têm de revestir carácter geral e abstrato e não podem ter efeito retroativo nem diminuir a extensão e o alcance do conteúdo essencial dos preceitos constitucionais (Constituição Portuguesa, art.º 18, p. 15).

Nestas circunstâncias, verificam-se exceções aos direitos consagrados na Constituição por força da questão jurídica, todavia tratando-se da análise da alimentação de um ser humano, de uma pessoa, este direito que é “o alimentar na prisão” deve de igual modo ser consagrado mesmo

³ VII REVISÃO CONSTITUCIONAL [2005] Constituição República -
<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

⁴ VII REVISÃO CONSTITUCIONAL [2005] Constituição República -
<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

que que ocorram especificidades na concretização dos mesmos. Assim, como o livro “Human Rights and Prisons” retrata e muito bem. Podemos concluir que a prisão é uma microsociedade de direitos suspensos, mas com valores, princípios, regras, normas de conduta muito específicas e próprias de cada estabelecimento e de acordo com aqueles que “a fazem”, verificando-se, no entanto, os direitos dos reclusos, na presente lei, a Lei n.º 115/2009 de 12 de outubro (Código da Execução das Penas e Medidas Privativas de Liberdade).

Esta nova Lei é a mais relevante para os estabelecimentos prisionais, pois nela consta toda a regulação da instituição, desde os direitos e deveres do recluso à organização e a classificação do EP. Tem conta ainda, o regime de segurança, as instalações, o vestuário, a alimentação, a saúde, o ensino, formação profissional, o apoio social e económico, os meios coercivos, o regime disciplinar, entre muitos outros aspetos contidos nesta regulamentação.

Segundo Foucault (1997), a prisão enquanto dispositivo legal, deverá servir como um modo do delinquente perceber os seus comportamentos delituosos e o modo como estes interferem com a sociedade, de tal maneira que deverá cumprir um castigo proporcional ao delito cometido (Lourenço, cit. Foucault 2005).

Fruto desta consciência da ausência da aplicação de alguns Direitos Humanos, a prisão revela-se um local propício a conflitos ligados à alimentação e, por isso, interessa estudar esta temática, destacando igualmente o direito à comida, à vida.

Capítulo 2 – O Espaço Social Alimentar na prisão

Na esteira da noção de espaço social de Condominas (1980), Jean-Pierre Poulain (2003) propõe o conceito de espaço social alimentar, lugar de articulação do natural (meio) e do cultural, criando as condições de um sistema de relações entre o Homem e a Natureza e incluir o tempo numa perspetiva dinâmica.

De facto, segundo o autor, o espaço social alimentar compreende seis dimensões, 1. Espaço do comestível; 2. Sistema alimentar; 3. Espaço do culinário; 4. Espaço dos hábitos de consumo; 5. A temporalidade alimentar e 6. O espaço de diferenciação social, encadeando entre si e sendo a chave de leitura de toda a envolvência alimentar de um determinado contexto” (Poulain, 2003, cit. Mascarenhas, 2007, p. 93).

2.1. O Espaço do comestível

A primeira dimensão do espaço do comestível “engloba um conjunto de regras que contribuem para a definição social do alimento. É neste espaço que se dá o processo de construção social da identidade alimentar, onde se definem as regras de inclusão ou exclusão de um alimento com carga nutricional no espaço do comestível” (Poulain, 2003, cit. Mascarenhas, 2007, p. 93).

Assim, “Comer” para qualquer ser vivo, é sem dúvida uma necessidade vital e irremediável. É uma força interna, um impulso vital impele-nos a comer sem que nada possamos fazer contra isso, tal como nos diz um ditado popular português “Barriga esfomeada não tem ouvidos”: é uma força que nos transcende e através da qual o nosso organismo reclama a energia e os nutrientes que é incapaz de sintetizar. Todavia, comer transporta-nos igualmente para o espaço do simbólico.

De facto, existe uma infinidade de locuções cobrindo quase todo o leque de emoções e comportamentos humanos. Assim podemos “Aguçar o dente”, “ter a barriga a dar horas”, “uma fome de lobo”, “comer como um passarinho”, e também sabemos que se “come com os olhos”, “rumina-se os pensamentos”, “come-se o pão que o diabo amassou”, e “engolem-se sapos”.

Comer é um “ato complexo” que se subdivide em diferentes partes. Em primeiro lugar, a sucção, que inevitavelmente nos lembra o recém-nascido que mama o peito da mãe, lembrando-nos a doçura, ternura e o amor, sendo inevitavelmente um reflexo primitivo do recém-nascido e de outras espécies, que reflete a necessidade de sobrevivência. Passamos rapidamente para a dentada: onde comer é também um ato agressivo, que reporta aos primatas, onde será preciso

despedaçar com os dentes e cortar, destruindo e aniquilando. Logo verificamos que o amor é indissociável da agressividade, pois ao comer aquilo que gostamos, destruimo-lo. Depois de mastigar, chega a altura de engolir, digerir: comer é incorporar o “não-Eu” e fazer com que se transforme sim, no “Eu”. Deste modo, no plano “fantasmático”, apropriamo-nos das propriedades daquilo que ingerimos com os riscos e os perigos e sem saber realmente o que tantas vezes ingerimos. (Apfeldorfer, 1993, pp. 33-34).

De facto, a relação de incorporação funciona, sempre no plano fantasmático, nos dois sentidos: se ao ingerir, o “não-eu” se torna “eu”, acabamos também por nos tornarmos naquilo que engolimos. Como refere Apfeldorfer (1993)

O mito da consubstancialidade, segundo a qual o leite torna mais calmo, a carne mais agressiva, o pernil de antilope mais rápido na corrida e os pêssegos conferem um rosto com uma cútis mais suave, perderam um pouco do seu poder enquanto tal, doravante toma a forma de uma busca da pureza e da inocência original. (Apfeldorfer, 1993, p.33).

Os alimentos representam não só os valores nutricionais indispensáveis à sobrevivência humana, mas têm também uma carga simbólica, que está alicerçada nos simbolismos, cultura e história de vida do indivíduo, sentimentos e memórias despoletadas pela ingestão desses alimentos, que levam à definição de um “eu” único. Ou seja, não nos transfiguraremos no animal que comermos nem adquirimos as suas maiores qualidades, mas toda e qualquer opção alimentar e modo de preparação leva à identificação e definição do “eu”.

De todos os nossos sentidos, o paladar e o olfato são os mais arcaicos, pois mobilizam as zonas primitivas do cérebro segundo o mesmo autor. Além disso, são anatómica e fisiologicamente inseparáveis dos nossos afetos assim como da nossa memória.

A qualquer sensação gustativa é associada de modo absolutamente automático a uma emoção, uma reação afetiva de prazer ou desprazer que lhe confere uma coloração especial. Também, qualquer sensação olfato-gustativa evoca-nos, mais uma vez sem que façamos seja o que for para esse efeito, pratos que provamos noutros sítios e noutras alturas (Apfeldorfer, 1993, p.33).

A simbologia da comida e da tomada alimentar, provindo em parte da nossa anatomia e da nossa fisiologia, envolve aspetos sociais, económicos e culturais, e, até políticos. No aspeto

cultural, existe, portanto, uma riqueza simbólica. Assim sendo, o ato alimentar é central no comportamento humano ao ponto que se presta para uma infinidade de interpretações simbólicas, na maioria das vezes perfeitamente contraditórias. Definitivamente, “comer é o símbolo de tudo e tudo é o símbolo de comer”. (*Ibidem*, 1993, p. 33).

O espaço social alimentar nos estabelecimentos prisionais estudados assume características específicas de uma instituição total em que determinadas dimensões foram delegadas em empresas contratadas como explicitaremos e, por isso, o espaço alimentar está centrado na temporalidade alimentar, no consumo da comida nas refeições e nas sociabilidades em volta da mesa e no espaço físico do refeitório.

Deste modo, o espaço comestível como primeira dimensão de Poulain (2003) passa a ser “a escolha que é operada pelo grupo humano no interior do conjunto de produtos vegetais e animais colocados à sua disposição pelo meio natural ou poderá ser implementada pela decisão do grupo” (Condominas, 1980 citado em Poulain, 2003, p.252).

2.2. O sistema alimentar

A segunda dimensão remete para o sistema alimentar que se traduz “num conjunto de procedimentos e estruturas tecnológicas, sociais e simbólicas utilizadas desde a recolha de alimentos até à sua preparação, visando todas as etapas de produção-transformação, permitindo que o alimento chegue ao consumidor e seja reconhecido como comestível” (Poulain, 2003, cit. Mascarenhas, 2007, p. 94). O que mostra plenamente todos os atores envolvidos nesta produção até que o alimento é percebido pelos sentidos do tato, do olhar, do olfato e do paladar do consumidor.

De acordo com Lewis (1943, citado em Poulain, 2003, p. 252), “a matéria-prima das refeições passa por vários “canais através do qual o alimento passará para chegar ao comensal e cujo acesso e funcionamento serão controlados por “porteiros”, ou seja, desde o cultivo, a criação, a colheita, as compras entre outros, os alimentos seguem uma trajetória própria que ditam as escolhas dos agentes consumidores e que interagem entre si. Neste sentido, o alimento não tem vida própria dado que os indivíduos têm o livre arbítrio nas suas escolhas alimentares. Todavia, esta liberdade individual das escolhas alimentares está sujeita a diversos constrangimentos ecológicos, biológicos, éticos, dietéticos, económicos, sociais, culturais e políticos (Mascarenhas, 2007 e 2015).

Poulain (2003) refere que:

A sua entrada em um canal e a sua progressão de uma seção à outra se efetuam graças ao controlo de indivíduos que abrem as portas de acesso à secção seguinte do canal, estes porteiros agem de acordo com lógicas profissionais ou familiares, em função de suas representações de necessidades e desejos dos comensais e de seus papéis sociais recíprocos (Poulain, 2003, p. 252).

Neste sentido, o sistema alimentar é caracterizado pela compra direta de refeições preparadas, recorrendo a serviços externos, isto é, à restauração coletiva assegurada todo o ano, três vezes por dia. Assim sendo, as fases do sistema alimentar desde a produção-transformação ao aprisionamento dos alimentos, a conservação e a preparação culinária estão delegadas numa empresa privada contratada.

O sistema alimentar do EPPF tem a fase de produção agropecuária por autoconsumo, promovendo a criação de ovelhas e culturas arvenses e a respetiva manutenção e limpeza de todo o espaço prisional, pelos reclusos, a quem também lhes compete o cuidado dos animais. Em contrapartida, no estabelecimento prisional de Guimarães, EPG, as fases de produção por autoconsumo, a conservação, o aprovisionamento por compra de alimentos e a preparação culinária é delegada na empresa contratada que não só confeciona as refeições como também seleciona as ementas semanais.

2.3. O Espaço culinário

A terceira dimensão do espaço social alimentar é o espaço culinário, isto é, “o espaço no sentido geográfico do termo e de distribuição dos lugares onde se realizam as operações culinárias familiares e extrafamiliares” (Mascarenhas, 2007, p. 94).

Poulain (2003) refere que:

“o espaço do culinário é, ao mesmo tempo, um espaço no sentido geográfico do termo, de distribuição, no interior dos lugares, um espaço no senso social, o qual representa a repartição sexual e social das atividades de cozinha, mas também um espaço no sentido lógico do termo, englobando relações formais e estruturadas”. (Poulain, 2003, p.233).

Assim sendo, “o espaço culinário” torna-se o local onde se espera a realização da magia, sendo um local criteriosamente pensado, pelas suas particularidades técnicas, onde as práticas em volta da refeição traduzem imenso simbolismo, que expressam uma identidade alimentar e, por conseguinte, a apresentação do consumível traduz-se num legado cultural e geográfico.

Nos dois estabelecimentos não se verifica a preparação das refeições pelo que o espaço da magia culinária é realizado fora pela restauração coletiva.

2.4. O Espaço dos Hábitos de Consumo

A quarta dimensão do espaço social alimentar, é o “espaço dos hábitos de consumo”. J-P Poulain, 2003) define-o como um espaço que reúne

“um conjunto de rituais que envolvem o ato alimentar, no sentido restrito, isto é, a incorporação do ato alimentar desde a estrutura do dia alimentar (número de refeições, formas e contextos sociais, a definição de uma refeição, a sua organização estrutural, as modalidades de consumo (comer com as mãos, com talheres ou pauzinhos), a localização da tomada das refeições, as regras dos lugares dos comedores à mesa que variam segundo as culturas e no interior de uma cultura culturas e dentro dos grupos sociais e contextos próprios (Poulain, 2003, cit. Mascarenhas, 2007, pp. 94-95).

A comida no Estabelecimento Prisional de Guimarães vem previamente preparada em cuvetes individuais, devidamente acondicionadas, garantindo as suas propriedades e respetiva temperatura adequada à sua incorporação, segundo o ponto de vista dos guardas prisionais, que, por sua vez, de forma antecipada, fazem a prova da comida, antes da refeição ser servida no refeitório. De facto, os dois guardas prisionais mencionam ainda que “esta forma é simples, eficaz e muito ajustada, tendo em conta a dimensão do EPG”.

No estabelecimento prisional de Paços de Ferreira, a toda a organização da cozinha é feita por um cozinheiro da empresa e os respetivos reclusos têm o seu posto de trabalho, o seu ofício no setor alimentar. Descarregar os alimentos, preparação dos alimentos, ajuda na confeção, no servir a refeição e na limpeza da cozinha e refeitório após refeição.

Neste contexto de reclusão, a administração penitenciária gere o refeitório onde são realizadas as refeições dos reclusos organizadas por turnos. Em ambos os refeitórios existem guardas prisionais, quer na distribuição das refeições, em curvete, e respetivo refeitório, no caso do EPG, quer no serviço das refeições diretamente nos pratos aos reclusos, onde está delegado um guarda prisional para supervisionar o servir da refeição, pelo recluso de serviço, quer no momento da toma no refeitório, com a presença de vários Guardas Prisionais.

Nos dois estabelecimentos prisionais o dia alimentar está repartido em cinco refeições: pequeno-almoço, almoço, merenda, jantar e ceia. Em ambos os EP'S, o serviço de refeição é feito pela ordem de chegada, não havendo “formalmente” qualquer lugar reservado à mesa em ambos

os refeitórios. Todavia, em qualquer um deles existe “o respeito por quem já cá anda há mais tempo” o que leva a que todos saibam onde “sim senta e onde não senta”. A execução e cumprimento das devidas regras no refeitório, é levada a cabo pela presença hirta dos Guardas Prisionais, onde revelam não existir lugares reservados e que desacatos ou desobediências em espaço alimentar corresponde a sanções severas, como solitária e perda de privilégios, como ausência de recreio e visitas.

2.5. A temporalidade alimentar

A “temporalidade alimentar” insere-se nos vários ciclos temporais socialmente aceites na vida do ser humano, (alimentação dos lactantes, da infância, da adolescência, do adulto e da idade sénior). Os estilos alimentares variam com os “ciclos de vida”, “alimentos autorizados, outros proibidos, os ritmos das refeições, os status dos comensais, os papéis, as condicionantes, as obrigações e os direitos.” (Poulain, 2003, p.234, cit. Mascarenhas, 2007, p. 95).

Aqui estão representados os “tempos cíclicos” (Mascarenhas, 2007, p. 95) que caracterizam o crescer e morrer na natureza que dá o alimento, o tempo das estações do ano, o tempo que traz a sazonalidade de certos alimentos, o tempo da abundância ou da penúria, quer invocados pela natureza ou pelo homem como o exemplo do jejum parcial ou total. e o tempo que indica a rotina diária das refeições ou a refeição comemorativa ou festiva. Aqui também se inserem os tempos característicos das rotinas diárias no tempo laboral, de descanso, as comidas fora das refeições, as diferentes refeições e a aplicação de horários e tempos diferentes dos habituais (Mascarenhas, 2007).

Nos estabelecimentos prisionais as temporalidades do serviço das refeições são fixadas pela administração, contando-se em média 70 refeições por dia no EPG, encontrando-se este sobrelotado, nos principais tempos de refeição (pequeno-almoço, almoço e jantar). Já o que se verifica no EPPF, as refeições variam muito mais, mas em média, dentro das principais refeições aproximadamente 800 refeições, já incluídas as refeições presentes nas celas de isolamento.

2.6. O espaço da diferenciação social

Dentro de uma mesma cultura, a alimentação varia segundo os grupos sociais ou categorias sociais e em termos de regionais. De facto, “comer marca, também, as fronteiras de identidade entre os grupos humanos de uma cultura e de outra, mas também no interior de uma mesma cultura, entre os subgrupos que a constituem” (Poulain, 2003, p. 235).

A alimentação familiar quotidiana difere da alimentação dos dias festivos dentro do mesmo espaço familiar. Igualmente, ela apresenta marcas diferenciadas no espaço extrafamiliar, quer no espaço público da restauração quer no espaço institucional (cantinas empresarias, cantinas escolares).

A alimentação nas prisões apresenta um conjunto de elementos, circunstâncias, categorias que se encadeiam umas nas outras, criando o próprio espaço social alimentar em reclusão que se estranha inicialmente, mas que com a familiaridade da rotina prisional, se vai entranhando e criando inconscientemente uma cultura alimentar prisional, de prisão para prisão, no mesmo país e no mundo. Assim se constitui o designado espaço de diferenciação social em situação de clausura em que predomina as desigualdades sociais entre os reclusos em relação à comida vinda do exterior, trazida por familiares e amigos e que, por vezes, podem desencadear conflitos.

2.6.1. Desigualdades e conflitos em redor da Alimentação

Alimentar é marcado como a primeira aprendizagem social do ser humano, sendo este o processo de “socialização primária” (Poulain, 2003, p.253), desde criança, levando à manifestação de comportamentos e atitudes, consoante o seu grau de satisfação do consumido, desencadeando boas e más sensações para consigo mesma, mas também na interação com os outros, não só enquanto criança, mas também ao longo do seu crescimento até à idade adulta. Assim sendo, entende-se, por conseguinte, que a alimentação nas prisões pode ser estudada sob o ponto de vista do conflito, das desigualdades sociais. De facto, a alimentação institucional nas prisões pode colocar diversos problemas e gerar conflitualidades entre os reclusos e entre estes e a administração dos estabelecimentos prisionais. Algumas investigações têm demonstrado como o consumo alimentar nos refeitórios prisionais e a desigualdade de posse de alimentos trazidos de fora geram conflitualidades.

A síntese da literatura sobre este tema é-nos apresentada por Thim Wilson (2014) referenciando diversos autores como Valentine and Longstaff (1998) onde descobriram que a comida é uma mercadoria útil dentro da prisão que tem valor de troca entre os presos e grupos de presos. Concluíram que a alimentação desempenha um papel importante na complexa rede social da prisão e, portanto, é uma possível fonte de conflito entre os indivíduos.

Da mesma forma, Geahart refere-se à comida como “contrabando incômodo” (2006: p.2). Alimentos como frutas e pão podem ser utilizados para fazer álcool. Isso representa uma séria

ameaça à boa ordem, segurança e proteção de uma unidade correcional e, portanto, é um problema de gestão e segurança contínuo para o pessoal. Por sua vez, Mate (2009) identifica a alimentação como um componente crucial para a economia de mercado negro da prisão. Assim, a comida torna-se a moeda de troca, nesta economia legal intramuros.

Smith (2002) investigou as experiências da alimentação entre mulheres presas, descobrindo que a alimentação não é apenas vivenciada como parte da máquina disciplinar de uma prisão, mas também é uma poderosa fonte de prazer, resistência e rebelião, sugerindo uma redefinição do que significa ser saudável num contexto prisional. Da mesma forma, Godderis (2006) examinou o poder simbólico da comida e como ela é usada pelos presos para resistir à institucionalização e desafiar as desigualdades de poder de um ambiente limitado por regras.

Além disso, Love and Pease (1987) e Bitsas (2004) nas suas revisões de literatura, encontraram pesquisas que identificaram o papel dos nutrientes nos alimentos e o seu efeito na redução da agressão, violência e comportamento criminoso. Bitsas (2004) usou esses estudos e propôs um plano de gestão correcional que envolve a implementação de intervenções baseadas em nutrientes que reduzirão o comportamento violento entre os presos. Ainda, Laurance (2008) relata pesquisas recentes de cientistas da Universidade de Oxford, onde detalha a intenção de usar suplementos alimentares para reduzir o comportamento violento de alguns dos jovens prisioneiros mais difíceis da Grã-Bretanha. Esses cientistas sugeriram que o aumento no consumo de junk food contribuiu para o aumento da violência. Laurance (2008) observou que um estudo piloto publicado por esses mesmos pesquisadores em 2002 revelou que os crimes violentos sob custódia foram reduzidos de um quarto a um terço entre aqueles que receberam os suplementos.

No contexto australiano, Williams, Ainsworth, Walton e Wirtz (2008) examinaram experiências de serviços de alimentação em três prisões, entrevistando trinta e cinco presos. As questões levantadas por eles incluíam reclamações sobre a qualidade dos alimentos, falta de escolha e uso considerável de alimentos comprados adicionais, chamados de “compras”. Foi relatado que compras culturais para presos asiáticos e muçulmanos eram uma fonte de tensão para outros presos que achavam injusto que fossem excluídos dessas oportunidades adicionais de comprar alimentos especiais. Em suma, esta pesquisa revelou um nível de frustração e descontentamento entre os reclusos em relação à alimentação. Finalmente, a comida pode ser usada como arma de retribuição dentro do sistema prisional, particularmente quando os presos são funcionários para preparar alimentos, como relatou Kellet (2009) que os trabalhadores do Woodford Correctional Center, em Queensland, Austrália, entraram em greve de fome reclamando

que estava cheio de fezes humanas. O artigo de Kellet (2019) implica que os presos empregados na divisão de serviços de alimentação do centro correcional estavam a sabotar a comida que estava a ser preparada para os presos no isolamento.

Acresce-se ainda a investigação de Cunha (2018) centrada numa investigação etnográfica numa prisão feminina portuguesa, alusiva a dois períodos distintos, onde a mesma mostra através da sua análise, que há toda uma pertinência na análise da narrativa social à volta dos sentidos e perceções da alimentação nas prisões, havendo muito mais ainda a investigar nesta esfera onde o recluso privado da sua liberdade, em particular da sua liberdade alimentar, pode ressentir-se e gerar sentimentos de descontentamento que podem transformar-se em conflitos, protestos individuais bem como desencadear conflitos e protestos coletivos.

2.6.2. Direito da Alimentação Adequada no dia-a-dia

A alimentação nas prisões é um assunto ainda não muito estudado pelos sociólogos. Todavia, alguns autores debruçaram-se sobre o direito da alimentação nas prisões tais como (Coyle, 2002, cit Rudnicki & Passos, 2012). Os autores ressaltam o direito a uma alimentação adequada nas prisões. Os estabelecimentos prisionais devem oferecer alimentos nutritivos e em quantidades suficientes para os presos, principalmente em países onde as populações no geral sofrem da escassez deste recurso.

De facto, "(...) ao privar as pessoas de sua liberdade, o Estado assume a obrigação de cuidar delas adequadamente. Trata-se de uma obrigação absoluta que não pode ser desconsiderada" (Coyle, 2002, p. 58; Rudnicki & Passos, 2012, p. 109).

É bastante curioso e apelativo observar que a alimentação, mesmo representando um dos problemas mais antigos, permanentes e graves de toda a história da humanidade, só há pouco mais de meio século é que estas questões sobre a alimentação, nutrição, saúde, direitos de cidadania, obrigações do Estado e deveres da sociedade passaram a figurar-se parte das grandes reflexões e linhas de ação de políticas públicas.

Pode-se afirmar, que apesar de todos os desvios de percurso, que o Século XX foi o século dos Direitos Humanos, desde os mais universais até aos mais específicos, como os direitos da mulher, das crianças, dos adolescentes, dos trabalhadores, das minorias étnicas, da liberdade de crença religiosa e exercício de cultos.

Provavelmente, e contrariando todas as manifestações, a mais negada de todas as prerrogativas de cidadania, reporta-se ao direito da segurança alimentar e nutricional, desde que bilhões de pessoas sofrer os riscos ou apresentam manifestações concretas de desvios funcionais ou morfológicos relacionados com carências alimentares agudas ou crônicas. Há que refletir que não são apenas incumprimentos das obrigações do estado, mas sim problemas e pecados estruturais da civilização, como o Marco Estratégico Global para a Segurança Alimentar e Nutricional, vem refletir no consenso existente entre governos sobre segurança alimentar e nutricional mundial, baseado na visão do Comitê para a Segurança Alimentar Mundial -CSA 2012 reformado e cuja proposta é a seguinte:

Empenhar-se por um mundo livre da fome, em que os países implementem as diretrizes voluntárias para a realização progressiva do direito à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar de cada país (FAO, 2005, citado no MEG, 2014, p.5)

Onde haja reconhecimento da existência do direito no âmbito da lei internacional dos direitos humanos, bem como a sua definição desenvolvida pelo Comitê de Direitos Económicos, Sociais e Culturais no n.º 12 de 1999, que estabelece que:

o direito à alimentação adequada se torna realidade quando cada homem, mulher e criança, sozinhos ou em companhia de outros, têm acesso físico e económico a todo o tempo à alimentação adequada ou aos meios para a sua aquisição (CSA, 2012 citado no MEG, 2014, p. 6).

Importa, debruçarmo-nos sobre o conceito de Direito Humano à Alimentação Adequada, mostrando-se muito lato, mas afunilando na disponibilidade de alimentos, na sua adequação, na acessibilidade e estabilidade no fornecimento do mesmo. O direito à alimentação pressupõe ainda dois níveis de observância e atenção, o direito de estar livre de fome e o segundo o direito de ter uma alimentação adequada, sendo que para que se cumpram estes dois caminhos, é fundamental a utilização de todos os direitos humanos (Abrandh, 2010). Estes dois caminhos que devem ser trilhados no cumprimento da alimentação adequada, acabam por não ser do conhecimento da maioria, o que leva a que não se reivindique o seu cumprimento ou não se sinta como uma obrigação e, por esse modo, o não cumprimento desta obrigação de promover uma alimentação a todos por parte do Estado incorre num ato ilícito (Brasil, 2014).

Desta forma, percebe-se que “o direito à alimentação deve ser frequentemente problematizado, levantando reflexões sobre a sua origem até à sua inclusão total nas várias dimensões sociais do ser humano, principalmente nas narrativas sociais dos indivíduos privados da sua liberdade” (Dunck, 2017, cit. em Sousa, 2020, p.14).

Contudo, é preocupante, principalmente no início do século XXI em que o homem tenha atingido patamares inigualáveis de conhecimento técnico e científico, que em qualquer país integrante da União Europeia existam pessoas, famílias, grupos vulneráveis e desfavorecidos que não possam suprir as suas próprias necessidades alimentares.

É neste enquadramento, que verificamos a fragilidade da Constituição da República Portuguesa, quanto à questão do Direito Humano a uma Alimentação Adequada (DHAA). A garantia dos direitos económicos e sociais envolve um compromisso com a igualdade e não discriminação, oportunidade de acesso ao emprego, condições de trabalho seguras e saudáveis, segurança-social, cuidados de saúde e educação. No essencial, a Constituição da República Portuguesa contempla estes direitos e os inerentes à responsabilidade do Estado. Todavia como mencionado no capítulo I, carece efetivamente de uma referência explícita a alguns direitos básicos, como o Direito da Alimentação Adequada, reconhecido em Declarações Internacionais de Direitos.

De acordo com Valente (2002), os Direitos Humanos são para todos os seres humanos simplesmente porque nasceram humanos e, desta forma, fazem parte da espécie humana. Estes direitos traduzem-se num conjunto de condições necessárias e essenciais que de forma igualitária e sem discriminação qualquer ser humano possa desenvolver e participar plena e dignamente na vida em sociedade (Brasil, 2016).

Portanto, no âmbito internacional, os Direitos Humanos, consagram-se na A Declaração Universal dos Direitos do Homem - DUDH, de 1948, reafirmados pelos pactos Internacionais de Direitos Cívicos e Políticos e de Direitos Económicos, Sociais e Culturais – PIDESC, de 1992, e posteriormente, em 1996, pela Cúpula Mundial da Alimentação, organizada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), definindo-se completamente o importante papel do direito à alimentação para qualquer ser humano.

Assim sendo, no art.º 25 da DUDH, prevê que “Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação...”. traduzindo-se este direito, numa alimentação variada e sadia, em plenas

condições de segurança alimentar, que assegure um correto desenvolvimento físico, emocional e intelectual para cada indivíduo e por sua vez, família.

Todavia, como se pode sustentar, a Constituição da República Portuguesa não contempla o “Direito à Alimentação”, sendo o mesmo um direito fundamental de todo o ser humano, constituindo-se parte desses mesmos direitos fundamentais da humanidade, seja qual for o contexto onde se insere. Desta forma, o direito à alimentação consagra-se um direito inalienável, que deve ser assegurado pelo Estado, através de leis e políticas sociais públicas, onde a sua omissão na Constituição Portuguesa é notada, ou neste caso não anota, mostrando-se preocupante a omissão de um direito fundamental como a alimentação em contexto de vida natural, quanto mais num cenário de indivíduos privados da sua liberdade no sistema prisional, denunciando logo à partida a sua secundarização nas prioridades do mundo prisional, sendo claro indispensável alertar que a prisão é a morada de grupos vulneráveis, onde a exclusão em relação à população prisional se insere nessa coabitação, principalmente com a questão da diversidade étnica, diversidade na orientação sexual, fatores esses que aumentam a vulnerabilidade,, exclusão, opressão e a violação de direitos (França, 2016 citado em Sousa, 2020, p.15), tornando-se ainda mais difícil associar a alimentação ou o direito à adequada num estabelecimento prisional.

Capítulo 3 – Traçado Metodológico da Investigação

Neste capítulo apresenta-se o contexto de estudo em dois estabelecimentos prisionais, os objetivos, o método e as técnicas de investigação de recolha e tratamento dos dados, as dificuldades vivenciadas.

3.1. O contexto do estudo

O Estabelecimento Prisional de Guimarães

Importa fazer a descrição sumária dos estabelecimentos prisionais que sustentam este estudo e que, ao longo de aproximadamente um ano, serviram de quadro etnográfico para a investigação apresentada. A investigação e levantamento de dados etnográficos reportam aos anos 2013 e 2014. Todavia, será dada a caracterização atual dos estabelecimentos prisionais em análise, não havendo alterações de ordem significativas ao dia de hoje. A investigação iniciou-se no Estabelecimento Prisional de Guimarães, sito na Rua de São Dâmaso com o código postal 4814-502 Guimarães. Foi criado em 1989 como Estabelecimento Prisional Regional, dando inicialmente apenas apoio ao Estabelecimento Prisional de Braga, atribuindo-se a classificação de Segurança Média, com um Grau de Complexidade de Gestão Médio e com lotação para quarenta e seis reclusos⁵.

Este estabelecimento prisional é constituído essencialmente por reclusos preventivos oriundos de Cabeceiras de Basto, Fafe, Felgueiras, Guimarães e Lousada, sendo caracterizado “Intra muros” pelos Guardas prisionais como um estabelecimento prisional “familiar, pequeno e pouco perigoso”. É ainda dotado de serviços tais como: o gabinete médico, dois locais adaptados a salas de trabalho e de aulas. Tem um campo de futebol onde também é possível praticar o voleibol e basquetebol.

Os reclusos de usufruem de diversas atividades, tal como a deslocação semanal da Biblioteca da Câmara Municipal de Guimarães, assegurada por voluntários que levam a leitura até aos reclusos. Existe ainda um pré-fabricado junto ao edifício do estabelecimento prisional onde se

⁵ Justiça.gov.pt

<https://justica.gov.pt/Justica-criminal/Servicos-de-execucao-das-penas/Area-territorial-alargada-do-tribunal-de-execucao-de-penas-do-Porto/Estabelecimento-Prisional-de-Guimaraes#CaractersticasdesteEstabelecimentoPrisional>

encontram alojados os reclusos em RAV (Regime Voltado para o exterior) que apenas dormem no EP e iniciam a sua reinserção profissional e social em ambiente comunitário.

No que respeita às visitas de familiares à população prisional, estas são possíveis às quartas-feiras, feriados e aos fins de semana. A população prisional é dividida em três grupos, em diferentes horários, com a durabilidade da visita de uma hora para cada grupo nos dias úteis, sendo aos fins de semana de duas horas.

Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

O Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira foi inaugurado a 28 de setembro de 1957, sito na Av. Cadeia Central do Norte- Seroa, 4599-001 Paços de Ferreira. Tem uma área contruída de 80 hectares, com um terreno de 200 hectares. O EPPP tem reclusos condenados oriundos do Norte e do “Grande Porto”. Numa fase inicial, este EP destinava-se a reclusos condenados a penas de prisão superiores a 6 meses, servindo mesmo como alojamento a várias categorias da população prisional tal como o caso de menores a aguardarem a entrada na Prisão-Escola e ainda a delinquentes mais perigosos. Em 1998, passou a funcionar uma Unidade de Saúde devidamente equipada com Gabinete de Estomatologia que acolhe os reclusos do EPG. Tem uma enfermaria com dezanove camas. Esta Unidade de Saúde é caracterizada por uma forte equipa multidisciplinar com um médico dentista, um médico psiquiatra, um médico infeciologista, dois clínicos gerais, dois psicólogos clínicos, quinze enfermeiros e três auxiliares de ação médica. No que concerne os programas para o tratamento da toxicodependência, existem programas antagonistas e de substituição como Metadona e Subutex.

Em termos de segurança, este estabelecimento tem a classificação de Segurança Alta, com um Grau de complexidade de Gestão Elevado. Tem uma lotação para setecentos reclusos.⁶ Dispõe de uma arquitetura designada por “ferradura”, sendo constituída por duas “ferraduras”. As duas laterais estão ligadas por uma ala transversal, onde se encontram as celas individuais e as camaratas. As celas estão distribuídas pelas alas A e B. Podemos observar dois pátios cobertos e quatro pátios descobertos. Este estabelecimento prisional é estruturalmente diferente do estabelecimento prisional de Guimarães, dada a sua dimensão e a sua intensa ocupação laboral

⁶ https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/penas-e-medidas-privativas-de-liberdade/Estabelecimentos-prisionais/%C3%81rea-territorial-alargada-do-tribunal-de-execu%C3%A7%C3%A3o-de-penas-do-Porto/Estabelecimento-Prisional-de-Pa%C3%A7os-de-Ferreira?pk_vid=725fa71f7443104516618642192b626e

intramuros e extramuros. Existem vários setores de ocupação dos tempos dos reclusos onde estes podem aprender uma profissão. De facto, existe o setor oficial que é composto por uma marcenaria, uma serralharia civil, uma sapataria, uma cantaria, um artesanato. Os reclusos podem ainda laborar no setor empresarial da madeira, tão característico de toda a região de Paços de Ferreira. A visitação de familiares à população prisional é aos sábados, domingos e feriados, com um horário entre 09h00 e 11h30 e das 14h00 às 16h30.

3.2. Objetivos, Métodos e Técnicas adotadas

Objetivos

O estudo tem como objetivo principal a análise dos conflitos, das diferenças/desigualdades e proximidades entre os reclusos gerados pelo fenómeno social alimentar nas prisões de Guimarães e Paços de Ferreira.

Os objetivos específicos são os seguintes:

1. Identificar as características do espaço social alimentar nas prisões;
2. Compreender a dinâmica alimentar do sistema prisional nos dois EP's a partir dos discursos dos reclusos e agentes do STAFF Prisional;
3. Aprender as perceções dos reclusos em relação à sua alimentação na prisão;
4. Captar as perceções que os guardas prisionais têm sobre possíveis conflitos existentes na prisão, nos locais e salas de recreio;
5. Entender, até que ponto, os conflitos, as desigualdades e as diferenças em torno da comida trazida do exterior pelos familiares, podem variar entre reclusos de acordo com as classes sociais, as relações familiares e amigáveis;
6. Por fim, perceber se alimentação pode ser encarada como vínculo social entre reclusos, como o “dar, receber, retribuir”, num contexto como a prisão de segregação e individualização do indivíduo.

Os Métodos

Avistando apenas o propósito da investigação, pareceu-nos mais adequada uma abordagem de natureza qualitativa, pois os objetivos centravam-se exatamente na perceção dada pelos agentes prisionais quanto aos contornos que envolvem as práticas alimentares num ambiente de

reclusão, mais concretamente aos espaços alimentares, às práticas alimentares, aos conflitos, desigualdades e proximidades que podem advir da alimentação numa prisão.

Autores como Bogdan e Biklen (1994) salientam esta forma de investigação qualitativa como a que permite descrever um fenómeno em particular através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos, já que se tenta captar e compreender com pormenor as perspetivas de cada indivíduo a cerca do tema investigado, estando no centro a opinião e experiência individual de cada entrevistado.

Mesmo com todas as vantagens da investigação qualitativa, são visíveis riscos e dificuldades, pois o investigador tem de interpretar os dados que recolhe, que leva a uma certa dose de subjetividade, levando à origem de várias perspetivas que pode culminar em informações enviesadas, como refere igualmente Bogdan e Biklen (1994) que “os dados carregam o peso de qualquer interpretação cabe ao investigador tentar ser imparcial em relação ao que vai observando, caso contrário toda esta subjetividade poderá mesmo afastá-lo da realidade que pretende conhecer”. (Bogdan e Biklen (1994, p. 67).

Lévy-Strauss (1950) assinala que “o trabalho de campo é mãe e nutriz de toda a dúvida (...) antropológica que consiste em se saber que nada se sabe, mas, também em expor o que se pensava saber, às pessoas que (no campo) podem contradizer (as nossas verdades mais caras) Lévy-Strauss (1950, p. 220).

Esta investigação a abordagem qualitativa centrando-se na experiência vivida e, portanto, em fenómenos subjetivos, onde se procurou, a partir de observações e de análise abertas, descobrir as tendências e processos que explicam, o como e o porquê das situações, traduzindo-se numa abordagem holística para o estudo de fenómenos sociais em torno do enredo da alimentação prisional, induzindo conclusões gerais a partir da observação de fenómenos particulares. Pode dizer-se que a perspetiva da investigação qualitativa se centra no modo como os seres humanos interpretam e atribuem sentido à realidade subjetiva, existindo um vínculo dinâmico e indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito, onde o método indutivo é verificado pois a pesquisa centra-se na experiência vivida e, portanto, no fenómeno subjetivo. (Vilelas, 2020).

Privilegiou-se o método indutivo, em particular a pesquisa etnográfica recorrendo a um estudo comparativo de dois Estabelecimentos Prisionais, o Estabelecimento Prisional de Guimarães e o Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira.

O método etnográfico para a compreensão da esfera prisional entre dois estabelecimentos prisionais antagónico, foi potenciado pela presença do investigador ao longo de 5 meses, de novembro de 2013 a abril de 2014, durante 2 vezes por semana, para a observação da realidade dos diferentes estabelecimentos prisionais, no que respeita à análise processual dos indivíduos, na aplicação das entrevistas a reclusos, guardas prisionais e outros elementos do Staff prisional, sendo inicialmente solicitada autorização para a observação das práticas alimentares no espaço social alimentar, o que se viu negado posteriormente por ambos estabelecimentos prisionais, por se tratar de estabelecimentos prisionais masculinos.

Todavia, na presente investigação, priorizou-se o observado real, a análise do senso comum foi valorizada para a compreensão do social, onde o investigador procurou interpretar aquilo que os sujeitos de análise já interpretaram no seu da sua realidade, mais propriamente a realidade alimentar, traçando um estudo de significado da vida quotidiana alimentar nas prisões.

Assim sendo, no processo de investigação etnográfica, deve levar-se em consideração não apenas o que é observado e experimentado, como também o não explicado, aquilo que se supõe, mas ao longo do que se vai percebendo, deve-se ir diminuindo as dúvidas até que tudo seja clarificado e compreendido, procurando descrever esses significados, tendo como “finalidade de descobrir a realidade através de uma perspetiva cultural”, sendo quatro os fatores essenciais, o *Anthropos* (realidade individual e pessoal); o *ethnos* (a comunidade); o *oikos* (o ambiente natural do homem) e o *chronos* (o tempo onde se desenvolve a atividade humana). Vilelas salienta que:

cada ação do individuo único, mesmo sendo novo, original ou importante, estaria destinada a perder-se ou a apagar-se se não fosse apropriada pela coletividade, articulada num conjunto orgânico e transmitida como parte do património comum (Vilelas, 202, p.245).

Inicialmente, como anteriormente mencionado, perspetivava-se a análise não só do espaço social alimentar institucional como também das dinâmicas sociais estabelecidas nas salas de visitas entre familiares e reclusos e respetivos espaços de lazer da população prisional de forma a conseguir uma visão das interações quotidianas em meio prisional.

Todavia, tal pretensão acabou por ser negada ao nível da Direção de ambos os EP's. Por se tratar de EP's do gênero masculino, pelo seu elevado risco à presença de terceiros em espaços comuns e pela prioridade em assegurar a privacidade dos reclusos e respetivas famílias que os visitam.

Desta forma, a metodologia de pesquisa visou mais a compreensão das dinâmicas alimentares e os significados do conflito que se podem desenrolar na alimentação, ou seja, o significado que o recluso e os guardas prisionais atribuem às experiências alimentares da prisão, do que quantificar os consumos alimentares apesar de contextualizarmos o espaço social alimentar nas prisões, isto é, “este método etnográfico mais do que o estudo das pessoas, significa “pôr-se na perspetiva das pessoas” (Vilelas, 2020, p.247).

As Técnicas de investigação

Para melhor sucesso da mesma investigação e alcance dos objetivos propostos, a técnica de investigação que nos pareceu mais eficaz, seria a entrevista semiestruturada, elaborando um guião adequado a cada sujeito prisional a ser alvo de investigação.

As técnicas de investigação, ou melhor de recolha de dados passaram pela pesquisa e análise bibliográfica relativamente aos teóricos que abordam este tipo de questões sobre a alimentação nas prisões, assumindo-se numa fase inicial da investigação de 2013 a 2014 uma tarefa difícil, pois os estudos sobre esta temática abundavam essencialmente fora de Portugal. No entanto, com o passar dos anos, em 2018 mais propriamente, surge um trabalho de campo de Manuel Ivone Cunha, no EP de Tires, consubstanciado dois períodos de tempo (da década de 80 e 90) da sua presença nesta esfera alimentar prisional que reforça a necessidade de mais estudos exploratórios neste campo alimentar prisional, para que se reforce vida, nesta área do saber, num local onde apenas se sobrevive. O estudo etnográfico de Manuela Ivone Cunha, ou contrário do que poderíamos pensar neste mundo académico, não anulou a presente investigação, mas pelo contrário, deu a estrutura inicial para suporte do corpo do nosso estudo, uma vez que, se traduz num estudo comparativo entre dois estabelecimentos Prisionais em Portugal, de diferentes dimensões cujos enredos e caminhos são muito diferentes. Todavia os meios, a linguagem e as formas se mantêm iguais, assim como Manuela Ivone Cunha o apresenta no seu estudo.

Assim sendo, a técnica principal e de grande enfoque nesta investigação foi as entrevistas em profundidade, visando a compreensão por parte dos reclusos das práticas alimentares nas prisões, apreender os conflitos, as desigualdades e as diferenças entre reclusos, passando ainda pelo corpo prisional com a aplicação também de entrevistas semiestruturadas para captação da sua visão sobre esta temática. Almejou-se, no entanto, duas possíveis entrevistas junto dos Diretores dos respetivos EP, que mesmo confirmando a sua possibilidade e viabilidade de agenda a mesma não se verificou ao longo do período da investigação.

3.3. Pesquisa e análise processual para construção da amostra

Antecedendo a aplicação das entrevistas em profundidade a reclusos, foi feita a pesquisa e análise processual dos reclusos dos diferentes EP's, com ajuda de técnicos de reinserção social de ambos os EP's a fim de se apurar quais os reclusos que poderiam responder melhor às necessidades da investigação e objetivos propostos. Desta forma, a pesquisa e análise processual dos reclusos ajudou na seleção da amostra não probabilística, pois priorizou-se reclusos que estavam diretamente envolvidos nas dinâmicas das refeições e de limpeza do espaço comestível e reclusos que tenham sofrido mais conflitos ou os mais conflituosos.

A amostra contemplou vinte e quatro reclusos, sendo doze do Estabelecimento Prisional de Guimarães e doze de Paços de Ferreira, solicitando-se junto dos técnicos de reinserção social de ambos os estabelecimentos, que os reclusos tivessem duração de pena prisional superior a 5 anos, conforme se pode verificar no quadro 3.2.1.1. em relação a Guimarães e 3.2.1.2. em relação à amostra de Paços de Ferreira. Todavia em Guimarães, incluíram-se dois dos entrevistados, com penas de 2 a 4 anos de prisão, por indicação do técnico de reinserção social, como sendo importante para o estudo, uma vez que se revelavam bastante reivindicativos no âmbito alimentar em meio prisional.

Tabela 1 - Amostra dos reclusos do Estabelecimento Prisional de Guimarães

N.º Ent	E. P	T. Crime	D. Pena	C. Pena	% Cump. Pena
1	EPG	Tráfico e outras Atividades Ilícitas e posse de arma	66M - (5 Anos 6 m)	18M	27%
2	EPG	Condução de veículo sem habilitação legal	48M - (4 Anos)	7M	15%
3	EPG	Condução perigosa de Veículos Rodoviários; Falsificação de Documentos; Furto; Furto Qualificado; Roubo; Dano qualificado; Recetação; Desobediência; Evasão e condução de veículo sem habilitação legal.	132M- 11 Anos)	97M	73%
4	EPG	Tentativa de Homicídio	144M - (12 Anos)	63M	44%
5	EPG	Condução de veículo sem habilitação legal	30M - (2 Anos 6m)	14M	47%
6	EPG	Tráfico e outras atividades ilícitas; Tentativa de homicídio	72M - (6 Anos)	42M	58%
7	EPG	Ofensa à integridade física simples; Resistência e coação sobre funcionário e Homicídio simples na forma tentada	84M - (7 Anos)	17M	20%
8	EPG	Abuso sexual de Crianças; Condução de veículo em estado de embriaguez	66M - (5 Anos 6m)	26M	39%
9	EPG	Tráfico de Estupefacientes	60M - (5 Anos)	12M	20%
10	EPG	Roubo e Outras Atividades ilícitas	92M - (7 Anos 8m)	16M	17%
11	EPG	Dois crimes de Violência Doméstica	66M - (5 Anos 6m)	49M	74%
12	EPG	Roubo	66M - (5 Anos 6m)	43M	65%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 - Amostra dos reclusos do Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

N.º Ent	EP	T. Crime	D. Pena	C. Pena	% Cump. Pena
1	EPPF	Homicídio	174M - (14 Anos 6m)	54M	31%
2	EPPF	Roubo	240M - (20 Anos)	180M	75%
3	EPPF	Tráfico Estupefacientes	150M - (12 Anos 6m)	60M	40%
4	EPPF	Homicídio, Roubo, Furto e Condução sem habilitação Legal	264M - (22 Anos)	24 M	9%
5	EPPF	Roubo e Sequestro, 3ª vez preso por este tipo de crime	66M - (5 Anos 6m)	42M	64%
6	EPPF	Furto	216M - (18 Anos)	198M	92%
7	EPPF	Homicídio	252M - (21 Anos)	36M	14%
8	EPPF	Furto	192M - (16 Anos)	156M	81%
9	EPPF	Furto/Roubo e Agressões	295M - (24 Anos 7m)	144M	49%
10	EPPF	Furto qualificado, Furto simples e Condução de veículo sem habilitação legal	141M - (11 Anos 9m)	54M	38%
11	EPPF	Roubo	216M - (18 Anos)	62M	29%
12	EPPF	Roubo e furto	216M - (18Anos)	60M	28%

Fonte: Elaboração própria.

Considerou-se nesta amostra, “conjunto de população alvo, que tem de ser representativa de todas as suas características e sobre a qual será feito o estudo” (Reis, 2022, p.87), o número de entrevistas suficiente para garantir alguma consistência comparativa e chegar a uma certa saturação da informação (Flick, 2009), mas sobretudo para permitir a imersão – particularmente difícil para um investigador exterior ao meio prisional – nas várias problemáticas deste meio institucional.

De forma a comparar os discursos dos reclusos com o dos funcionários, optou-se por entrevistar também alguns guardas prisionais dos respetivos estabelecimentos prisionais em análise, estimando-se a entrevista a seis guardas de cada prisão, todavia apenas foi possível a aplicação a uma amostra de 4 guardas prisionais, satisfeitos com a sua profissão e com anos de serviço nos respetivos estabelecimentos prisionais acima dos 10 anos.

Aplicou-se a entrevista a dois guardas prisionais de Guimarães, com funções em todos os setores e acima dos 10 anos de serviço no respetivo EP, conforme apresenta o seguinte quadro:

Tabela 3 - Amostra dos Guardas prisionais do Estabelecimento Prisional de Guimarães

Nº	Estabelecimento Prisional	Ala/setor de trabalho	Anos de Serviço no EP	Anos de Carreira	Satisfeito com a profissão
1	Guimarães	Todos os setores	20 anos	24 anos de serviço	Gosta
2	Guimarães	Todos os setores	16 anos	20 anos de serviço	Gosta

Fonte: Elaboração própria.

Entrevistámos dois guardas prisionais do estabelecimento de Paços de Ferreira, um com funções na ala da cozinha e outro com funções nos vários setores/alas, conforme expresso na tabela 4.

Tabela 4 - Amostra dos Guardas prisionais do Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

Nº	Estabelecimento Prisional	Ala/setor de trabalho	Anos Serviço no EP	Anos Carreira	Satisfação c/profissão
1	Paços de Ferreira	Ala da cozinha	10 anos	13 anos de serviço	Gosta
2	Paços de Ferreira	Todos os setores	18 anos	26 anos de serviço	Gosta

Fonte: Elaboração própria

Posto isto e para melhor entendimento das dinâmicas alimentares no estabelecimento prisional de Paços de Ferreira por se tratar de um estabelecimento prisional de maior dimensão, aplicou-se a entrevista semiestruturada à técnica responsável pelo setor da alimentação deste estabelecimento. Elaborámos um guião específico, incidindo em pormenor nas ementas e nas logísticas das refeições. Também era do interesse da investigação, como anteriormente abordado, a aplicação de entrevistas aos Diretores dos estabelecimentos prisionais, o que acabou por não acontecer, pelos motivos acima mencionados.

3.3.1. A entrevista semiestruturada

No âmbito da investigação qualitativa, com a aplicação do método da entrevista semiestruturadas, Glaser e Strauss (1967) enfatizam que estas pesquisas qualitativas, dão maior importância ao processo do que ao produto em si e por isso a técnica da entrevista é a que melhor se adequa, pois, esta permite que haja contacto direto entre o entrevistado e o entrevistador, permitindo que lhe detalhe ao máximo a entrevista e se percecionem também muito importante a linguagem não verbal.

Assim, na presente investigação a aplicação das entrevistas semiestruturadas, foi o método selecionado pela investigadora, quer na aplicação aos reclusos, quer aos guardas prisionais, quer à técnica responsável pela alimentação do EP de Paços de Ferreira, pois na investigação qualitativa, as entrevistas semiestruturadas assemelham-se a uma conversa normal, entre o investigador e o entrevistado, onde o investigador prepara um conjunto de perguntas, normalmente estruturadas por categorias de assuntos, para realizar junto de cada entrevistado (Major e Vieira, 2017). Pretendeu-se acima de tudo a compreensão do sentido atribuído pelos reclusos e guardas prisionais às vivências, rotinas, atitudes que caracterizam a esfera alimentar prisional, pois a entrevistas não tem por objetivo a procura de respostas verdadeiras, mas captar as subjetividades presentes no discurso do entrevistado (MORÉ, 20105).

Neste sentido, desejou-se captar no caso dos guardas prisionais, a sua visão sobre a alimentação nas prisões, tendo como pano de fundo as suas experiências profissionais, ou seja, remetendo para a prisão onde exercem as suas funções. Nas entrevistas aos reclusos, aplicou-se um maior rigor na amostra, mas também no tempo dedicado a cada entrevistas, ou a cada nova pergunta que ia surgindo ao longo do guião estruturado, pelo que foram alicerçadas em maior profundidade, com um guião não rígido, semiestruturadas, não forçando as respostas, prevalecendo o discurso informal, aberto e espontâneo, de cada recluso, respeitando o ritmo de cada um, “o investigador pode escolher o método das entrevistas qualitativas pelo facto de este lhe permitir responder às suas questões de investigação, ou a algumas delas, em maior profundidade” (Major e Vieira, 2017, p 145).

A aplicação da entrevista semiestruturada à responsável alimentar do estabelecimento prisional de paços de ferreira, atribuiu uma maior legitimidade aos dados concretamente em relação à elaboração das ementas, aspetos nutricionais e respetiva confeção e permitiu a triangulação da informação gerada não por diferentes métodos, mas gerada por vários agentes que constituem o meio prisional, conseguindo atestar a validade da informação recolhida de cada

agente, na medida em que convergiam na mesma linha de pensamento a que Glaser e Strauss (1967) chamam de “teorias fundamentais” (cit in Bogdan e Biklen, 1994) “já que as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando. Uma teoria desenvolvida deste modo procede de “baixo para cima” em vez de “cima para baixo”, com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são interrelacionadas” (cit in Bogdan e Biklen, 1994, p. 50).

As entrevistas realizadas no estabelecimento prisional de Guimarães foram de novembro a janeiro, numa sala exígua junto ao detetor de metais, cerca dos guardas prisionais. Foi solicitado que apenas se encostassem à porta.

As entrevistas realizadas em Paços de ferreira, tiveram lugar entre fevereiro e abril, numa sala de grande dimensão e distanciada dos guardas prisionais, junto ao gabinete da adjunta do diretor do estabelecimento prisional. Não houve qualquer recomendação em relação à porta da sala.

Ambas as entrevistas foram gravadas e transcritas pela investigadora. Utilizou-se um caderno de campo onde se registou algumas notas durante a entrevista e após a entrevistas, especialmente, quando se desligou o gravador por momentos, de modo a facilitar a observação relativa às atitudes dos agentes dos estabelecimentos prisionais, de forma a contribuir com informação para as entrevistas que se seguiam e na própria análise dos dados.

3.3.2. Os Guiões das Entrevistas

Neste estudo, houve a necessidade de criar guiões para as entrevistas semiestruturadas. Preparou-se um conjunto de perguntas, em geral, estruturadas por categorias de assuntos, tendo adaptado a ordem das perguntas conforme os entrevistados. O entrevistador não tem de seguir a mesma ordem de assuntos. Estes podem variar de entrevistado para entrevistado. (Major e Vieira, 2017).

Desta forma, escolheu-se elaborar dois tipos de guiões: um dirigido aos reclusos e o outro aos guardas prisionais de ambos os estabelecimentos prisionais.

A estrutura do guião foi elaborada em três partes: 1- Identificação e Sistema alimentar vigente; 2. Mudanças Ocorridas no serviço de refeições e 3- Conflitos/Diferenças. A primeira compõe-se de doze perguntas em que se contempla a identificação do entrevistado, as tarefas que os reclusos desenvolvem na cantina, o tempo das refeições no EP; os critérios de agrupamento

dos reclusos para as refeições, as horas das refeições, a duração que dispõem para cada refeição e a escolha de uma definição sobre o que é “alimentar”; a segunda parte, diz respeito às mudanças ocorridas no serviço de refeições, constando apenas de duas perguntas. Na primeira, foi dada a liberdade ao entrevistado para falar das mudanças que presenciou no estabelecimento prisional ao nível da confecção das refeições, com pistas de resposta como (quem elabora as ementas, que dinâmicas existem na elaboração das ementas, como ocorreram as mudanças, as principais alterações na elaboração e confecção das refeições); a segunda e última pergunta dizia respeito aos aspectos nutricionais/dietéticos das refeições no equilíbrio nutricional dos reclusos. A terceira parte é relativa aos Conflitos/Diferenças da alimentação no meio prisional, constituída por dezoito perguntas, englobando medidas de segurança no espaço social comestível; lugares reservados às refeições; seis perguntas sobre conflitos vividos, (a comida que vem do exterior, conflitos mais frequentes na hora das refeições, conflitos fora das refeições; conflitos consequência de roubos/furtos de bens alimentares das respectivas celas; conflitos por produtos não alimentares; o que gera mais conflito). Acresce-se ainda perguntas sobre a alimentação como moeda de troca e como elo de proximidade entre reclusos; era ainda abordada a questão da lei de permissão de entrada em meio prisional, de 1kg de comida pelos visitantes, questionando a opinião do entrevistado sobre esta Lei. Por fim o guião fechava com quatro perguntas sobre a percepção do entrevistado sobre o que mais aproxima os reclusos em meio prisional; a opinião sobre a possibilidade de os reclusos poderem fazer parte da confecção das refeições; a percepção do entrevistado sobre as desigualdades em torno da alimentação e o que mudariam no sistema prisional e as suas práticas.

Relativamente aos guiões das entrevistas aos reclusos, optou-se por um encadeamento de temas semelhantes para todos os entrevistados, com base nos mesmos tópicos de análise e assentes nas mesmas problemáticas, revelando-se mais densas e ricas em conteúdo como era pretendido.

O guião elaborado para os guardas prisionais foi o mesmo que para os reclusos, porém, as entrevistas foram menos minuciosas e, por isso, menos demoradas. Contribuiu para a confrontação da informação recolhida nas entrevistas aos reclusos.

As entrevistas aos reclusos tiveram uma duração variável conforme a capacidade argumentativa dos entrevistados e conteúdo pertinente para a investigação, conforme pode ser observado nos quadros seguintes.

Tabela 5 - Duração das entrevistas aos reclusos Guimarães

N.º Entrevistado	Duração da Entrevista	Gravação Red
1	47Min	Sim
2	36Min	Sim
3	55Min	Sim
4	60 Min	Sim
5	72 MIN	Sim
6	41Min	Sim
7	50 Min	Sim
8	95 Min	Sim
9	60 Min	Sim
10	80 Min	Sim
11	30 Min	Sim
12	40 Min	Sim

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6 - Duração das entrevistas aos reclusos Paços de Ferreira

N.º Entrevistado	Duração da Entrevista	Gravação Redação
1	130 Min	Sim
2	50 Min	Sim
3	40 Min	Sim
4	35 Min	Sim
5	34 Min	Sim
6	40 Min	Sim
7	45 Min	Sim
8	25 Min	Sim
9	70 Min	Sim
10	55 Min	Sim

N.º Entrevistado	Duração da Entrevista	Gravação Redação
11	60 Min	Sim
12	65 Min	Sim

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne a duração das entrevistas aos guardas prisionais de Guimarães, estas demoraram cerca de 30 minutos com várias interrupções ao longo da mesma, conforme observado no quadro abaixo, por motivos alheios à investigação.

Tabela 7 - Duração das entrevistas aos Guardas Prisionais de Guimarães

N.º Entrevistado	Duração da Entrevista	Gravação Red
1	35Min	Sim
2	30Min	Sim

Fonte: Elaboração própria.

Em contrapartida, as entrevistas dos guardas prisionais de Paços de Ferreira demoraram mais tempo, conforme mostra a tabela nº 7, devido à presença de um número mais elevado de guardas ao serviço, não havendo interrupções ao longo das entrevistas.

Tabela 8 - Duração das entrevistas aos Guardas Prisionais de Paços de Ferreira

N.º Entrevistado	Duração da Entrevista	Gravação Red
1	50Min	Sim
2	60Min	Sim

Fonte: Elaboração própria.

O segundo guião foi elaborado para ser aplicado aos diretores dos respetivos estabelecimentos prisionais em análise. Contudo, não conseguimos entrevistar a direção de ambos os Estabelecimentos Prisionais. Surgiu a oportunidade de entrevistar apenas a técnica responsável de alimentação que exerce funções no estabelecimento prisional de Paços de Ferreira. Já em Guimarães, não foi possível entrevistar o técnico responsável pela alimentação no estabelecimento, pela inexistência do mesmo, estando esta informação delegada no diretor.

Este guião está dividido em quatro partes distintas, sendo a primeira relativa à identificação do entrevistado; a segunda faz referência ao serviço de cantina/refeitório do estabelecimento prisional, com perguntas sobre o tipo de cozinha em vigor, (a prestação de serviço de empresas, o tipo de ementas, quem decide as ementas do estabelecimento prisional; que entidade faz o controlo dietético; qual o n.º habitual de comensais diários; quem confeciona as refeições no estabelecimento prisional; quem encomenda os alimentos, onde compram, quantidades, quais os serviços necessários para fazer parte do serviço de cozinha; quais as tarefas associadas aos reclusos que trabalham na cozinha); seguem as perguntas relativas aos turnos, os horários das refeições, os agrupamentos e a duração das refeições no estabelecimento prisional e a escolha de uma definição sobre o que é “alimentar um recluso”, conforme o guião dos reclusos e guardas prisionais. No que respeita à terceira parte do guião, surgem as perguntas relativas aos conflitos relacionados com a alimentação, as desigualdades e proximidades que podem existir em volta dos alimentos em contexto prisional. Por fim, a quarta diz respeito às ementas durante uma semana, de segunda-feira a sexta-feira; o tipo de ementa ao fim de semana e a dos dias especiais festivos. onde foi anotada a ementa da semana em vigor ou a das festividades próximas e as possíveis modificações visíveis, ficando ainda colunas em negrito para identificar o tipo de bebida oferecida e se se serviam pão ou não. Ressalva-se que apenas foi cedido um exemplar de ementa diária de segunda a domingo e um de época festiva, mais concretamente do Natal, pois era a época festiva passada, mais próxima ao momento da entrevista. A duração da entrevista fez aproximadamente sessenta minutos, não sendo permitida a gravação da mesma pela entrevistada, conforme verificado no quadro seguinte:

Tabela 9 - Duração das entrevistas a técnica responsável pela alimentação no Estabelecimento prisionais de Paços de Ferreira

N.º Entrevistado	Duração da Entrevista	Redação
1	60Min	Sim

Fonte: Elaboração própria.

No caso do Estabelecimento prisional de Guimarães, embora não se tenha verificado entrevista a técnica responsável pelo setor alimentar no mesmo, pela sua inexistência, conseguiu-se uma ementa diária de segunda a domingo conforme o anexo N.º XIV.

Ao aplicar diferentes guiões de entrevistas, pretende-se confrontar as perceções dos reclusos com os pontos de vista dos guardas prisionais face aos mesmos assuntos. Procurou-se saber a evolução do espaço social alimentar no antes e agora, bem como a visão institucional desta evolução e dos enredos em volta da alimentação prisional.

3.3.3. Consentimento informado

Preparou-se um consentimento informado que foi apresentado na fase inicial depois da descrição dos objetivos da investigação, bem como o documento para autorização da aplicação das entrevistas aos vários entrevistados, contendo a informação de que os conteúdos fornecidos eram anónimos e a participação no estudo era voluntária, tendo o direito de desistir a qualquer momento, sem que isso fosse resultar em qualquer prejuízo para o entrevistado, bem como a autorização para a gravação do depoimento para posterior utilização da informação recolhida.

Todos os entrevistados aderiram ao preenchimento do consentimento informado e do documento de autorização para a aplicação das entrevistas. Contudo, os reclusos e os guardas prisionais assinaram mais facilmente, após uma explicação informal sobre os objetivos pretendidos.

Durante algumas entrevistas aos reclusos e aos guardas prisionais, houve pedidos para desligar várias vezes o gravador devido ao prejuízo de se comprometerem com as informações concedidas. No caso da entrevista à técnica responsável pela alimentação, esta pediu de imediato para não proceder à gravação da mesma.

De forma a garantir o anonimato dos entrevistados foram dados números de 1 a 12 nos reclusos de cada estabelecimento prisional, com respetiva sigla que designava o estabelecimento prisional a que pertence, conforme exemplo (ENTR1REPG e ENTR1REPPF); em relação aos guardas prisionais, foram numerados de 1 e 2 com sigla do estabelecimento prisional, conforme exemplo que se segue (ENTR1GEPG e ENTR2GEPPF); por sua vez a técnica responsável pela alimentação do estabelecimento prisional de Paços de Ferreira será designada por (ENTRTAEPPF).

3.4. A Análise do conteúdo

A análise de conteúdo das entrevistas remete para um conjunto de técnicas de análise das comunicações que se baseiam em procedimentos sistemáticos e objetivos de transcrição das entrevistas, de modo atingir uma maior compreensão dos dados obtidos (Bardin, 2009).

São então necessários pontos a ter em conta para fazer uma análise de conteúdo passando por diversas etapas. Consiste num processo sistemático de pesquisa e de organização de transcrições dos instrumentos de recolha de dados adotados. Os dados são organizados de forma sintética, procurando padrões. Aqui é pretendida a transcrição e organização das entrevistas e a leitura flutuante para se conseguir identificar o sentido geral de toda a informação recolhida a partir das entrevistas. Estabelecer a ligação entre os dados obtidos e o estado atual dos conhecimentos sobre o tema investigado. Assim sendo, é momento da leitura atenta, reiterativa e de emergir enumeras questões, construindo e tipificando o material recolhido no campo, fazer uma transcrição exata de todo o conteúdo e haver ligação entre a parte empírica e a elaboração teórica. É por isso importante organizar os relatos e os dados de observação por uma determinada ordem, clarificar os vários subconjuntos, para uma leitura mais homogénea, apreendendo as diferenciações para que seja possível fazer comparações entre os vários conjuntos.

Desta forma, é necessário recortar cada item do texto, conforme foram apresentados pelos entrevistados, segundo refere Schütz (1967), sendo este esforço de recorte e colagem organizado em subconjuntos ou gavetas como lhe quisermos chamar, separando os assuntos e de seguida compreender as estruturas de relevância dadas pelos entrevistados, tratando as questões de forma homogénea, mas atentando às diferenças internas das mesmas (Reis, 2022, p. 116 a 120).

Posto isto, atendendo aos objetivos da investigação e ao referencial teórico e metodológico adotado que levará a interpretações, construí-se as grelhas de análise de conteúdo temática; a primeira relativa à análise de conteúdo temático do espaço social alimentar nos dois estabelecimentos prisionais, à perceção dos reclusos e dos guardas prisionais, complementando-se a visão da técnica responsável pela alimentação do estabelecimento prisional de Paços de Ferreira, por se tratar de uma mais-valia na recolha de dados do espaço social alimentar, mais propriamente nas dinâmicas das ementas, conforme observado na tabela 10.

Tabela 10 - A Grelha de análise de conteúdo temática do espaço social alimentar nos dois estabelecimentos prisionais

Espaço Social Alimentar	Reclusos Guimarães	Reclusos Paços de Ferreira	Guardas Prisionais Guimarães	Guardas Prisionais Paços de Ferreira	Técnica Alimentação de Ferreira	R. Paços
Espaço do comestível (escolhas das ementas e aspetos nutricionais)						
Sistema alimentar (Produção, Aprovisionamento por compra ou autoconsumo e consumo nas refeições)						
Espaço do culinário (Operações culinárias)						
Espaço dos hábitos alimentares (nº de tomadas das refeições, formas destas, horários, espaço e contextos sociais das refeições)						
Temporalidades alimentares						
Diferenciação Social alimentar						
Direito dos reclusos a uma alimentação adequada						

Fonte: Elaboração Mascarenhas, M. P. (2022). Orientação

A segunda grelha de sistematização dos dados e análise dos mesmos, diz respeito às atitudes dos reclusos e dos guardas prisionais de ambos os estabelecimentos prisionais, em relação à alimentação, não havendo necessidade de acrescentar os dados recolhidos da análise da entrevista feita técnica responsável pela alimentação de paços de ferreira nesta temática relativa às atitudes, conforme tabela seguinte:

Tabela 11 - A Grelha de análise de conteúdo temática das atitudes dos reclusos e guardas em relação à alimentação nas duas prisões.

Atitudes em relação à alimentação na prisão	Reclusos Guimarães	Reclusos Paços de Ferreira	Guardas Prisionais Guimarães	Guardas Prisionais Paços de Ferreira
Atitudes nutricionais face às ementas e comida				
Atitudes do espaço dos hábitos alimentares: Estrutura do dia alimentar Nº de tomadas Formas (p. almoço, almoço, merenda, jantar, ceia) Horários Conteúdos alimentares em cada refeição Horários Modalidades do consumo (comer com as mãos, talheres, faca proibida?) Contextos sociais (descrever as atitudes face ao espaço das refeições)				
Comida de fora				
Partilhas e Dádivas				
Conflitos				

Fonte: Elaboração Mascarenhas, M. Paula (2022)

Parte II – Fundamentação alicerçada na pesquisa do terreno

Como Nelson Mandela nos deixou no seu legado, o modo como é concebido e ministrado um contexto carcerário, surge o modo como o Estado concebe e administra o grau de evolução da sua sociedade, bem como o nível de exigência e responsabilidade que incute em si mesmo, face ao cumprimento dos direitos humanos. Atravessando esta investigação um contexto carcerário movido pela eficácia e eficiência do cumprimento da lei penal, apela-se antes de mais ao cumprimento da chamada humanização das prisões, pois o tempo de reclusão não justifica, para lá do cumprimento da pena sujeita, a qualquer diminuição de direitos que a lei não preveja sempre com natureza excepcional.

Assim sendo, a Humanização das prisões ganha sentido próprio, na relação entre os direitos individuais, traduzindo-se nesta investigação como a “comida” e os deveres da disciplina, como valor positivo que deve ser imposta num processo de cumprimento de pena, mas com decência quer na forma como se pune, quer no que se lhes oferece para ingerir e como se ingere. É nesta decência com que se pune, e a circunstância alimentar prisional, desde os reclusos aos agentes do Staff, transparece bem isso, que se pode anular a arrogância da punição, lembrando-nos da importância das relações humanas em volta da mesa ou do alimento essencial à vida.

O Alimento nesta investigação surge como analisado social, onde nesta investigação procuraremos avaliar se este, preenche muito das relações humanas positivas e menos positivas da vida de reclusão, na perspectiva dos reclusos, mas também do Staff de ambos os EP 's que se disponibilizaram para a investigação.

Humanizar o interior dos muros e grades de uma prisão, só poderá fazer sentido através do cumprimento de direitos fundamentais que se traduzem em fontes de dignidade e satisfação do espírito, já que o corpo está preso.

Capítulo 4 – Alimentação nas Prisões: O espaço social alimentar na prisão

Apresentação e Análise de Dados

Estar preso é sem dúvida uma situação “contranatura”. O ser humano não foi criado para viver em reclusão, em privação constante de certos recursos, por um longo período. É natural que em certos momentos e contextos este elabore estratégias e adaptação para a sua sobrevivência, de modo a diminuir a sua frustração, pela condição em que se apresenta. Em privação de liberdade, a comida é um recurso de grande importância para uma melhor adaptação à prisão e acomodação à sua condição de recluso. Assim sendo a alimentação é para muitos reclusos a única fonte de prazer dentro das grades (Gonçalves, 2002).

4.1- As empresas Contratadas

Em relação à confeção das refeições tanto o EP’s de Paços de Ferreira contactou-se que “é uma empresa de restauração que faz a confeção da alimentação que neste caso é a Uniself” (ENTRTAEPPF). No EP de Guimarães, à semelhança de Paços de Ferreira “sempre foi aqui distribuída (alimentação) por uma empresa, não há condições de fazer cá a comida...Agora é a Uniseff” (ENTR2GEFP). A *Uniself*, é uma empresa com código de atividade económica 56290 outras atividades e serviços de refeição, com sede na Senhora da Hora, Porto.

No caso do EP’s de Guimarães verifica-se o sistema de transporte das refeições previamente preparadas em doses individuais, que são á posteriori distribuídas pelos reclusos. Relativamente ao EP de Paços de Ferreira a mesma empresa, providencia um cozinheiro diariamente e a mesma é responsável pela provisão alimentar e o seu transporte até ao EP.

4.2. O espaço culinário e a cantina prisional

Analisando o espaço culinário nos dois EP’s em que a investigação se insere, existem diferenças substanciais ao nível da origem da confeção e das tarefas ao encargo dos reclusos, conforme podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 12 - Confeção das refeições e tarefas voluntárias dos reclusos

Estabelecimento prisional	Origem da confeção alimentar	Tarefas dos reclusos
Guimarães	Empresa Uniself vinda do exterior	- Distribuição da comida - Faxina final (arrumação, limpeza da cantina e cozinha)
Paços de Ferreira	Empresa Uniself confeccionada na Estabelecimento prisional	- Cargas e descargas dos produtos - Preparação - Confeção - Distribuição da comida - Faxina final (arrumação, limpeza da cantina e cozinha)

Fonte: Elaboração própria, (2022)

As refeições do EP de Guimarães são suportadas pela empresa *Uniself* em que esta confeciona a comida no exterior e transportam-na para o EP. No EP de Paços de Ferreira, o serviço é garantido pela mesma empresa, no entanto as refeições são confeccionadas no próprio estabelecimento prisional à responsabilidade de um cozinheiro civil da empresa, a provisão alimentar é da garantia da empresa contratada.

O facto dos EP terem protocolos e mecanismos diferentes interfere na envolvência e percepção que os reclusos têm sobre a alimentação e o espaço alimentar. No caso de Guimarães as refeições vêm devidamente preparadas e são servidas em doses individuais, o que diminui os conflitos em torno das quantidades da refeição. Em sentido oposto no EP de Paços de Ferreira as refeições são servidas pelos reclusos, o que pode ser utilizado como forma de privilégio “eram 3 levou 6” (ENTR4EPPF referindo-se ao almoço de rojões) ou punição “ele olha para a cara e vê quanto pode deitar” (ENTR6EPPF)” se se pede mais um bocadinho eles dizem que a empresa não autoriza, porque não chega” (ENTR9EPPF).

Em relação às tarefas desenvolvidas pelos reclusos, o facto da comida vir confeccionada do exterior reduz o envolvimento destes na dinâmica alimentar. Sendo esta uma das poucas tarefas em que são remunerados estes vêem-se privados de algumas regalias pelo cargo e pelo vencimento que auferem. Apesar das entrevistas não serem consensuais quanto ao valor, é factual pelos dados obtidos, que os reclusos são remunerados pelo cumprimento das funções nas refeições. Segundo o (ENTR2GEPPF), os reclusos “têm ordenado de faxina, não há outro tipo de trabalho e aproveitam isso. 35€ a 40€ por mês e depois carregam em tabaco e bar”, já os reclusos referem valores ligeiramente superiores para esta remuneração na ordem dos “60€ por mês” (ENTR9REPG). Em Paços de Ferreira não sendo possível obter um valor concreto referente à remuneração, foi replicada entre as entrevistas dos reclusos a ideia de que a empresa os premeia

sempre que as quantidades sejam reduzidas na confeção “é como a sopa, os legumes, se forem meter mais, depois vão ter de levar nas orelhas” (ENTR10EPPF) e na distribuição das refeições “pois eles ganham comissão por quanto menos servirem. Quem paga é a empresa, quanto mais eles pouparem mais eles ganham” (ENTR6EPPF).

4.2. A estrutura e conteúdos das refeições

Segundo a investigação empírica, constatou-se que em ambos os EP´s são feitas três refeições: pequeno-almoço, almoço e jantar correspondendo à estrutura das refeições portuguesas: sopa, prato principal e sobremesa, pão. Há ainda um reforço (a ceia) que, em ambos os casos, é entregue ao jantar num saco para levarem para a cela. Este reforço é composto de forma alternada por um sumo/leite/iogurte, dois pães e duas peças de fruta, conforme Anexo N.º XIII e N.º XIV.

A tabela seguinte mostra a composição das refeições e a sequência dos pratos. A análise dos conteúdos revela a tradição alimentar portuguesa. Existe uma diferença para os que seguem uma dieta normal e ligeira.

As ementas semanais são propostas pelas empresas contratadas como referimos anteriormente.

Tabela 13 - Estrutura e conteúdos das refeições

Estabelecimento Prisional	Data	Refeições	Pequeno Almoço e almoço	Jantar e Reforço
Guimarães	23-12-2013	Pequeno-Almoço/Reforço	300ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga.	Pão com mortadela, sumo e fruta da época.
		Sopa	de feijão verde	de brócolos
		Dieta normal	Rancho de carnes com couve branca	Jardineira do mar com salada mista
		Dieta Ligeira	Carne estufada ao natural com massa de legumes	Jardineira do mar ao natural com salada mista
		Sobremesa:	Fruta da época	Gelatina
Paços de Ferreira	21-04-2014	Pequeno-Almoço/Reforço	300ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga.	logurte, bolacha e fruta da época.
		Sopa	De couve-lombarda	de ervilhas
		Dieta normal:	Feijoada à brasileira	Pescada grelhada com arroz de legumes
		Dieta Ligeira	Perú grelhado com arroz e legumes	Pescada grelhada com arroz de legumes
		OL. Vegetariana	Feijão guisado com soja, arroz branco e hortaliça	Jardineira de legumes
		Sobremesa:	Gelatina	Fruta da época

Fonte: Exemplo de ementas EP Guimarães e Paços de Ferreira (2022)

Nos Anexos N.º XIII e N.º XIV têm-se uma tabela exemplo de ementas ao longo de uma semana de ambos os estabelecimentos prisionais.

Sendo este um tema de maior subjetividade, tendo em conta a posição de cada entrevistado dentro do EP's, verificou-se uma discrepância na descrição das refeições. Segundo

a (ENTRTAEPPF) “são sempre confeccionadas em harmonia com as calorias, porções e são elaboradas também através de uma nutricionista dos serviços prisionais”, o (ENTR2GEPG) reforça que: “As dietas são prescritas pelo médico ao fazer a requisição os guardas já pedem isso da dieta de doentes”, para além disso, o (ENTR1GEPPF) atesta estas afirmações realçando que existe respeito não só pelas dietas como pelas opções alimentares de cada recluso, afirmando que “as modas da sociedade começam a ser modas cá dentro em tudo, em tudo e neste caso na alimentação também. A título de exemplo, a dieta vegetariana é um fenómeno que se tem registado em picos, mas isto chegou a atingir quase setenta reclusos com comida vegetariana”.

À parte do regime vegetariano, as convicções religiosas e as suas restrições alimentares são tidas em conta tal como o jejum, “respeitantes aos períodos do Ramadão”, (ENTRTAEPPF). Podemos constatar que, apesar dos EP´s terem sistemas de refeições diferentes, os Agentes do Staff têm uma visão concordante em relação às questões nutricionais das refeições.

Em contrapartida os reclusos apontam algumas debilidades nas refeições de ambos os EP´s. Tanto no EP de Guimarães como no de Paços de Ferreira, os reclusos apontam para a sistemática repetição de hidratos de carbono como o (ENTR2REPG) refere que “esta semana, foi quase sempre massa...há várias comidas, mas é arroz e massa, carne ao meio-dia e peixe à noite”, assim como o (ENTR4REPPF) onde nomeia haver “sempre massa ou arroz, hoje até achamos estranho haver rojões”.

No que respeita ao cumprimento das dietas e restrições alimentares/jejuns, a investigação revela que, em ambos os EP´s os reclusos não reconhecem o cumprimento das restrições alimentares em relação a alguns dos reclusos. O (ENTR7REPG), afirma que quanto às escolhas da ementas e aspetos nutricionais que “eles não respeitam as coisas...há dias que é igual, e parte da dieta que não podem comer queijo e nem salsichão com colorau, também é igual... não respeitam nada”. O (ENTR3REPPF) corrobora a ideia, frisando que “uma dieta para um diabético não pode ser à base de arroz e massa, nunca me deram mais nada”.

Do ponto de vista institucional, existe uma elevada preocupação com o cumprimento dos requisitos nutricionais das refeições de um modo geral. Contudo continuam a existir falhas em determinados casos, nomeadamente na atribuição das dietas. Caso se confirme as declarações dos reclusos, falhas desta ordem, podem comprometer a saúde e os direitos dos reclusos.

4.3. A temporalidade alimentar

A temporalidade alimentar nos dois estabelecimentos prisionais está estruturada em cinco tomas diárias. A organização e a duração dependem do tipo de refeições. O pequeno-almoço é livre e por ordem de chegada dos reclusos. Tem a duração de 30mn a 45mn, tendo lugar entre as 8 horas, no refeitório, em ambos os EP's.

O almoço no refeitório ou cantina está organizado por turnos, tendo início ao meio-dia para o primeiro turno e às 12h30 para o segundo no estabelecimento prisional de Guimarães. A duração da refeição é de 30mn.

Em contrapartida, no estabelecimento prisional de Paços de Ferreira, esta refeição começa às 11h30 para o primeiro turno e às 12h30 para o segundo. A duração é de uma hora.

Em relação ao lanche, este já é mais autónomo e ao critério de cada um dos indivíduos, podendo-o fazer nas respetivas celas ou espaços exteriores comuns, quer a partir da comida vinda do exterior, quer a partir dos restos tais como a fruta, os sumos, o leite ou iogurte que guardam do pequeno-almoço, almoço e jantar.

A refeição do jantar está igualmente organizada por turnos, no EPG, no horário das 18h00 às 18h30, corresponde a 30 minutos e no EPPF das 17h45 às 18h45, cerca de 45 minutos, conforme o que é apresentado na tabela 14 - a síntese das temporalidades alimentares nos dois estabelecimentos prisionais

Tabela 14 - Temporalidades das refeições nos dois estabelecimentos prisionais

Estabelecimento prisional	Tempo de cada turno para refeição	Agrupamento dos reclusos	Horário Pequeno-Almoço	Horário Almoço	Horário de Jantar e Reforço	Tempo de refeição
Número pergunta	Pergunta 7	Pergunta 8	Pergunta 9			Pergunta 10
Guimarães	Único	Livre	8h00-8h30	12h00-12h30	18h00-18h30	30 minutos
Paços de Ferreira	Único	Livre	8h00-8h45	11h30-12h30	17h45-18h45	45 minutos

Fonte: Elaboração própria, (2022).

A organização dos turnos em ambos os EP'S, verificou-se um regime de um único turno no tempo destinado a cada refeição e, por consequência, não havia critério de agrupamento de reclusos, daí as respostas serem "livres", organizando-se por ordem de chegada, segundo o (ENTR1REPPF) "Fazem fila, fazemos o conto e vão entrando conforme vai havendo vaga no refeitório, é tudo igual e aguardam".

4.4 A diferenciação social alimentar

O espaço social alimentar nas prisões, como descrito no capítulo 2, é visto pelos autores como o somatório de circunstâncias que criam uma cultura ou poder-se-ia dizer uma subcultura alimentar prisional caracterizada por um processo de socialização institucional, por interações entre os reclusos e por alguns conflitos que obrigam a intervenção dos guardas prisionais.

Neste contexto, a pesquisa procurou identificar entre os reclusos os fatores que maior acentuam as desigualdades sociais dentro da prisão. Em primeiro plano, constata-se que as dádivas exteriores são o fator que mais evidenciam as desigualdades sociais em relação à comida e às funções afetas à cozinha ou refeitório. Neste sentido, foram vários os testemunhos que indicam que o recluso "que recebe mais é o que está todos os dias a servir" (Entr4REPPF), sendo que a forma como estes a recebem pode ser dividida entre aquilo que é pago licitamente e o ajustado pelo EP., conforme descrito no subponto 4.1, e os pagamentos ou recompensas atribuídas de forma ilícita. Os reclusos que estão na distribuição das refeições e nas limpezas do espaço alimentar têm acesso à comida que outros reclusos não têm e, por isso, "repartem a comida entre eles. Guardam sempre para eles, só se houver muita quantidade e é o pão que dão. Lambices claro, é sempre para eles" (ENTR3REPG).

Outra forma de recompensa prende-se com o negócio paralelo dentro da prisão em que são entregues "cartões de cabines e onças e em troca comem a semana toda, bem ou têm os alimentos e fazem nas celas" (ENTR10REPPF).

A somar a este tipo de recompensas, acrescenta-se as trocas de serviços com benefícios alimentares para uma das partes em que "há indivíduos que limpam as celas dos outros por algo, fazem-lhe a cama por algo... eu que até vivo melhor e tenho possibilidades, tu trabalhas para mim e eu pago-te da minha conta e depois recebo" (ENTR1GEPG).

Por último, surgem indícios, por parte dos reclusos, da existência de incentivos para a redução de quantidades de alimentos nas refeições por parte da instituição, "pois eles ganham

comissão, por quanto menos servir. Quem paga é a empresa, quanto mais eles pouparem mais eles ganham” (ENTR6REPPF).

Todavia, as vantagens de trabalhar na cozinha ou no refeitório só é valorizada por quem não tem visitas “por exemplo, quem tem visitas não interessa, mas para quem não tem visitas é um local muito desejado, eles adoram estar lá... os outros não querem trabalhar, não têm necessidade” (ENTR1GEPG).

Segundo o ENTR2GEPG “havia alguma ostentação por parte dos reclusos, que gostavam de se exibir acima da média e às vezes de alguns reclusos que eram bem pobres”. De notar que no funcionamento dos referidos EP’s são os familiares, quando fazem as visitas, que podem financiar os reclusos de forma a poderem efetuar algumas compras, pois “não se pode dar dinheiro, a família tem que depositar o dinheiro na conta deles, o dinheiro é depositado e carregam o cartão e pagam no bar e o telefone” (ENTR2GEPG).

As visitas criam uma diferenciação e desigualdade entre os reclusos que são objetivamente notórias. Um dos entrevistados refere que:

“quando há visita à noite, a maioria dos reclusos vão tirar a falta, mas não vão jantar. Não vão comer, porque tem algo que a família trouxe. Os que não têm visita, ou têm que fazer algum serviço para eles (para os que têm visita), para também comerem com eles ou irem ao refeitório porque se não, não comem” (ENTR1GEPG).

No que concerne à comparação entre os dois estabelecimentos, as desigualdades alimentares não são um elemento diferenciador, uma vez que, as respostas obtidas nos dois EP’s são bastante similares.

4.5 A Alimentação do “Antes” e do “Agora” na Prisão

A alimentação nas prisões tem vindo ao longo dos tempos a sofrer diversas alterações na forma como confeccionam ou providenciam a comida aos reclusos. No caso dos EP’s em estudo, como já foi analisado nos tópicos anteriores, a alimentação é confeccionada e servida de forma diferente pela mesma empresa. No caso do EP Guimarães “A comida sempre veio dessa empresa, a prisão não conseguia se sustentar” (ENTR8REPG) e a perspetiva dos reclusos, bem como a do staff é que “a comida aqui, relativamente sobre outras, é boa” (ENTR3REPG) e que “confeccionar para menos pessoas é mais fácil, não é? Na qualidade e nos sabores, é melhor vinda do exterior e até ao nível da higiene” (ENTR6REPG).

No caso do EP de Paços de Ferreira, a forma como a comida é confeccionada foi alterada, não tendo sido possível apurar a data dessa alteração. Um dos entrevistados diz que “já é a empresa há muito tempo, porque antigamente era a própria orgânica do EP que comprava os géneros e que os confeccionava (...) depois passaram para as empresas da restauração, mas já há algum tempo”. (ENTRTAEPPF).

Antes as refeições eram preparadas no estabelecimento prisional de Paços de Ferreira. A avaliação que fazem da comida é positiva quer em termos de quantidade quer à qualidade. Um dos entrevistados (guarda prisional) assinala que “quando era o estabelecimento que confeccionava as refeições, abundava a comida e também saía muita comida para o lixo (...) havia desperdício e não havia qualidade”. (ENTR2GEPPF).

Se no EP de Guimarães as atitudes são unânimes em relação à qualidade e quantidade das refeições servidas pela empresa, no caso do EP de Paços de Ferreira, as atitudes não são iguais. Um dos entrevistados, o staff, realça que “existe um outro rigor, no tipo de confeção, no modo de confeção, no modo de apresentação e sem dúvida que a população reclusa beneficiou com isto, embora isto custe a admitir durante algum tempo” (ENTR2GEPPF)

De facto, as atitudes da maioria dos reclusos entrevistados perante a comida contrastam com as atitudes dos guardas entrevistados. Um dos entrevistados refere que:

quando cheguei aqui comia-se bem, a confeção era melhor, a variedade de comida era melhor e com o tempo, não sei se foi por causa da crise é repetitiva, ou arroz ou massa e não varia. Se eu quisesse que varie tenho de ir ao bar comprar atum. Sempre foi aqui feito com os reclusos e cozinheiros, acho que deviam de ser só reclusos a fazer a comida, não haver mais empresas (...) isto aqui da empresa é tudo uma tanga, não tem lógica nenhuma e se, se pede mais um bocadinho eles dizem que a empresa não autoriza, porque não chega. (ENTR9REPPF)

Um dos argumentos mais sólidos do ponto de vista da alimentação como marco de análise social é o referido pelo (ENTR5REPG) que enaltece que a preparação das refeições feita pelos reclusos criava “mais companheirismo, se tivessem em baixo, davam apoio”.

A análise das atitudes dos reclusos em relação à comida confeccionada na prisão revela que a alimentação não se reduz apenas a necessidades vital e nutricional. De facto, os reclusos manifestam que a comida de “antes” era “variada, bem confeccionada, bem-apresentada, de boa qualidade e em quantidade, o que remete igualmente para as dimensões social e cultural da alimentação, todavia não se afirmou como o prioritário, já Cunha (2018, pp. 345) afirmava que “alguns alimentos produzidos na quinta raramente figurarem a ementa prisional”. Por sua vez

isto, reflete igualmente a compreensão dos reclusos privados de liberdade sobre os significados e sentidos da alimentação reflexos da experiência dos reclusos e do processo social e histórico em que estes vivenciavam em liberdade a sua relação com a alimentação (dádiva, afeto, comensalidade, sociabilidades, prazer e liberdade de escolhas alimentares).

Analisámos como os reclusos encaram a sua alimentação vivenciada na prisão. Interessa saber quais as estratégias ou iniciativas são utilizadas para diminuir o desprazer e as dificuldades sentidas em relação à alimentação oferecida pelas duas instituições. Neste sentido, apresentamos em seguida o que é permitido e o interdito em termos de alimentos em reclusão.

4.6. O permitido/ Interdito da Reclusão

Dentro dos EP's aquilo que é permitido ou interdito está bem definido no Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, no artigo 37º, n.º3, alínea g) e 48º, n.º3, aprovado pelo DL 51/2001 de Abril que determina a entrada nos EP's dos seguintes tipos de alimentos, tendo por base o despacho interno em Anexo XV: biscoitos, tipo sortido; bolo seco fatiado; bolachas sem creme; pão fatiado; produtos charcutaria fatiados; carne assada fatiada e desossado e produtos secos embalados, sendo os mesmos entregues nos termos e condições previstos no número 4 do artigo 48.º do Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais.

A aplicação deste regulamento é transversal a todos EP's do país pelo que é exigido um grande rigor na verificação de tudo o que entra na prisão “tem que vir tudo fatiado, não há molhos e sem ser comida confeccionada. A Fruta ainda continua a não entrar, nenhuma e bolos sem cobertura. por exemplo, o queijo e fiambre tem que vir fatiado, bolos sem cobertura e bolacha maria entram. Os Produtos de higiene compram no bar. Não se pode dar dinheiro, a família tem que depositar o dinheiro na conta do respetivo recluso, “O dinheiro é carregado num cartão e os reclusos pagam no bar e o telefone” (ENTR2GEPPG).

Para além do tipo de alimento, o controlo é feito também em relação à quantidade ou ao peso, a legislação à época da entrevista previa o máximo de 1Kg por recluso. Os guardas prisionais do EP de Paços de Ferreira referiram que não havia “facilitismos e que se vem 1,200kg, não se vai estar a tirar os 200g, avisa-se «veja lá as quantidades, não se ultrapassa»” (ENTR2GEPPF).

Todavia, não era prática conducente por todos os guardas prisionais. Um entrevistado refere que:

“em qualquer profissão há bons e maus profissionais e se calhar, além de serem maus profissionais, são porreiros, e o porreirismo por vezes leva a que as pessoas façam coisas e deixem de executar aquilo que está determinado” (ENTR2GEPPF).

É com base nestas incoerências ou falhas nas revistas que surgem as denúncias dos reclusos de ambos os EP's, face às entradas de bens ilícitos na prisão. Um dos reclusos entrevistados diz que:

Há às vezes de entrar bolachas, carne e bolos. Para os outros entra e para outros não (...) se tiver uma equipa que feche os olhos entra logo (...). Depende das chefias do chefe e do guarda que estão na parte da secção das de revistas, porque dá muito trabalho algumas revistas”, ou seja, “Hoje deixo entrar para o meu recluso preferido, amanhã entra para o teu (ENTR6REPPF).

Relativamente a substâncias ilícitas, com principal enfoque para a entrada de droga na prisão, foi possível observar no EP de Paços de Ferreira, um dos entrevistados assinala que:

os bens ilícitos têm haver com a percentagem de jovens que nós cá temos, a percentagem do tipo de crime que os trouxe para a cadeia e que todo ele está ligado à droga, depois temos o tráfico, o consumo com roubo para obter droga, o carjacking, assim uma série de coisas, crimes conectados com a droga, toxicod dependência (ENTR2GEPPF).

No EP de Guimarães “a droga, nós apercebemo-nos ou alguém vem logo nos dizer “a droga entrou por ali, está ali” enfim, mais uma busca, mais uma rusga” (ENTR1GEPG). A este respeito um dos guardas entrevistado reforça que:

a droga existe, se existe entra, entra pela portaria, entra porque que eu tenha conhecimento nos estabelecimentos todos que eu trabalhei aparecia telemóveis, aparecia droga e nunca tive conhecimento de que um paraquedas deixasse cair lá qualquer coisa...há muitos métodos de entrar e já foi muita gente apanhada, foram apanhados visitantes a meter droga, visitantes a meter telemóveis...como vê já foram apanhados profissionais de várias áreas desde enfermeiros, vigilância, funcionários civis, foram todos apanhados, e já foram apanhados funcionários prestadores de serviços...toda a gente que entra na portaria é suscetível cúmplice nisso (ENTR2GEPPF).

Analisando as entrevistas feitas nas duas prisões foi possível à investigação observar uma diferença substancial no tratamento das revistas nos dois EP's, sendo que o EP de Guimarães apresenta maior rigor nas revistas efetuadas do que no EP de Paços de Ferreira. Estas diferenças são suscitadas essencialmente por dois motivos: primeiro pela proximidade uma vez que o EP de

Guimarães sendo mais pequeno funciona como uma pequena família. Um dos reclusos entrevistado revela que:

a relação aqui entre nós, porque eu até fiquei surpreendido com a aproximação que é de tal forma que parecem que estão como reclusos também. Controlam assim mais o pessoal, não se impõem, mas se tiverem de atuar com mais rigor também o fazem. A aproximação é boa, uma cadeia com mais reclusos não é assim (ENTR4REPG).

Outra das razões apontada prende-se com o tipo de crimes, uma vez que os crimes mais perigosos e associados a consumos de droga estão no EP de Paços de Ferreira, desencadeando uma maior tensão no ambiente do EP, fazendo com que os guardas facilitem para evitarem represálias “aqui há um grupo de guarda vestida e até os guardas têm medo e aqui entra tudo e não vale apenas reclamar” (ENTR3REPPF).

Todas as narrativas referem a visita de familiares e amigos como principal estratégia para encarar as dificuldades sentidas em relação à alimentação e outros produtos. São as visitas que trazem do exterior a comida permitida, o tabaco, o vestuário e o dinheiro. Quem não recebe visita fica sujeito à negociação com os outros reclusos. Este processo de negociação é uma das ferramentas dos reclusos para conseguir ultrapassar as necessidades:

Infelizmente sim...é uma moeda de troca para tudo... já vi um recluso a dar a onça para dar o prato de francesinha...e hoje ofereceram-me uma onça por causa do prato. Iogurtes, sumo, leite por 2 cigarros. Infelizmente é mais os que não têm família ou estão longe de casa (ENTR4REPPF)

Outro entrevistado diz que: “Serve ainda, dá-me um *tuppaware* de arroz e eu dou-te um cigarro” (ENTR11REPPF); “é há aqui muita gente que tem visitas que lhes trazem o que pode entrar e vejo-os a trocar por droga” (ENTR5REPPF). O mesmo acontece no EP de Guimarães “de vez em quando aparece isso, compram e trocam comida por tabaco ou um cigarro por roupa que algum familiar trouxe” (ENTR1REPG);

Infelizmente sim, é simples as pessoas alguns infelizmente não têm visitas e como tem que se fazer à vida de outra forma e a casa não é assim tão grande e não há lugar para tantos faxinas e há pessoas que têm vício de tabaco e café, e então há o vender o iogurte pelo tabaco ou café ou pelo reforço (ENTR8REPG).

Estes tipos de negociações em torno da alimentação são igualmente observados pelos guardas prisionais de ambos os EP's,

tu trabalhas para mim e eu pago-te já da minha conta e depois recebo... mas não é o mesmo valor...porque isto é explorar, mas é mesmo assim, isto é proibido mas acontece, nós apercebemo-nos e tomamos medidas, nas limpezas para trocar alimentos, tabaco e principalmente o vício, o café e o tabaco, eles não têm fome, eles têm estas refeições todas é mesmo vício. (ENTR1GEPPG),

O mesmo se constata em Paços de Ferreira:

por um cigarro ou por um café que como eu não tenho dinheiro porque não tenho visitas...vamo-nos apercebendo que as famílias levam para lá as roupas e vemos as roupas já noutra indivíduo...trocam muito as roupas...vemos um casaco bom vamos aperceber que o casaco já está noutra indivíduo (ENTR1GEPPF).

Por outro lado, os relatos revelam solidariedade entre os reclusos, evitando conflitos “há sempre aquele que oferece, que tem mais e que oferece, ohh pá se vamos estragar...oh pah eles não têm frigorífico, as coisas vão se estragar, eles oferecem” (ENTR1GEPPG); “muitas vezes dou e não me arrependo de ficar sem nada” (ENTR8REPPG):

“vejo-os a partilharem... são capazes de levar uma salada, feita na cela quando há o tomate, o pimento, fazem ali uma salada e põem ali na mesa e partilham um pouco para cada um” (ENTR2GPPF); “a alimentação traz mais proximidade...da nossa comida de fora, aí vamos ao bar compramos duas ou três cervejas sem álcool e na cela comemos um presuntinho, salpicão e comemos na cela. (ENTR9REPPG);

Todavia, há conflitos, brigas e competitividade o que revela algumas tensões entre os reclusos “com o intuito de ter sustento lá dentro, muitos não têm visitas e então roubam telemóveis para vender, para depois terem dinheiro para comprar comida” (ENTR6REPPG); também assim o menciona um recluso do EPPF, em relação aos conflitos relacionados com a alimentação que vem do exterior “os reclusos que não tinham visitas iam para a porta levantar os sacos para pagamento de dívidas “(ENTR7REPPF). Sendo desta forma assumido que em torno da alimentação vão existindo conflitos e arrufos, quer diretamente pela questão da alimentação se é boa ou má ou se e pouco ou muita, quer pela facilidade que o espaço de refeição proporciona para a criação de conflitos, zangas e brigas “está muita gente junta...há espera para poderem entrar juntos e pode haver qualquer desacato (...)” (ENTR1GEPPF);

“dentro do refeitório a preocupação é que não haja qualquer divergência entre reclusos, com funcionários, entre reclusos, na distribuição, portanto onde há um

grande aglomerado de reclusos, qualquer problema qualquer foco que ali surja pode ser um problema difícil de resolver” (ENTR2GEPPF).

Assumimos desta forma, a verdade praticada nas prisões portuguesas, com a pequena amostra presente, do EPG e do EPPF, onde a dimensão da estrutura prisional difere, bem como o modo *is operandi* que envolve toda a esfera alimentar. Tratando-se do EPG, assume-se como uma mais-valia ao nível da higiene e quantidades homogéneas das couvetes que cada recluso tem por refeição em comparação com o EPPF, onde a cabeça do recluso que serve é que dita a quantidade merecida do que se apresenta na fila. Assim, podemos dizer em termos de igualdade nas quantidades servidas, de higiene e desperdício, a utilização das couvetes, apresenta-se como a melhor alternativa ao serviço de refeições.

Por outro lado, quando analisamos ambos os EP´S em relação ao espaço culinário, à estrutura e conteúdo das refeições, às temporalidades alimentares, à diferenciação social alimentar, percebemos que as queixas, descontentamentos e desânimos assemelham-se em ambos os EP´S, mostrando-nos que o “antes” da prisão, acabava por ser mais humanizador da vivência prisional, apostando na criação de oportunidades de melhorar a alimentação e consequentemente a vivência prisional, apostando na alimentação intramuros.

Capítulo 5 – Conflitos, Enredos e Sociabilidades alimentares nas Prisões

Importa dar ênfase ao que de mais substancial este tema carrega, isto é, os conflitos, os enredos e as sociabilidades em torno da alimentação, acabam por dar uma visão muito clara do que por direito não acontece e o que por não direito, é presenciado e vivido.

Neste capítulo, propõe-se mostrar como é que os reclusos vivem estes conflitos e enredos na prisão. Como é que os ultrapassam com a alimentação? Como sobrevive nestes meandros, “lutando” por um pouco de prazer alimentar, numa ausência de tantos outros prazeres. Que estratégias usam? Como as “moedas de troca” e as dádivas chegam? E o que pensam daqueles que são beneficiados em troca de tanto que muitos não conseguem e, por isso, ficam à margem de um direito que lhes deveria ser assegurado.

Na prisão a comida cria ou melhora muitas vezes o conflito, pois estas instituições totais estabelecem limites sociais de poder e *status*, fornecendo um elemento importante na cultura do prisioneiro.

5.1 - Os conflitos de viver em reclusão

Ao abordarmos o conflito, é necessário fazer alusão à teoria do conflito numa perspectiva sociológica. Os autores clássicos, Karl Marx e Marx Weber e Georg Simmel, influenciaram outros teóricos do mundo da explicação e da reflexão sobre o conflito. O primeiro autor entendia que as forças produtivas da sociedade evoluem mais rapidamente que as relações de produção, entrando em conflito com as relações de produção pelo que, a partir de certo ponto, o sistema encontra-se bloqueado, desencadeia “uma época de revoluções”, a luta de classes, sendo através desta que a sociedade evolui, conforme refere no “Manifesto Comunista” (1848), utilizando na sua análise o materialismo dialético. O segundo e o terceiro autores tratam o conflito como modelo da interação. Para Max Weber (2012), a luta constitui a relação social em que as ações se orientam pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros; deste modo, o conflito social como produção de significados moralmente divergentes. Simmel afirma que o conflito é projetado para resolver dualismos divergentes, modo de alcançar algum tipo de unidade, ainda que por aniquilação de uma das partes. O conflito resolve uma tensão entre contrastes.

Mais recente, Ralf Dahrendorf (1959) afirma que os grupos de conflito provocam mudanças de estrutura no sistema social, situou o eixo dos conflitos não na propriedade dos meios de produção, mas no seu controle e na repartição da autoridade. Por sua vez, Lewis Coser (1956) defende a necessidade de preservar a ordem social que funciona como “válvula de escape” e assim fortalece a organização social.

Outros teóricos também deram seguimento ao estudo e reflexão sobre o conflito, tal como Sprey (1971) em que assume o conflito estrutural de uma forma endémica, pois, urge em volta de questões de autonomia individual e a competição entre a privação ou a abundância da alimentação, neste caso. Uma das implicações da perspectiva estruturalista sobre o conflito, sendo que este aparece pelos desequilíbrios das relações de força e poder entre grupos (Lévi-Strauss et al., 1967). Segundo o autor, o conflito é endémico no grupo, sendo que a única forma é geri-lo da melhor forma, de modo que este não atinja proporções danosas na instituição e entre os indivíduos que constituem a instituição total.

Em contrapartida, os autores White e Klein (2002) consideram que, os fundamentos dos conflitos partem de alguns pressupostos tais como os homens serem motivados por interesses próprios, no caso das prisões, a alimentação desequilibrada ou a frugalidade alimentar podem desenvolver mecanismos de sobrevivência enraizados no desejo de colmatar a falta do mesmo de forma perseverante.

Assim, reforça a ideia de conflito ser endêmico, onde surge no caso de grupos, quando por exemplo, se juntam grupos de reclusos para alcançar um objetivo comum, como no caso da melhoria das condições alimentares da prisão ou em mudanças das ementas. Podem desencadear-se oposições a regras estabelecidas pela estrutura institucional, o levantamento de rancho, ou porque a comida é pouca ou porque não agrada e a recusa de estar presente na refeição por livre vontade ou por imposição, sendo ilícito, com vista à conquista de algo, que certo número de reclusos deseja. Para tal, de forma discreta e muito cuidado, conforme nos diz o guarda prisional de Guimarães, os reclusos aliciam reclusos na fila da entrada para refeitório, a que se recusem a alimentar “ “ohh pah não vamos comer”(ENTR2GEPG) - estão no direito deles, há levantamento de rancho, meia dúzia deles não vão, nós fazemos o levantamento do número, saem para fora, deixam comer quem quer, querem muitas vezes que outros adiram – “ porque eu não vou, mas não quero que tu também vás” e muitos respondem-lhe “eu não vou passar fome porque não tenho quem me traga nada”- e outro responde-lhe “oh pah tu não vai, eu até te dou umas bolachas, ou pago-te um café ou dou-te um cigarro, mas tu hoje não vais” que é para arranjar um maior número não é? E quando assim é, é provável que o castigo da confusão no refeitório é mais atenuado do que se fosse um ou dois apenas e isso também existe.” (ENTR2GEPG).

É de frisar que um dos entrevistados afirmou que o conflito é criado com vista a alcançar um único objetivo, aproveitando o tempo e espaço de refeição para o realizar. Assim, o mesmo refere que:

“sim temos, portanto, alguns em que eles fizeram o levantamento de rancho (recusa de ir à refeição) não ir à refeição até que os objetivos deles sejam atingidos, ou porque não foi dada visita, há algumas raras exceções por causa da comida, mas é muito raro, ou porque a comida não agrada, ou isto ou quilo, mas são sempre meia dúzia que não vão a refeição. Não há provocação de motim, nos grandes não quer dizer que não possa acontecer, mas ali (Guimarães) não é provocado pela refeição, aproveitam sim o espaço e tempo da refeição para o fazer (...)” (ENTR1GEPG).

O conflito, segundo (White & Klein 2002), é algo inevitável entre os grupos sociais, sendo que no caso prisional, os reclusos têm de competir pelos recursos escassos tais como o dinheiro,

o tabaco e a comida, gerando assim um conflito evidente. Em concordância com esta posição Rabelo, Loreto e Luiz (s.d) afirma que o conflito é uma condição normal na sociedade. É normal estar em conflito e não em harmonia numa sociedade, quanto mais numa instituição total como a prisão.

Assim sendo, o pressuposto fundamental é que o conflito é um elemento básico da vida social humana, uma vez que a razão básica para que haja o conflito é que os indivíduos sejam motivados para agirem de acordo com os seus interesses individuais. No caso dos reclusos, estes procuram satisfazer as suas necessidades, as suas metas, os seus recursos (Farrington & Chertok 2002). Podemos verificar que o conflito nas prisões pode sempre trazer elementos positivos e novas formas de superar a condição de isolamento. Se toda interação entre os homens é uma “sociação”, o conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, [...] O conflito contém algo de positivo. Todavia, seus aspetos positivos e negativos estão integrados” Simmel (1983; p. 122-123).

Surgem então no âmbito da conflitualidade, hipóteses produtoras de conflito, abordadas subtilmente ao longo das entrevistas com reclusos e guardas prisionais de ambos os EP’s, como o aproveitamento do espaço do refeitório para provocar o desacato, “as vezes trazem os outros problemas para ali e desafiam e agrava bastante, já houve de um pregar com o tabuleiro e atirar também e há sempre um que vai ceder e arma-se a confusão” (ENTR2GEPG); os lugares à mesa que aparentemente não são reservados/destinados, mas que “pelo respeito” devem ser assegurados àqueles reclusos:

“normalmente quando entramos de novo é que não conhece as regras e chamamos a atenção que já está gente mais velha, e aí eu mudo para não causar confusões...eu já vi os chefes quando estão lá no canto, dizem que não há lugares certos para o pessoal sentar, é o respeito, se os meus colegas me veem ali sempre naquele sítio, já não se sentam, porque aqui é uma cadeia pequena, em grande era diferente, comia-se em qualquer lado” (ENTR3REPG).

No que respeita aos lugares reservados em Paços de Ferreira, a ideia assume-se muito idêntica “não, porque o próprio chefe diz que não há lugares. Há lugares que nos respeitamos, mas a pouco a pouco acabamos por saber que é daquele” (ENTR4REPPF); “Há respeito por aquela pessoa comer naquele lugar e pronto...eu como há 2 anos e tal naquele sítio e chamo a atenção se se sentam naquele lugar” (ENTR5REPPF). Por sua vez, os conflitos também surgem pela quantidade e apresentação da comida servida, sendo mais evidente esta situação no EPPF. Um dos entrevistados diz que:

“é ao nível do confronto entre reclusos que recebem e o que está do lado de lá...estão mais atentos a isso, à quantidade de comida, porque há conflitos entre os reclusos de cá e do lado de lá e pode haver motins e conflitos” (ENTR11REPPF).

De facto, uma vez que são os próprios reclusos a servir a comida neste EP, ao contrário do que se passa no EP de Guimarães onde a comida é servida em *couvets*, os conflitos geram-se quando “sobra e não oferecem e dão também a quem trabalha na copa, e dão a uns e não dão a outros para favorecer.” (ENTR9REPG)

Em suma, como expectável, as razões pelas quais se geram mais conflitos são por produtos não alimentares em ambos os EP's “é mais por outros, às vezes vendem calçado para a droga, vendem tudo” (ENTR7REPG) “ajustes de contas, coisas de tabaco e outras coisas” (ENTR11REPPF).

O estudo empírico revelou que os alimentos também são uma fonte de conflitos na medida em que são usados como moedas de troca.

5.2 - Os alimentos: moeda de troca, roubos e furtos

A falta de comida apetecível na prisão leva à “existência de pedidos para que a família possa trazer alguns alimentos (...)” afirma Gonçalves (2002, p. 195). Neste sentido, aqueles que podem adquirir alimentos de elevada qualidade e quantidade usam-nos frequentemente como condição de troca, levando à criação de um mercado ilícito entre os reclusos. Aos dias de hoje, em ambos os EP's pode observar-se que as moedas de troca já não são os alimentos que vêm de fora, como outrora pois houve uma redução significativa na quantidade de alimentos que entram, mas por produtos não alimentares “quando se tinha muita comida (vinda de fora) vendia-se e trocava-se muita comida e agora há muita troca também roupas e tudo” (ENTR8REPPF) em Guimarães mencionam que, quem “não têm visitas...e há pessoas que têm o seu vício de tabaco e café e então à que vender o iogurte pelo tabaco ou café ou reforço” (ENTR8REPG). O guarda prisional de Guimarães refere que “a comida serve como elo de troca principalmente os iogurtes (dados no EP), o suplemento noturno, o reforço, o tabaco ou a droga” (ENTR2GEPG); “com sobremesas com o reforço eles jogam...por um cigarro ou por um café que como não tenho dinheiro porque não tenho visitas” (ENTR1EPG).

Ou seja, alimento continua a ser utilizado como moeda de troca, porém é mais utilizada a comida que lhes é servida na prisão do que aquela que vem dos seus familiares, uma vez que esta tem vindo a reduzir ao longo do tempo como já foi referido. A roupa e calçado tem vindo a

assumir um papel de maior relevância nas trocas entre reclusos “trocam roupa por roupa, por umas sapatilhas, por algumas calças, às vezes em dinheiro, em comida não.” (ENTR9REPG).

Sendo esta ideia reforçada pelo guarda prisional também “vamo-nos apercebendo que as famílias levam para lá as roupas e vemos que as roupas já estão noutra indivíduo...trocam muito as roupas e se virmos um casaco bom vamos aperceber que o casaco já está noutra indivíduo” (ENTR1GEPG). Uma outra forma de moeda de troca entre os reclusos é utilização do alimento como forma de pagamento pelo trabalho prestado, conforme mencionou o guarda prisional do mesmo EP:

(...) tudo isso serve, há pessoas, que têm indivíduos a trabalhar para eles, mas isto é autêntico [...] nos apercebemo-nos que é assim, e quando nos apercebemos e tomamos medidas porque não é feito a nossa frente, porque há indivíduos que limpam as celas dos outros por algo, fazem-lhe a cama por algo [...] esta a ver? (...)” (ENTR1GPEPG).

Por vezes, a comida é fonte de roubos dentro da prisão. De acordo com Farrington e Chertok (2002), nota-se a estratificação social onde há uma distribuição ou retenção dos recursos de modo desigual, que motiva ou organiza certos comportamentos conflitantes, criando desigualdades estruturais que fomentando oportunidades diferenciadas entre os membros.

De facto, o conflito pode ser produzido quando a refeição do dia não é apetecível dado que a alimentação nas instituições totais tem por base o saudável e, neste sentido, a ementa que se apresenta todas as semanas não será certamente a mais desejada ou a mais saborosa. O conflito não só se desenvolve em torno da escassez de recursos, mas também nas relações existentes de poder, onde os “grandes” criam mercados ilícitos, efetuam roubos, obtêm alimentos que outros não tem fácil acesso pela sua classe social mais baixa (Rabelo, Loreto e Luiz, s.d). De facto, um dos entrevistados, revela que “eles se apanharem saco roubam, roubam nos corredores, se estiver com os outros não roubam nada, mas se estiverem sozinhos roubam” (ENTR12REPG). O guardo do EP de Guimarães refere que relativamente aos roubos:

“nos estabelecimentos grandes, os roubos eles levantam o saco da família e se puderem têm grupos organizados que lhes retiram logo as coisas e têm que ficar calados ...porque se não se disser ou se contar ao guarda vai ser pior para ele...nós vamo-nos apercebendo dessas situações, mas num estabelecimento pequeno isso não existe porque nós temos o controlo muito grande sobre isso, não há forma de não sabermos. Enquanto numa cadeia grande isso escapa, eles entram com medo estão isolados caiem ali e se chegarem dois ou três ali e lhes tirarem o saco eles cedem, em Paços de Ferreira, acontece muito, até roubarem na cantina, sim na cantina, levantam a cantina e depois do deslocamento da cantina até a cela, ou noutras situações não é isto é, nos reclusos que estão menos integrados que estão à pouco

tempo, os que estão à muito tem já têm os grupos organizados e se você cede e entra neles até fica a pertencer ao grupo, se vai-se armar em menino bonito ainda é pior, isso acontece e tive conhecimento nas grande aqui não. (ENTR1GEPG)

Perante o exposto assume-se que os alimentos na prisão servem não só como moeda de troca por outros bens e uma forma de pagamento, como também como potenciador de roubos e furtos dentro da prisão.

5.3- Dádivas e Arrufos

A literatura mostra que alimentação é um elemento gerador de conflitualidades, mas, simultaneamente, geradora de um vínculo social entre reclusos que se pode traduzir em dádivas e na respetiva reciprocidade entre reclusos. Isto é, um presente num sistema de reciprocidades de carácter interpessoal. Sistema que se caracteriza por uma tripla obrigação coletiva de “doar, receber e retribuir” bens simbólicos e materiais (Mass, 2003). Em contrapartida, num sistema prisional, que funciona isolado do mundo como uma micro organização, pode averiguar-se que a teoria sobre os conflitos em sistemas abertos, também se verificam neste sistema contentor, mas ainda mais exponenciados. No tópico 5.1 são expostos os conflitos de viver em reclusão com base em vários autores que abordam as teorias do conflito, onde se deve dar maior ênfase ao trabalho de White e Klein (2002) que colocam os conflitos como a consequência às desigualdades que revela os mecanismos mais primitivos de sobrevivência do ser humano.

No caso em estudo, pode comprovar-se que o fato de outro recluso ter acesso a comida vinda do exterior, e essa realidade contrastar com fraca comida no interior da prisão, esta ativa mecanismos de sobrevivência promotora de conflitos entre eles, que pode representar agressões, furtos, roubos entre outro tipo de conflitos. Em Guimarães, um recluso revela que se “eles apanharem saco roubam, roubam nos corredores, se tiver com os outros não roubam nada, mas se tiver sozinho roubam” (ENTR12REPG), de igual modo em Paços de Ferreira os “reclusos tiram-lhe tudo, quando já estava na mão e tiraram-lhe tudo” (ENTR8REPPF).

Do ponto de vista dos guardas prisionais existem momentos em que “eles (os presos) levantam o saco da família e se puderem, têm grupos organizados que lhe retiram logo as coisas e têm de ficar calados, porque se não, se disser ao guarda vai ser pior para eles” (ENTR1GEPG). Segundo o mesmo guarda estes conflitos manifestam-se com maior frequência e intensidade nos EP de maiores dimensões “em Paços de Ferreira acontece muito até roubam na cantina...os que estão à muito tempo já têm os grupos organizados”.

Denotou-se que ao longo das entrevistas houve um esforço para fazer crer, para este estudo, que em relação às dádivas não existiam conflitos, nem arrufos, mas que no interior da prisão prevalecia um clima de proximidade e partilha entre os reclusos, particularmente no EP de Guimarães, por se sentir “familiar”.

5.4- Proximidades entre reclusos existem

Podemos ainda perspetivar o tempo de refeição como uma oportunidade para interagir com os outros e não como gerador de conflito para pessoas de ambos os EP´s Guimarães e Paços de Ferreira, “a alimentação traz mais proximidade... temos a nossa comida de fora, aí vamos ao bar compramos 3 ou 4 cervejas sem álcool e na cela comemos 1 presuntinho, salpicão e comemos na cela” (ENTR9EPG).

Nesta perspetiva, assume-se a alimentação como forma de partilhar a dádiva alimentar vinda do exterior, com os seus colegas de cela/prisão, de modo a impressionar a direção interna prisional, de forma a evitar problemas, preservando os seus direitos e promovendo recompensas por parte dos serviços prisionais, como recompensas emocionais e materiais (Comfort, 2008), reforçando-o pela visão do Guarda Prisional de Guimarães que refere que:

“recebem os sacos e eles juntam-se na cela e vão comemorar com a comida, como nós cá fora brindamos com a bebida, eles fazem isso com a comida...como quando entra um bocado de presunto, eles chamam os colegas, e dizem ai este foi a minha mãe que trouxe la da terra...eles chamam aqueles amigos, alguns até têm visitas, mas são do grupo e até oferecem a nós guardas... ta a ver aquela coisa...é um tipo de comemoração com a comida” (ENTR1GEPG).

Assim sendo a dádiva alimentar, vem associada à ação social entre reclusos, à ajuda, à reciprocidade, que são atitudes necessárias para resistir e suportar o tempo da pena “sim porque ajuda muito os que não têm posses” (ENTR4REPPF). As dádivas alimentares dos familiares e amigos podem constituir objeto de trocas entre os reclusos, desencadeando uma relação de proximidade, criando um vínculo social que ocorre nas práticas e dinâmicas alimentares prisionais, as materiais segundo Caillé (2000). Um dos entrevistados salienta que: “Sim porque trocamos comida e partilhamos quando vem de fora” (ENTR8REPPF). Mas também, nas relações interpessoais tais como os sorrisos, a gentileza, as palavras, a hospitalidade, os favores, entreajuda gratuitas que ligam e aproximam os indivíduos (Martins, 2005) como reforçam principalmente os reclusos entrevistados no EPG :- “Se eu estou a dar o meu reforço, eu estou a criar um laço de

amizade” (ENTR4REPG); -“Por exemplo o que trago do lado de fora o meu parceiro está à vontade para comer, jamais negaria alguma coisa” (ENTR6REPG).

Estudar a proximidade entre os reclusos através da alimentação é tocar num dos caminhos a percorrer na esfera prisional para chegar à coesão social deste grupo prisional. A partilha alimentar entre os indivíduos traduz-se numa das formas que promovem a coesão social do grupo prisional, pela reciprocidade na partilha das dádivas do exterior pelos familiares, no convívio em volta da alimentação com estas, na consciência coletiva efetivada pela solidariedade entre os reclusos diminuindo desta forma as dores prisionais, as ausências de humanidade, a “mortificação do eu” (Goffman 1961b).

Deste modo, assume-se a coesão social, através da criação de laços sociais, importa referenciar Simmel (1998, p. 130) pela oportunidade de sociabilidade, que destaca “o imensurável significado sociológico da refeição”, e assume quem está “dentro” ou “fora” dos vários grupos, bem como Émile Durkheim (1859-1917), dando conta dos fatores que unem os indivíduos numa sociedade e que geram um sentimento de solidariedade entre aqueles que realizam as mesmas funções, neste caso concreto que habitam e partilham o ar prisional.

Esta coesão social que repousa na interação ou relação com o outro, nas relações duais, que permitem detetar a razão e o modo de formação dos laços sociais entre os grupos e no seio dos grupos sociais. “ou seja, a análise das relações entre grupos sociais far-se-á pelo modo como os indivíduos se relacionam entre si começar pelas relações didáticas, a qual acentuam relações duais fortes [...] Silva (2009, p. 26).

Para além disso, essa proximidade pode ser vista pela abertura que os reclusos já presentes poderão dar aos entrados no descobrimento da “subcultura prisional”.

A coesão de um grupo depende do modo como se relaciona com o exterior. Uma forma interessante para medir o grau de fechamento ou de abertura duma sociedade reside no modo com os autóctones se relacionam com os forasteiros, os estrangeiros [...] entabula uma interação com o estrangeiro, ainda que tal possa parecer estranho, tal facilita a sua entrada na coletividade, provocando assim a abertura desta. O estrangeiro sente-se e é sentido como mero estranho, começando a ser reveladas não tanto as suas diferenças, mas mais ainda as suas semelhanças e a partir daí, a ser integrado na coletividade ou grupo de acolhimento. Silva (2009, p. 26)

Estas proximidades podem ser explicadas na esteira do interacionismo simbólico Goffman (1988), proximidade e distância, a instituição total, o estigma, a rotulagem, cujo impacto é visível na identidade dos indivíduos em reclusão, levando a adoção de estratégias de gestão da identidade

“apesar do estatuto de preso que tens” (ENTR4REPG), assumindo simbolismo positivo às formas alimentares características dos meios prisionais.

Não só aproxima os reclusos entre si, como também aproxima a direção prisional dos reclusos, visando de um lado o cumprimento da sua pena da melhor forma possível, visando a paz e a coesão institucional. Como assinala Xiberras, “a comunidade dilui-se à medida que o grupo de semelhantes se alarga (1993, p. 71).

A alimentação institucional pode criar sociabilidades, laços entre os reclusos, promovendo relações de proximidade e trazer harmonia ao estabelecimento prisional. Estudar a alimentação nas prisões pode contribuir para compreender não só as dinâmicas dos conflitos entre reclusos, mas também as relações de proximidade.

5.5- Desigualdades Camufladas: É bom ter padrinhos

Torna-se imperativo analisar a alimentação como geradora de desigualdades sociais na prisão. Quando falamos em desigualdades devemos referenciar as principais perspetivas analíticas como:

- Durkheim (1977): Teoria social estruturalista, onde as desigualdades são efeitos da divisão do trabalho;
- Parsons, Davis e Moore (1967): Teoria Liberal- Estratificação Social, onde todas as sociedades são diferenciadas, estratificadas e hierarquizadas e
- Marx e Engels (1998): a desigualdade social estrutural e os modos de produção.

Ora, sendo assim, pode constatar-se os mesmos tipos de desigualdades no interior das prisões: em torno da alimentação da própria prisão, alimentação vinda do exterior, por dinheiro para comprar alimentos apetecíveis ou produtos para troca e ainda pelos benefícios obtidos por alguns trabalhos realizados no interior da prisão.

Quanto à alimentação da própria prisão pode analisar-se com as entrevistas efetuadas que no EP de Guimarães, tendo em conta que a comida vem em cuvetes e que por isso é tudo padronizado, é relatado por um recluso que “é para todos igual, não há favorecidos na parte da comida” (ENTR3REPG) e os guardas têm a mesma visão sobre o tema pois “é tudo igual ao nível da refeição...temos que ser imparciais porque depois vai-nos criar problemas lá dentro...não é por me dar bem com aquele ou com outro qualquer que vou facilitar” (ENTR1GEPG).

Em contrapartida, no EP de Paços de Ferreira como foi visto nos tópicos anteriores, a comida é confeccionada na própria prisão, o que abre uma janela de oportunidade para a existência de desigualdades. Os reclusos indicam que existe desigualdades na quantidade de comida dada a cada um “mediante os conhecimentos...é pelo interesse como é o caso de um levar duas fêveras com o arroz por cima de uma e outros só terem direito a uma...é o caso de muitos aqui dentro é pelo conhecimento” (ENTR4REPPF), os guardas prisionais também se vão apercebendo deste fenómeno “que determinado recluso que está na linha tem uma atitude diferente com determinados reclusos ele é retirado da linha...ele tem que ser igual para todos...ele sabe o que é que tem de fazer sobre as quantidades e não tem de dar nem de mais, nem de menos, é igual para todos” (ENTR2GEPPF).

No que diz respeito à alimentação vinda exterior, os entrevistados revelam existir desigualdades em ambos os EP's tendo por base a visão dos reclusos, “há dias que deixam entrar e passado 8 dias já é diferente de chefia para chefia. Já me aconteceu eu chegar a uma cela e um amigo tinha salsichas que eu gosto, pedi e a minha mulher chegou ali e não entrou...tem de ir para trás e levam embora e depois?” (ENTR2REPG) o que segundo os próprios, apesar de não concordarem, é visto como “normal, porque não são os mesmos guardas que estão na portaria, para uns entra uma coisa para outros entra outra e às vezes criam-se conflitos” (ENTR5REPG).

No EP de Paços de Ferreira é referido que “é em toda a parte, ou dão informação ao chefe que está de serviço ou conhece o chefe, ou simpatiza com algum recluso ou tem os padrinhos” (ENTR2REPPF) o que é encarado pelos reclusos como um jogo de oportunidades em que “não se deve fazer barulho porque pode mais tarde entrar” (ENTR4REPPF) ou como forma de intimidação em que “aqui há um grupo da guarda vestida, e até os guardas têm medo, e aqui entra tudo” (ENTR3REPPF).

No ponto de vista dos guardas prisionais, eles consideram que têm “de ser rígidos e saber estar porque se não depois ficamos mal” (ENTR1GEPPG) no entanto revelam que “as famílias que têm mais posses levam mais comida” (ENTR2GEPPG). É assumido por estes que “pode haver uma equipa que esteja lá que deixe entrar mais 100gramas ou 200gramas e outra que arrisque 1kg, mas não há possibilidade de no mesmo dia entrar 1kg para um e para outro mais...em fins de semana diferentes é possível” (ENTR1GEPPF) pois os profissionais escalados são diferentes ao longo dos diferentes fins de semana e além disso existem, como em todas instituições “bons e maus profissionais e se calhar além de serem maus profissionais são porreiros e o porreirismo

por vezes leva que as pessoas façam coisas e deixem de executar aquilo que está determinado” (ENTR2GEPPF).

Por sua vez, as desigualdades pelo dinheiro para comprar alimentos ou a existência de produtos para troca é semelhante nos dois EP's em que existem reclusos que assumem que “eu próprio compro tabaco para trocar por iogurtes” (ENTR9REPPF) e “de vez em quando aparece isso, compram e trocam comida por tabaco ou roupa ou um cigarro por roupa” (ENTR1REPG). Ou seja, segundo os reclusos “se tiver dinheiro tem tudo, cada um tem a sua comida, os meninos bonitos dos chefes claro, é que entra tudo, dos afilhados” (ENTR9REPPF) e quando “sentem algum dinheiro os chefes vendem-se e fecham os olhos. E o que deveria ser para uns seria para todos...isto aqui é cada filme” (ENTR12REPPF).

Os guardas, apesar de ser uma prática proibida dentro da prisão, assumem que existem reclusos “que têm indivíduos a trabalhar para eles que limpam as celas dos outros por algo, fazem a cama por algo...é proibido, mas acontece, nós apercebemo-nos e tomamos medidas” (ENTR1GEPG). Em última instância pode analisar-se casos de corrupção dentro da prisão ou do interior desta para fora, que acentuam ainda mais as desigualdades entre reclusos, em que “eles têm aqui negócios com os familiares, aí ele tem lá fora uma oficina, vou levar lá o meu carro e não pago nada (guardas/familiares de reclusos negociam dentro e fora da prisão)” (ENTR10REPPF) beneficiando os afilhados no interior da prisão.

Por último, a função exercida pelos reclusos no interior dos EP's pode ser utilizada como uma vantagem na obtenção de regalias para si ou para o grupo.

Uma vez que, o estudo incide sobre a alimentação e a cantina, foi possível observar que aqueles que desempenham funções relacionadas com a preparação, confeção e distribuição da refeição conseguem privilégios que não estão ao alcance de muitos dos outros reclusos.

Como já foi referido anteriormente, a forma de distribuição da comida não é igual nos dois EP's o que provoca inevitavelmente desigualdades diferentes. Em Guimarães, uma vez que, não existe confeção os reclusos afirmam que “há chatices porque as mulheres da cozinha têm tanto no tabuleiro e não dão mais e no fim sobra e não oferecem e dão também a quem trabalha na copa e não dão a uns e dão a outros para favorecer” (ENTR9REPG).

Estas desigualdades são corroboradas pelos guardas prisionais. Um dos testemunhos refere que:

“os que estão lá retiram sempre algum proveito disso, ou pedem à senhora para deixar mais disto ou daquilo, ou para guardar a melhor parte para eles, tentam tirar

algum benefício do lugar que ocupam, tem sempre fruta em abundancia porque o que sobra fica com eles, e lá está negociam com os outros porque tem acesso a coisas e sempre assim foi...mas por exemplo quem tem visitas não interessa, mas para quem não tem visitas é um local muito desejado, eles adoram estar lá, eles como não têm visitas levam pacotes de leite...os outros não querem trabalhar, não têm necessidade” (ENTR1GEPG).

No caso do EP de Paços de Ferreira, a comida é confeccionada e distribuída no local, observa-se desigualdades mais acentuadas e de diversas formas. Um dos testemunhos diz que: “na cozinha dão cartões de cabines e onças e em troca comem a semana toda bem ou têm alimentos e fazem nas celas” (ENTR10REPPF).

Os reclusos perpetuam estas desigualdades quando se encontram em posições de vantagem, no caso daqueles que servem a comida muitas vezes, não conseguem seguir rigorosamente a sua função por descuido ou para benefício de terceiros. Os reclusos revelam que os conflitos existem “só com os da cozinha, há com os que servem e com os que vão comer...é sobre a quantidade que metem no prato” (ENTR10REPPF). Estas situações são afirmadas pelos reclusos que “o que recebe mais é o que esta todos os dias a servir, ganha mais, serve a concha de arroz e empurra não levanta” (ENTR4REPPF) e “se se der a quem lá trabalha dinheiro levam o prato com mais fêveras ou arroz e lá se safam” (ENTR8REPPF).

Assumindo das diferentes desigualdades criadas em ambos os EP's em torno da alimentação da própria prisão: alimentação vinda do exterior, por dinheiro para comprar alimentos apetecíveis ou produtos para troca e ainda pelos benefícios obtidos por alguns trabalhos realizados no interior da prisão, apercebemo-nos de como o ser humano privado de diversas liberdades, mostra-se tão frágil e vulnerável, ao ponto de algo tão básico, mas fulcral em meio prisional, servir para contornar o sistema de dentro para fora e vice versa, com vista à satisfação de uma das necessidades mais básicas, como o alimentar-se, o comer.

São imensas as liberdades que são travadas e cortadas no meio prisional, como a privação de certos alimentos, pratos e sabores. Na prisão, como na sociedade global, a ausência é geradora de oportunidades lícitas e ilícitas, e os EP's são o reflexo disso por excelência. Esta instituição mostra-se como uma estrutura desumanizada, ferro e betão, criando dimensões de maior vulnerabilidade nos indivíduos que sendo compreendidas pelos guardas prisionais e outros reclusos afirmam-se como terra fértil de manipulação e jogo para o alcance de objetivos próprios, intra e extramuros, de perpetuação da desumanidade.

Conclusão

No final desta dissertação académica é possível levar a cabo algumas considerações sobre a alimentação nas prisões. O estudo previa que se refletisse a forma como os sistemas prisionais estão organizados no que diz respeito à alimentação, tendo por base os estabelecimentos prisionais de Guimarães e Paços de Ferreira e que atitudes e comportamentos despoletava nos reclusos.

Como já referido, a alimentação tem sido tema de diversos estudos, por ser uma das necessidades mais elementares da vida, o que permite que se aprofunde sobre questões biológicas, antropológicas, históricas e até de ponto de vista da estratificação social. Maslow, AH (1943) na sua pirâmide das necessidades coloca a comida na base desta, por ser fundamental para todos os indivíduos, que, no entanto, não se esgota em si mesma formando um sistema dinâmico de busca pela supressão das necessidades. Se assim é na sociedade civil e em meio natural de vida, maior relevância tem em instituições totalitárias, em que o ato de comer se torna mais que fisiológico, mas interpessoal e social.

Deste modo, fez-se a recolha de dados, através de entrevistas semiestruturadas a 12 reclusos de ambas as prisões, a guardas prisionais e um técnico responsável pelo setor da alimentação (em Paços de Ferreira), cujos objetivos incidiam sobre as atitudes dos reclusos perante a comida nas duas prisões e as dinâmicas das práticas alimentares nestas “instituições totais”, incluindo os possíveis conflitos, as desigualdades e as diferenças que se geram nos momentos alimentares coletivos e individuais, variando consoante as classes sociais, as relações familiares/amigáveis e as possíveis relações de proximidade entre os reclusos.

Importa destacar que os dois EP's são substancialmente diferentes, quer na dimensão, quer na tipologia de crimes cometidos pela população prisional, quer ainda pela forma como a comida é preparada, confeccionada e distribuída.

Observou-se que, de uma forma direta, as penas aplicadas no EP de Paços de Ferreira são mais longas e com crimes com maior grau de gravidade do que no EP de Guimarães. De forma indireta, constatou-se uma maior aproximação dos reclusos no estabelecimento prisional de Guimarães, sendo descrito pelos reclusos como um espaço familiar onde se estabelece relações sociais de proximidade entre eles.

No que respeita às características do Espaço Social Alimentar em ambas as prisões foram notórias a semelhança entre ambos, no que respeita às temporalidades e quanto ao cumprimento

do serviço das refeições. O EPG apresenta o tempo de refeição de 30 minutos, sendo o mesmo no EPPF de 45 minutos, diferença criada pelo número de reclusos presentes no EPPF. No que respeita às refeições também em ambos os EP's, são feitas em turnos únicos e de forma livre, apresentando ambos os EP's pela visão dos reclusos debilidades na variedade apresentada dos pratos, na repetição constante dos hidratos de carbono e no que respeita aos aspetos nutricionais, quanto ao cumprimento de dietas e restrições alimentares dos mesmos.

A análise do nível de satisfação com a comida na prisão é superior no EP de Guimarães do no EP de Paços de Ferreira. No primeiro estabelecimento, os reclusos sentem uma maior justiça em relação às refeições servidas em *cuvetes*. Esta simples alteração induz nos reclusos um sentimento de igualdade nas quantidades, confiança na higiene e nas possíveis ameaças ou retaliações que estas pudessem servir como meio. O facto de a comida já vir previamente servida em *cuvetes* é positivo para o funcionamento de um EP. Em contrapartida, no EP de Paço de Ferreira, a comida sendo servida pelos reclusos, é usada, muitas vezes, como recompensa ou pagamentos de favores entre reclusos.

Apesar dos reclusos no EP Guimarães considerarem um melhor método de servir as refeições, apontam aspetos negativos em relação às condições de transporte, ao acondicionamento da comida, à comida vir muitas vezes fria e ainda pouco condimentada. Existe um sentimento generalizado entre os reclusos de que a comida não é excelente.

O nosso estudo incidiu ainda nas conflitualidades, desigualdades e proximidades em relação à alimentação servida intramuros e às dádivas alimentares vindas do exterior pelos familiares. As desigualdades dentro dos EP's podem manifestar-se de diferentes formas: a quantidade de comida que é dada a cada recluso; os benefícios/recompensas que os reclusos da cozinha têm sobre os outros; a comida que entra do exterior cujo critério não é rigorosamente cumprido para todos, em função da equipa de guardas. Em última análise, são levantadas duas suspeições que se assumem como potenciadoras de desigualdades, isto é, o pagamento por parte da empresa aos reclusos da cozinha com a finalidade de diminuir as quantidades de alimentos servidos e o favorecimento mútuo entre guardas prisionais e respetivos familiares e os reclusos.

A nossa investigação revelou que os conflitos relacionados com a alimentação surgem na sua grande maioria por consequência de algumas das desigualdades entre os reclusos. O espaço alimentar da cantina, sendo um local de uma maior concentração de reclusos, é um lugar privilegiado para gerar conflitos com incidência no interior do EP. As desigualdades devem de ser

combatidas dentro destas instituições. As conflitualidades são vistas em grande parte como consequência das desigualdades.

As proximidades dentro dos EP's manifestam-se na partilha do alimento que vem do exterior e na sociabilização desse momento, como tinha sido anteriormente proposto por outros investigadores. O estudo reforça a existência de proximidades como caminho da humanização presente num contexto desumano. As desigualdades devem de ser combatidas dentro destas instituições, a começar pelo direito a garantir que sejam os funcionários e não os reclusos a controlar as porções de comida (Direitos Humanos e Prisões, sd. pp. 39), passando pelo controlo das empresas que pagam aos reclusos para servir menos quantidade; o controlo dos furtos dos alimentos da cozinha, terminando na utilidade das práticas prisionais vivenciadas pelos reclusos com vista à reinserção prisional.

A Alimentação dentro das prisões, deve ser o meio para possibilitar maior humanização nas prisões, acautelando o direito, de modo adequado da mesma, na sua disponibilidade e fornecimento, com vista a promover a transformação do ser humano de dentro para fora, criando humanos, cidadão, pessoas prontas para viver e não sobreviver, conceito tão característico do meio prisional. Para tal, a educação não formal assume uma parte fundamental da transformação do "EU" e por isso, importa que o tempo que se cumpre a pena prisional, os reclusos possam estudar e trabalhar, diminuindo o tempo de ócio, facilitando a sua reinserção social na comunidade. Assim, a alimentação não pode ser reduzidas às práticas comerciais e industriais da culinária prisional, deve assumir-se a pertinência nas práticas prisionais, como a atividade nas hortas para colmatar os défices nutricionais e emocionais da comida industrial, como se tem verificado já em algumas prisões portuguesas nos dias de hoje, como EP Leiria e EP Torres Novas.

Não quer isto dizer, que se aboliria a presença de uma empresa na área alimentar, mas sim, a concretização de estabelecimentos prisionais de dimensões reduzidas, modelo familiar, como o EPG, onde as vivências prisionais são mais mediadas e supervisionadas pelos Guardas Prisionais, com a aplicação de medidas e projetos no âmbito alimentar, a ser implementados de acordo com área útil do mesmo, com vista a melhorar a alimentação, a saúde física e mental dos reclusos, promovendo a agricultura biológica, como produção de autoconsumo e para outros EP's, onde o excedente poderia ser vendido na comunidade ou doado para o banco alimentar, abastecendo Lares Séniores, Casas de Acolhimento Residencial e a própria Comunidade.

Este estudo apresentou algumas fragilidades que abrem assim espaço a novas investigações dentro do tema das emoções e sentimentos relacionados com a alimentação. Neste caso foi possível ter-se uma percepção subtil, retiradas de alguns comentários feitos pelos entrevistados que, no entanto, não são suficientes para apreender o nível de satisfação com a alimentação.

Todavia, o nosso estudo qualitativo poderá contribuir para uma investigação que perspetive uma abordagem quantitativa e que evidencie que tipo de sistema alimentar (confeccionado na prisão ou comida vinda de fora) promove maiores desigualdades; sobre a postura dos reclusos em relação à alimentação, tendo em conta a percepção de justiça ou injustiça do sistema.

Pode ainda se perspetiva uma outra investigação, que capte o impacto que a produção hortícola dos EP's que a promovem, tem na vida dos reclusos e consequentemente na comunidade envolvente, com vista à reinserção social.

Bibliografia

- APFELDORFER, G., (1993). *Como logo existo – excesso de peso e perturbações do comportamento alimentar* (2nd. Ed.). Lisboa: Instituto Piaget;
- AGUIAR, O. B. D., & Padrão, S. M., (2022). Direito humano à alimentação adequada: fome, desigualdade e pobreza como obstáculos para garantir direitos sociais. *Serviço Social & Sociedade*, 121-139;
- BATISTA, F. M., *Direito à alimentação. Rev. Bras. Saude Mater. Infant.* [online]. 2010, vol.10, n.2, pp. 153-154;
- BITSAS, C., (2004). *The Role of Nutrients in Reducing Aggression, Violence and Criminal Behavior.* Corrections Today. April, pp.110-115;
- BOURDIEU, P., (1979). *La distinction: Critique Sociale du Jugement.* Paris: Minuit.
- BRISMAN, A., (2013). *Fair Fare?: Food as Contested Terrain in US Prisons and Jails.* Southern Foodways and Culture: Local Considerations and Beyond. Proceedings of the Southern. In Anthropological Society, 2007, 41, 67-146;
- CAILLÉ, A., (2002). *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma.* Petrópolis: Vozes;
- COMFORT, M., (2008). *Doing Time Together: Forging love and Family in the Shadow of the Prison.* Chicago: The University of Chicago Press;
- CUNHA, M. I. P. da., (1994). Malhas que a reclusão tece: Questões de identidade numa prisão feminina, Lisboa, Cadernos do CEJ, 2/92;
- CUNHA, M. I. P. da., (2018). *Comida, comensalidade e reclusão: sentidos do que se (não) come, como e com quem numa prisão portuguesa.* Trabalhos de Antropologia e Etnologia
- DAWSON, L., (2006). *Wise up!: How to be fearless and fulfilled in midlife.* Auckland. New Zealand: Random House New Zealand;
- EAGLETON, T. (1998). EDIBLE ECRITURE. Consuming Passions: Food in the Age of Anxiety. 203-207. Manchester. Mandolin;
- ELIAS, N., [1989 [1939]. *O Processo Civilizacional.* 2 vols. Lisboa: D. Quixote;
- FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION (FAO). (2014). *O direito humano à alimentação adequada no marco estratégico global para a segurança alimentar e nutricional: consenso global;*
- FARRINGTON, K., & CHERTOK, E., (2002). *Social conflict theories of the family.* In P.G. Boss, W. J: (2002). *A contextual approach.* New York: Plenum, pp. 357-38;

- GABBETT, T. JENKINS, D., & ABERNETHY, B., (2010). Physical collisions and injury during professional rugby league skills training. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 13 (6), pp. 578-583;
- GEARHART, G., (2006). *Controlling Contraband. Corrections Today*, 68. (6), pp.24-29;
- GODDERIS. R., (2006). *Dinning in: The Symbolic Power of Food in Prision*. The Howard Journal, 45 3ªed. pp. 255-267;
- GODDERIS. R., (2006). Food for Thought: An Analysis of Power and Identity in Prision Food Narratives. Berkeley. *Journal of Sociology*. 50, pp.50-75;
- GOFFMAN, E., (1992). *Manicômios, prisões e conventos*. 4ªed. São Paulo: Perspectiva;
- GONÇALVES, F., (2002). *Delinquência Crime e Adaptação à Prisão*. 4ªed. Coimbra: Quarteto;
- GUZMAN, L., (1984). *Manual de Ciência Penitenciária*. Caracas. Madrid: Edersa;
- JOHNSON. R., AND LARSON.D., (1998). The Faith Factor. *Corrections Today*, 60 (3), pp.106;
- LAURANCE. J., (2008) Prison Study to Investigate Link Between Junk Food and Violence. The Independent/UK;
- LÉVI- STRAUSS, C., (1950). C. *Introducion à L'oeuvre de Marcel Mauss*. In *Mauss M. Sociologie et anthropologie*. Paris: Press Universitaire de France; pp. 220;
- LÉVI- STRAUSS, C., (1967). *O método estruturalista*. In: Lévi-strauss, C. (Org.); tradução de Escolar, C. H, Rio de Janeiro: Zahar Editores;
- LOVE, C. T., AND PEASE. S.E., (1987). The reduction of behaviour problems in throught modification of prision inmate diet: fact or fiction? *Food Tecnhnology in Australia*, 39 (3). Pp. 6-11;
- MAJOR, M. J., & VIEIRA, R., (2017). *Contabilidade e controlo de gestão: teoria, metodologia e prática*, 2ª ed. *Escolar Editora*;
- MARTINS, P., (2005) *A Sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, Simbolismo e Associação*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 73, dezembro, pp. 45-66.
- MASCARENHAS, P., (1998). *Práticas Alimentares numa Instituição de Solidariedade Social: A Fundação D. Pedro IV*. Dissertação para efeito da prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, pela Universidade do Minho, Braga;
- MASCARENHAS, M. P., (2007). *A Cultura Alimentar nos Grupos Domésticos: Cascais 1960-2005*, Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho, edição em CD-ROM.

- MASCARENHAS, M. P., (2012). Alimentação em Tempos Sociais em Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas. In Emília Araújo & Eduardo Duque (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais);
- MATE.N., (2008). What is Prison Food Really Like? A Review of the New, Post-National Menu Fare;
- MAUSS, M., (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify;
- MINAYO, M.C.S., *Análise Qualitativa: Teoria, Passos e Fidedignidade*. Cien Saúde Colet. Consultado em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/analise-qualitativa-teoria-passos-e-fidedignidade/8357?id=8357> a 05/12/2023;
- MCKINNEY, C., & SMITH, N. (2005). *Te Tiriti o Waitangi or The Treaty of Waitangi: What is the difference?* In D. Wepa (Ed.), Cultural safety in Aot;
- PALMER, F., (2007). *Treaty principles and Maori sport: Contemporary issues*. In C. Collins & S. Jackson (Eds.), *Sport in Aotearoa*, New Zealand society 2nd ed., pp. 307-334. South Melbourne, Australia: Thomson;
- PARSONS, J.M., (2020). *Reservar tempo para comer quando 'cumprir hora'; como os prisioneiros com status melhorado combatem a indignidade das práticas alimentares nas prisões*. *Apetite*, pp.146, 104507;
- POULAIN, J. P., PROENÇA, R., (2003). *O espaço social alimentar: Um instrumento para o estudo dos modelos alimentares*, *Revista da Nutrição*, pp. 252;
- PROVIDOR, J., (2003) *III Relatório sobre o Sistema Prisional. As nossas Prisões. Provedoria da Justiça* Divisão de Documentação. Consultado em www.provedor-jus.pt/site/public/.../doc/AsNossas_Prisoes_IIIRelatorio.pdf a 1 de junho de 2022;
- RABELO, L.; LORETO, M. & LUIZ. G., (s.d); *Pensão Alimentícia: Uma abordagem sob a ótica da Teoria do Conflito*. Consultado em www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1_38.pdf a 1 de junho de 2022;
- REIS, F. D., (2022). *Investigação científica e trabalhos académicos-guia prático*, 2ª ed; *Edições Sílabo*;
- RUDNICKI, D., & PASSOS, G., (2012). *Alimentação das Presas na penitenciária Feminina Madre Pelletier em Tempo de Ciência: Revista de Ciências Sociais e Humanas/Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIOESTE*, Campus de Toledo, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, vol. 19, no 37, pp. 107- 123;

- Schutz A., (1967) *The Phenomenology of the social world*. Translation G. Walsh and F. Lehnert. Evanston: Northwestern University Press;
- SIMMEL, G., (1983). A natureza sociológica do conflito. In: E. Morais (Org.). *Simmel- sociologia*. São Paulo: Editora Ática;
- SIMMEL, G., (1998). *Estética e sociologia*. Tradução S.C. Maldonado. Política e Trabalho (14 de setembro): PPGS/UFPB, 1998;
- SMITH, D. J., (1997). *Ethnic Origins, Crime and Criminal Justice*, in M. Maguire, R. Morgan e R. Reiner, *The Oxford Handbook of Criminology*, Oxford, Clarendon Press;
- SMITH.C., (2002). *Punishment and Pleasure: Women, Food and the Imprisoned Body*. The Editorial Board of the Sociological Review. pp. 197-214. Blackwell Publishers;
- SOUSA, L. M., P. D., (2019). *O direito humano à alimentação adequada de mulheres no sistema prisional da Paraíba* (Master's thesis, Brasil);
- SPREY, J., (1971). *On the management of conflict in families*. pp. 722-731. *Journal of Marriage and the Family*;
- THOMPSON, A., (2002). *A Questão Penitenciária*. Rio de Janeiro: Forense, pp.148;
- THOMPSON, C., (2010). *Facebook: Cautionary tales for nurses*. Kai Tiaki. 16(7), pp. 26 *Nursing New Zealand*;
- TORRES, A., (2001). *Sociologia do Casamento: A família e a questão feminina*. Oeiras: Celta Editores;
- Valentine.G., AND LONGSTAFF.B., (1998). *Doing Porridge. Food and Social Relations in a Male Prison*. 3(6). pp. 131-152. *Journal of Material Cultura*;
- VILELAS, J., (2009). *Investigação. O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: *Edições Sílabo*;
- WACQUANT, L., (2000). *As prisões da Miséria*, Oeiras, Celta;
- WACQUANT, L., (2021b). *Punir os pobres. A nova geração da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos Editora;
- WATSON, R., MCKENNA, H., COWMAN, S., & KEADY, K. (Eds.). (2008). *Nursing research: Designs and methods*. Edinburgh, Scotland: Churchill Livingstone Elsevier.
- WEBER, M., (2012). *Economia e sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. 4. ed. Brasília: Ed. UnB, 2012, v. 1;
- WHITNEY, E., & ROLFES, S. (2011). *Understanding nutrition* 12th ed. Australia: Wadsworth Cengage Learning;

- WHITE, M., & KLEIN, D., (2002). *Family theories*. 2a ed. London: Library of Congress Cataloging-in publication;
- WILSON, T., (2011). *Role of food and the challenges it poses for correctional management*;
- Williams. P.G., Walton. K., Ainsworth. N., and Witz. C. (2008) Faculty of Health and Behavioural Science Papers. *Eating Inside: Food Service Experiences in three Australian Prisons*. University of Wollongong;
- Yin, R. K. (2014). *Case study research*. Sage Publications.

Documentos Digitais Consultados

CF. Artigo 40.º, 1. Do Código Penal, sobre “Finalidades da pena e das medidas de segurança”.

Disponível em URL: <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675-49681175>

CÓDIGO DE EXECUÇÃO DAS PENAS - Lei n.º 115/2009 de 12 de Outubro (citado em a 20 de junho de 2021). Disponível em URL:

https://www.pgdliisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1147&tabela=leis

Parsons, J.M. (2020). Making time for food when ‘doing time’; how enhanced status prisoners counter the indignity of prison foodways. *Appetite*, 146, 104507.

Disponível em URL: <http://hdl.handle.net/10026.1/15767>

PROVEDOR, J. (2003) III Relatório sobre o Sistema Prisional. As Nossas Prisões. Provedoria da Justiça – Divisão de Documentação (Citado a 6 de maio de 2022). Disponível em

URL: http://www.provedor-jus.pt/archive/doc/AsNossas_Prisoes_IIIRelatorio.pdf

RABELO, I.; LORETO, M. & LUIZ, G. (s.d). Pensão Alimentícia: Uma Abordagem sob a Ótica da Teoria do Conflito, (citado em 1 junho de 2022). Disponível em URL:

http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_38.pdf

Anexos

Anexo I

Esclarecimento relativamente ao âmbito da Investigação Estabelecimento prisional de Paços de Ferreira



Universidade do Minho

Instituto de Ciência Sociais

Estudo Sobre

Alimentação nas Prisões: Conflitualidades, Desigualdades e proximidades entre reclusos

No âmbito deste estudo, pretende-se avaliar os conflitos, as desigualdades e diferenças relacionados com a alimentação nas prisões. Visa-se mais especificamente neste estudo, compreender o sistema alimentar, os conflitos, as desigualdades e as diferenças entre os reclusos em torno da alimentação e captar as perceções que os reclusos têm sobre a sua alimentação e sobre os possíveis conflitos, desigualdades e diferenças.

Com os resultados alcançados, espera-se perceber as dinâmicas das práticas alimentares nas instituições totais e os conflitos, as desigualdades e as diferenças que possam ocorrer no quotidiano dos reclusos, sendo que estes variam de acordo com as classes sociais, as relações familiares/ amigáveis e possíveis relações de proximidade entre reclusos.

Neste sentido pedimos que participe neste estudo. Toda a informação que nos fornecer é anónima e a participação é voluntária. Tendo o direito de desistir a qualquer momento, sem que isso possa resultar em qualquer prejuízo para si.

Com os melhores cumprimentos e sempre disponível para quaisquer esclarecimentos sobre a investigação que possam surgir,

Investigadora responsável

(Carolina Freitas)

Paços de Ferreira, ____/____/____

Anexo II

Esclarecimento relativamente ao âmbito da Investigação Estabelecimento prisional de Guimarães



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Estudo sobre

Alimentação nas Prisões: Conflitualidades, Desigualdades e proximidades entre reclusos

No âmbito deste estudo, pretende-se avaliar os conflitos, as desigualdades e diferenças relacionados com a alimentação nas prisões. Visa-se mais especificamente neste estudo, compreender o sistema alimentar, os conflitos, as desigualdades e as diferenças entre os reclusos em torno da alimentação e captar as perceções que os reclusos têm sobre a sua alimentação e sobre os possíveis conflitos, desigualdades e diferenças.

Com os resultados alcançados, espera-se perceber as dinâmicas das práticas alimentares nas instituições totais e os conflitos, as desigualdades e as diferenças que possam ocorrer no quotidiano dos reclusos, sendo que estes variam de acordo com as classes sociais, as relações familiares/ amigáveis e possíveis relações de proximidade entre reclusos.

Neste sentido pedimos que participe neste estudo. Toda a informação que nos fornecer é anónima e a participação é voluntária. Tendo o direito de desistir a qualquer momento, sem que isso possa resultar em qualquer prejuízo para si.

Com os melhores cumprimentos e sempre disponível para quaisquer esclarecimentos sobre a investigação que possam surgir,

Investigadora responsável
(Carolina Freitas)

Guimarães, ____/____/____

Anexo III

Consentimento Informado de Guimarães e Paços de Ferreira



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Estudo Sobre

Alimentação nas Prisões: Conflitualidades, Desigualdades e proximidades entre reclusos

Eu, abaixo assinado, declaro que consinto participar no estudo sobre *Alimentação nas Prisões: Conflitualidades, Desigualdades e proximidades entre reclusos* para o qual me foi solicitada a minha colaboração a fim da realização de uma entrevista e autorizo a gravação do meu depoimento e utilização posterior dessa informação.

Declaro ainda que fui informado acerca do carácter confidencial e anónimo das respostas que fornecer no âmbito da referida investigação, tendo-me sido concedidas garantias de que a minha identidade não será revelada, sendo ainda informado da oportunidade de colocar as questões que julgue necessárias e do direito de recusar a qualquer momento a participação na investigação.

Estabelecimento prisional de / ____ / ____ / ____

Nome: _____

Assinatura: _____

Anexo IV

Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Reclusos dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães



Entrevista a reclusos dos Estabelecimentos Prisionais

Identificação

P.1-Código do estabelecimento prisional: _____

P.2- Nome do estabelecimento prisional: _____

P.3- Localidade: _____

P.4- Freguesia _____

P.5- N° de reclusos neste estabelecimento prisional: _____

P.6- Quais as tarefas que os reclusos desenvolvem na cantina?

P.7- Como organizam o tempo para dar a refeição?

7.1- um único turno

7.2- dois turnos

7.3- três turnos

7.4- mais de três turnos

P.8- Que critérios de agrupamento dos reclusos têm para a organização das refeições?

8.1- livres

8.2- impostos pela organização do serviço

8.2.1- segundo as atitudes dos reclusos

8.2.3- por grupos

8.2.4- outros

P.9- Entre que horas se oferecem as refeições?

P.10- Que tempo dispõe cada turno (grupo) para comer?

10.1- menos de ½ hora

10.2- de ½ hora a ¾ hora

10.3- de ¾ de hora a 1 hora

10.4- mais de uma hora

P.11- Alimentar os reclusos é para si:

1. Ensinar os hábitos relativos às maneiras de comer ("regras de civilidade", "utensílios", "higiene", "postura", atitudes, etc.);
2. Formação em educação nutricional (sobre funções e feitos dos alimentos no organismo, mastigação).
3. Referência aos aspetos psicossociais da comida (compartir, disfrutar, identidade cultural, celebração, etc.).

II Mudanças ocorridas no serviço de refeições

P.12- (caso fale do catering)

Perguntar:

Fale-me um pouco das principais mudanças que ocorreram neste estabelecimento prisional ao nível da confeção das refeições, desde que integra este estabelecimentos prisional

Desde que optaram pelo serviço de catering ou outro:

- Quem elaborava as ementas?
- Que dinâmicas na elaboração das ementas?
- Como ocorreu estas mudanças?
- As principais alterações presentes na elaboração e confeção das refeições?

P.13. Quanto aos aspetos nutricionais/dietéticos, tomam em conta o equilíbrio nutricional dos reclusos?

III. CONFLITOS/DIFERENÇAS

P.14- Quais são as precauções que são tomadas, pelos guardas prisionais na hora das refeições?

P.15- Há lugares estabelecidos no refeitório para algum grupo de reclusos?

P.16- Durante as refeições, tem conhecimento de conflitos entre reclusos relacionados com a alimentação?

P.17- Pode descrever alguns conflitos que tenha conhecimento ou tenha presenciado?

- P.18- Tem conhecimento que haja conflitualidades entre reclusos, devido à alimentação que vêm do exterior por parte de familiares e amigos de alguns reclusos?
- P.19- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos durante as refeições?
- P.20- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos fora das refeições?
- P.21- Já presenciou ou tem conhecimento dalgum conflito entre reclusos, derivado de furtos/roubos de bens alimentares das suas celas?
- P.22- Considera que a alimentação dos reclusos, ainda hoje serve como moeda de troca entre vocês?
- P.23- Considera que os conflitos têm relação com outros produtos não alimentares?
- P.24- Na sua opinião, considera que a alimentação, serve como elo de ligação e proximidade entre reclusos?
- P.25- De acordo com a lei, só é permitido a entrada de 1kg de alimentos ou alimentos confeccionados para cada recluso, o que pensa disso?
- P. 26- Considera que os reclusos, aceitaram bem esta nova lei?
- P.27- Já sofreu algum conflito em relação à alimentação?
- P.28- Já lhe roubaram a sua comida, quer na cela, quer nas horas destinadas à refeição?
- P.29- O que gera mais conflitos dentro da prisão?
- P.30- Na sua opinião o que é que mais aproxima os reclusos dentro da prisão?
- P.31- O que acha de os reclusos fazerem parte da preparação das refeições no estabelecimento prisional?
- P.32- Sente que há desigualdades (benefícios ou desvantagens) no que toca a alimentação, entre os reclusos entrados e os que já estão cá na prisão, a cumprir pena há muitos anos?

Anexo V

Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Guardas Prisionais dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães

Entrevista a guardas dos Estabelecimentos Prisionais

Identificação

- P.1- Código do estabelecimento prisional: _____
- P.2- Nome do estabelecimento prisional: _____
- P.3- Localidade: _____
- P.4- Freguesia: _____
- P.5- N° de reclusos neste estabelecimento prisional: _____

P.6- Quais as tarefas que os reclusos desenvolvem na cantina?

P.7- Como organizam o tempo para dar a refeição?

- 7.1- um único turno
- 7.2- dois turnos
- 7.3- três turnos
- 7.4- mais de três turnos

P.8- Que critérios de agrupamento dos reclusos têm para a organização das refeições?

- 8.1- livres
- 8.2- impostos pela organização do serviço
- 8.2.1- segundo as atitudes dos reclusos
- 8.2.3- por grupos
- 8.2.4- outros

P.9- Entre que horas se oferecem as refeições?

P.10- Que tempo dispõe cada turno (grupo) para comer?

- 10.1- menos de ½ hora
- 10.2- de ½ hora a ¾ hora
- 10.3- de ¾ de hora a 1 hora

10.4- mais de uma hora

P.11- Alimentar os reclusos é para si:

1. Ensinar os hábitos relativos às maneiras de comer ("regras de civilidade", "utensílios", "higiene", "postura", atitudes, etc.);
2. Formação em educação nutricional (sobre funções e feitos dos alimentos no organismo, mastigação).
3. Referência aos aspetos psicossociais da comida (compartir, disfrutar, identidade cultural, celebração, etc.).

II Mudanças ocorridas no serviço de refeições

P.12- (caso fale do catering)

Perguntar:

Fale-me um pouco das principais mudanças que ocorreram neste estabelecimento prisional ao nível da confeção das refeições, desde que integra este estabelecimentos prisional

Desde que optaram pelo serviço de catering ou outro:

- Quem elaborava as ementas?
- Que dinâmicas na elaboração das ementas?
- Como ocorreu estas mudanças?
- As principais alterações presentes na elaboração e confeção das refeições?

P.13. Quanto aos aspetos nutricionais/dietéticos, tomam em conta o equilíbrio nutricional dos reclusos?

III. CONFLITOS/DIFERENÇAS

P.14- Quais são as precauções que são tomadas, pelos guardas prisionais na hora das refeições?

P.15- Há lugares estabelecidos no refeitório para algum grupo de reclusos?

P.16- Durante as refeições, tem conhecimento de conflitos entre reclusos relacionados com a alimentação?

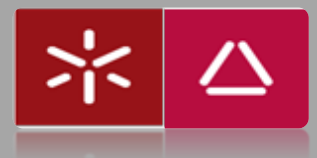
P.17- Pode descrever alguns conflitos que tenha conhecimento ou tenha presenciado?

P.18- Tem conhecimento que haja conflitualidades entre reclusos, devido à alimentação que vêm do exterior por parte de familiares e amigos de alguns reclusos?

- P.19- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos durante as refeições?
- P.20- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos fora das refeições?
- P.21- Já presenciou ou tem conhecimento de algum conflito entre reclusos, derivado de furtos/roubos de bens alimentares das suas celas?
- P.22- Considera que a alimentação dos reclusos, ainda hoje serve como moeda de troca?
- P.23- Considera que os conflitos têm relação com outros produtos não alimentares?
- P.24- Na sua opinião, considera que a alimentação serve como elo de ligação e proximidade entre reclusos?
- P.25- De acordo com a lei, só é permitido a entrada de 1kg de alimentos ou alimentos confeccionados para cada recluso, o que pensa disso?
- P. 26- Considera que os reclusos aceitaram bem esta nova lei?
- P.27- O que acha que mais gera conflitos dentro da prisão?
- P.28- O que acha dos reclusos fazerem parte da preparação das refeições no estabelecimento prisional?
- P.29- Sente que há desigualdades (benefícios ou desvantagens) no que toca a alimentação, entre os reclusos entrados e os que já estão cá na prisão, a cumprir pena há muitos anos?
- P-30- O que mudaria no sistema alimentar prisional e nas suas práticas?

Anexo VI

Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Diretores dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães



Entrevista a Diretor/a dos Serviços Prisionais

Identificação

- P.1- Código do estabelecimento prisional: _____
- P.2- Nome do estabelecimento prisional: _____
- P.4- Localidade: _____
- P.5- Freguesia _____
- P.6- N° de reclusos neste estabelecimento prisional: _____

2- Serviço de cantina/refeitório do estabelecimento prisional

P.7- Tipo de cozinha

- 7.1- cozinha própria 1
- 7.2- serviço catering 2

P.8- Quem decide a contratualização dos serviços de empresas encarregadas da gestão (administrativa, a equipa de monitores e de pessoal da cozinha)? _____

P.10- Tipo de ementas⁷

- 10.1- ementas standardizadas 1
- 10.2- ementas especializadas 2
- 10.2.1- por motivos de saúde 1
- 10.2.2- por religião 2
- 10.2.3- por motivos filosóficos (vegetariano, etc.) 3

10.2.4- As ementas sofrem alterações de acordo com as festividades do ano?

⁷ Tipo de refeição oferecida (ementas standardizadas, adaptação a possíveis doenças -alergias, diabetes, intolerância glúten, etc-, minorias étnicas, vegetarianos...).

P.11- Quem decide a elaboração da ementa neste estabelecimento prisional?

- 11.1- a empresa revisada por nutricionista 1
- 11.2- a empresa sem revisão 2
- 11.3- a direção do estabelecimento 3
- 11.4- outras 4

Quais?: _____

P.12- Que entidade faz o controlo dietético?

- 12.1- entidades oficiais 1
- 12.2- serviço que faz a gestão 2
- 12.3- outras 3
- 12.4- sem controlo 4

P.13- Qual o nº de usuários (comensais)? _____

P.14- Quem confeciona os alimentos neste estabelecimento prisional?

(caso a diretora diga que fica a cargo dos reclusos a alimentação)

Perguntar:

P 14.1- Quem encomenda os alimentos?

P14.2- Onde compram?

P14.3- Com que frequência?

P14.4- Quem calcula as quantidades de alimentos a comprar?

P14.5- Quais os requisitos necessários para pertencer ao serviço de cozinha?

P 14.6- Quais as tarefas que os reclusos desenvolvem na cantina?

P.15- Como organizam o tempo para dar a refeição?

- 15.1- um único turno 1
- 15.2- dois turnos 2
- 15.3- três turnos 3
- 15.4- mais de três turnos 4

P.16- Que critérios de agrupamento dos reclusos têm para a organização das refeições?

- 16.1- livres 1
- 16.2- impostos pela organização do serviço 2

- 16.2.1- segundo as atitudes dos reclusos 1
- 16.2.2- por grupos 2
- 16.2.3- outros 3

P.17- Entre que horas se oferecem as refeições?

P.18- Que tempo dispõe cada turno (grupo) para comer?

- 18.1- menos de ½ hora 1
- 18.2- de ½ hora a ¾ hora 2
- 18.3- de ¾ de hora a 1 hora 3
- 18.4- mais de uma hora 4

P 19- Alimentar os reclusos é para si:

1. Ensinar os hábitos relativos às maneiras de comer ("regras de civilidade", "utensílios", "higiene", "postura", atitudes, etc.);
2. Formação em educação nutricional (sobre funções e feitos dos alimentos no organismo, mastigação).
3. Referência aos aspetos psicossociais da comida (compartir, disfrutar, identidade cultural, celebração, etc.).

II Mudanças ocorridas no serviço de refeições

P20- (caso fale do catering)

Perguntar:

Fale-me um pouco das principais mudanças que ocorreram neste estabelecimento prisional ao nível da confeção das refeições

Desde que optaram pelo serviço de catering ou outro:

- Quem elaborava as ementas?
- Que dinâmicas na confeção de ementas ???????
- Como ocorreu estas mudanças?
- As principais alterações presentes na elaboração e confeção das refeições?

P21. Quanto aos aspetos nutricionais/dietéticos, tomam em conta o equilíbrio nutricional dos reclusos?

III. CONFLITOS/DIFERENÇAS

P22- Quais são as precauções que são tomadas, pelos guardas prisionais na hora das refeições?

P 23- Há lugares estabelecidos no refeitório para algum grupo de reclusos?

P24- Durante as refeições, tem conhecimento de conflitos entre reclusos relacionados com a alimentação?

P25- Pode descrever alguns conflitos que tenha conhecimento ou tenha presenciado?

P26- Tem conhecimento que haja conflitualidades entre reclusos, devido à alimentação que vêm do exterior por parte de familiares e amigos de alguns reclusos?

P 27- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos durante as refeições?

P 28- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos fora das refeições?

P 29- Já presenciou ou tem conhecimento de algum conflito entre reclusos, derivado de furtos/roubos de bens alimentares das suas celas?

P 30- Considera que a alimentação dos reclusos, ainda hoje serve como moeda de troca entre eles?

P31- Considera que os conflitos têm relação com outros produtos não alimentares?

P 32- Na sua opinião, considera que a alimentação, serve como elo de ligação e proximidade entre reclusos?

P 33- De acordo com a lei, só é permitido a entrada de 1kg de alimentos ou alimentos confeccionados para cada recluso, o que pensa disso?

P. 34- Considera que os reclusos, aceitaram bem esta nova lei?

IV- EMENTAS SEMANAIS

1. EMENTA SEGUNDA A SEXTA

(Incluimos seis células, podendo modificar-se conforme a estrutura seguida em cada estabelecimento prisional: sopa, segundo prato + acompanhamento, prato único, salada, sobremesa, pão branco ou escuro e bebidas)

Devemos proceder à anotação da ementa mensal prevista. É importante anotar também as possíveis modificações: por exemplo, iogurte em vez de fruta. As colunas em negrito (bold) fazem referência ao tipo de bebida oferecida e se se servem pão ou não.

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA

1.2. EMENTA FIM DE SEMANA

Incluimos seis células, podendo modificar-se conforme a estrutura seguida em cada estabelecimento prisional: sopa, segundo prato + acompanhamento, prato único, salada, sobremesa, pão branco ou escuro e bebidas)

Devemos proceder à anotação da ementa mensal prevista. É importante anotar também as possíveis modificações: por exemplo, iogurte em vez de fruta. As colunas em negrito (bold) fazem referência ao tipo de bebida oferecida e se se servem pão ou não.

SÁBADO	DOMINGO

1.3. EMENTAS DIAS ESPECIAIS FESTIVOS

Incluimos seis células, podendo modificar-se conforme a estrutura seguida em cada estabelecimento prisional: sopa, segundo prato + acompanhamento, prato único, salada, sobremesa, pão branco ou escuro e bebidas)

Devemos proceder à anotação da ementa mensal prevista. É importante anotar também as possíveis modificações: por exemplo, iogurte em vez de fruta. As colunas em negrito (bold) fazem referência ao tipo de bebida oferecida e se se servem pão ou não.

DIA ESPECIAL 1	DIA ESPECIAL 2

Anexo VII

Guião de Entrevista Semiestruturada para Aplicação a Técnica Responsável pela Alimentação dos Serviços Prisionais de Paços de Ferreira



Entrevista a Técnica responsável pela alimentação dos Serviços

Prisionais de Paços de Ferreira

Identificação

P.1- Código do estabelecimento prisional: _____

P.2- Nome do estabelecimento prisional: _____

P.4- Localidade: _____

P.5- Freguesia _____

P.6- N° de reclusos neste estabelecimento prisional: _____

2- Serviço de cantina/refeitório do estabelecimento prisional

P.7- Tipo de cozinha

7.1- cozinha própria 1

7.2- serviço catering 2

P.8- Quem decide a contratualização dos serviços de empresas encarregadas da gestão (administrativa, a equipa de monitores e de pessoal da cozinha)? _____

P.10- Tipo de ementas⁸

10.1- ementas standardizadas 1

10.2- ementas especializadas 2

10.2.1- por motivos de saúde 1

10.2.2- por religião 2

10.2.3- por motivos filosóficos (vegetariano, etc.) 3

10.2.4- As ementas sofrem alterações de acordo com as festividades do ano?

⁸ Tipo de refeição oferecida (ementas standardizadas, adaptação a possíveis doenças -alergias, diabetes, intolerância glúten, etc-, minorias étnicas, vegetarianos...).

P.11- Quem decide a elaboração da ementa neste estabelecimento prisional?

- 11.1- a empresa revisada por nutricionista 1
- 11.2- a empresa sem revisão 2
- 11.3- a direção do estabelecimento 3
- 11.4- outras 4

Quais?: _____

P.12- Que entidade faz o controlo dietético?

- 12.1- entidades oficiais 1
- 12.2- serviço que faz a gestão 2
- 12.3- outras 3
- 12.4- sem controlo 4

P.13- Qual o nº de usuários (comensais)? _____

P.14- Quem confeciona os alimentos neste estabelecimento prisional?

(caso a diretora diga que fica a cargo dos reclusos a alimentação)

Perguntar:

P 14.1- Quem encomenda os alimentos?

P14.2- Onde compram?

P14.3- Com que frequência?

P14.4- Quem calcula as quantidades de alimentos a comprar?

P14.5- Quais os requisitos necessários para pertencer ao serviço de cozinha?

P 14.6- Quais as tarefas que os reclusos desenvolvem na cantina?

P.15- Como organizam o tempo para dar a refeição?

- 15.1- um único turno 1
- 15.2- dois turnos 2
- 15.3- três turnos 3
- 15.4- mais de três turnos 4

P.16- Que critérios de agrupamento dos reclusos têm para a organização das refeições?

- 16.1- livres 1
- 16.2- impostos pela organização do serviço 2
 - 16.2.1- segundo as atitudes dos reclusos 1

16.2.2- por grupos 2

16.2.3- outros 3

P.17- Entre que horas se oferecem as refeições?

P.18- Que tempo dispõe cada turno (grupo) para comer?

18.1- menos de ½ hora 1

18.2- de ½ hora a ¾ hora 2

18.3- de ¾ de hora a 1 hora 3

18.4- mais de uma hora 4

P 19- Alimentar os reclusos é para si:

1. Ensinar os hábitos relativos às maneiras de comer ("regras de civilidade", "utensílios", "higiene", "postura", atitudes, etc.);
2. Formação em educação nutricional (sobre funções e feitos dos alimentos no organismo, mastigação).
3. Referência aos aspetos psicossociais da comida (compartir, disfrutar, identidade cultural, celebração, etc.).

II Mudanças ocorridas no serviço de refeições

P20- (caso fale do catering)

Perguntar:

Fale-me um pouco das principais mudanças que ocorreram neste estabelecimento prisional ao nível da confeção das refeições

Desde que optaram pelo serviço de catering ou outro:

- Quem elaborava as ementas?
- Que dinâmicas na confeção de ementas ???????
- Como ocorreu estas mudanças?
- As principais alterações presentes na elaboração e confeção das refeições?

P21. Quanto aos aspetos nutricionais/dietéticos, tomam em conta o equilíbrio nutricional dos reclusos?

III. CONFLITOS/DIFERENÇAS

P22- Quais são as precauções que são tomadas, pelos guardas prisionais na hora das refeições?

P 23- Há lugares estabelecidos no refeitório para algum grupo de reclusos?

P24- Durante as refeições, tem conhecimento de conflitos entre reclusos relacionados com a alimentação?

P25- Pode descrever alguns conflitos que tenha conhecimento ou tenha presenciado?

P26- Tem conhecimento que haja conflitualidades entre reclusos, devido à alimentação que vêm do exterior por parte de familiares e amigos de alguns reclusos?

P 27- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos durante as refeições?

P 28- Que tipo de conflitos é mais frequente entre os reclusos fora das refeições?

P 29- Já presenciou ou tem conhecimento dalgum conflito entre reclusos, derivado de furtos/roubos de bens alimentares das suas celas?

P 30- Considera que a alimentação dos reclusos, ainda hoje serve como moeda de troca entre eles?

P31- Considera que os conflitos têm relação com outros produtos não alimentares?

P 32- Na sua opinião, considera que a alimentação, serve como elo de ligação e proximidade entre reclusos?

P 33- De acordo com a lei, só é permitido a entrada de 1kg de alimentos ou alimentos confeccionados para cada recluso, o que pensa disso?

P. 34- Considera que os reclusos, aceitaram bem esta nova lei?

IV- EMENTAS SEMANAIS

2. EMENTA SEGUNDA A SEXTA

(Incluimos seis células, podendo modificar-se conforme a estrutura seguida em cada estabelecimento prisional: sopa, segundo prato + acompanhamento, prato único, salada, sobremesa, pão branco ou escuro e bebidas)

Devemos proceder à anotação da ementa mensal prevista. É importante anotar também as possíveis modificações: por exemplo, iogurte em vez de fruta. As colunas em negrito (bold) fazem referência ao tipo de bebida oferecida e se se servem pão ou não.

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA

1.2. EMENTA FIM DE SEMANA

Incluimos seis células, podendo modificar-se conforme a estrutura seguida em cada estabelecimento prisional: sopa, segundo prato + acompanhamento, prato único, salada, sobremesa, pão branco ou escuro e bebidas)

Devemos proceder à anotação da ementa mensal prevista. É importante anotar também as possíveis modificações: por exemplo, iogurte em vez de fruta. As colunas em negrito (bold) fazem referência ao tipo de bebida oferecida e se se servem pão ou não.

SÁBADO	DOMINGO

1.3. EMENTAS DIAS ESPECIAIS FESTIVOS

Incluimos seis células, podendo modificar-se conforme a estrutura seguida em cada estabelecimento prisional: sopa, segundo prato + acompanhamento, prato único, salada, sobremesa, pão branco ou escuro e bebidas)

Devemos proceder à anotação da ementa mensal prevista. É importante anotar também as possíveis modificações: por exemplo, iogurte em vez de fruta. As colunas em negrito (bold) fazem referência ao tipo de bebida oferecida e se se servem pão ou não.

DIA ESPECIAL 1	DIA ESPECIAL 2

Anexo VIII

**Carta para autorização da investigação ao Presidente da Direção geral de
Reinserção Social e Serviços Prisionais**



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Ex. m^o Sr. Diretor

Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais

Sou Carolina Freitas, mestranda de Crime, Diferença e Desigualdades, do Instituto de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho, sob orientação das Professora Doutora Maria Paula de Vilhena Mascarenhas.

Venho por este meio solicitar a Vossa Excelência a autorização para a realização de um estudo no âmbito de um projeto de investigação intitulado *Alimentação nas Prisões: Conflitualidades, Desigualdades e proximidades entre reclusos* que se destina à obtenção do grau de Mestre.

Já desenvolvi no ano letivo de 2011/2012 uma investigação, nos Serviços de Reinserção Social, juntamente com o Estabelecimento Prisional de Vila Real, que se destinava à obtenção do grau de Licenciatura, intitulado *Entre a Pena Privativa de Liberdade e as Medidas de Carater Probatório: Formas de Reinserção Social*, com o relatório entregue à Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais.

O presente estudo almeja analisar os conflitos, as desigualdades e as diferenças relacionadas com a alimentação nos Estabelecimentos Prisionais. Portanto, pretende-se analisar não só as práticas alimentares institucionais como também as dinâmicas estabelecidas entre familiares e reclusos. Deste modo, selecionou-se como amostra dois Estabelecimentos Prisionais (Paços de Ferreira e Guimarães), de forma a realizar um estudo comparativo.

Os objetivos específicos, passam por compreender o sistema e as rotinas alimentares nas instituições totais; apreender os conflitos, desigualdades e diferenças entre reclusos e ainda explorar as perceções dos reclusos sobre a sua alimentação. Com os resultados alcançados,

espera-se perceber as dinâmicas das práticas alimentares nas instituições totais e os conflitos, as desigualdades e as diferenças, que possam ocorrer no quotidiano dos reclusos, sendo que estes variam de acordo com as classes sociais, as relações familiares/ amigáveis e possíveis relações de proximidade entre reclusos.

Para tornar possível este estudo, venho por este meio solicitar a V. Exa. Autorização de acesso aos dois estabelecimentos prisionais – o de Guimarães e o Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira (ambos de reclusos do género masculino). Deste modo, seria necessário:

- Um acesso flexível às instalações prisionais, nomeadamente a espaços de lazer, parlatório, sala de refeições (refeitório) e cozinha de forma a observar diretamente, no próprio contexto, as relações intra-prisionais, bem como as dinâmicas estabelecidas entre os reclusos no recorrer do tempo alimentar (cozinha e refeitório) e de convívio;
- Acesso a processos de reclusos para construção e seleção da amostra;
- Realização de entrevista semiestruturada aos Chefes dos Guardas Prisionais;
- Realização de entrevistas a reclusos com critérios específicos tais como: permanência no estabelecimento prisional de mais de um ano e no cumprimento de penas acima dos cinco anos. Estima-se a realização de cerca de vinte e cinco entrevistas no conjunto dos dois estabelecimentos prisionais;

Solicito ainda, dentro do possível, o acesso a registos de vídeo vigilância dos espaços alimentares.

Realço que todos os aspetos da investigação realizada no campo de trabalho serão monitorizados de forma a não interferir com a segurança ou rotinas já existentes em cada um dos Estabelecimentos Prisionais.

O período de recolha de dados decorre entre Outubro de 2013 a Fevereiro de 2014. Assim sendo, de Outubro a Novembro de 2013 no Estabelecimento Prisional de Guimarães e de Dezembro 2013 a Fevereiro de 2014 no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira.

De modo a maximizar a recolha de informação, solicito ainda a autorização para a utilização do gravador de áudio, estando a gravação sempre dependente da autorização prévia dos participantes no estudo da população prisional.

A realização das entrevistas seguirá os procedimentos estipulados pelo Código Deontológico de Sociólogos e Antropólogos e as prescrições da legislação aplicável, em particular referente a proteção de dados, a privacidade dos cidadãos, consentimento informado e reservando aos

participantes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a cooperação com a investigação.

No término da investigação os resultados do estudo ficaram disponíveis para a Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais.

Em anexo a esta carta, segue a seguinte documentação para apreciação da Vossa Excelência: Projeto de investigação com respetivo cronograma e objetivos, rubricado pela investigadora Carolina Freitas, curriculum da investigadora, declaração de consentimento e declaração da orientadora científica do trabalho.

Com os Melhores Cumprimentos

(Tânia Carolina Oliveira Freitas)

Braga, 10 Junho 2013

Anexo IX

**Autorização da Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais para
a realização da Investigação**



Exmo(a) Senhor(a)
Tânia Carolina Oliveira Freitas
Rua Lampaça-Pinheiro, n. 264
4610-573 Felgueiras

tc_8freitas@hotmail.com

<i>V/ referência</i>	<i>N/ referência</i>	<i>Ofício N.º</i>	<i>Data</i>
		147/DSOPRE/2013	02.08.2013

Assunto: Investigação académica sobre "Alimentação nas Prisões: conflitualidades, desigualdades e proximidades entre reclusos"

Tenho a honra de informar que, por despacho do Senhor Director-Geral de 23.07.2013, foi V. Ex.ª autorizada a realizar a investigação em epígrafe, sob orientação da Professora Doutora Maria Paula de Vilhena Mascarenhas, nos estabelecimentos prisionais de Paços de Ferreira e Guimarães.

Daqui decorre que poderá V.Ex.ª contactar os referidos estabelecimentos para os efeitos devidos.

Dando cumprimento ao disposto na Circular nº 5/GDG/2001 de 18 de Junho – que regula estágios e investigações académicas – chama-se a atenção para o facto da realização deste estudo estar sujeita às condições de que:

- a) a execução do trabalho decorra nos estabelecimentos prisionais de Paços de Ferreira e de Guimarães e esteja sempre dependente da disponibilidade e coordenação com as respectivas Direcções;
- b) a observação de campo e as entrevistas previstas à Direcção, Chefia da Guarda e a 25 reclusos de cada um dos estabelecimentos prisionais referidos, sejam desenvolvidas pela requerente no período de Outubro de 2013 a Fevereiro de 2014, como solicitado, exceptuando-se a segunda quinzena de Dezembro de 2013, por forma a que as mesmas não colidam com a preparação e realização das tradicionais actividades relacionadas com a época natalícia;
- c) a constituição da amostra, de acordo com o solicitado, se faça a partir de uma lista de reclusos condenados a indicar pelas Direcções de cada um dos EP;
- d) a utilização de equipamento de gravação áudio fique dependente da autorização das respectivas Direcções e nos termos por estas definidos;
- e) a recolha do consentimento informado por parte dos reclusos e profissionais que colaborarem reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua colaboração. O assentimento dos reclusos e profissionais ser passado a escrito, ficando cópia no EP;
- f) a requerente, e respectiva orientadora fiquem obrigadas a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a colaborar, através de declaração escrita.
- g) seja remetida cópia dos resultados finais do trabalho e de outros materiais entretanto obtidos, à Direcção de Planeamento, Organização e Relações Externas.

Anexo X

**Projeto de Dissertação no âmbito do Curso de Mestrado em Crime, Diferenças e
Desigualdades**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
Ano Letivo 2013/2014

**Seminário de Projeto do Curso de Mestrado em Crime Diferenças e
Desigualdades**

Docente Responsável de Tese de Investigação: Professora Paula Mascarenhas
Docentes da Unidade Curricular de Seminário de Investigação: Professoras
Doutoras Helena Machado, Manuel Ivone Cunha

***Alimentação nas Prisões: Conflitualidades,
Desigualdades e proximidades entre reclusos***

Ensaio produzido por Tânia Carolina Oliveira Freitas, N.º PG21735

Junho, 2013

Anexo XI

Dados das entrevistas – Grelha de análise de conteúdo temática do Espaço Social Alimentar nos dois Estabelecimentos Prisionais

Espaço Social Alimentar	Reclusos Guimarães	Reclusos Paços de Ferreira	Guardas Prisionais Guimarães	Guardas Prisionais Paços de Ferreira	Técnica R. Alimentação Paços de Ferreira
<p>1. Espaço do comestível (escolhas das ementas e aspetos nutricionais) (Perg13)</p>	<p>“Não, às vezes acabo por comer a comida dos outro; Desiquíbrío nesse aspeto.” (Entr 1);</p> <p>“Não, esta semana foi quase sempre massa...Há várias comidas, mas é arroz e massa, carne ao meio-dia e peixe à noite, arroz e massa. Havia de ser mais bem partilhado. Eu desde que estou cá há 7 meses comi uma vez arroz seco, fêvera e batata frita.” (Entr 2)</p> <p>“Não, às vezes há carne a menos 80grmas/160 gramas por dia que temos que ter por dia e às vezes não temos direito a essa carne, não há ovos cozidos só uma vez por ano....Há comida muito repetida, sempre a mesma coisa, metem muitas vezes massa” (Entre 3)</p>	<p>“Eles repetem muito no que diz respeito aos legumes. A quantidade chega.” (Entr 1)</p> <p>“Sim, eles fazem: vegetariana, geral e dieta.” (Entr 2)</p> <p>“Não, uma dieta para um diabético, não pode ser à base de arroz e massa, nunca me deram mais nada. À noite é peixe, mas é um peixe intragável, mesmo sem qualidade.” (Entr3)</p> <p>“Pouca couve roxa e algumas folhinhas de alface...Deveria haver muito mais. Aqui a gente come ou sopa de feijão ou couve. Sempre massa ou arroz, hoje até achamos estanho haver rojões.” (Entre 4)</p>	<p>“é a variedade, não repetir sempre a mesma refeição, a ementa é feita para a semana toda, não quer dizer que depois durante a semana não seja repetida, não é? Mas penso que eles até [...] .eu vou-lhe dizer porque estou ali e observo e pendo que até que a refeição até , até e muito agradável [...]olhando ao facto que vem de longe, e depois chega ali e até [...] daí eu lhe dizer que quando era do hospital que era ali próximo era melhor, porque era ali próximo...as vezes chega ali o arroz ainda de braga e chega ali, de não sei de onde e não é</p>	<p>“Não, há equilíbrio, é feito mesmo com esse propósito e além disso e visto pelos serviços clínicos com esse propósito.” (EntrG1)</p> <p>“Tem sim senhor. Desde o regime geral às dietas, portanto há uns anos atrás não haviam vegetarianos, e portanto aqui é um bocado aqui, aquilo que a sociedade tem lá fora. <u>As modas da sociedade começam a ser modas cá dentro em tudo, em tudo em tudo e neste caso na alimentação também.</u> A vegetariana é um fenómeno que se tem registado em picos, mas isto chegou a atingir quase 70 reclusos com comida vegetariana. Portanto isto é assim um bocado esquisito, que em tempos não se via</p>	<p>(Pergunta 7, 10, 11, 12,13,14, 21)</p> <p>“É uma empresa de restauração que faz a confeção da alimentação que neste caso é a UNISELF.”</p> <p>“Está em ementa e obedece a um sistema de...são sempre confeccionadas em harmonia com as calorías porções e são elaboradas também através de uma nutricionista dos Serviços Prisionais. As ementas especializadas: Têm em conta os diabetes, alergias, intolerâncias ao glúten. Há esse tipo de dietas, sempre prescritas pelos</p>

	<p>“Sim, tomam.” (Entre 4)</p> <p>“ Sim, o que eu acho é que não é bem confeccionada, a maneira de preparar a comida de a confeccionar.” (Entre 5)</p> <p>“Sim,sim” (Entre 6)</p> <p>“Eles não respeitam a coisa..Há dias que é igual e pa parte da dieta que não podem comer queijo e nem salsichão com colorau e do outro lado também é igual...Não respeitam nada ” (Entre 7)</p> <p>“Creio que têm, apesar de que não aparenta, além da comida vir de fora e vir de uma empresa, podiam variar um pouco mais. Tem vindo muita massa.” (Entre 8)</p>	<p>“Não, às vezes o arroz está mal cozido, cru...A carne às vezes tem um aspeto nojento. Gosto de esparguete, mas cansa estar aquele tempo todo (fila para almoço.)” (Entre 5)</p> <p>“Não, o arroz às vezes é cola... A carne é muito mal confeccionada, hoje o frango estava cru.Ali se alguém tem mais um bocado de fome da comida e se alguém quiser, ninguém lhe dá mais. E estamos a falar de comida e não de um luxo.” (Entre 6)</p> <p>“Penso que está adequado é o normal. Na questão do peso isso é impossível, aquilo tem o peso em cru, depois de cozinhado, perde muito.” (Entre 7)</p> <p>“A variedade é sempre a mesma, arroz e massa é constantemente. A ementa é sempre a mesma, come-se</p>	<p>muito agradável [...] ao nível da quantidade isso é estipulado e muitas vezes aqueles que querem repetir e a comida chega, muitas vezes eles podem fazê-lo têm é que esperar pelo último “senhor guarda já veio o último?” “já”. Eles vão lá se ainda houver comida e repetem.” (EntrG1)</p> <p>“As dietas são perscritas pelo médico, ao fazer a requisição os guardas já pedem isso, da dieta de doentes, vegetarianos, religião. Nos vegetarianos são certificadas e autorizadas as ementas. Todos os dias é feita a requisição é o chefe que faz esse pedido.</p> <p>Médico também prescreve quando é vegetariano, dieta normal, dieta mole dieta sem sal.” (EntrG2).</p>	<p>nada disto. E portanto é assim.” (EntreG2)</p>	<p>serviços clínicos do E.P. A ementa respeitante aos vegetarianos e também muçulmanos, respeitante ao período do ramadão. Quanto Às festividades, temos no Natal, Páscoa, São João e São Martinho e Ano Novo.”</p> <p>“Há...o controlo dietético é feito pelos serviços clínicos, os reclusos vão aos serviços médicos e mediante a prescrição médica, é feita. Nós vemos a refeição, vê a chefia, vê os serviços médicos se está, e vai a inspecção, é visto pelo médico ou enfermeiro...todos os dias, vêem a amostra.”</p> <p>“A elaboração das ementas, obedece a um tipo de...é revisada por nutricionista e vem a aprovação dos E.P’s, tem que ter a</p>
--	---	---	--	---	---

	<p>"Não está muito adequado, é quase sempre massa e arroz, mesmo que vem há carne, também não vem muito se colocar o arroz na parede ele cola. Depende também da cozinheira, porque não é sempre a mesma" (Entre 9)</p> <p>"Têm esse cuidado com a alimentação ao nível dos nutrientes etc, é bem cuidada." (Entre 10)</p> <p>"A lista que eles fazem torna-se repetitiva, mas de vez enquanto mudam, mas também há refeições de festividades que altera." (Entre 11)</p> <p>"Sim, tem." (Entre 12)</p>	<p>almôndegas hoje, para a semana é outra vez só troca os dias." (Entre 8)</p> <p>Não, negativo. Eles não têm qualquer atenção a isso. Nós temos direito a 200gramas de carne, eles dão 60/70 gramas. E eles dão 2/3 bocadinhos de carne, nem 50gramas tem." (Entre 9)</p> <p>"Não, nada disso." (Entre 10)</p> <p>"Quem come dieta até não é mal servido, na minha opinião não funciona bem, ao nível da saúde, não ligam a nada, apenas dão comida, porque têm que dar..." (Entre 11)</p> <p>"Não, isto é se isto fosse para falar" "Aquilo é tudo feito, todos os dias os guardas dão a contagem do número de reclusos e eles (da cozinha) já</p>			<p>aprovação dos E.P's, e pode pedir, alterar ou pedir alguma coisa «os presos já estão fartos de feijoada ou não gostam de francesinha», pode-se alterar e nos chamamos a atenção e a nutricionista também vê, portanto nós estamos atentos."</p> <p>" É o cozinheiro da empresa, um cozinheiro. Os reclusos são cerca de 20 e tal e são faxinas da cozinha"</p> <p>"É empresa que encomenda os alimentos" " É a empresa, eles fazem o abastecimento semanal aqui ao E.P. A frequência certa não sei. A empresa tem uma transportadora que vem para cá com os alimentos, os frescos alguns são</p>
--	---	--	--	--	---

		<p>sabem, se à noite é sardinhas ou carapau, já sabem que a maioria não vai comer, eles não fazem as 900 refeições e como sabem que não vão, eles não o fazem.”</p> <p>“Isto é só interesses e o dever do guarda do refeitório é manter a ordem e guarda da cozinha e chefes, aquilo é só interesses é tudo escolhido no caso da comida não chegar à noite se for toda. Isto é como eles querem e pronto.”</p> <p>(Entre 12)</p>			<p>comprados á horta do E.P, mas tem abastecimento externo. Vem cá uma ou duas vezes por semana.”</p> <p>“ A empresa calcula quantidades”</p> <p>“Dos presos? Bom comportamento, não serem portadores de doenças, qualquer tipo de doença e alguns com conhecimento dentro da orgânica da hotelaria, alguns quando são afetos À cozinha têm preferência, assim como os pedreiros para as obras os picheiros...”</p> <p>Pergunta 21- Aspetos nutricionais</p> <p>“ Claro, claro, tudo em conta.”;</p>
--	--	--	--	--	---

<p>Sistema alimentar (Produção, Aproveitamento por compra ou autoconsumo e consumo nas refeições) (Perg12)</p>	<p>“Mais fartura; há mais sobras; o comer chega para os reclusos; Podia ter mais paladar; Comida chega fria” (Entre 1)</p> <p>“É a primeira vez que sou preso... Não tem estilo nenhum de comida, levei o reforço, estava tudo podre” (Entre 2)</p> <p>“A comida aqui, relativamente sobre as outras é boa...Eu acho que é melhor a empresa, com uma empresa fica mais barato.” (Entre 3)</p> <p>“Sempre foi assim...a apresentação não é boa, a dieta não é a normal, quem organiza deve ter esse cuidado. Claro que há alturas que querem alguma outra coisa no final do trabalho e sai outra é como em casa também se passa...Tem cuidado porque há uma variedade e vão com cuidado a e é tudo refeição mais aligeirada à noite. Sim a comida é aceitável,” (Entre 4)</p>	<p>“Isto depende das idades das pessoas. E aqui, da comida que dão mais, é muito peixe e a juventude aqui não gosta nada de peixe. Aqui é o problema da qualidade é muita gente, a matéria-prima é boa, é congelada, mas perde-se na confeção por é muita gente.” (Entre 1)</p> <p>“Desde que eles preparam a comida, isto piorou tudo, porque há uma razão, é arroz massa e carne com osso e você tem direito a 70, 50 gramas de carne e nem 30 tem!!!Acho que era melhor, mais quantidade e qualidade, antes. Agora é tudo congelado e poucas quantidades. Eu nunca vi o diretor a vir onde nós estamos a comer, se está bem ou não. Diretora ia lá dentro e muitas vezes não estava a comida em condições e a diretora mandava mudar tudo. Isto aqui não acontece...é do pior e o pessoal é muito novo de baixa escolaridade e não sabem</p>	<p>PERGUNTA 12</p> <p>“Paço de Ferreira é no mesmo local, os reclusos confeccionavam, agora não. São em empresas, em Paços de Ferreira a empresa confecciona lá dentro, depois há sempre faxinas que auxiliam ali e que estão a ganhar como tal [...] eles são escolhido ali [...] em Guimarães só auxiliam na distribuição mesmo e depois lavam a loiça, arrumam os tabuleiros os talheres etc [...] etc [...]são eles que cuidam do espaço todo, o serviço deles é esse.</p> <p>É a nutricionista da empresa, depois é o diretor e o chefe têm que assinar e concordar, e quando é alterada eles têm que ter conhecimento, muitas vezes a empresa não teve condições do que estava estipulado e eles têm que comunicar com antecedência.” (EntrG1);</p> <p>“Neste EP a refeição veio sempre da empresa. Nutricionista é da empresa. A direção aprova e a DGRSSP. Elaboram a ementa e</p>	<p>PERGUNTA 12</p> <p>“Estou na parte do refeitório praí há meio ano. Eu quando cheguei aqui já era a empresa, nunca calhei nesta cadeia com civis, sei que era o guarda e os presos que faziam tinham um aguarda responsável...desde que estou aqui foi sempre com uma empresa civil...pronto há sempre evolução...há obras que se fazem que estão sempre a ajudar as coisas...houve umas alterações foi dividido mas normalmente deste que estou aqui e a firma...a qualidade tem se mantendo...pronto claro que um dia os presos gostam mais mas isso e como nós. Eu acho que é melhor, porque é acompanhado por uma nutricionista as ementas saem com antecedência, há mais rigor.” (EntrG1)</p>	<p>Pergunta 14, 20</p> <p>“É o cozinheiro da empresa, um cozinheiro. Os reclusos são cerca de 20 e tal e são faxinas da cozinha”</p> <p>“É empresa que encomenda os alimentos”</p> <p>“ É a empresa, eles fazem o abastecimento semanal aqui ao E.P. A frequência certa não sei. A empresa tem uma transportadora que vem para cá com os alimentos, os frescos alguns são comprados á horta do E.P, mas tem abastecimento externo. Vem cá uma ou duas vezes por semana.”</p> <p>“ A empresa calcula quantidades”</p>
---	--	---	--	---	---

	<p>“Aqui tem dias que é normal, outros é insuportável. Deixei de comer peru por causa de ser mal confeccionado...O que acho é que é mais bem confeccionado quando é na própria cadeia...para muitos que estão aqui é um hotel...o horário havia de ser logo das 7h às 8h.” (Entre 5)</p> <p>“Aqui foi sempre uma empresa a fazer. Aqui está melhor...confeccionar para menos pessoas é mais fácil, não é?...Na qualidade, sabores é melhor vindo do exterior e até ao nível da higiene, a gente lá não vê não é?” (entre 6)</p> <p>“Dizem eles que já veio de outra empresa, agora vem de Braga...dizem que houve tempo em que era confeccionada aqui,...Eu é dieta e muitas das vezes não como, é só sopa e é água com batata ralada é para aconchegar o estômago ” (entre 7)</p> <p>“A comida sempre veio dessa empresa, a prisão não conseguia se autossustentar...A comida é</p>	<p>reivindicar. É mesmo miséria, nunca vi.” (Entre 2)</p> <p>"Eu não posso dizer muito sobre a qualidade, eu como dieta pouca higiene, pouca quantidade e qualidade. " (Entre 3)</p> <p>“As mudanças ocorreram sempre para pior, serviram hambúrgueres e sabia e cheirava mal...frango o osso é amarelo. O peixe quase cru, o arroz é quase cru...cena de gelatina que é para 2, fazem 4 e a mousse e igual...A ementa ..meio-dia carne e à noite peixe, só que a confeção não é a mais adequada....O que recebe mais é o que esta todos os dias a servir, ganha mais, serve a concha de arroz e empurra não levanta. Hoje foi rojões e um reclamou ...eram 3 rojões levou 6. se toda a gente reclamasse não chegava" (Entre 4)</p> <p>“Mudou quase tudo, havia mais companheirismo se estivessem em baixo, davam apoio. Agora a comida já não</p>	<p>alguém a autoriza e aprova. Sempre foi aqui distribuída por uma empresa. Não há condições de fazer cá a comida. A foram “Eurest”; “Mordigal” e agora é “Uniself” (EntrG2).</p>	<p>“Sem dúvida há aqui diferenças muito grandes, quando era o Estabelecimento que confeccionava as refeições, abundava a comida e também saia muita comida para ao lixo, e a abundância nem sempre e aqui também era sinal qualidade. Com <u>as empresas</u>, houve <u>um outro rigor, no tipo da confissão no modo da confissão no modo de apresentação e sem dúvida que a população reclusa beneficiou com isto, embora isto custe a admitir durante algum tempo. Sendo confeccionada de uma outra maneira, confeccionada com a regra da carne e peixe, isso tudo tem mais-valias para o recluso, para a alimentação do recluso, para a alimentação de uma pessoa normal isto houve uma mais valia e isto foi bom para les, de facto em outros tempo havia muito mais qualidade mas havia muito desperdício.</u> Hoje em dia não há tanto desperdício, havia um cozinheiro civil, funcionário do E.P, e os reclusos confeccionavam tudo, era tudo</p>	<p>“Dos presos? Bom comportamento, não serem portadores de doenças, qualquer tipo de doença e alguns com conhecimento dentro da orgânica da hotelaria, alguns quando são afetos À cozinha têm preferência, assim como os pedreiros para as obras os picheiros...”</p> <p>Pergunta 20</p> <p>“Está cá a trabalhar desde outubro de 2013, e estive no E.P. Porto, na mesma área na administração e apoio geral. Não aqui, quer dizer eu aqui em relação às outras cadeias, aqui não tenho sentido queixas da alimentação, não têm havido grandes queixas com a alimentação desde que estou aqui, por parte dos recluso. Já é empresa há muito</p>
--	--	--	---	---	--

	<p>razoável, completamente aceitável. Infelizmente muita comida que é deitada fora, as pessoas se estivessem lá fora era bom." (Entre 8)</p> <p>"Come-me mais mal agora. Sempre foi uma empresa. Come-se muito mal agora, é quase sempre massa e arroz, «mesmo a sopa é só água não presta.»...aqui pode não prestar e dão a outros mais e a outros menos. Aqui não tem sabor e tem a uma vez por entre outra boa. "</p> <p>(Entre 9)</p> <p>"Se for confeccionada aqui dentro seria mais saboroso e teria mais condimentos. Se fosse confeccionada a comida aqui seria melhor e há muitos anos que vem de fora. Para se ganhar o concurso tem que se tirar a qualidade e baixar aos preços. Muitas vezes esquecem-se de coisas e têm que buscar de propósito longe, a longe lá se esquecem do reforço."</p> <p>(Entre 10)</p>	<p>tem sabor, passado uma hora já esta cheio de fome outra vez. Eu sou doente crónico...estavam a dar Nestum por mês e leite e agora já não dão. Cortaram. Tem sido, dantes ainda se comia bem, agora não. não davam rojões e agora até já dão."</p> <p>(Entre 5)</p> <p>"Ao primeiro ainda tinha senhora na linha, agora não, é sempre reclusos a servir. A minha expectativa é que está na linha da ala A, ele olha para a cara e vê o que podem deitar, pois eles ganham comissão, por quanto menos servirem. Quem paga é a empresa, quanto mais eles pouparem mais eles ganham. Se houvesse uma surpresa de irem todos os reclusos ao pequeno-almoço, não chegava o pão para todos. A comida ao almoço tem estado parada por causa da carne que vem crua. Há um recluso que está cheio de manchas na pele por um hambúrguer que comeu</p>		<p>mais a granel, mas a qualidade não era melhor, a quantidade que por sua vez não satisfazia porque sobrava muita comida. Eu sou testemunha, nós tínhamos as ovelhas e os porcos e o tractor saia todos os dias cheio de contentores de comida para o lixo, portanto havia muita comida que não era consumida, havia desperdício e não havia qualidade.... Os guardas prisionais nunca comiam cá, a refeição nunca foi do rancho geral, há estabelecimentos que têm essa norma essa prática, mas se fosse hoje com a qualidade da alimentação que os reclusos têm, de certeza que não ficavam a perder, com a messe que comemos no exterior. Nós tivemos sempre messe no exterior. É o nosso local de refeição. Neste momento é um grupo, mini empresa 3 pessoas que estão a tomar conta daquilo. São pessoas de fora, externas ao estabelecimento, a associação de funcionários e que contratou. Vai muito pouca gente lá. Os guardas prisionais</p>	<p>tempo, porque antigamente era a própria orgânica do E.P, que comprava os géneros e que confeccionava, percebe, com reclusos e havia um elemento responsável que era um cozinheiro do quadro. Depois passaram para as empresas da restauração, mas já há algum tempo. Ah isso, eu já não sei, mas há muito tempo, as empresas de restauração já estão instaladas há muito tempo. Aqui não tem havido nada. (queixas)."</p>
--	--	---	--	--	--

	<p>“A comida é normal, estamos presos, temos que nos sujeitar a comida menos bem confeccionada por estarmos presos..Eles comem aqui melhor que em casa de certeza. ..emagreci quase 24 quilos, há que aproveitar. (aproveitar o facto que está preso e emagrece)...Come-se bem aqui dentro, pode vir uma refeição em que as batatas venham ainda cruas, mas é normal a comida vem de Braga...eu sempre rapo sempre o meu pratinho.” (Entre 11)</p> <p>“Sempre foi fora, eu gostava da comida de fora, se for muitas batatas como, como o reforço à noite. A mim lá de vez enquanto trazem uma bolachita.” (Entr12)</p>	<p>estragados, eu vou comer porque tenho fome, senão não ia.” (Entre 6)</p> <p>“ A comida é sempre a mesma. Pouca comida para eles só. Para mim é a razoável. Eu até como dieta, depois do refeitório fechar.” (Entre 7)</p> <p>"Vou ser sincero, as pessoas trabalham aqui, não há comida de fora, aqui a comida podia ser razoável pelo menos 1ª vez. Aqui não há fome, mas não é boa. A qualidade também não é boa...mas estamos presos, mas somos humanos, não chega e deviam deixar entrar mais de casa ao menos ou uma refeição por dia ser melhor.” (Entre 8)</p> <p>“Gostava mais do outro sistema em que eram os reclusos a confeccionar e a servir. Isto aqui da empresa é tudo uma tanga, não tem lógica nenhuma e se, se perde mais um bocadinho eles dizem que</p>		<p>estão muito mais sujeitos a horários, nomeadamente ao fim de semana e a há noite com muita gente para jantar, e não há tempo. E aqui a messe é relativamente perto, e um local físico, e já faz parte da estrutura do estabelecimento prisional, esta inserida no bairro dos funcionários, e está lá a messe, espaço que é chamada messe, com um bar, para todos os funcionários.” (EntrG2)</p>	
--	--	---	--	--	--

		<p>a empresa não autoriza, porque não chega.</p> <p>A ementa é sempre a mesma, só altera os dias, as ementas podem dizer que é frango hoje e pode chegar o da firma e alterar e colocar massa. Não sei quem faz as ementas.”</p> <p>(Entre 9)</p> <p>“Sobre as ementas, não posso dizer muito. O mal que eu vi, sobre a comida vir de fora, e vir nas cuvetes e ela arrefecer. Principalmente em Viseu a sopa era melhor, os alimentos eram melhores não era como aqui a fruta é tudo fraco. É fraca, a qualidade dos alimentos falha, é a qualidade dos alimentos. Os funcionários da empresa, fazem tudo ao calha, não interessa. A empresa mete os reclusos a cortar ao meter nos pratos das pessoas. Ele olha para mim e vê que eu como pouco ou só como isto e fazem assim., para disfarçar e metem pouco. Têm que ganhar alguma coisa com isto. Vamos imaginar o frango de dieta em vez de pôr 2 pedaços, põe as aparas com</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>os ossos, na feijoada só se vê ossos. Eu sei de uma coisa que é, eles tem 200kg,decarne e a arca esta fechada a cadeado e têm que chegar para 600 reclusos e quem corta a carne tem que fazer «X» quilos daquela carne.É como a sopa, os legumes, se forem meter mais, depois vão ter que levar nas orelhas. Tinha um colega que fazia as sopas, metia mais, levava logo nas orelhas" (Entre 10)</p> <p>"Quando cheguei aqui, comia-se bem, a confeção era melhor a variedade de comida era melhor e com o tempo, não sei se foi por causa da crise ou não sei, é repetitiva, ou arroz e massa e não varia, se eu quisesse que varie, tenho que ir ao bar comprar atum. Sempre foi aqui feito com os reclusos e cozinheiros. Acho que deviam ser só reclusos a fazer a comida, não haver mais empresas, o que me dizem é que antes era assim e as coisas corriam muito melhor.</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>É mais a variedade dos alimentos e refeições, a confeitaria também, não sabem é variar.” (Entre 11)</p> <p>“Os tabuleiros somos nós que pegamos” “Aqui os reclusos dão a geral e outros dão o comer não só a dieta e depois outros o pão e outros a sopa” “Só se mudou o refeitório desde que se fez aquela divisão” “A comida veio para pior, é fácil aqui eles têm 2 cozinheiros (civil) e é tanto um como outro não fazem nada, quem tem que fazer, são os reclusos...eles não fazem nada, nem um tempero. A comida deles é feita à parte os trabalhadores comem fora da Prisão as da cozinha é que comem lá. Isto tudo é só interesses”. (Entre 12)</p>			
<p>Espaço do culinário (Operações culinárias) (Perg 6, 12,)</p>	<p>PERGUNTA 6 “Servir a sopa; levantar a mesa; lavar loiça; arrumar refeitório;</p>	<p>PERGUNTA 6 "servem as encomendas dos outros reclusos que lhe pedem. E deve fazer a</p>	<p>Perg 6 Tarefas Reclusos há uma senhora que serve a refeição e tem 4 faxinas para auxiliar, um serve a sopa, outro</p>	<p>PERGUNTA 6 “Fazem quase todo o tipo de tarefas que é feito na cozinha,</p>	<p>PERGUNTA 14.6 ” Do refeitório? Ajudam na confeitaria,</p>

	<p>levar a comida aos de castigo a reclusos isolados”(Entr1);</p> <p>“Não há” (Entr2);</p> <p>“Lá ajudam a arrumar o lixo, despejam o resto da comida, eu também levo o lixo ao fim do dia lá fora, estou em regime aberto, já fui algumas vezes a casa, é o RAVE.” (Entr3);</p> <p>“Há o faxina de limpeza no chão, outro auxilia na cozinha a sopa e o 3º elemento dá reforço sobremesa e pão.”(Entr4);</p> <p>“As tarefas das limpezas.” (Entr5);</p> <p>“Faxinas que trabalham nas cantinas, ajudam a servir as refeições. Em todas as cadeias, há sempre reclusos a ajudar.” (Entr6);</p> <p>“É limpeza, servem o comer 2 a dar os reforços pão e leite de manhã.” (Entr7);</p> <p>“ Faxinas, 2 na copa, serve a sopa, da sobremesa e reforços. Põe as canecas de água e</p>	<p>manutenção da loiça e de onde estão.</p> <p>As encomendas é o tabaco, os cartões, frutas e legumes, embalagens cheias de queijo, cedem mas pagam.</p> <p>No refeitório lavam a loiça, fazem limpezas à cozinha," (Entr1);</p> <p>“ Preparam comer, com a ajuda dos civis, servem, limpam e é isso que eles fazem.”(Entr2);</p> <p>“Eles fazem o piorio, eu sou diabético, insulino dependente sempre comi dieta, mas sem salada e tomo diariamente 42 comprimidos é só à base de hortaliça, mas eles não têm.Se pedir mais hortaliça dizem sempre que já chega, os presos estão ali dominados pelo gerente da comida, eles têm um prémio aparte do ordenado, para poupar.A minha médica já ligou para me darem todos os dias legumes mas não adiantou, ir para castigo e não adianta" (Entr3);</p>	<p>da o pão, outro da [...] dá a salada coloca a salada e a senhora serve a refeição, senhora da empresa. Primeiro ela não ia lá dentro nem ao pequeno-almoço, agora obrigatoriamente vai lá dentro, vai uniformizada. Ela está lá só presente, se falhar alguma coisa ela é responsável. Ela vai sempre no pequeno-almoço, almoço e jantar. Já passaram por ali muitas empresas e antes era a que servia o hospital e se quer que lhe seja sincero era a melhor [...] era a do hospital [...] depois isto vai a concurso e o mais barato e que que fica...mas depois ta a ver há problemas, porque o mais barato nem sempre e o melhor [...] mas eles são chamados a atenção [...] e depois os reclusos fazem a prova e não lhes agrada e comunicado a direção e depois vai chegar a empresa e algo se passa... e o país como esta em crise, esta a ver. Esta empresa está lá há muito tempo porque é a que faz mais barato. Isto tudo vai-se refletir e que não tenha duvida. Isto tudo vai-se refletir e eles de uma certa forma vão se sentir. Acabam por sentir também a crise.” (EntrG1);</p>	<p>ajudam na confeção, há um cozinheiro e ajudam.” (EntG1);</p> <p>“A cantina divide-se em 2 grupos, a cantina, cantina onde estão armazenados os produtos e são levados para os bares e os bares, os bares que fazem parte da cantina, a cantina engloba duas áreas que é os bares interiores dos reclusos, e a cantina, onde são armazenados os produtos que vão gradualmente em função das necessidades dos bares. <u>As funções dos reclusos são: gerir e ajudar neste caso a funcionária a descarregar e a organizar o espaço de cantina, dispor por produtos, por marcas, varias coisas e fazer-se chegar ao interior do Estabelecimento Prisional. Por outro lado, os que estão no interior do Estabelecimento Prisional também são faxinas da cantina, esses têm a função de vender aos companheiros os produtos, portanto através da venda direta no serviço de bar.</u></p>	<p>na ajuda da lavagem da loiça, a higiene supervisionada pelos senhores guardas e responsáveis, limpeza, o tipo de vários serviços.”</p> <p>Pergunta 20</p> <p>“Está cá a trabalhar desde outubro de 2013, e estive no E.P. Porto, na mesma área na administração e apoio geral. Não aqui, quer dizer eu aqui em relação às outras cadeias, aqui não tenho sentido queixas da alimentação, não têm havido grandes queixas com a alimentação desde que estou aqui, por parte dos reclusos. Já é empresa há muito tempo, porque antigamente era a própria orgânica do E.P, que comprava os géneros e que confeccionava, percebe,</p>
--	--	---	---	---	--

	<p>limpeza do chão e mesas.” (Entr8);</p> <p>“ Ajuda nos pequenos-almoços, jantar, almoço...Quem é faxina ganham 60 euros por mês, a senhora trás até à porta do refeitório e cada um tem os seus talheres no quarto, lavam-nos no final e levam para a cela. Também têm copo de plástico.”(Entr9);</p> <p>"São chamados de faxinas, são 3 na copa, limpeza, sopa e sobremesa e pão.É pôr canecas de água, fazer limpeza, sopa e mais pão e sobremesa. A direcção é que encaminha os reclusos para cargos laborais"(Entr10);</p> <p>“ Sim a servir, limpar a lavar a loiça.”(Entr11);</p> <p>“ Só servem o que vem de fora.”(Entr12):</p>	<p>“ Dão a comida, lavam, cozinham, a limpeza os reclusos é que fazem tudo ali praticamente” (Entr4);</p> <p>“Trabalho, eles servem o pessoal com fome são as ordens que têm" (Entr5);</p> <p>“ Servem comida, o reforço para a noite, o pão e a fruta, gelatinas, o almoço e outro recluso que dá a sopa." (Entr6);</p> <p>(Recluso da cozinha) "Servir na linha e arranjar os alimentos, confecioná-los. Preparação de carne, peixe e legumes.” (Entr7);</p> <p>“Ohh doutora... eles trabalham lá dentro só fazem o comer. Lavam a loiça e cortam a comida, eu já trabalhei numa cozinha e era assim." (Entr8);</p> <p>“ Servem a comida, limpa o refeitório e dão enxovalhadas para não dar comida, quando querem um prato com mais comida e negam, eu roubo um</p>	<p>“Uma funcionária e serve, são 3 reclusos mais uma funcionária e depois ficam 5 faxinas no final a lavar e arrumar tudo. Geralmente são escolhidos e vamo-nos apercebendo pela cela os que têm mais higiene e são escolhidos. Vemos que têm mais aptidão e alguns até vão para precária. Têm ordenado de faxina, não há outro tipo de trabalho e aproveitam isso. 35€/40€ por mês e depois carregam o cartão do bar e gastam em tabaco e bar”(EntreG2)</p> <p>PERGUNTA 12</p> <p>“Paço de Ferreira é no mesmo local, os reclusos confeccionavam, agora não. São em empresas, em Paços de Ferreira a empresa confecciona lá dentro, depois há sempre faxinas que auxiliam ali e que estão a ganhar como tal [...] eles são escolhido ali [...] em Guimarães só auxiliam na distribuição mesmo e depois lavam a loiça, arrumam os</p>	<p><u>As Funções no refeitório são várias, portanto desde a confissão, desde a preparação manuseamento de alimentos, legumes, carnes, peixes, até à ponta final de servir a refeição aos companheiros, portanto todas estas tarefas passam por eles, incluindo como é óbvio, a limpeza da louça dos espaços, a confissão, manuseamento de alimentos, da carga e descarga...tudo ... tudo desde à entrada dos alimentos até à ponta da linha de servir a refeição o recluso esta sempre presente.</u> (EntG2)</p> <p>PERGUNTA 12</p> <p>“ Estou na parte do refeitório praí há meio ano. Eu quando cheguei aqui já era a empresa, nunca calhei nesta cadeia com civis, sei que era o guarda e os presos que faziam tinham um aguarda responsável...desde que estou aqui foi sempre com uma empresa civil...pronto há sempre evolução...há obras que se fazem que estão sempre a ajudar as coisas...houve umas alterações foi</p>	<p>com reclusos e havia um elemento responsável que era um cozinheiro do quadro. Depois passaram para as empresas da restauração, mas já há algum tempo. Ah isso, eu já não sei, mas há muito tempo, as empresas de restauração já estão instaladas há muito tempo. Aqui não tem havido nada. (queixas).”</p>
--	---	--	---	--	---

	<p>PERGUNTA 12</p> <p>“Mais fartura; há mais sobras; o comer chega para os reclusos; Podia ter mais paladar; Comida chega fria” (Entr 1)</p> <p>“É a primeira vez que sou preso... Não tem estilo nenhum de comida, levei o reforço, estava tudo podre” (Entr2)</p> <p>“A comida aqui, relativamente sobre as outras é boa...Eu acho que é melhor a empresa, com uma empresa fica mais barato.” (Entr 3)</p> <p>“Sempre foi assim...a apresentação não é boa, a dieta não é a normal, quem organiza</p>	<p>prato para comera mais.” (Entr9);</p> <p>“ Limpar, ajudar na cozinha, preparar a carne, descongelar essas coisas. É bacias lá no chão a descongelar, não lavam os alimentos, os alimentos sempre cheios de pintas pretas. A qualidade também não deve ser a melhor de certeza para vir assim.” (Entr10);</p> <p>“Limpeza do Espaço” (Entr11);</p> <p>"São uns escravos, lá são puxados os trabalhos, que..."</p> <p>“é muito para o que se ganha, eu já trabalhei lá, na cozinha e depois na parte de refeitório, é o melhor trabalho. Trabalhar muito tempo e não se é recompensado, das8horas às 7horas da tarde, sem se sair dela....sempre lá dentro”. “O cozinheiro está ali porque tem que estar um civil...quem faz tudo lá, são os reclusos, é por secções, mesmo dentro da cozinha há secções das</p>	<p>tabuleiros os talheres etc [...] etc [...]são eles que cuidam do espaço todo, o serviço deles é esse. É a nutricionista da empresa, depois é o diretor e o chefe têm que assinar e concordar, e quando é alterada eles têm que ter conhecimento, muitas vezes a empresa não teve condições do que estava estipulado e eles têm que comunicar com antecedência.” (EntrG1);</p> <p>“Neste EP a refeição veio sempre da empresa. Nutricionista é da empresa. A direção aprova e a DGRSSP. Elaboram a ementa e alguém a autoriza e aprova. Sempre foi aqui distribuída por uma empresa. Não há condições de fazer cá a comida. A foram “Eurest”; “Mordigal” e agora é “Uniself” (EntrG2).</p>	<p>dividido mas normalmente deste que estou aqui e a firma..a qualidade tem se mantendo...pronto claro que um dia os presos gostam mais mas isso e como nós. Eu acho que é melhor, porque é acompanhado por uma nutricionista as ementas saem com antecedência, há mais rigor.” (EntrG1);</p> <p>“Sem dúvida há aqui diferenças muito grandes, quando era o Estabelecimento que confeccionava as refeições, abundava a comida e também saia muita comida para ao lixo, e a abundância nem sempre e aqui também era sinal qualidade. Com <u>as empresas</u>, houve <u>um outro rigor, no tipo da confissão no modo da confissão no modo de apresentação e sem dúvida que a população reclusa beneficiou com isto, embora isto custe a admitir durante algum tempo. Sendo confeccionada de uma outra maneira, confeccionada com a regra da carne e peixe, isso tudo tem mais-valias para o</u></p>	
--	--	---	--	--	--

	<p>deve ter esse cuidado. Claro que há alturas que querem alguma outra coisa no final do trabalho e sai outra é como em casa também se passa...Tem cuidado porque há uma variedade e vão com cuidado a e é tudo refeição mais aligeirada à noite. Sim a comida é aceitável," (Entr 4)</p> <p>"Aqui tem dias que é normal, outros é insuportável. Deixei de comer peru por causa de ser mal confeccionado...O que acho é que é mais bem confeccionado quando é na própria cadeia...para muitos que estão aqui é um hotel...o horário havia de ser logo das 7h às 8h." (Entr 5)</p> <p>"Aqui foi sempre uma empresa a fazer. Aqui está melhor...confeccionar para menos pessoas é mais fácil, não é?...Na qualidade, sabores é melhor vindo do exterior e até ao nível da higiene, a gente lá não vê não é?" (Entr 6)</p> <p>"Dizem eles que já veio de outra empresa, agora vem de</p>	<p>panelas, pratos, loiça grossa, das batatas do peixe e é ½ reclusos por secção.</p> <p>Eu trabalhei na do peixe e no armazém. O arroz é a base da cozinha, tudo o que seja para a cozinha que ser lá pedido. Eu estava lá a revistar as coisas....eu dava se visse que tinha que dar.</p> <p>Na parte de fora é varrer, limpar as mesas todos os dias e uma vez por semana é limpar o chão e basicamente é só isso...Esse é o melhor trabalho da cadeia, só se trabalha meia hora da manhã e ao meio dia da noite."(Entr12):</p> <p>PERGUNTA 12</p> <p>"Isto depende das idades das pessoas. E aqui, da comida que dão mais, é muito peixe e a juventude aqui não gosta nada de peixe. Aqui é o problema da qualidade é muita gente, a matéria-prima é boa, é congelada, mas perde-se na</p>		<p><u>recluso, para a alimentação do recluso, para a alimentação de uma pessoa normal isto houve uma mais valia e isto foi bom para les, de facto em outros tempo havia muito mais qualidade mas havia muito desperdício.</u> Hoje em dia não há tanto desperdício, havia um cozinheiro civil, funcionário do E.P, e os reclusos confeccionavam tudo, era tudo mais a granel, mas a qualidade não era melhor, a quantidade que por sua vez não satisfazia porque sobrava muita comida. Eu sou testemunha, nós tínhamos as ovelhas e os porcos e o tractor saia todos os dias cheio de contentores de comida para o lixo, portanto havia muita comida que não era consumida, havia desperdício e não havia qualidade.</p> <p>Os guardas prisionais nunca comiam cá, a refeição nunca foi do rancho geral, há estabelecimentos que têm essa norma essa prática, mas se fosse hoje com a qualidade da alimentação que os reclusos têm, de certeza que</p>	
--	---	---	--	--	--

	<p>Braga...dizem que houve tempo em que era confeccionada aqui,...Eu é dieta e muitas das vezes não como, é só sopa e é água com batata ralada é para aconchegar o estômago " (Entr 7)</p> <p>"A comida sempre veio dessa empresa, a prisão não conseguia se autossustentar...A comida é razoável, completamente aceitável. Infelizmente muita comida que é deitada fora, as pessoas se estivessem lá fora era bom." (Entr 8)</p> <p>"Come-me mais mal agora. Sempre foi uma empresa. Come-se muito mal agora, é quase sempre massa e arroz, «mesmo a sopa é só água não presta.»....aqui pode não prestar e dão a outros mais e a outros menos. Aqui não tem sabor e tem a uma vez por entre outra boa. " (Entr 9)</p> <p>"Se for confeccionada aqui dentro seria mais saboroso e teria mais condimentos. Se fosse confeccionada a comida aqui</p>	<p>confeção por é muita gente." (Entr 1)</p> <p>"Desde que eles preparam a comida, isto piorou tudo, porque há uma razão, é arroz massa e carne com osso e você tem direito a 70, 50 gramas de carne e nem 30 tem!!!Acho que era melhor, mais quantidade e qualidade, antes. Agora é tudo congelado e poucas quantidades. Eu nunca vi o diretor a vir onde nós estamos a comer, se está bem ou não. Diretora ia lá dentro e muitas vezes não estava a comida em condições e a diretora mandava mudar tudo. Isto aqui não acontece...é do pior e o pessoal é muito novo de baixa escolaridade e não sabem reivindicar. É mesmo miséria, nunca vi." (Entr 2)</p> <p>"Eu não posso dizer muito sobre a qualidade, eu como dieta pouca higiene, pouca quantidade e qualidade. " (Entr3)</p>		<p>não ficavam a perder, com a messe que comemos no exterior. Nós tivemos sempre messe no exterior. É o nosso local de refeição. Neste momento é um grupo, mini empresa 3 pessoas que estão a tomar conta daquilo. São pessoas de fora, externas ao estabelecimento, a associação de funcionários e que contratou. Vai muito pouca gente lá. Os guardas prisionais estão muito mais sujeitos a horários, nomeadamente ao fim de semana e a há noite com muita gente para jantar, e não há tempo. E aqui a messe é relativamente perto, e um local físico, e já faz parte da estrutura do estabelecimento prisional, esta inserida no bairro dos funcionários, e está lá a messe, espaço que é chamada messe, com um bar, para todos os funcionários." (EntrG2)</p>	
--	---	---	--	--	--

	<p>seria melhor e há muitos anos que vem de fora. Para se ganhar o concurso tem que se tirar a qualidade e baixar aos preços. Muitas vezes esquecem-se de coisas e têm que buscar de propósito longe, a longe lá se esquecem do reforço.” (Entr 10)</p> <p>“A comida é normal, estamos presos, temos que nos sujeitar a comida menos bem confeccionada por estarmos presos..Eles comem aqui melhor que em casa de certeza. ..emagreci quase 24 quilos, há que aproveitar. (aproveitar o facto que está preso e emagrece)...Come-se bem aqui dentro, pode vir uma refeição em que as batatas venham ainda cruas, mas é normal a comida vem de Braga...eu sempre rapo sempre o meu pratinho.” (Entr 11)</p> <p>“Sempre foi fora, eu gostava da comida de fora, se for muitas batatas como, como o reforço à noite. A mim lá de vez enquanto trazem uma bolachita.” (Entr12)</p>	<p>“As mudanças ocorreram sempre para pior, serviram hambúrgueres e sabia e cheirava mal...frango o osso é amarelo. O peixe quase cru, o arroz é quase cru...cena de gelatina que é para 2, fazem 4 e a mousse e igual...A ementa ..meio-dia carne e à noite peixe, só que a confeção não é a mais adequada....O que recebe mais é o que esta todos os dias a servir, ganha mais, serve a concha de arroz e empurra não levanta. Hoje foi rojões e um reclamou ...eram 3 rojões levou 6. se toda a gente reclamasse não chegava” (Entr 4)</p> <p>“Mudou quase tudo, havia mais companheirismo se estivessem em baixo, davam apoio. Agora a comida já não tem sabor, passado uma hora já esta cheio de fome outra vez. Eu sou doente crónico...estavam a dar Nestum por mês e leite e agora já não dão. Cortaram. Tem sido, dantes ainda se comia bem, agora não. não</p>			
--	---	--	--	--	--

		<p>davam rojões e agora até já dão.” (Entr 5)</p> <p>"Ao primeiro ainda tinha senhora na linha, agora não, é sempre reclusos a servir. A minha expectativa é que está na linha da ala A, ele olha para a cara e vê o que podem deitar, pois eles ganham comissão, por quanto menos servirem. Quem paga é a empresa, quanto mais eles pouparem mais eles ganham. Se houvesse uma surpresa de irem todos os reclusos ao pequeno-almoço, não chegava o pão para todos.</p> <p>A comida ao almoço tem estado parada por causa da carne que vem crua. Há um recluso que está cheio de manchas na pele por um hambúrguer que comeu estragados, eu vou comer porque tenho fome, senão não ia.” (Entr6)</p> <p>“ A comida é sempre a mesma. Pouca comida para eles só. Para mim é a</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>razoável. Eu até como dieta, depois do refeitório fechar.” (Entr 7)</p> <p>“Vou ser sincero, as pessoas trabalham aqui, não há comida de fora, aqui a comida podia ser razoável pelo menos 1ª vez. Aqui não há fome, mas não é boa. A qualidade também não é boa...mas estamos presos, mas somos humanos, não chega e deviam deixar entrar mais de casa ao menos ou uma refeição por dia ser melhor.” (Entr8)</p> <p>“Gostava mais do outro sistema em que eram os reclusos a confeccionar e a servir. Isto aqui da empresa é tudo uma tanga, não tem lógica nenhuma e se, se perde mais um bocadinho eles dizem que a empresa não autoriza, porque não chega. A ementa é sempre a mesma, só altera os dias, as ementas podem dizer que é frango hoje e pode chegar o da firma e alterar e colocar massa. Não</p>			
--	--	--	--	--	--

		<p>sei quem faz as ementas.” (Entr9)</p> <p>“Sobre as ementas, não posso dizer muito. O mal que eu vi, sobre a comida vir de fora, e vir nas cuvetes e ela arrefecer. Principalmente em Viseu a sopa era melhor, os alimentos eram melhores não era como aqui a fruta é tudo fraco. É fraca, a qualidade dos alimentos falha, é a qualidade dos alimentos. Os funcionários da empresa, fazem tudo ao calha, não interessa. A empresa mete os reclusos a cortar ao meter nos pratos das pessoas. Ele olha para mim e vê que eu como pouco ou só como isto e fazem assim., para disfarçar e metem pouco. Têm que ganhar alguma coisa com isto. Vamos imaginar o frango de dieta em vez de pôr 2 pedaços, põe as aparas com os ossos, na feijoada só se vê ossos. Eu sei de uma coisa que é, eles tem 200kg, decarne e a arca esta fechada a cadeado e têm que chegar para 600 reclusos e quem corta a carne tem que fazer</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>«X» quilos daquela carne.É como a sopa, os legumes, se forem meter mais, depois vão ter que levar nas orelhas. Tinha um colega que fazia as sopas, metia mais, levava logo nas orelhas" (Entr10)</p> <p>"Quando cheguei aqui, comia-se bem, a confeção era melhor a variedade de comida era melhor e com o tempo, não sei se foi por causa da crise ou não sei, é repetitiva, ou arroz e massa e não varia, se eu quisesse que varie, tenho que ir ao bar comprar atum. Sempre foi aqui feito com os reclusos e cozinheiros. Acho que deviam ser só reclusos a fazer a comida, não haver mais empresas, o que me dizem é que antes era assim e as coisas corriam muito melhor. É mais a variedade dos alimentos e refeições, a confeção também, não sabem é variar." (Entr 11)</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>“Os tabuleiros somos nós que pegamos”</p> <p>“Aqui os reclusos dão a geral e outros dão o comer não só a dieta e depois outros o pão e outros a sopa”</p> <p>“Só se mudou o refeitório desde que se fez aquela divisão”</p> <p>“A comida veio para pior, é fácil aqui eles têm 2 cozinheiros (civil) e é tanto um como outro não fazem nada, quem tem que fazer, são os reclusos...eles não fazem nada, nem um tempero. A comida deles é feita à parte os trabalhadores comem fora da Prisão as da cozinha é que comem lá. Isto tudo é só interesses”.</p> <p>(Entr12)</p>			
<p>Espaço dos hábitos alimentares (nº de tomadas das refeições, formas destas, horários, espaço e contextos sociais das refeições) (Perg 7,8,9, 10, 14, 31/Guardas 28)</p>	<p>(Perg 7 tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>(Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇÃO 1- Livres</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições)</p>	<p>(Perg 7- tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇÃO 1- Livres</p>	<p>Perg 7- tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇÃO 1- Livres</p>	<p>Perg 7- tempo das refeições) Guardas responderam 1 turno “Ali e tudo a mesma hora e têm um tempo e têm que vir todos a mesma hora e se não vierem dá direito a participação. Podem não querer, não são obrigados a</p>	<p>Perg 7 Único Turno (EntrTA)</p> <p>Perg 8 Livres (EntrTA)</p> <p>Perg 9 8h00 e 8h45 11h30 e 12h30 17h45 e 18h45</p>

	<p>Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h30- P.ALMOÇO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2 pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Menos de meia hora (E1 e E5) Restantes entrevistados 3/4hora a 1 hora, opção 4</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições) “Haver respeito, paz, a ordem social, cada um ocupo o seu lugar; Haver respeito e a ordem para não haver discutimento o que não tem havido” (E1);</p> <p>"Desde que entrei aqui é sempre a mesma coisa...Se virem a fazer mais barulho, chamam-nos logo a atenção...Pedem para não estarmos a brincar" (E2);</p> <p>“Sim, eles estão ali para haver segurança e não conflitos, porque senão estivessem ali guardas era</p>	<p>(Perg 9- Horas das refeições) Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h45- P.ALMOÇO 11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Todos os entrevistados responderam 3/4hora a 1 hora, opção 4</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições) "Eu penso que a função principal deles ali é a segurança.reclusos que vão comer como para os que vão servir.É lógico que numa cadeia destas há sempre conflitos." (E1);</p> <p>“Você tem que dar o número é mais a segurança, para ninguém andar lá ao muro,</p>	<p>(Perg 9- Horas das refeições) Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h45- P.ALMOÇO 11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Todos os entrevistados responderam 3/4hora a 1 hora, opção 4</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições) “O refeitório é um lugar sagrado, é um lugar importante a não podemos levantar rancho, estar em desacordo com o racho servido. O nosso trabalho é que eles tomem a refeições sem grandes tumultos, às vezes existem. Quando existem é o levantamento do rancho e por norma é porque a comida é pouca ou não agrada. Quando é peixe,</p>	<p>comer mas têm que vir ao guarda, porque eles de manhã nem querem sair da cama e nem querem comer, mas lá esta os que têm visita. Tá a ver, eles têm visitas e as visitas levam as coisas, ora aqui esta o seu estudo e verdade, e muito bem pensado este tema [...] porque os outros têm sempre que comer e o estado estava a pagar as refeições [...] assim eles vêm ao guarda e até tomam um bocado e leite. Eles têm que ir lá ao refeitório a falta e tirada junto ao refeitório, lá no refeitório” (EntrG2)</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Guardas responderam livres “fazem fila, fazemos o conto e vão entrando conforme vai havendo vaga no refeitório, é tudo igual, ordem de chegada e aguardam, as celas disciplinares não temos tido”. (EntrG1)</p> <p>“o recluso quando entra vai sempre para uma cela, onde estão os entrados, deveria funcionar mais ou menos assim, os reclusos vão para</p>	<p>(EntrTA)</p> <p>Perg10 de 3/4 de hora a 1 hora (EntrTA)</p> <p>(Perg22 Precauções dos GP nas refeições) “ Em termos de segurança? Há, a vigilância, eles estão no refeitório têm que exercer a vigilância. É as normas. Eles têm que exercer ordem ordem...e estão lá ara não existir conflitos. (Há diferentes precauções no refeitório?) ah isso, eu já não sei! E quando há desordem comunicação, não é?”</p> <p>Perg14 e 14.5 “ É o cozinheiro da empresa, um cozinheiro. Os</p>
--	---	---	--	--	--

	<p>só conflitos, havia confusão...Ninguém respeita ninguém são 10 pessoas que sabem ter cultura e cidadania...de resto não se aproveita mais nada" (E3);</p> <p>"Organização, estão organizados de forma que não hajam grande situação de desconforto, a presença deles é relevante...Pois põem respeito, estão sempre 4 incluindo o chefe. ...A média é sempre 4 no início da porta, a meio e no final pode haver uma situação de emergência que esteja menos 1, mas é pontual...Há uma relação aqui entre nós porque eu até fiquei surpreendido com a aproximação que é de tal forma que parecem que estão como reclusos também....Controlam assim mais o pessoal, não se impõem, mas se tiverem de atuar com mais rigor também o fazem. A aproximação é boa,uma cadeia com mais reclusos não é assim." (E4);</p> <p>"Só se for para uma pessoa não levar os pratos para a cela. Ou que não faltem os talheres da</p>	<p>abater nos outros. Porque às vezes acontece." (E2);</p> <p>"Tirar o número. E para ordem, para não haver desacato, para não passar à frente dos outros. Um guarda com os números. Um guarda efetivo na cozinha com chaves da dispensa. Quatro guardas em cada ala e 1 graduado de serviço para as 2alas." (E3);</p> <p>"A preocupação deles é meter a conversa em dia. É chefes, é guardas,...agente precisa de algo...ele manda ir berrar com o cozinheiro...se mandamos um prato para trás/linha, somos logo propostos para castigo," (E4);</p> <p>"Ahh... não fazem nada, metem-se ali a tirar os números do pessoal e a ver se há algum desacato" (E5);</p> <p>"Eu vejo os chefes por exemplo de manhã ao pequeno almoço, eles guardam a empresa. Eles não dão mais pão,..aqui, é diferente eles não deixam que</p>	<p>eles não gostam muito de peixe" (EntG1)</p> <p>" é um local onde estão muitos reclusos e nos temos que ter em conta se eles tiverem alguma iniciativa mais desagradável dentro do refeitório temos que agir [...] eles estão todos juntos é muito homem junto [...] nós as vezes estamos 4 ou 5 e um graduado e um subchefe. Temos que ter sempre em atenção porque eles sabem que qualquer [...] qualquer coisa que façam dentro do refeitório é punível E eles também têm um bocado de receio por isso [...] Ou fazem bem feito ou então muitas vezes dizem "ohh pahh não vamos comer" – estão no direito deles, há o levantamento de ranche, meia dúzia deles nos fazemos o levantamento do numero, saiem para fora, deixam comer quem quer, que muitas vezes que os outros adiram "porque eu não vou, mas não quero que o tu também vás" "pahh mas eu não vou passar fome porque não tenho quem me traga nada", e eles às vezes tentam sem nós nos percebemos forçar [... "ohh pa tu</p>	<p>uma cela onde estão os entrados, estão ali uns dias para analisar...esta a ver...depois de uns dias, uma semana, quinze dias ou isso, depois de os conhecermos mais ou menos, depois são retirados por antiguidade, por mais antigo que já estava lá a mais tempo, ou porque pedem ou porque entendemos que deverá ir para o pé daquele individuo, ou porque fuma, ou porque poderia ir para ao pé do familiar ou etc.. os mais recentes portanto depois vão se distribuindo" (EntrG2)</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições)</p> <p>"O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOCO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí." (EntrG1)</p> <p>"O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOCO 12h00 às 12h30- ALMOÇO</p>	<p>reclusos são cerca de 20 e tal e são faxinas da cozinha"</p> <p>"Dos presos? Bom comportamento, não serem portadores de doenças, qualquer tipo de doença e alguns com conhecimento dentro da orgânica da hotelaria, alguns quando são afetos À cozinha têm preferência, assim como os pedreiros para as obras os picheiros...."</p>
--	---	--	---	---	--

	<p>copa talvez, de resto não vejo grandes preocupações....Há mais guardas, porque podem haver atritos,...um recluso pode agredir com os objetos....Pôr respeito. Ainda aqui há dias, pra sopa vão e chatearam-se e a sopa foi virada no copo do outro e ainda se sujou e é mais por causa dessas coisas" (E5);</p> <p>"Não vejo nada de anormal. ..Claro que estão sempre atentos se há mais barulho e claro aqui não se passa isso, o pessoal é pacífico, há mais convivência todos se conhecem é diferente. Tentam estar sempre mais guardas" (E6);</p> <p>"É manter a ordem não deixar que discutem uns com os outros...Eles estão todos assim do lado da parede e às vezes debruçam-se no gardeão a olhar uns para os outros e a gente a querer comer pão e eles a olhar para nós, a meter o pão à boca é embaraçoso...É porque alguma coisa aconteceu em tempos...não sei e não servem o comer sem estar ali a autoridade" (E7);</p>	<p>se dê mais comida. É triste estar preso, e passar fome, tem peixe aqui que nem aos gatos se dá, eles morriam." (E6);</p> <p>"Eles apenas tomem em precaução só a roupa, não ir de calções para o refeitório, não passar uns pelos outros e não fazem mais nada. De resto estão ali de corpo presente." (E7);</p> <p>"As preocupações, são só se uma pessoa vai fazer queixa, ainda ouve, este fim-de-semana fui lá era pescada e eles disseram que estava muito bom. Ninguém morre de fome, mas ao menos uma vez uma vez ao dia que tivesse a vitamina necessária. A sopa não tem azeite é só banha, uma vez ao dia." (E8);</p> <p>"Não, é tudo igual. Eles estão ali para a segurança, eles são 10/12, os subchefes têm que estar sempre no refeitório. O pavilhão e refeitório são locais "sagrados", não se pode arranjar conflitos, nem confusões, caso hajam é logo</p>	<p>não vais, eu até te dou umas bolachas, ou pago um café ou dou-te um cigarro, mas tu hoje não vais" que é para arranjar um maior número não e? se calhar o castigo ira ser mais atenuado, do que se for só um ou dois... isso também existe. "(EntG2)</p> <p>Perg 28</p> <p>"em parte sim, é uma mais-valia se eles tivessem condições [...] (risos) os que estão lá retiram sempre algum proveito disto [...] ou pedem a senhora para deixar mais disto ou daquilo, ou para guardar a melhor parte para eles, eles tentam tirar algum beneficio do local que ocupam, tem sempre fruta em abundancia porque o que sobra fica com eles, e lá está negociam com os outros porque tem acesso mais as coisas e sempre assim foi [...] os lugares ali naquela caso são disputados porque não tem muita saída [...] mas por exemplo para quem tem visitas não interessa, mas para quem não tem visitas é um local muito desejado. Eles adoram estar lá [...] eles como não tem</p>	<p>18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí." (EntrG2)</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições)</p> <p>"comem rápido, meia hora para todos" (ent1)</p> <p>"mais ou menos meia hora para todos" (ent2)</p> <p>Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)</p> <p>"A principal é a segurança, mas depois há aquela de ver se as coisas estão a ser bem servidas, as quantidades... Esta muita gente junta, há esperas para poderem entrar juntos e pode haver a qualquer momento descatos." (Ent1) como função, o bom funcionamento da distribuição e manter a ordem e a segurança dentro do estabelecimento prisional, nomeadamente dentro do refeitório, a principal</p>	
--	---	---	---	--	--

	<p>“Isto é uma coisa pequena...e não for os guardas têm sempre que ver onde anda o recluso...nunca houve (conflitos físicos guardas...pode-se falar mais alto um bocado e eles próprios dizerem para baixarem o tom de voz, é muito difícil acontecer e a maior parte das pessoas conhecem-se.” (E8);</p> <p>“É estar atento, para ver se esta tudo bem, não haver muito barulho. ver como esta a correr as dadas do comer, às vezes algum reclama, há chatices porque as mulheres da cozinha têm tanto no tabuleiro e não dão mais e no fim sobra e não, oferecem. e dão também a quem trabalha na copa e não dão a uns e dão a outros para favorecer.” (E9);</p> <p>“Aqui o espaço e estabelecimento é muito pequeno ...tomam as medidas normais dos estabelecimentos prisionais...Há mais 2,3 guardas, são 3,4 guardas sempre com um chefe graduado, um na medicação, apartar as faltas, a contagem é</p>	<p>castigo fechado. Se nós pedirmos mais 2 pães de manhã não nós dão e o pão é pequenino.” (E9);</p> <p>“Chegar atrasado não come, manda fechar, e se eu reclamar da comida, não fazem nada, manda embora, as pessoas é que trocam o prato ele não quer saber, só não querem é que façam barulho.” (E10);</p> <p>“ Acho que é ao nível com confronto, entre reclusos que recebem e o que esta do lado de lá...Eles estão mais atentos a isso, à quantidade da comida, porque há conflitos entre o recluso do lado de cá e do lado de lá e pode haver motins e conflitos. Estão mais atentos.” (1 E11);</p> <p>"podem ver alguém a atirar os tabuleiros, a atirarem algo para o chão, não chamam a atenção e custa-me ver porque eu limpava e aqui há de tudo...Não têm atenção são porcos e há coisas que fazem, que são capazes de levar e atiram para</p>	<p>visitas levam pacotes de leite, eles gostam daquilo que fazem [...] os outros nem querem trabalhar, nem têm necessidade, estão aqui para cumprir a pena e mais nada.” (EntrG1);</p> <p>“É bom, porque assim eles têm conhecimento das coisas, de como são na zona alimentar e explicam aos outros e já não há fantasia” (EntrG2).</p>	<p>preocupação é que não haja qualquer divergência entre reclusos, com funcionários na distribuição, entre reclusos, portanto onde há um grande aglomerado de reclusos, qualquer problema, qualquer foco que ali suja pode ser, um problema difícil de controlar. Mas o principal <u>problema é o controlo do espaço, controlo do espaço e organização e funcionamento, bom funcionamento do espaço. Sim, tentamos canalizar para lá toda a gente disponível para que o refeitório seja povoado, quanto mais melhor. Sendo essa uma das preocupações que é básica. Quase que toda a gente disponível vai para o refeitório.</u> (Ent2)</p> <p>Perg 28</p> <p>“Eu acho normal e não vejo mal nenhum nisso, é bom é o trabalho.” (EntrG1);</p>	
--	--	---	--	---	--

	<p>feita no pequeno almoço e têm que ir ver onde eu me encontro e fazem a noite....Houve um desentendimento no corredor entre reclusos que um recluso deu uma chapada num mais vulnerável e outro veio em sua defesa e acabou foi participado. " (E10);</p> <p>"Têm sempre mais guardas que o normal..estamos para uma refeição e podem reclamar...pode pôr um prato pelo ar,...acontece na precária estão mais alteradosos guardas aí ..mandam logo calar." (E11);</p> <p>"Segurança, muitos guardas." (E12)</p> <p>Perg 31</p> <p>"Não acho mal, mas a higiene de uns não agrada, uns rilham as unhas, outros mexem no cabelo, não igual" (Entr1);</p> <p>"Acho bem, mas acho que só faziam a distribuição." (Entr2);</p> <p>"Acho que é bem, mas com higiene...há pessoas que andam</p>	<p>o refeitório e o óleo e abrem e põe para o chão e os guardas vêem e não dizem nada.</p> <p>Estão ali porque têm que estar olha-se para eles, e vê-se que estão contra a vontade. Já dei a comida no refeitório e é complicado. Quando a comida não agrada quem leva de frente são os que estão na cozinha porque os guardas não fazem nada...e por isso tiraram-me logo da cozinha e não olham à razão, dizem só que não tinha que reagir aos insultos." (E12);</p> <p>Perg 31</p> <p>"Sim, eu penso que é bom, sim...sim...é positivo, porque há diferença, quando se trata de pessoas de lá de fora ou com os reclusos" (Entr1);</p> <p>"Eu conheço pouco do pessoal civil 2/3, reclusos há bastantes, havia de haver mais controlo para termos uma higiene mais controlada. Antigamente ou recentemente eram reclusos pagos posteriormente para deitar água no leite de manhã, para</p>		<p>Normal, em tempos eles trabalhavam na nossa messe e preparavam a refeição no bar dos funcionários e estavam no bar de funcionários, portanto é perfeitamente normal. Se os reclusos têm que ser responsabilizados, porque não também nisto? <u>Temos aqui gente com responsabilidade, temos aqui gente que é capaz, temos aqui gente que tem noção daquilo que está a fazer. Nunca houve nada de mal nas refeições, não!" (EntrG2)</u></p>	
--	--	--	--	---	--

	<p>lá sem higiene, não usam luvas, batas, coisas para colocar no cabelo, nem tomam banho...Repartem a comida entre ele...Guardam sempre para eles, só se houver muita quantidade e é o pão que dão. Lambices claro, é sempre para eles." (Entr3);</p> <p>"Fazem bem." (Entr4);</p> <p>"Acho bem...Ela até devia de ser feita, pelos próprios reclusos. Até acho que qualquer cadeia portuguesa deveria de ser auto sustentável. Nós deveríamos de dar condições para sustentar a cadeia." (Entr5);</p> <p>"Eu acho que está bem, não vejo nada de anormal, concordo." (Entr6);</p> <p>"É bom, sim acho que sim...Para eles que vão ganhando algum tostãozinho, mas para nós sentimo-nos mais à vontade com os colegas porque são eles próprios que nos servem a sopa, o pão e a fruta." (Entr7);</p>	<p>gastar o menos possível, para dar benefício à empresa. A empresa paga claro dizendo que é apenas para se levantarem muito cedo. A verdade é que é porque poupam a porção." (Entr2);</p> <p>"Acho mal, porque eles quando estão a servir parece que são eles que pagam as coisas...Eu se pedir alguma coisa ao recluso, se ele não for com a minha cara..Se for um amigo já é tudo." (Entr3);</p> <p>"Acho que se fossem os civis era mais justo. Se a empresa paga para cozinhar, mas nunca lá estão. De um lado é sempre reclusos. Esta semana já lá estão pessoas, ao pequeno-almoço é só de reclusos, ao fim de semana é só de reclusos. Pelo menos ao almoço e jantar deveria de haver um civil." (Entr4);</p> <p>"Acho bem, senão era um atraso de vida, já assim é uma confusão, não há respeito por ninguém. Se houvesse respeito não haviam</p>			
--	--	--	--	--	--

	<p>"Acho bem, ajuda a ocupar" (Entr8);</p> <p>"Sim acho, também não fazem quase nada, É da maneira que ganham o deles. " (Entr9);</p> <p>"Os que mais reclamam são os que menos têm, isso não tenho dúvidas. Ma acho bem que eles cozinham também." (Entr10);</p> <p>"É bom, são como nós." (Entr11);</p> <p>"Ainda bem, ajudam e são nossos." (Entr12):</p>	<p>conflitos. Tem que haver ajudantes e a dona Julieta já tem uma idade e quando ela não vem, fica lá outra senhora. Mas não é fácil." (Entr5);</p> <p>"Mas é bom porque dão emprego a reclusos, são os que mais recebem. Na parte da linha, porque é preso como eu e não me dá de comer, tanta conversa que há até." (Entr6);</p> <p>"Acho normal. É bom, atão a gente, estamos lá, sabemos o que comemos, mas estamos lá 25 reclusos é tudo feito ao mesmo tempo, agente não separa o nosso comer, é tudo junto. Os reclusos da parte de fora até deviam ter mais confiança. Todos os reclusos podem pedir comida à parte na cozinha para fazer no dia da festa de anos. Ainda ontem aconteceu isso. Já muitos na parte de fora pagava os alimentos, compra no bar e fazia-se, como pizzas." (Entr7);</p>			
--	--	---	--	--	--

"Olhe mal por um lado, porque não se sabe o que vai na cabeça das pessoas, porque já apareceram pioneses na sopa e comprimidos na comida. Como é uma empresa a confeção a fazer deveria ser eles, agora servir, a distribuição, limpeza os reclusos, e é bom, agora na confeção é mau.

Não se sabe quem os meteu lá, mas alguém foi. O recluso não vai fazer com gosto, como as pessoas de fora é diferente, o recluso cai ao chão torna apanhar e mete para dentro." (Entr8);

"Conforme a situação. Eu gostava mais há 13 anos atrás quando eram os presos a fazer mais, que as firmas, os meus colegas de antes sabiam cozinhar, estes gajos com a mania de que são cozinheiros, não sabem fazer nem um frango. Pode haver sempre alguém que meta veneno para toda a agente morrer e deve haver um civil

		<p>para controlar, mas acho que é bom haver reclusos.” (Entr9);</p> <p>“Acho mal, porque a maior parte não tem higiene nenhuma, todos desdentados e não tomam banho, nem roupa, meu deus a vida de muitos... E às vezes vista de fora, enfiam pastilhas na sopa e a salada com bichos.” (Entr10);</p> <p>“Vendo que esta aqui uma empresa e estando a ganhar, não teria que estar os reclusos se têm uma empresa, têm que ter empregados, mas acho que deviam ser só os reclusos.” Entr11);</p> <p>"Não, não acho bem, comem diferente, mas pelo que trabalham eles merecem....ão é por terem mais regalias ou ganharem mais é porque eles estão ali – vendem-se se por pouco...tem o ordenado deles. Mas têm prémio que é dado pela empresa (depende das pessoas e em dinheiro</p>			
--	--	---	--	--	--

		depositado na conta do disponível) vendem-se estão capazes de prejudicar um colega cá dentro negando-lhes comida.” (Entr12)			
Temporalidades alimentares (Perg 6, 7,8,9,10,)	<p>Perg 6 tarefas reclusos</p> <p>“Servir a sopa; levantar a mesa; lavar loiça; arrumar refeitório; levar a comida aos de castigo a reclusos isolados”(Entr1);</p> <p>“Não há” (Entr2);</p> <p>“Lá ajudam a arrumar o lixo, despejam o resto da comida, eu também levo o lixo ao fim do dia lá fora, estou em regime aberto, já fui algumas vezes a casa, é o RAVE.” (Entr3);</p> <p>“Há o faxina de limpeza no chão, outro auxilia na cozinha a sopa e o 3º elemento dá reforço sobremesa e pão.”(Entr4);</p> <p>“As tarefas das limpezas.” (Entr5);</p>	<p>Perg 6 tarefas reclusos</p> <p>"servem as encomendas dos outros reclusos que lhe pedem. E deve fazer a manutenção da loiça e de onde estão.</p> <p>As encomendas é o tabaco, os cartões, frutas e legumes, embalagens cheias de queijo, cedem mas pagam.</p> <p>No refeitório lavam a loiça, fazem limpezas à cozinha," (Entr1);</p> <p>“ Preparam comer, com a ajuda dos civis, servem, limpam e é isso que eles fazem.”(Entr2);</p> <p>“Eles fazem o piorio, eu sou diabético, insulino dependente sempre comi dieta, mas sem salada e tomo diariamente 42</p>	<p>Perg 6 Tarefas Reclusos</p> <p>há uma senhora que serve a refeição e tem 4 faxinas para auxiliar, um serve a sopa, outro da o pão, outro da [...] dá a salada coloca a salada e a senhora serve a refeição, senhora da empresa. Primeiro ela não ia lá dentro nem ao pequeno-almoço, agora obrigatoriamente vai lá dentro, vai uniformizada. Ela está lá só presente, se falhar alguma coisa ela e responsável. Ela vai sempre no pequeno-almoço, almoço e jantar. Já passaram por ali muitas empresas e antes era a que servia o hospital e se quer que lhe seja sincero era a melhor [...] era a do hospital [...] depois isto vai a concurso e o mais barato e que que fica...mas depois ta a ver há problemas, porque o mais barato nem sempre e o melhor [...] mas</p>	<p>Perg 6 Tarefas Reclusos</p> <p>“Fazem quase todo o tipo de tarefas que é feito na cozinha, ajudam na confeção, há um cozinheiro e ajudam.” (EntrG1)</p> <p>A cantina divide-se em 2 grupos, a cantina, cantina onde estão armazenados os produtos e são levados para os bares e os bares, os bares que fazem parte da cantina, a cantina engloba duas áreas que é os bares interiores dos reclusos, e a cantina, onde são armazenados os produtos que vão gradualmente em função das necessidades dos bares.</p> <p><u>As funções dos reclusos são: gerir e ajudar neste caso a funcionária a descarregar e a organizar o espaço de cantina,</u></p>	<p>Perguntas 14.5, 14.5, 15,16,17,18,</p> <p>“Dos presos? Bom comportamento, não serem portadores de doenças, qualquer tipo de doença e alguns com conhecimento dentro da orgânica da hotelaria, alguns quando são afetos À cozinha têm preferência, assim como os pedreiros para as obras os picheiros....”;</p> <p>” Do refeitório? Ajudam na confeção, na ajuda da lavagem da louça, a higiene supervisionada pelos</p>

	<p>"Faxinas que trabalham nas cantinas, ajudam a servir as refeições. Em todas as cadeias, há sempre reclusos a ajudar." (Entr6);</p> <p>"É limpeza, servem o comer 2 a dar os reforços pão e leite de manhã." (Entr7);</p> <p>" Faxinas, 2 na copa, serve a sopa, da sobremesa e reforços. Põe as canecas de água e limpeza do chão e mesas." (Entr8);</p> <p>" Ajuda nos pequenos-almoços, jantar, almoço...Quem é faxina ganham 60 euros por mês, a senhora trás até à porta do refeitório e cada um tem os seus talheres no quarto, lavam-nos no final e levam para a cela. Também têm copo de plástico."(Entr9);</p> <p>"São chamados de faxinas, são 3 na copa, limpeza, sopa e sobremesa e pão.É pôr canecas de água, fazer limpeza, sopa e mais pão e sobremesa. A direcção é que encaminha os reclusos para cargos laborais"(Entr10);</p>	<p>comprimidos é só à base de hortaliça, mas eles não têm.Se pedir mais hortaliça dizem sempre que já chega, os presos estão ali dominados pelo gerente da comida, eles têm um prémio aparte do ordenado, para poupar.A minha médica já ligou para me darem todos os dias legumes mas não adiantou, ir para castigo e não adianta" (Entr3);</p> <p>" Dão a comida, lavam, cozinham, a limpeza os reclusos é que fazem tudo ali praticamente" (Entr4);</p> <p>"Trabalho, eles servem o pessoal com fome são as ordens que têm" (Entr5);</p> <p>" Servem comida, o reforço para a noite, o pão e a fruta, gelatinas, o almoço e outro recluso que dá a sopa." (Entr6);</p> <p>(Recluso da cozinha) "Servir na linha e arranjar os alimentos, confecioná-los. Preparação de carne, peixe e legumes." (Entr7);</p>	<p>eles são chamados a atenção [...] e depois os reclusos fazem a prova e não lhes agrada e comunicado a direcção e depois vai chegar a empresa e algo se passa... e o país como esta em crise, esta a ver. Esta empresa está lá há muito tempo porque é a que faz mais barato. Isto tudo vai-se refletir e que não tenha duvida. Isto tudo vai-se refletir e eles de uma certa forma vão se sentir. Acabam por sentir também a crise." (EntrG1);</p> <p>"Uma funcionária e serve, são 3 reclusos mais uma funcionária e depois ficam 5 faxinas no final a lavar e arrumar tudo. Geralmente são escolhidos e vamo-nos apercebendo pela cela os que têm mais higiene e são escolhidos. Vemos que têm mais aptidão e alguns até vão para precária. Têm ordenado de faxina, não há outro tipo de trabalho e aproveitam isso. 35€/40€ por mês e depois carregam o cartão do bar e gastam em tabaco e bar"(EntreG2)</p>	<p><u>dispor por produtos, por marcas, varias coisas e fazer-se chegar ao interior do Estabelecimento Prisional. Por outro lado, os que estão no interior do Estabelecimento Prisional também são faxinas da cantina, esses têm a função de vender aos companheiros os produtos, portanto através da venda direta no serviço de bar.</u></p> <p><u>As Funções no refeitório são várias, portanto desde a confissão, desde a preparação manuseamento de alimentos, legumes, carnes, peixes, até à ponta final de servir a refeição aos companheiros, portanto todas estas tarefas passam por eles, incluindo como é óbvio, a limpeza da louça dos espaços, a confissão, manuseamento de alimentos, da carga e descarga...tudo ... tudo desde à entrada dos alimentos até à ponta da linha de servir a refeição o recluso esta sempre presente. (EntrG2)</u></p>	<p>senhores guardas e responsáveis, limpeza, o tipo de vários serviços.";</p> <p>"Um único turno";</p> <p>"Livres"</p> <p>8h00 às 8h45- P.ALMOÇO 11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO "Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.";</p>
--	--	--	--	--	--

	<p>“ Sim a servir, limpar a lavar a loiça.”(Entr11);</p> <p>“ Só servem o que vem de fora.”(Entr12):</p> <p>(Perg 7 tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>(Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇAO 1- Livres</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições) Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h30- P.ALMOÇO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2 pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Menos de meia hora (E1 e E5) Restantes entrevistados 3/4hora a 1 hora, opção 4</p>	<p>“Ohh doutora... eles trabalham lá dentro só fazem o comer. Lavam a loiça e cortam a comida, eu já trabalhei numa cozinha e era assim.” (Entr8);</p> <p>“ Servem a comida, limpa o refeitório e dão enxovalhadas para não dar comida, quando querem um prato com mais comida e negam, eu roubo um prato para comera mais.” (Entr9);</p> <p>“ Limpar, ajudar na cozinha, preparar a carne, descongelar essas coisas. É bacias lá no chão a descongelar, não lavam os alimentos, os alimentos sempre cheios de pintas pretas. A qualidade também não deve ser a melhor de certeza para vir assim.” (Entr10);</p> <p>“Limpeza do Espaço” (Entr11);</p> <p>"São uns escravos, lá são puxados os trabalhos, que..." “é muito para o que se ganha, eu já trabalhei lá, na cozinha e</p>	<p>Perg 7- tempo das refeições) “1 turno” (EntrG1) “1 turno” (EntrG2)</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇAO 1- Livres</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições) 8h00 às 8h45- P.ALMOÇO 11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”(EntrG1)</p> <p>8h00 às 8h45- P.ALMOÇO 11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.” (EntrG2)</p>	<p>Perg 7- tempo das refeições) Guardas responderam 1 turno “Ali e tudo a mesma hora e têm um tempo e têm que vir todos a mesma hora e se não vierem dá direito a participação. Podem não querer, não são obrigados a comer mas têm que vir ao guarda, porque eles de manhã nem querem sair da cama e nem querem comer, mas lá esta os que têm visita. Tá a ver, eles têm visitas e as visitas levam as coisas, ora aqui esta o seu estudo e verdade, e muito bem pensado este tema [...] porque os outros têm sempre que comer e o estado estava a pagar as refeições [...] assim eles vêm ao guarda e até tomam um bocado e leite. Eles têm que ir lá ao refeitório a falta e tirada junto ao refeitório, lá no refeitório” (EntrG2)</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Guardas responderam livres</p>	
--	---	---	--	--	--

		<p>depois na parte de refeitório, é o melhor trabalho. Trabalhar muito tempo e não se é recompensado, das 8 horas às 7 horas da tarde, sem se sair dela....sempre lá dentro”.</p> <p>“O cozinheiro está ali porque tem que estar um civil...quem faz tudo lá, são os reclusos, é por secções, mesmo dentro da cozinha há secções das panelas, pratos, loiça grossa, das batatas do peixe e é ½ reclusos por secção.</p> <p>Eu trabalhei na do peixe e no armazém. O arroz é a base da cozinha, tudo o que seja para a cozinha que ser lá pedido.</p> <p>Eu estava lá a revistar as coisas....eu dava se visse que tinha que dar.</p> <p>Na parte de fora é varrer, limpar as mesas todos os dias e uma vez por semana é limpar o chão e basicamente é só isso...Esse é o melhor trabalho da cadeia, só se trabalha meia hora da manhã e ao meio dia da noite.”(Entr12):</p>	<p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) “3/4 hora a 1 hora, opção 4” (EntrG1)</p> <p>“3/4 hora a 1 hora, opção 4” (EntrG2)</p>	<p>“fazem fila, fazemos o conto e vão entrando conforme vai havendo vaga no refeitório, é tudo igual, ordem de chegada e aguardam, as celas disciplinares não temos tido”. (EntrG1)</p> <p>“o recluso quando entra vai sempre para uma cela, onde estão os entrados, deveria funcionar mais ou menos assim, os reclusos vão para uma cela onde estão os entrados, estão ali uns dias para analisar...esta a ver...depois de uns dias, uma semana, quinze dias ou isso, depois de os conhecermos mais ou menos, depois são retirados por antiguidade, por mais antigo que já estava lá a mais tempo, ou porque pedem ou porque entendemos que deverá ir para o pé daquele individuo, ou porque fuma, ou porque poderia ir para ao pé do familiar ou etc.. os mais recentes portanto depois vão se distribuindo” (EntrG2)</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições)</p>	
--	--	---	--	---	--

		<p>(Perg 7- tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇÃO 1- Livres</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições) Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h45- P.ALMOÇO 11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Todos os entrevistados responderam 3/4hora a 1 hora, opção 4</p>		<p>“O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOÇO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí.” (EntrG1)</p> <p>“O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOÇO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí.” (EntrG2)</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições)</p> <p>“comem rápido, meia hora para todos” (EntrG1)</p> <p>“mais ou menos meia hora para todos” (EntrG2)</p>	
Diferenciação Social alimentar (Perg 14, 16, 19)	(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)	(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)	(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)	(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)	Perg 22

	<p>"Haver respeito, paz, a ordem social, cada um ocupo o seu lugar; Haver respeito e a ordem para não haver discutimento o que não tem havido" (E1);</p> <p>"Desde que entrei aqui é sempre a mesma coisa...Se virem a fazer mais barulho, chamam-nos logo a atenção...Pedem para não estarmos a brincar" (E2);</p> <p>"Sim, eles estão ali para haver segurança e não conflitos, porque senão estivessem ali guardas era só conflitos, havia confusão...Ninguém respeita ninguém são 10 pessoas que sabem ter cultura e cidadania...de resto não se aproveita mais nada" (E3);</p> <p>"Organização, estão organizados de forma que não hajam grande situação de desconforto, a presença deles é relevante...Pois põem respeito, estão sempre 4 incluindo o chefe. ...A média é sempre 4 no início da porta, a meio e no final pode haver uma situação de emergência que esteja menos 1, mas é pontual...Há uma relação aqui</p>	<p>"Eu penso que a função principal deles ali é a segurança.reclusos que vão comer como para os que vão servir.É lógico que numa cadeia destas há sempre conflitos." (E1);</p> <p>"Você tem que dar o número é mais a segurança, para ninguém andar lá ao murro, abater nos outros. Porque às vezes acontece." (E2);</p> <p>"Tirar o número. E para ordem, para não haver desacato, para não passar à frente dos outros. Um guarda com os números. Um guarda efetivo na cozinha com chaves da dispensa. Quatro guardas em cada ala e 1 graduado de serviço para as 2alas." (E3);</p> <p>"A preocupação deles é meter a conversa em dia. É chefes, é guardas,...agente precisa de algo...ele manda ir berrar com o cozinheiro...se mandamos um prato para trás/linha, somos logo propostos para castigo," (E4);</p>	<p>"O refeitório é um lugar sagrado, é um lugar importante a não podemos levantar rancho, estar em desacordo com o racho servido. O nosso trabalho é que eles tomem a refeições sem grandes tumultos, às vezes existem. Quando existem é o levantamento do rancho e por norma é porque a comida é pouca ou não agrada. Quando é peixe, eles não gostam muito de peixe" (Ent1)</p> <p>" é um local onde estão muitos reclusos e nos temos que ter em conta se eles tiverem alguma iniciativa mais desagradável dentro do refeitório temos que agir [...] eles estão todos juntos é muito homem junto [...] nós as vezes estamos 4 ou 5 e um graduado e um subchefe. Temos que ter sempre em atenção porque eles sabem que qualquer [...] qualquer coisa que façam dentro do refeitório é punível E eles também têm um bocado de receio por isso [...] Ou fazem bem feito ou então muitas vezes dizem "ohh pahh não vamos comer" – estão no direito deles, há o levantamento de ranche, meia</p>	<p>"A principal é a segurança, mas depois há aquela de ver se as coisas estão a ser bem servidas, as quantidades... Esta muita gente junta, há esperas para poderem entrar juntos e pode haver a qualquer momento desacatos." (Ent1) como função, o bom funcionamento da distribuição e manter a ordem e a segurança dentro do estabelecimento prisional, nomeadamente dentro do refeitório, a principal preocupação é que não haja qualquer divergência entre reclusos, com funcionários na distribuição, entre reclusos, portanto onde há um grande aglomerado de reclusos, qualquer problema, qualquer foco que ali suja pode ser, um problema difícil de controlar. Mas o principal <u>problema é o controlo do espaço, controlo do espaço e organização e funcionamento, bom funcionamento do espaço. Sim, tentamos canalizar para lá toda a gente disponível para que o refeitório seja povoado, quanto mais melhor. Sendo</u></p>	<p>" Em termos de segurança? Há, a vigilância, eles estão no refeitório têm que exercer a vigilância. É as normas. Eles têm que exercer ordem ordem...e estão lá ara não existir conflitos. (Há diferentes precauções no refeitório?) ah isso, eu já não sei! E quando há desordem comunicação, não é?"</p> <p>(Perg 24. Conflitos Alimentação)</p> <p>" muito, muito raramente, eles pedem comida, mas muito raramente."</p> <p>Perg 26</p> <p>" Eles queixam-se que a comida entra cá muito pouco e aquilo é o suficiente percebe, conforme o regulamento. Eles só podem entrar com 1kg</p>
--	--	--	--	--	---

	<p>entre nós porque eu até fiquei surpreendido com a aproximação que é de tal forma que parecem que estão como reclusos também....Controlam assim mais o pessoal, não se impõem, mas se tiverem de atuar com mais rigor também o fazem. A aproximação é boa,uma cadeia com mais reclusos não é assim.” (E4);</p> <p>“Só se for para uma pessoa não levar os pratos para a cela. Ou que não faltem os talheres da copa talvez, de resto não vejo grandes preocupações....Há mais guardas, porque podem haver atritos,...um recluso pode agredir com os objetos....Pôr respeito. Ainda aqui há dias, pra sopa vão e chatearam-se e a sopa foi virada no copo do outro e ainda se sujou e é mais por causa dessas coisas” (E5);</p> <p>“Não vejo nada de anormal. ..Claro que estão sempre atentos se há mais barulho e claro aqui não se passa isso, o pessoal é pacífico, há mais convivência todos se conhecem é diferente.</p>	<p>“Ahh... não fazem nada, metem-se ali a tirar os números do pessoal e a ver se há algum desacato” (E5);</p> <p>“Eu vejo os chefes por exemplo de manhã ao pequeno almoço, eles guardam a empresa. Eles não dão mais pão,..aqui, é diferente eles não deixam que se dê mais comida. É triste estar preso, e passar fome, tem peixe aqui que nem aos gatos se dá, eles morriam.” (E6);</p> <p>“Eles apenas tomem em precaução só a roupa, não ir de calções para o refeitório, não passar uns pelos outros e não fazem mais nada. De resto estão ali de corpo presente.” (E7);</p> <p>“As preocupações, são só se uma pessoa vai fazer queixa, ainda ouve, este fim-de-semana fui lá era pescada e eles disseram que estava muito bom. Ninguém morre de fome, mas ao menos uma vez uma vez ao dia que tivesse a vitamina necessária. A sopa</p>	<p>dúzia deles nos fazemos o levantamento do numero, saiem para fora, deixam comer quem quer, que muitas vezes que os outros adiram “porque eu não vou, mas não quero que o tu também vás” “pahh mas eu não vou passar fome porque não tenho quem me traga nada”, e eles às vezes tentam sem nós nos percebemos forçar [... “ohh pa tu não vais, eu até te dou umas bolachas, ou pago um café ou dou-te um cigarro, mas tu hoje não vais” que é para arranjar um maior número não e? se calhar o castigo ira ser mais atenuado, do que se for só um ou dois... isso também existe. “ (EntG2);</p> <p>(Perg 16. Conflitos Alimentação)</p> <p>“O conflito que se gera ali é já mais da zona prisional e ali mandam umas bocas e em mando-nos lhe o prato a cara. A comida, a sobremesa, eles vendem, negociam, é uma moeda de troca [...] Com as sobremesas com o reforço eles jogam... se quero tabaco eu dou-te a minha sobremesa ou o meu</p>	<p><u>essa uma das preocupações que é básica. Quase que toda a gente disponível vai para o refeitório. (EntG2)</u></p> <p>(Perg 16. Conflitos Alimentação)</p> <p>Sim verbalmente há sempre diariamente, ou querem mais um bocadinho, ou querem mais um pão, mas como são colegas que estão a servir nas linhas, na comida, na sobremesa, no pão e há mais confiança com o colega e reclamam mais, mas é a quantidade...Umas coisas geram outras coisas...nós depois do conflito senado percebemos o motivo que originou, mas geralmente é por quantidades ou porque não se gosta.” (EntrG1);</p> <p><u>“Mais de reclamação, reclamação de quantidade, coisas pontuais, como digo, pontuais. Reclamações no refeitório são de quantidade. Atos de violência são raros, é</u></p>	<p>de comida e é disso que os reclusos se queixam, isso está a ser revisto, acho que a nível superior estão a tentar a ver essa situação a nível nacional porque as normas são para todos os EP´s. A receção dos sacos vem numerado, não há... (croissant com chocolate entrar hoje e amanhã não). Ai não...ve isso permitido? Eles têm critérios bem definidos e quando fazem a receção ds encomendas para os presos eles vêem tudo isso.”</p>
--	---	---	--	---	---

	<p>Tentam estar sempre mais guardas” (E6);</p> <p>“É manter a ordem não deixar que discutem uns com os outros...Eles estão todos assim do lado da parede e às vezes debruçam-se no gardeão a olhar uns para os outros e a gente a querer comer pão e eles a olhar para nós, a meter o pão à boca é embaraçoso...É porque alguma coisa aconteceu em tempos...não sei e não servem o comer sem estar ali a autoridade” (E7);</p> <p>“Isto é uma coisa pequena...e não for os guardas têm sempre que ver onde anda o recluso...nunca houve (conflitos físicos guardas...pode-se falar mais alto um bocado e eles próprios dizerem para baixarem o tom de voz, é muito difícil acontecer e a maior parte das pessoas conhecem-se.” (E8);</p> <p>“É estar atento, para ver se esta tudo bem, não haver muito barulho. ver como esta a correr as dadas do comer, às vezes algum reclama, há chatices porque as</p>	<p>não tem azeite é só banha, uma vez ao dia.” (E8);</p> <p>“Não, é tudo igual. Eles estão ali para a segurança, eles são 10/12, os subchefes têm que estar sempre no refeitório. O pavilhão e refeitório são locais “sagrados”, não se pode arranjar conflitos, nem confusões, caso hajam é logo castigo fechado. Se nós pedirmos mais 2 pães de manhã não nós dão e o pão é pequenino.” (E9);</p> <p>“Chegar atrasado não come, manda fechar, e se eu reclamar da comida, não fazem nada, manda embora, as pessoas é que trocam o prato ele não quer saber, só não querem é que façam barulho.” (E10);</p> <p>“ Acho que é ao nível com confronto, entre reclusos que recebem e o que esta do lado de lá...Eles estão mais atentos a isso, à quantidade da comida, porque há conflitos entre o recluso do lado de cá e do lado de lá e pode haver motins e</p>	<p>reforço etc [...] por um cigarro ou por um café que como não tenho dinheiro porque não tenho visitas [...] pagas-me um café e eu dou-te estas duas sobremesas ou o meu reforço, esta a ver mais por ai. Nós apercebemo-nos, mas eles não fazem a nossa frente mas nós apercebemo-nos disso, assim como outras coisas [...] mas depois como as roupas [...] Vamo-nos aperceber que as famílias levam para lá as roupas e vemos as roupas estão já noutro individuo [...] trocam muito as roupas [...] e virmos um casaco bom vamo-nos aperceber que o casaco já esta noutro individuo [...] passado um tempo já esta na mão de outro, ele negociou-o. Tudo serve como moeda de troca [...] e depois o ser humano é impressionante, no estabelecimento nós vemos até quanto o ser humano desce, oh doutora, é impressionante ai Jesus é impressionante [...] até que ponto o ser humano é capaz [...] eu não tinha ideia do que éramos capazes de descer tão baixo [...] vemos a capacidade de sobreviver de desenrasque, é tudo muito limitado [...] o vício é</p>	<p>que às vezes, á hora de chegar ao do refeitório, é hora de encontro e às vezes há ali alguma troca de cumprimentos entre eles, agressões e são logo separados e tirados do refeitório. Às vezes é lá dentro, do refeitório, porque eles sabem que uma atitude dessas no refeitório e <u>duplamente penalizada e então tentam evitar problemas no refeitório.</u> Mas às vezes é onde eles se encontram e às vezes, o facto de estarem guardas presentes, leva a que eles se insultam mais uns aos outros e mais rapidamente chegam ao ato e são separados, penalizados por isso” (EntrG1);</p> <p>Perg 19. Conflitos mais frequentes)</p> <p>“É o normal, nunca há nada de relevante, normalmente não usam o refeitório entre eles para ajustar contas....mas na ala eles estão constantemente uns com os outros...mesmo no refeitório as alas estão</p>	
--	--	--	--	--	--

	<p>mulheres da cozinha têm tanto no tabuleiro e não dão mais e no fim sobra e não, oferecem. e dão também a quem trabalha na copa e não dão a uns e dão a outros para favorecer.” (E9);</p> <p>“Aqui o espaço e estabelecimento é muito pequeno ...tomam as medidas normais dos estabelecimentos prisionais....Há mais 2,3 guardas, são 3,4 guardas sempre com um chefe graduado, um na medicação, apartar as faltas, a contagem é feita no pequeno almoço e têm que ir ver onde eu me encontro e fazem a noite....Houve um desentendimento no corredor entre reclusos que um recluso deu uma chapada num mais vulnerável e outro veio em sua defesa e acabou foi participado. ” (E10);</p> <p>“Têm sempre mais guardas que o normal..estamos para uma refeição e podem reclamar...pode pôr um prato pelo ar,...acontece na precária estão mais alteradosos guardas aí ..mandam logo calar.” (E11);</p>	<p>conflitos. Estão mais atentos.” (1 E11);</p> <p>"podem ver alguém a atirar os tabuleiros, a atirarem algo para o chão, não chamam a atenção e custa-me ver porque eu limpava e aqui há de tudo...Não têm atenção são porcos e há coisas que fazem, que são capazes de levar e atiram para o refeitório e o óleo e abrem e põe para o chão e os guardas vêem e não dizem nada. Estão ali porque têm que estar olha-se para eles, e vê-se que estão contra a vontade. Já dei a comida no refeitório e é complicado. Quando a comida não agrada quem leva de frente são os que estão na cozinha porque os guardas não fazem nada...e por isso tiraram-me logo da cozinha e não olham à razão, dizem só que não tinha que reagir aos insultos.” (E12);</p> <p>(Perg 16. Conflitos Alimentação)</p> <p>“Alguns..mas alguns existe sempre alguns” (Entr 1);</p>	<p>complicado [...] porque não tinham essa necessidade, é mais o vício doutora, bem mais o vício [...] o vício leva-nos a fazer coisas que é impressionante (EntrG1);</p> <p>“Sim são raros mas têm havido, há greve no refeitório, quem toma uma posição é punido, não pode incentivar a fazer a greve e nem instigar alguém a fazê-lo, são raras as vezes e ao nível da precária dá problemas Pois todo co comportamento do reclusos é avaliado pelo conselho técnico para ir ou não para casa.” (EntrG2);</p> <p>Perg 19. Conflitos mais frequentes)</p> <p>“eles já vem picado do exterior e há ali uma provocação, porque se tu agora me deres aqui em frente aos guardas vais ter problemas, percebe nos ai temos que atuar ohh pá acabou fica aqui, senão há sempre aquele a provocar para depois você ser castigado [...] vou-te provocar aqui, tu vais reagir e depois vais para a cela disciplina [...] está a ver? É só para aproveitar isso, do local</p>	<p>separadas...e sim um conflito no refeitório e mais penalizado normalmente...mas isso compete ao gabinete jurídico avaliar, cada caso é um caso.” (EntrG1);</p> <p><u>“Não parece impossível, mas às vezes é mais agressão, do que propriamente verbal, são poucos, são casos pontuais, não há todos os dias, nem todos os meses, mas quando há, é mesmo porrada. E às vezes aquilo que não dizem ao funcionário, nem se vira para a vigilância e diz «oh pah deita mais um bocado, atão pensas que isso que é teu, vais ganhar uma medalha», portanto são coisas, “piquices” que facilmente são diluídas que nem se tem em conta isso.”</u> (EntrG2);</p>	
--	--	---	--	--	--

	<p>“Segurança, muitos guardas.” (E12)</p> <p>(Perg 16. Conflitos Alimentação)</p> <p>“Não, pode haver um ou outro que fale e berre sobre a comida, mas fica assim e falam com o chefe mas é uma coisa que fica no guarda e no recluso; O que lá fora passavam mais mal, são os que mais reclamam; A idade pede formas de comida: de batatas fritas e há idades que pedem outras (...)” (Entr1);</p> <p>“Não, discutir, há recurso a discutir, porque a comida não é boa, discutem para o ar” (Entre 2);</p> <p>“Quase todos os dias discutimos. Todos os dias há pequenos conflitos e não possa de conversas não chega aos atos para partir para a violência, é por repetir muitas vezes a comida.” (Entre 3);</p>	<p>“Sinceramente é um caso pontual, muito rarissimo, mas às vezes acontece. Daqueles que têm complexos deles próprios que ninguém lhes liga, e eles têm que espingardar” (Entr 2);</p> <p>“Não, dizem mal mas não possa disso.”(Entr3);</p> <p>“Já, sim já aconteceram cenas assim” (Entr4);</p> <p>“Tem, tem mas a dizer, às vezes a falar... “esta tudo podre” e eu até digo que há muitos lá fora que querem e não têm. A comida não é má. Só que há comida que não gosto e há pessoas que não têm respeito nenhum ” (Entr 5);</p> <p>“Reclamam pela qualidade da comida, é mais por berrar sobre a comida crua, cheira mal etc...Há todos os dias aqui ao nível nutricional, não há cuidado nenhum, há vezes que é arroz de manhã ao almoço e</p>	<p>porque o local, neste local as regras são severas se provocar ali algum conflito [...] é sempre um aglomerado grande de pessoas [...] e nos ficamos mais fragilizados por isso somos poucos.” (EntrG1);</p> <p>“Negócios, não pagou, demorou a pagar, negócios, trocas, empréstimos, dar um cigarro que faltava, eles podem trocar as pessoas da faxina, ir alguém fazer a limpeza da cela por eles, e depois dão-lhe algo em troca. Nós sabemos, mas não nos apercebemos dos negócios. A nós o que nos interessa é que a limpeza da cela seja feita. A vistoria é feita uma vez por dia a qq hora. E eles têm que fazer isso até as 9h00 da manhã”. (EntrG2);</p>		
--	---	---	---	--	--

	<p>"Há mais uma brincadeira, se algum recluso se colocou lá no sítio que é do outro e nós até dissemos "espera lá", "põe água no banco ...Este Estabelecimento não tem nada a ver com os outros." (Entre 4);</p> <p>" Isso é normal, dizer que a comida não presta..." (Entre 5);</p> <p>" Não, não porque os guardas estão ali sempre muito junto a nós. Guardas e um chefe." (Entre 6);</p> <p>"Não tenho visto, ...Vêem que o comer não agrada e não presta, se estiver à maneira deles, pegam no reforço e fica resolvido." (Entre 7);</p> <p>"Não" (Entr 8);</p> <p>"Há uns de pegar do tabuleiro da mesa, na brincadeira, pegam num iogurte e há discussão e acesa a têm que vir logo os guardas" (Entr 9);</p> <p>"Não, conflitos não." (Entr10);</p> <p>"sim há, a da raia" (Entr 11);</p>	<p>ao jantar, muitas, muitas vezes." (Entr 6);</p> <p>"Isso é só para quem está a servir. É que aquilo parece nosso, que estamos a roubar da cadeia, para o fornecedor da comida e da firma..Quando não lhes chega o comer, quando é peixe grelhado eles nunca levam peixe, nunca se bota fora, levam os outros, levam mais. Há cerca de150/200 ciganos e eles não comem peixe, não estão habituados a fazer refeições lá fora, aqui também não as fazem." (Entr 7);</p> <p>"Não, ali é um lugar sagrado ... muito difícil vejo..." (Entr8);</p> <p>"Porque é que não metem lá os civis a servir e não presos. Do meu ponto de vista era melhor, porque eles não têm culpa de não poderem dar mais pão. Está sempre uma civil, mas afastada, os reclusos é que servem. Isto é culpa do E.P." (Entr 9);</p>			
--	--	--	--	--	--

	<p>“Sim há.” (Entr12):</p> <p>Perg 19. Conflitos mais frequentes)</p> <p>“É sentar sem o meu sitio, ou troca de teimosia do futebol de resto não há conflitos, porque eu vim primeiro, eu estou aqui há 1 ano etc....(Entre1);</p> <p>"Entre reclusos não vejo ali nada fora do normal..Vejo as pessoas a brincar, rir-se mas não é de maldade" (Entr2);</p> <p>“É ninguém respeitar ninguém e tudo a falar...Devia ser uma hora de silencia e em minha casa era assim.” (Entr3);</p> <p>“Stress, sensibilidade, algo do exterior como a noticia das famílias...É mais uma brincadeira, empurrão e mais verbal.” (Entr4);</p> <p>“Aqui esta cadeia não acontece muito...sso é mais nas cadeias grandes em que trás confusão</p>	<p>“Não, só com os da cozinha, há com os que servem e os que vão comer. Entre os que estão a comer não há. É sobre a quantidade quem metem no prato ou que não tem lógica o que é.” (Ent10);</p> <p>“Há, acaba por ser normal, principalmente numa cadeia, principalmente por causa do recluso que dá a comida e o outro.</p> <p>Mas é normal, lá fora pegam-se, quer fora, aqui no refeitório, na enfermaria etc....” (Ent11);</p> <p>“Não” (Entr12).</p> <p>(Perg 19. Conflitos mais frequentes)</p> <p>“Ao nível da refeição, penso que já são problemas que têm atrasados .no refeitório aquilo é mais pequeno e aproveitam para arranjar problemas.” (Entr1);</p>			
--	--	---	--	--	--

	<p>por causa de negócios...nas cadeias grandes se pedirem 5 têm que dar 10 passado uma semana....Aqui as pessoas não são muito diferentes ao que estão lá fora. Não há drogas, é mais cadeia de trabalho...Quanto às refeições não há conflitos, aqui as pessoas são minimamente...A minha cela fica aberta, ninguém, me toca em nada. Nessa cadeia não escapa nada (Paços de ferreira). Tudo se troca... dá para fazer negócio.” (Entre5);</p> <p>“Nunca há agressão. Há brincadeiras...mas uma brincadeira aceitável.” (Entr 6);</p> <p>"Será porque às vezes pegam nas coisas por brincadeira uns aos outros, eles estão a olhar para o lado e só dão conta no fim e depois resmungam.” (Entr7);</p> <p>“Não há. Pode acontecer alterar a voz. Pode acontecer não ir comer e o prato é dado a outro.” (Entr 8);</p>	<p>“Discussão mais verbal.” (Entr2);</p> <p>"Já vi a atirarem o tabuleiro da comida na linha mas para dentro. Porque querem mais e não dão" (Entr3);</p> <p>“A comida, ao tempo de espera e a quantidade. (Entr4);</p> <p>“É uns querem passar à frente uns dos outros. Já não há respeito pela velhice, já não conta, são todos otários, segundo eles.” (Entr 5);</p> <p>“É sempre contra o sistema da cozinha, não dão pão ou comida, os reclusos vêem os companheiros a passar necessidade e exaltam-se mais um bocado.” (Entr6);</p> <p>“Ali no refeitório não há brigas, é difícil. Tem lá os avisos para fazer pouco barulho. É quando roubam iogurtes uns aos outros e gelados e se pegam, mas é só entre amigos. Mas aqui na cadeia não há amigos, não é?</p>			
--	--	---	--	--	--

	<p>“Não, não aqui.(motins) ...quando entrei havia, porque lhe roubaram algo da cela e na refeição confrontaram-se ou porque lhe deu uma ganza e não lhe pagou.” Depois tão na mesa e um fala o outro fala e porque lhe roubou a lata do tabaco... em primeiro acontecia muito disso, agora não.” (Entr9);</p> <p>“Entre nós não há conflitos...ode haver um ou outro que reclamem com a senhora que esta a dar a comida e que não tem culpa nenhuma" (Entr10);</p> <p>“Brincadeiras do comer, coisas de burro, como na fila para o refeitório e andam a chapada,...algum tiver mais pressão acaba por explodir e é mais facilmente no refeitório... os mais velhos acabam por brincar mais.” (Entr11);</p> <p>A mim, é tirar-me a comida.” (Entr12).</p>	<p>Aqui as pessoas passam fome porque querem, não há necessidade, a sopa é à descrição" (Entr7);</p> <p>“É esse caso de passar afrente há muitos conflitos e dá porrada, abusam é isso. Porque de resto não há conflitos na mesa. Quem disser isso, é mentira.” (Entr8);</p> <p>“É só verbal, «Não me dás um outro prato de comida?» ou «Não vales nada!» (Entr10);</p> <p>“Não há nada assim de especial. Só se for de passar à frente, almoçar e jantar, não há mais nada a não ser com os da cozinha. É como de manhã, querem mais um pão e não dão e a uns dá e a outros não , Isto também está assim pelo chefe," (Entr11);</p> <p>“Discussão todos os dias por causa da cozinha, na parte de levantar a comida etc.” (Entr12):</p>			
--	--	--	--	--	--

<p>Direito dos reclusos a uma alimentação adequada (Perg 11,25,26)</p>	<p>Perg 11 (Escolha)</p> <p>resposta 1 (Entr1); resposta 3(Entr2) resposta 2 (Entr3) resposta 2 (Entr4) resposta 1 (Entr5) resposta 1 (Entr6) resposta 1 (Entr7) resposta 1 (Entr8) resposta 2 (Entr9) resposta 1,2,3 (Entr10) não escolheu (Entr11) resposta 1 (Entr12)</p> <p>Perg 25</p> <p>“Entra o necessário não tenho problema, agora coma fruta é o problema, a exceção da fruta é bom” (Entr1);</p> <p>“Não, tiraram-nos a fruta que é o que mais nos alimenta...ainda mais fatiado o fiambre também...para mim, a fruta faz-me mais falta...falei com a médica e fiz lhe ver a falta que a fruta me faz. Havia de entrar mais pelo menos a</p>	<p>Perg 11 (Escolha)</p> <p>resposta 1 (Entr1); resposta 2 (Entr2)</p> <p>não escolheu- “ aqui isso não existe. Somos tratados como animais.” (Entr3)</p> <p>resposta 1 (Entr4) resposta 1 (Entr5) resposta 3 (Entr6) resposta 1 (Entr7) resposta 2 (Entr8)</p> <p>não escolheu: "Estas 3 não encaixam, eles não ensinam nada que está aqui dentro. Eles apenas nos dão a comida, eles não querem saber até pode levar só sopa e arroz e meter o arroz na sopa só, não querem saber." (Entr9)</p> <p>resposta 1 (Entr10) resposta 1(Entr11) resposta 2 “A Comida é dada mas não é de boa vontade e cá fora</p>	<p>Perg 11 (Escolha) Opção 2</p> <p>“eu penso que mais a 2, mais a 2 [...] eles entenderem que o facto de ser uma refeição de carne, ser uma refeição de peixe, para a nossa saúde que é bom, não é? A nível de nutrição e bom é ótimo, percebe? é isso que nos lhe dizemos “oh pah, porque é que vocês não querem peixe, que o peixe faz muito bem” eles, “ohh senhor guarda, eu comi só carne, eu peixe não quero, eu peixe não puxa carroça aquela conversa que eles têm [...] é isso que ouvimos mesmo deles[...] esta a ver [...] eu penso que eles, este tipo de refeição, uma refeição de peixe e uma refeição de carne, que não só porque lhes faz bem, mas porque os ensina de que deve ser assim...penso que é mais esta parte, este tema [...] (medicalização), e mais do saber comer, da saúde, porque eles vêm nas dietas pahh, que eles muitas vezes não querem a dieta [...] e nos dizemos-lhes que eles têm que comer aquele prato de dieta porque veio para eles [...] e</p>	<p>Perg 11 (Escolha) Opção 3</p> <p>“ ensinar os hábitos não sei, a ementa é variada, mas os hábitos de comer eles já trazem... o hábito do silêncio neste refeitório não dá...porque noutras cadeia onde estive eles iam-se sentando onde estava desocupado...e ia preenchendo o refeitório aqui não, eles sentam-se onde querem e com querem. É mais ter o hábito das refeições certas...não passa por mais nada. Aqui têm os horários, o reforço para a noite, os alimentos estipulados e essa.” (EntreG1);</p> <p>“As 3 hipóteses, estão interligadas, <u>porque de facto, alimentar um recluso, certa forma é fazê-los perceber, que a refeição, são estudadas e preparadas, as ementas são preparadas por nutricionistas portanto que há partida estão previamente seleccionadas</u></p>	<p>Perg 19 (Escolha)</p> <p>“ Eu acho que até é nenhuma...Aqui esta é que não (1), porque eles vêm de fora com faca e garfo e aqui só comem de colher, formação e educação... (Som com a boca). É assim, para agradar aqui em termos de alimentação é sempre muito complicado, uns queixam-se que é sempre a mesma coisa, que é sempre isto, que é sempre aquilo, nunca é fácil agradar aos presos. Eu não acho que eu esteja aqui nada destas coisas aqui. Alimentar um recluso é importante, porque nós temos que saciar um recluso, para não criar um recluso com fome, porque um recluso com fome, cria</p>

	<p>fruta...Bolachas, donut´s, coisas que até acabam por nos prejudicar na saúde...No verão não podemos ter queijo, salsichão, fiambre...senão estraga-se não temos frigorífico, vamos ter que comer no mesmo dia." (Entr2);</p> <p>"É pouco e agora nem fruta ...a fruta nem vê-la morreu." (Entr3);</p> <p>"Acho correto, chega e por vezes até é demais. Pois não tem condições para guardar a comida também se estraga....Para mim está dentro da normalidade." (Entr4);</p> <p>"Acho mal. Acho que deviam ser mais quilos. Não deixam entrar fruta, é um bem essencial, a fruta daqui não tem sabor." (Entr5);</p> <p>Eu penso que não tem grande lógica...por causa das pessoas que só têm visitas de 15/15 dias ...A fruta era das coisas mais principais."(Entr6);</p> <p>"Eu acho que é pouco Sr. Doutora...Porque sofrem apesar</p>	<p>quando aperta, acaba por apanhar tudo o que (...)" (Entr12)</p> <p>Perg 25</p> <p>"Acho que essa medida foi mal tomada.derivado a certos produtos que a juventude não gosta,leva-os a passar por vezes fome e essa comida de fora ajudava.ontem um rapazito disse que a mãe trazia panados e não entraram e ele ficou ... ficou triste."(Entr1);</p> <p>"Não, não traz nada. Tráz 3 sandes e não pode entrar mais nada, foi coisa que eles puseram, mais nada. Eram 5kg seria para 3hg não para 1kg." (Entr2);</p> <p>"Acho mal, suficiente nunca é.as coisas entram conforme os guardas."(Entr3);</p> <p>"O que toda a gente diz mal...se nos estão a cortar no refeitório, querem/nos cortar na comida das visitas, se querem mais guardas e</p>	<p>não é porque lhe agrada mais a comida do geral que ele vai deixar de comer a dieta que veio mesmo só para ele. Ta a ver porque eles muitas vezes fazem isso... se nós não nos apercebermos eles tentam com a senhora, se a outra refeição chega eles tentam trocar [...] mas se o médico lhe diz que é aquela é porque é o que é bom para ele [...] se não tivermos um bocado de cuidado isso acontece, porque vêm a outra comida, agrada-lhe mais e isso acontece [...] fazem isso [...] no geral se aquela refeição é para ele, ele tem que comer isso, até porque as outras podem falhar [...] ta a ver [...]é que isto vem tudo de tal forma controlado que as vezes a refeição pode não chegar...temos que ter também esse cuidado." (EntrG1);</p> <p>Opção 1</p> <p>"Nós incutimos regras, há muitas regras e têm que ter um pouco de norma. Alimentar é incutir regras" (EntrG2).</p> <p>Perg 25</p>	<p><u>asa refeições de modo a que os reclusos tenham uma alimentação o mais equilibrada possível, ora peixe, ora carne, ora legumes, portanto isso tudo esta no principio da alimentação que esta aqui distribuída.</u> Por sua vez fazer do espaço de refeição <u>um espaço de comunhão de partilhas de convivência também e um bocado do principio, porquê? Nós até costumamos dizer que o refeitório é sagrado, porque, porque é onde há uma grande concentração de reclusos e onde é partilhada uma refeição é onde todos vão ali naquele espaço comer uma refeição que por si só de também cultural, é no fundo aquilo que se passa na casa de cada um.</u> Em termos genéricos a maioria das <u>pessoas lá fora na hora das refeições, partilham as famílias partilham o espaço, só jantam ou só almoçam quando estão todos portanto e isto no fundo é um bocado igual, este espaço é pela comunhão e pela partilha, tudo está interligado.</u></p>	<p>conflitos. Agora a educação... também pode ser importante estes, porque ao saber que vão ter uma refeição diferente, sabem que estão a disfrutar de uma celebração, percebe, eu acho que... A educação nutricional, a cadeia não educa nutricionalmente... a dieta, ahh pode ser então a 2" Um recluso com fome, não fica satisfeito, provoca conflitos, provoca alterações ao comportamento... por não satisfazer, é importante... 'recluso é mais pacífico, aliás muitos dos conflitos passam sempre do refeitório sabe?! Ou quer o prato cheio ou não quer o prato cheio."</p> <p>Perg 33</p>
--	--	--	--	---	--

	<p>de tudo com o pão e bolachas só isso quase que dá 1kg...aconteceu ir embora os figos só porque tinha farinha por cima...Como o frango que veio não desfiado... frango estava desossado, mas não estava fatiado e não deixaram entrar.”(Entr7);</p> <p>“ É assim acho pouco, como acho muito varia de pessoa para pessoa...Vê-se muita comida para o lixo. É preferível vir menos e do que deitar fora.” (Entr8);</p> <p>“Não, não sei, mas havia de ser mais um bocadinho o que a família trouxesse deixavam entrar, não são eles que pagam...com a nova lei entra carne, não pode ser panado, e fatias finas, ou frango sem osso.” (Entr9);</p> <p>"É pouco, se for distribuído por tudo, aqui é facilitado. Deveria entrar aqui mais coisas." (Entr10);</p> <p>"É pouco, depende conforme do que vem...Eu gostava de</p>	<p>menos trabalho, ficarem todos a sombra da bananeira, cortaram.nos a roupa. Não podemos ter luvas, gorro, só 10 pares de meias e dois casacos e 2 camisolas.” (Entr4);</p> <p>“ É mentira, há muitos que trazem mais que 1kg. É por isso que às vezes há aqueles conflitos. «O que é que és a mais que eu?» Depende, tudo é conforme o chefe ou o guarda que esteja lá.” (Entr5);</p> <p>“Acho que isto para mim, é que é a pior coisa de sempre, passa-se fome, porque não têm visitas e aqui agora só se tiver dinheiro e compra-se salsichas.” (Entr6);</p> <p>“Eu acho que chegou, porque vem agora o verão, não aguentam as coisas. Não há onde se pôr, as coisas estragam-se. Todos eles reclamam que é pouco, passam fome, serve como desculpa para dizerem que</p>	<p>“Sim, sim, 1kg de alimentos, eu penso que primeiro era um exagero [...] eles todos os dias tinham fruta, a péra a laranja a maçã [...] era um exagero as vezes [...] se não e numa refeição e noutra têm sempre fruta [...] muitas vezes ou eles as distribuem ou nós a fazer a ronda víamos a fruta a apodrecer e nos é que muitas vezes as deitávamos ao lixo... eu penso que para um tipo de cadeia nossa que tem visitas ao sábado e ao domingo que é o suficiente, 1 kg, dois kg por semana é suficiente, as coisas estragavam-se eles não têm condições, ou comem na hora, ou vendem serve como moeda de troca ou põe no lixo. (EntrG1);</p> <p>“antes era 1kg, atualmente (2022) está 1,5kg. É um vez por semana. Uma vez é roupa e pode levar o que quiser. 5 pares de calçado, roupa é a família que leva”(EntrG2):</p> <p>Perg 26</p> <p>“No início não, as famílias estavam habituadas a levar</p>	<p><u>Se escolher uma penso que diria mais os hábitos alimentares, e onde nascem mais protestos ao nível alimentar, sempre peixe, sempre daqui e dali, acham pouco e não é, as quantidades, são razoáveis e muita gente jovem pensa que comer demais.... Às vezes não é ... portanto aqui há logo uma educação ao nível alimentar, as refeições são preparadas com base em ementas previamente seleccionadas, estudadas e analisadas por nutricionistas, há aqui, desde logo a uma formação nutricional, é aquela que a gente debate que há maior resistência, portanto ao haver mais resistência o trabalho tem que ser maior e surte mais efeito, aparece muita gente cá subnutrida e obesa, portanto este dois contrastes dizem-nos que há má alimentação de muita gente que vem de fora, e nós aqui temos este trabalho.” (EntrG2)</u></p> <p>Perg 25</p>	<p>“É insuficiente, 1kg não da nada, são quase meia dúzia de maçãs, bolos secos, esta completamente vedado.”</p> <p>Perg 26</p> <p>“Não no início houve até conflitos, exposições, manifestaram-se os familiares etc...Houve manifestações em relação a isso, houve exposições até para Lisboa e os reclusos ainda hoje continua...e acho que isso está a ser revisto.”</p>
--	---	--	---	--	--

	<p>tangerinas e vinha sempre 1 quilo de tangerinas, agora para matar o desejo era só uma...Depende dos guardas, nos dias que se facilita...Eu fui de precária e sei que só entram 2 maços de tabaco e eu entrei com 12 maços.” (Entr11);</p> <p>“É pouco.” (Entr12):</p> <p>Perg 26</p> <p>“Não, a fruta e o frango desossado o salpicão partido e fatiado não aceitaram muito bem” (Entr1);</p> <p>“Não” (Entr2);</p> <p>“Perdemos uma regalia que tínhamos..há mais entraves. ...São mais exigentes há 1 ano atrás ...estas regalias vão-se perdendo.” (Entr3);</p> <p>“ Não, não aceitaram, derivado da situação da fruta e pela situação da fruta.” (Entr4);</p>	<p>comem mal na cadeia.”(Entr7);</p> <p>“Esta mal porque as pessoas aqui ao virem de casa, poderiam trazer mais qualquer coisinha, aqui é tudo muito caro...latas de atum nem que viesse em sandes, foi muito mau na qualidade e a comida não da para ter os nutrientes para ganhar um bocado de corpo.1kg não é nada, 2 coisas de fiambre, mais chourição, já esta é um lanche.” (Entr8);</p> <p>“Acho isso, uma boa porcaria. Devia ser mais, se eles não nos dão comida boa para comer, porque é que não nos deixam entrar mais comida?” (Entr9);</p> <p>“É um grande disparate que eles fizeram, primeiro têm menos comida, passam fome, andam aí a dar-lhe e passam fome, andam com as coisas que vendem no bar os enlatados.”(Entr10);</p>	<p>muita coisa, mas agora não...já estão habituados.” (EntG1).</p> <p>“Os reclusos gostaram e as famílias também aceitaram bem. Quase que já não pesamos já sabem o que é mais ou menos. Só nos entrados é que pesamos para educar. Eles cortaram noutras coisas e aumentaram outras. Já não é possível entrar comida confeccionada. E mesmo assim eles conseguem enganar-nos.” (EntrG2).</p>	<p>É assim, se calhar podia ser mais um bocadinho, do ponto de vista... isto tomou proporções muito grandes, quem legislou é que sabe, que acha que é melhor 1kg, é porque chegou à conclusão que era melhor...o mimo de entrar é uma coisa que não se tenha aqui...não é o que tem...as pessoas traziam tudo e havia muita coisa a estragar-se muita coisa e a gente via que ficava nas celas...isto passava por ser um mimo, uma coisa que não se consegue ter...portanto isto passou depois quando eu entrei aqui, uma proporção de entrarem sacos de 20kg, 10kg, sacos muito grandes...aos fins-de-semana quando havia visita, notava-se diferença nos refeitórios...há alguns sem visitas...é indiferente da etnia.”(EntrG1);</p> <p>“Passou-se do 800 para o 8, antigamente não havia peso, o que era demais agora é de menos. A minha opinião vale o que vale. Há duas visitas por</p>	
--	---	--	---	---	--

	<p>“Aceitaram bem, que remédio. São obrigados a aceitar à força”(Entr5);</p> <p>“Não.”(Entr6);</p> <p>“Não.” (Entr7);</p> <p>"Não, estão a tirar-nos o que é mais saudavel a fruta" (Entr8);</p> <p>“Não”. (Entr9);</p> <p>“Uns foram a favor outros contra...tivemos que aceitar... até tinham aí um que ia chamar a ASAE, temos de tudo.” (Entr10);</p> <p>“Não, mas pronto.” (Entr11);</p> <p>“Berros muitos berros.” (Entr12).</p>	<p>“Esta mal, porque eles prometeram que ao meterem essa lei, iam melhorar muito a comida e acho que não melhoraram quase nada, na minha opinião piorou.”(Entr11);</p> <p>“Esta mal, porque eles prometeram que ao meterem essa lei, iam melhorar muito a comida e acho que não melhoraram quase nada, na minha opinião piorou.”(Entr12):</p> <p>Perg 26</p> <p>“Não, não pelo aquilo que eu disse não.” (Entr1);</p> <p>“Eu considero que os reclusos não têm educação mental para poder se manifestar. Tudo o que lhe dão tudo o que lhe cortam ... não vi nenhum a chegar lá e a reclamar. Também a maioria sente-se indefesa. Só 20 a ir lá e somos 600 e pronto, à noite transfere-nos ou metem-nos no manco e abrem-nos um processo gigante.” (Entr2);</p>		<p>semana, com 1kg por semana, não e 1kg por visita é 1kg por semana. A quantidade aqui é igual, a comida que dão chega a refeição chega, eu faço desporto e se comesse ficava satisfeito, chega. <u>Eu faço a prova todos os dias e o sabor é bom, a comida é boa. Podem não aceitar eu compreendo, mas há aqui alguns défices de conhecimento e sobretudo aquelas camadas mais jovens que não têm noção do que é comer correto, que não pode ser batatas fritas e francesinhas todos os dias ia ser uma desgraça.</u>” (EntrG2)</p> <p>Perg 26</p> <p>“Não, claro que não e foi para menos não é? Não aceitaram. Houve queixas e pronto mostraram indignação mas nada de alarido.” (EntrG1)</p> <p><u>“Não, não aceitaram porque de facto é pouco. Não aceitaram e pronto, eles</u></p>	
--	--	---	--	--	--

		<p>“Não, não. Esta toda a gente revoltada com isso.” (Entr3);</p> <p>“Não” (Entr4);</p> <p>“Aceitaram mal, dizem que andam a passar fome, é como os doutores me dizem que eu estou magro que ando a consumir droga. Mas não é...passa-se fome.” (Entr5);</p> <p>“Não, como é que se pode aceitar alguma coisa quando ... os mínimos, ninguém pode ficar contente, até foi contestada na altura.” (Entr6);</p> <p>“Todos eles reclamam que é pouco, passam fome, serve como desculpa para dizerem que comem mal na cadeia. Que deviam deixar entrar mais.” (Entr7);</p> <p>“Não, não, não acharam bem, mas calaram-se.” (Entr8);</p> <p>“Não. (Entr9);</p> <p>“Não, nem de perto. Então imagine, eu de comida de casa,</p>		<p><u>estavam habituados a receber um miminho de casa e, e eu acho pouco.” (EntrG2);</u></p>	
--	--	---	--	--	--

		<p>era uns sacos pretos todos os fins-de-semana, comida confeccionada e depois aquecia aí e depois quem tinha (arrego) guardavam no frigorifico da cozinha, tinha que dar algo e eu não me alimentava com a comida daqui, agora claro. As pizzas ainda davam para dividir. Também quem faz essas regras não percebe nada do que se passa aqui.” (Entr10);</p> <p>“Não, a maioria não, mas não houve confusão nada de mais grave, mas não aceitaram claro. Não entra nada com chocolate nem frutas e mais confeccionados.” (Entr11);</p> <p>“Não, nem podem trazer fruta.” (Entr12)</p>			
--	--	--	--	--	--

Anexo XII

Dados das entrevistas – Grelha de análise de conteúdo temática das Atitudes dos Reclusos e Guardas em Relação à Alimentação nos dois Estabelecimentos Prisionais

Atitudes em relação à alimentação na prisão	Reclusos Guimarães	Reclusos Paços de Ferreira	Guardas Prisionais Guimarães	Guardas Prisionais Paços de Ferreira
<p>Atitudes nutricionais face às ementas e comida (Perg 12,13,14)</p>	<p>(Pergunta 12- Perceções das mudanças e do funcionamento do serviço de refeição)</p> <p>“Mais fartura; há mais sobras; o comer chega para os reclusos; Podia ter mais paladar; Comida chega fria” (E1);</p> <p>“é a primeira vez que sou preso... Não tem estilo nenhum de comida, levei o reforço, estava tudo podre” (E2);</p> <p>“A comida aqui, relativamente sobre as outras é boa...Eu acho que é melhor a empresa, com uma empresa fica mais barato.” (E3);</p> <p>“Sempre foi assim...a apresentação não é boa, a dieta não é a normal, quem organiza deve ter esse cuidado. Claro que há alturas que querem alguma outra coisa no final do trabalho e sai outra é como em casa também se passa...Tem cuidado porque há uma variedade e vão com cuidado a e é tudo refeição mais aligeirada à noite. Sim a comida é aceitável,” (E4);</p> <p>“Aqui tem dias que é normal, outros é</p>	<p>(Pergunta 12- Perceções das mudanças e do funcionamento do serviço de refeição)</p> <p>“Isto depende das idades das pessoas.E aqui, da comida que dão mais, é muito peixe e a juventude aqui não gosta nada de peixe.Aqui é o problema da qualidade é muita gente, a matéria-prima é boa, é congelada, mas perde-se na confeção por é muita gente.”(Entre1);</p> <p>“Acho que era melhor, mais quantidade e qualidade, antes. Agora é tudo congelado e poucas quantidades.Eu nunca vi o diretor a vir onde nós estamos a comer, se está bem ou não.Diretora ia lá dentro e muitas vezes não estava a comida em condições e a diretora mandava mudar tudo.Isto aqui não acontece...é do pior e o pessoal é muito novo de baixa escolaridade e não sabem reivindicar. É mesmo miséria, nunca vi.” (Entre2);</p> <p>"Eu não posso dizer muito sobre a qualidade, eu como dieta pouca higiene, pouca quantidade e qualidade. " (Entre3);</p> <p>“As mudanças ocorreram sempre para</p>	<p>(Pergunta 12- Perceções das mudanças e do funcionamento do serviço de refeição)</p> <p>Neste estabelecimento a refeição sempre veio da empresa, a nutricionista é da empresa, quem aprova é a Direção e a DDRSSP, elaboram as ementas e alguém as autoriza, aprova, sempre foi distribuída por empresas, não há condições de fazer cá, foram empresas como “Eurest”, “Mordigal” e agora esta.” (Ent1)</p> <p>“em Guimarães só auxiliam na distribuição mesmo e depois lavam a loiça, arrumam os tabuleiros os talheres etc [...] etc [...]são eles que cuidam do espaço todo, o serviço deles é esse.” É a nutricionista da empresa, depois é o diretor e o chefe têm que assinar e quando é alterada eles têm que ter conhecimento, muitas vezes a empresa não teve condições do que estava estipulado e eles têm que comunicar com antecedência.” (Ent2)</p>	<p>(Pergunta 12- Perceções das mudanças e do funcionamento do serviço de refeição)</p> <p>“ Estou na parte do refeitório praí há meio ano. Eu quando cheguei aqui já era a empresa, nunca calhei nesta cadeia com civis, sei que era o guarda e os presos que faziam tinham um aguarda responsável... desde que estou aqui foi sempre com uma empresa civil...pronto há sempre evolução houve umas alterações foi dividido mas normalmente deste que estou aqui e a firma...a qualidade tem se mantendo...pronto claro que um dia os presos gostam mais mas isso e como nós. Eu acho que é melhor, porque é acompanhado por uma nutricionista as ementas saem com antecedência, há mais rigor.” (Ent1)</p> <p>“quando era o Estabelecimento que confeccionava as refeições, abundava a comida e também saia muita comida para ao lixo, e a abundância nem sempre e aqui também era sinal qualidade. <u>as empresas é um outro rigor, no tipo da confissão no modo da</u></p>

	<p>insuportável..Deixei de comer peru por causa de ser mal confeccionado...O que acho é que é mais bem confeccionado quando é na própria cadeia,...Para muitos que estão aqui é um hotel...o horário havia de ser logo das 7h às 8h. (E5);</p> <p>“Aqui foi sempre uma empresa a fazer..Aqui está melhor...Confeccionar para menos pessoas é mais fácil, não é?...Na qualidade, sabores é melhor vindo do exterior e até ao nível da higiene, a gente lá não vê não é?” (E6);</p> <p>“Dizem eles que já veio de outra empresa, agora vem de Braga...izem que houve tempo em que era confeccionada aqui,...Eu é dieta e muitas das vezes não como, é só sopa e é água com batata ralada é para aconchegar o estômago (E7);</p> <p>“A comida sempre veio dessa empresa, a prisão não conseguia se autossustentar....A comida é razoável, completamente aceitável. Infelizmente muita comida que é deitada fora, as pessoas se estivessem lá fora era bom. ” (E8);</p> <p>“Come-me mais mal agora. Sempre foi uma empresa..Come-</p>	<p>pior..serviram hambúrgueres e sabia e cheirava mal...frango o osso é amarelo..o peixe quase cru, o arroz é quase cru...cena de gelatina que é para 2, fazem 4 e a mousse e igual...A ementa ..meio-dia carne e à noite peixe, só que a confeção não é a mais adequada....O que recebe mais é o que esta todos os dias a servir, ganha mais, serve a concha de arroz e empurra não levanta,..Hoje foi rojões e um reclamou ...eram 3 rojões levou 6. se toda a gente reclama-se não chegava” (Entr4);</p> <p>“Mudou quase tudo, havia mais companheirismo se estivessem em baixo, davam apoio. Agora a comida já não tem sabor, passado uma hora já esta cheio de fome outra vez. Eu sou doente crónico...estavam a dar Nestum por mês e leite e agora já não dão. Cortaram. Tem sido, dantes ainda se comia bem, agora não. não davam rojões e agora até já dão.” (Entre5);</p> <p>"Ao primeiro ainda tinha senhora na linha, agora não, é sempre reclusos a servir. A minha expectativa é que está na linha da ala A, ele olha para a cara e vê o que podem deitar, pois eles ganham comissão, por quanto menos</p>	<p>(Perg 13) “Dietas são prescritas pelo médico, ao fazer a requisição os guardas já pedem isso...há várias ementas e refeições, todos os dias é feita essa requisição...o médico também prescreve quando é vegetariano...dieta norma, deita vegetariana, dieta mole e dieta sem sal” (Ent1)</p> <p>“é a variedade, não repetir sempre a mesma refeição, a ementa é feita para a semana toda, não quer dizer que depois durante a semana não seja repetida, não é? Mas penso que eles até [...] .eu vou-lhe dizer porque estou ali e observo e pendo que até que a refeição até, até e muito agradável... ao nível da quantidade isso é estipulado e muitas vezes aqueles que querem repetir e a comida chega, muitas vezes eles podem fazê-lo têm é que esperar pelo último “senhor guarda já veio o último?” “já”. Eles vão lá se ainda houver comida e repetem.” (Ent2)</p> <p>Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)</p>	<p><u>confissão no modo de apresentação e sem dúvida que a população reclusa beneficiou com isto, embora isto custe a admitir durante algum tempo. Sendo confeccionada de uma outra maneira, confeccionada com a regra da carne e peixe, isso tudo tem mais-valias para o recluso, para a alimentação do recluso, para a alimentação de uma pessoa normal isto houve uma mais valia e isto foi bom para les, de facto em outros tempo havia muito mais qualidade mas havia muito desperdício....</u></p> <p>Eu sou testemunha, nós tínhamos as ovelhas e os porcos e o tractor saia todos os dias cheio de contentores de comida para o lixo, portanto havia muita comida que não era consumida, havia desperdício e não havia qualidade. (Ent2)</p> <p>(Perg 13) Não, há equilíbrio, é feito mesmo com esse propósito e além disso e visto pelos serviços clínicos com esse propósito.” (Ent1) Desde o regime geral às dietas, portanto há uns anos atrás não haviam vegetarianos, e portanto aqui é um bocado aqui, aquilo que a sociedade tem</p>
--	---	---	--	---

	<p>se muito mal agora, é quase sempre massa e arroz, «mesmo a sopa é só água não presta.»...aqui pode não prestar e dão a outros mais e a outros menos. Aqui não tem sabor e tem a uma vez por entre outra boa. " (E9);</p> <p>"Se for confeccionada aqui dentro seria mais saboroso e teria mais condimentos. Se fosse confeccionada a comida aqui seria melhor e há muitos anos que vem de fora. Para se ganhar o concurso tem que se tirar a qualidade e baixar aos preços. Muitas vezes esquecem-se de coisas e têm que buscar de propósito longe, a longe lá se esquecem do reforço." (E10);</p> <p>"A comida é normal, estamos presos, temos que nos sujeitar a comida menos bem confeccionada por estarmos presos..Eles comem aqui melhor que em casa de certeza. ..emagreci quase 24 quilos, há que aproveitar. (aproveitar o facto que está preso e emagrece)...Come-se bem aqui dentro, pode vir uma refeição em que as batatas venham ainda cruas, mas é normal a comida vem de Braga...eu sempre rapo sempre o meu pratinho." (11);</p>	<p>servirem. Quem paga é a empresa, quanto mais eles pouparem mais eles ganham. Se houvesse uma surpresa de irem todos os reclusos ao pequeno-almoço, não chegava o pão para todos. A comida ao almoço tem estado parada por causa da carne que vem crua. Há um recluso que está cheio de manchas na pele por um hambúrguer que comeu estragados, eu vou comer porque tenho fome, senão não ia."(Entre6);</p> <p>" A comida é sempre a mesma. Pouca comida para eles só. Para mim é a razoável. Eu até como dieta, depois do refeitório fechar." (Entr7);</p> <p>"Vou ser sincero, as pessoas trabalham aqui, não há comida de fora, aqui a comida podia ser razoável pelo menos 1ª vez. Aqui não há fome, mas não é boa.A qualidade também não é boa...mas estamos presos, mas somos humanos, não chega e deviam deixar entrar mais de casa ao menos ou uma refeição por dia ser melhor." (Entre8);</p> <p>"Gostava mais do outro sistema em que eram os reclusos a confeccionar e a servir. Isto aqui da empresa é tudo uma tanga, não tem lógica nenhuma e</p>	<p>"O refeitório é um lugar sagrado, é um lugar importante a não podemos levantar rancho, estar em desacordo com o racho servido. O nosso trabalho é que eles tomem a refeições sem grandes tumultos, às vezes existem. Quando existem é o levantamento do rancho e por norma é porque a comida é pouca ou não agrada. Quando é peixe, eles não gostam muito de peixe" (Ent1)</p> <p>"é um local onde estão muitos reclusos e nos temos que ter em conta se eles tiverem alguma iniciativa mais desagradável dentro do refeitório temos que agir [...] eles estão todos juntos é muito homem junto [...] nós as vezes estamos 4 ou 5 e um graduado e um subchefe. Temos que ter sempre em atenção porque eles sabem que qualquer [...] qualquer coisa que façam dentro do refeitório é punível E eles também têm um bocado de receio por isso [...] Ou fazem bem feito ou então muitas vezes dizem "ohh pahh não vamos comer" – estão no direito deles, há o levantamento de ranche, meia dúzia deles nos fazemos o levantamento do numero, saiem para</p>	<p>lá fora. <u>As modas da sociedade começam a ser modas cá dentro em tudo, em tudo em tudo e neste caso na alimentação também....</u> A vegetariana é um fenómeno que se tem registado em picos, mas isto chegou a atingir quase 70 reclusos com comida vegetariana.(Ent2)</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)</p> <p>"A principal é a segurança, mas depois há aquela de ver se as coisas estão a ser bem servidas, as quantidades... Esta muita gente junta, há esperas para poderem entrar juntos e pode haver a qualquer momento desacatos." (Ent1) como função, o bom funcionamento da distribuição e manter a ordem e a segurança dentro do estabelecimento prisional, nomeadamente dentro do refeitório, a principal preocupação é que não haja qualquer divergência entre reclusos, com funcionários na distribuição, entre reclusos, portanto onde há um grande aglomerado de reclusos, qualquer problema, qualquer foco que ali suja pode ser, um problema difícil de controlar. Mas o principal</p>
--	---	---	--	--

“Sempre foi fora, eu gostava da comida de fora, se for muitas batatas como, como o reforço à noite. A mim lá de vez enquanto trazem uma bolachita.” (Entr12)

(Perg 13)

Não, às vezes na dieta acabo por comer a comida dos outros. Há um desequilíbrio nesse aspeto.” (Ent1);

“A idade pede formas de comida: de batatas fritas e há idades que pedem outras (...)” (Ent1). (Na pergunta 17)

“Não, esta semana foi quase sempre massa...Há várias comidas, mas é arroz e massa, carne ao meio-dia e peixe à noite, arroz e massa.Havia de ser mais bem partilhado. Eu desde que estou cá há 7 meses comi uma vez arroz seco, fêvera e batata frita. (Ent2);

Não, às vezes há carne a menos 80grmas/160 gramas por dia que temos que ter por dia e às vezes não temos direito a essa carne, não há ovos cozidos só uma vez por ano....Há comida muito repetida, sempre a mesma coisa, metem muitas vezes massa” (Ent3);

“Sim, tomam.” (Ent4);

se, se perde mais um bocadinho eles dizem que a empresa não autoriza, porque não chega.

A ementa é sempre a mesma, só altera os dias, a ementa podem dizer que é frango hoje e pode chegar o da firma e alterar e colocar massa. Não sei quem faz as ementas.” (Entre9);

“Sobre as ementas, não posso dizer muito. O mal que eu vi, sobre a comida vir de fora, e vir nas cuvetes e ela arrefecer.

Principalmente em Viseu a sopa era melhor, os alimentos eram melhores não era como aqui a fruta é tudo fraco.

É fraca, a qualidade dos alimentos falha, é a qualidade dos alimentos. Os funcionários da empresa, fazem tudo ao calha, não interessa. A empresa mete os reclusos a cortar ao meter nos pratos das pessoas. Ele olha para mim e vê que eu como pouco ou só como isto e fazem assim., para disfarçar e metem pouco. Têm que ganhar alguma coisa com isto. Vamos imaginar o frango de dieta em vez de pôr 2 pedaços, põe as aparas com os ossos, na feijoada só se vê ossos. Eu sei de uma coisa que é, eles tem 200kg,decarne e a arca esta fechada a cadeado e têm que chegar para 600

fora, deixam comer quem quer, que muitas vezes que os outros adiram “porque eu não vou, mas não quero que o tu também vás” “pahh mas eu não vou passar fome porque não tenho quem me traga nada”, e eles às vezes tentam sem nós nos percebemos forçar [... “ohh pa tu não vais, eu até te dou umas bolachas, ou pago um café ou dou-te um cigarro, mas tu hoje não vais” que é para arranjar um maior número não e? se calhar o castigo ira ser mais atenuado, do que se for só um ou dois... isso também existe. “ (Ent2)

problema é o controlo do espaço, controlo do espaço e organização e funcionamento, bom funcionamento do espaço. Sim, tentamos canalizar para lá toda a gente disponível para que o refeitório seja povoado, quanto mais melhor. Sendo essa uma das preocupações que é básica. Quase que toda a gente disponível vai para o refeitório. (Ent2)

	<p>“Sim, o que eu acho é que não é bem confeccionada, a maneira de preparar a comida de a confeccionar. (Ent5);</p> <p>“Sim,sim” (Ent6);</p> <p>“Eles não respeitam a coisa..Há dias que é igual e pa parte da dieta que não podem comer queijo e nem salsichão com colorau e do outro lado também é igual...Não respeitam nada”(Ent7);</p> <p>“creio que têm, apesar de que não aparenta, além da comida vir de fora e vir de uma empresa, podiam variar um pouco mais..Tem vindo muita massa.”(E8);</p> <p>“Não está muito adequado, é quase sempre massa e arroz, mesmo que vem há carne, também não vem muito se colocar o arroz na parede ele cola. Depende também da cozinheira, porque não é sempre a mesma” (Ent9);</p> <p>“Têm esse cuidado com a alimentação ao nível dos nutrientes etc é bem cuidada.” (Ent10);</p> <p>“A lista que eles fazem torna-se repetitiva, mas de vez enquanto mudam, mas também há refeições de</p>	<p>reclusos e quem corta a carne tem que fazer «X» quilos daquela carne.É como a sopa, os legumes, se forem meter mais, depois vão ter que levar nas orelhas. Tinha um colega que fazia as sopas, metia mais, levava logo nas orelhas" (Entr10);</p> <p>"Quando cheguei aqui, comia-se bem, a confeção era melhor a variedade de comida era melhor e com o tempo, não sei se foi por causa da crise ou não sei, é repetitiva, ou arroz e massa e não varia, se eu quisesse que varie, tenho que ir ao bar comprar atum.</p> <p>Sempre foi aqui feito com os reclusos e cozinheiros. Acho que deviam ser só reclusos a fazer a comida, não haver mais empresas, o que me dizem é que antes era assim e as coisas corriam muito melhor.</p> <p>É mais a variedade dos alimentos e refeições, a confeção também, não sabem é variar.” (Entre11);</p> <p>“Os tabuleiros somos nós que pegamos”</p> <p>“Aqui os reclusos dão a geral e outros dão o comer não só a dieta e depois outros o pão e outros a sopa”</p> <p>“Só se mudou o refeitório desde que se fez aquela divisão”</p> <p>“A comida veio para pior, é fácil aqui eles têm 2 cozinheiros (civil)</p>		
--	---	---	--	--

	<p>festividades que altera." (Ent11);</p> <p>"Sim, tem." (Ent12);</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)</p> <p>"Haver respeito, paz, a ordem social, cada um ocupa o seu lugar; Haver respeito e a ordem para não haver discussão o que não tem havido" (Entr1);</p> <p>"Desde que entrei aqui é sempre a mesma coisa...Se virem a fazer mais barulho, chamam-nos logo a atenção...Pedem para não estarmos a brincar" (Entr2);</p> <p>"Sim, eles estão ali para haver segurança e não conflitos, porque senão estivessem ali guardas era só conflitos, havia confusão...Ninguém respeita ninguém são 10 pessoas que sabem ter cultura e cidadania...de resto não se aproveita mais nada" (Entr3);</p> <p>"Organização, estão organizados de forma que não hajam grande situação de desconforto, a presença deles é relevante...Pois põem respeito, estão sempre 4 incluindo o chefe. ...A média é sempre 4 no início da porta, a meio e no final</p>	<p>e é tanto um como outro não fazem nada, quem tem que fazer, são os reclusos...eles não fazem nada, nem um tempero. A comida deles é feita à parte os trabalhadores comem fora da Prisão as da cozinha é que comem lá. Isto tudo é só interesses". (Entre12):</p> <p>(Perg 13)</p> <p>"Isto depende das idades das pessoas. E aqui, da comida que dão mais, é muito peixe e a juventude aqui não gosta nada de peixe. Aqui é o problema da qualidade é muita gente, a matéria-prima é boa, é congelada, mas perde-se na confeção por é muita gente." (E1);</p> <p>"Desde que eles preparam a comida, isto piorou tudo, porque há uma razão, é arroz massa e carne com osso e você tem direito a 70, 50 gramas de carne e nem 30 tem!!!Acho que era melhor, mais quantidade e qualidade, antes. Agora é tudo congelado e poucas quantidades.Eu nunca vi o diretor a vir onde nós estamos a comer, se está bem ou não.Diretora ia lá dentro e muitas vezes não estava a comida em condições e a diretora mandava mudar tudo.Isto aqui não acontece...é do pior e o pessoal é muito novo de baixa escolaridade e não</p>		
--	---	--	--	--

	<p>pode haver uma situação de emergência que esteja menos 1, mas é pontual...Há uma relação aqui entre nós porque eu até fiquei surpreendido com a aproximação que é de tal forma que parecem que estão como reclusos também....Controlam assim mais o pessoal, não se impõem, mas se tiverem de atuar com mais rigor também o fazem. A aproximação é boa,uma cadeia com mais reclusos não é assim." (Entr4);</p> <p>"Só se for para uma pessoa não levar os pratos para a cela. Ou que não faltem os talheres da copa talvez, de resto não vejo grandes preocupações....Há mais guardas, porque podem haver atritos,...um recluso pode agredir com os objetos....Pôr respeito. Ainda aqui há dias, pra sopa vão e chatearam-se e a sopa foi virada no copo do outro e ainda se sujou e é mais por causa dessas coisas" (Entr5);</p> <p>"Não vejo nada de anormal. ..Claro que estão sempre atentos se há mais barulho e claro aqui não se passa isso, o pessoal é pacífico, há mais convivência todos se conhecem é diferente. Tentam estar sempre</p>	<p>sabem reivindicar. É mesmo miséria, nunca vi (E2);</p> <p>"Eu não posso dizer muito sobre a qualidade, eu como dieta pouca higiene, pouca quantidade e qualidade. " (E3);</p> <p>As mudanças ocorreram sempre para pior..serviram hambúrgueres e sabia e cheirava mal...frango o osso é amarelo..o peixe quase cru, o arroz é quase cru...cena de gelatina que é para 2, fazem 4 e a mousse e igual...A ementa ..meio-dia carne e à noite peixe, só que a confeção não é a mais adequada....O que recebe mais é o que esta todos os dias a servir, ganha mais, serve a concha de arroz e empurra não levanta,..Hoje foi rojões e um reclamou ...eram 3 rojões levou 6. se toda a gente reclama-se não chegava" (E4);</p> <p>"Mudou quase tudo, havia mais companheirismo se estivessem em baixo, davam apoio. Agora a comida já não tem sabor, passado uma hora já esta cheio de fome outra vez. Eu sou doente crónico...estavam a dar Nestum por mês e leite e agora já não dão. Cortaram. Tem sido, dantes ainda se comia bem, agora não. não davam rojões e agora até já dão." (E5);</p>		
--	---	--	--	--

	<p>mais guardas” (Entr6);</p> <p>“É manter a ordem não deixar que discutem uns com os outros...Eles estão todos assim do lado da parede e às vezes debruçam-se no gardeão a olhar uns para os outros e a gente a querer comer pão e eles a olhar para nós, a meter o pão à boca é embaraçoso...É porque alguma coisa aconteceu em tempos...não sei e não servem o comer sem estar ali a autoridade” (Entr7);</p> <p>“Isto é uma coisa pequena....e não for os guardas têm sempre que ver onde anda o recluso....nunca houve (conflitos físicos guardas...pode-se falar mais alto um bocado e eles próprios dizerem para baixarem o tom de voz, é muito difícil acontecer e a maior parte das pessoas conhecem-se.” (Ent8);</p> <p>“É estar atento, para ver se esta tudo bem, não haver muito barulho. ver como esta a correr as dadas do comer, às vezes algum reclama, há chatices porque as mulheres da cozinha têm tanto no tabuleiro e não dão mais e no fim sobra e não, oferecem. e dão</p>	<p>"Ao primeiro ainda tinha senhora na linha, agora não, é sempre reclusos a servir. A minha expectativa é que está na linha da ala A, ele olha para a cara e vê o que podem deitar, pois eles ganham comissão, por quanto menos servirem. Quem paga é a empresa, quanto mais eles pouparem mais eles ganham. Se houvesse uma surpresa de irem todos os reclusos ao pequeno-almoço, não chegava o pão para todos.</p> <p>A comida ao almoço tem estado parada por causa da carne que vem crua. Há um recluso que está cheio de manchas na pele por um hambúrguer que comeu estragados, eu vou comer porque tenho fome, senão não ia.” (E6);</p> <p>“A comida é sempre a mesma. Pouca comida para eles só. Para mim é a razoável. Eu até como dieta, depois do refeitório fechar.” (E7);</p> <p>"Vou ser sincero, as pessoas trabalham aqui, não há comida de fora, aqui a comida podia ser razoável pelo menos 1ª vez. Aqui não há fome, mas não é boa.A qualidade também não é boa...mas estamos presos, mas somos humanos, não chega e deviam deixar entrar mais de casa ao</p>		
--	--	---	--	--

	<p>também a quem trabalha na copa e não dão a uns e dão a outros para favorecer.” (Ent9);</p> <p>“Aqui o espaço e estabelecimento é muito pequeno ...tomam as medidas normais dos estabelecimentos prisionais....Há mais 2,3 guardas, são 3,4 guardas sempre com um chefe graduado, um na medicação, apartar as faltas, a contagem é feita no pequeno almoço e têm que ir ver onde eu me encontro e fazem a noite....Houve um desentendimento no corredor entre reclusos que um recluso deu uma chapada num mais vulnerável e outro veio em sua defesa e acabou foi participado. " (Ent10);</p> <p>“Têm sempre mais guardas que o normal..estamos para uma refeição e podem reclamar...pode pôr um prato pelo ar,...acontece na precária estão mais alteradosos guardas aí ..mandam logo calar.” (Ent11);</p> <p>“Segurança, muitos guardas.” (Ent12)</p>	<p>menos ou uma refeição por dia ser melhor” (E8);</p> <p>“Gostava mais do outro sistema em que eram os reclusos a confeccionar e a servir. Isto aqui da empresa é tudo uma tanga, não tem lógica nenhuma e se, se perde mais um bocadinho eles dizem que a empresa não autoriza, porque não chega.</p> <p>A ementa é sempre a mesma, só altera os dias, a ementa podem dizer que é frango hoje e pode chegar o da firma e alterar e colocar massa. Não sei quem faz as ementas.” (E9);</p> <p>“Sobre as ementas, não posso dizer muito. O mal que eu vi, sobre a comida vir de fora, e vir nas cuvetes e ela arrefecer.</p> <p>Principalmente em Viseu a sopa era melhor, os alimentos eram melhores não era como aqui a fruta é tudo fraco.</p> <p>É fraca, a qualidade dos alimentos falha, é a qualidade dos alimentos. Os funcionários da empresa, fazem tudo ao calha, não interessa. A empresa mete os reclusos a cortar ao meter nos pratos das pessoas. Ele olha para mim e vê que eu como pouco ou só como isto e fazem assim., para disfarçar e metem pouco. Têm que ganhar alguma coisa com isto.</p>		
--	--	---	--	--

		<p>Vamos imaginar o frango de dieta em vez de pôr 2 pedaços, põe as aparas com os ossos, na feijoada só se vê ossos. Eu sei de uma coisa que é, eles tem 200kg,decarne e a arca esta fechada a cadeado e têm que chegar para 600 reclusos e quem corta a carne tem que fazer «X» quilos daquela carne.É como a sopa, os legumes, se forem meter mais, depois vão ter que levar nas orelhas. Tinha um colega que fazia as sopas, metia mais, levava logo nas orelhas" (E10);</p> <p>"Quando cheguei aqui, comia-se bem, a confeção era melhor a variedade de comida era melhor e com o tempo, não sei se foi por causa da crise ou não sei, é repetitiva, ou arroz e massa e não varia, se eu quisesse que varie, tenho que ir ao bar comprar atum.</p> <p>Sempre foi aqui feito com os reclusos e cozinheiros. Acho que deviam ser só reclusos a fazer a comida, não haver mais empresas, o que me dizem é que antes era assim e as coisas corriam muito melhor.</p> <p>É mais a variedade dos alimentos e refeições, a confeção também, não sabem é variar." (E11);</p> <p>"Os tabuleiros somos nós que pegamos"</p>		
--	--	---	--	--

		<p>“Aqui os reclusos dão a geral e outros dão o comer não só a dieta e depois outros o pão e outros a sopa” “Só se mudou o refeitório desde que se fez aquela divisão” “A comida veio para pior, é fácil aqui eles têm 2 cozinheiros (civil) e é tanto um como outro não fazem nada, quem tem que fazer, são os reclusos...eles não fazem nada, nem um tempero. A comida deles é feita à parte os trabalhadores comem fora da Prisão as da cozinha é que comem lá. Isto tudo é só interesses”. (Entr12)</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições)</p> <p>“Eu penso que a função principal deles ali é a segurança.reclusos que vão comer como para os que vão servir.É lógico que numa cadeia destas há sempre conflitos.” (Entr1);</p> <p>“Você tem que dar o número é mais a segurança, para ninguém andar lá ao murro, abater nos outros. Porque às vezes acontece.” (Entr2);</p> <p>“Tirar o número. E para ordem, para não haver desacato, para não passar à frente dos outros. Um guarda com os números. Um guarda efetivo na cozinha com chaves da dispensa. Quatro</p>		
--	--	---	--	--

		<p>guardas em cada ala e 1 graduado de serviço para as 2 alas." (Entr3);</p> <p>"A preocupação deles é meter a conversa em dia. É chefes, é guardas,...agente precisa de algo...ele manda ir berrar com o cozinheiro...se mandamos um prato para trás/linha, somos logo propostos para castigo, " (Entr4);</p> <p>"Ahh... não fazem nada, metem-se ali a tirar os números do pessoal e a ver se há algum desacato" (Entr5);</p> <p>"Eu vejo os chefes por exemplo de manhã ao pequeno almoço, eles guardam a empresa. Eles não dão mais pão,..aqui, é diferente eles não deixam que se dê mais comida. É triste estar preso, e passar fome, tem peixe aqui que nem aos gatos se dá, eles morriam." (Entr6);</p> <p>"Eles apenas tomem em precaução só a roupa, não ir de calções para o refeitório, não passar uns pelos outros e não fazem mais nada. De resto estão ali de corpo presente." (Entr7);</p> <p>"As preocupações, são só se uma pessoa vai fazer queixa, ainda ouve, este fim-de-semana fui lá era pescada e eles disseram que estava</p>		
--	--	---	--	--

		<p> muito bom. Ninguém morre de fome, mas ao menos uma vez uma vez ao dia que tivesse a vitamina necessária. A sopa não tem azeite é só banha, uma vez ao dia.” (Entr8);</p> <p> “Não, é tudo igual. Eles estão ali para a segurança, eles são 10/12, os subchefes têm que estar sempre no refeitório. O pavilhão e refeitório são locais “sagrados”, não se pode arranjar conflitos, nem confusões, caso hajam é logo castigo fechado. Se nós pedirmos mais 2 pães de manhã não nós dão e o pão é pequenino.” (Entr9);</p> <p> “Chegar atrasado não come, manda fechar, e se eu reclamar da comida, não fazem nada, manda embora, as pessoas é que trocam o prato ele não quer saber, só não querem é que façam barulho.” (Entr0);</p> <p> “ Acho que é ao nível com confronto, entre reclusos que recebem e o que esta do lado de lá...Eles estão mais atentos a isso, à quantidade da comida, porque há conflitos entre o recluso do lado de cá e do lado de lá e pode haver motins e conflitos. Estão mais atentos.” (Entr11);</p> <p> "podem ver alguém a atirar os tabuleiros, a atirarem algo para o</p>		
--	--	--	--	--

		<p>chão, não chamam a atenção e custa-me ver porque eu limpava e aqui há de tudo...Não têm atenção são porcos e há coisas que fazem, que são capazes de levar e atiram para o refeitório e o óleo e abrem e põe para o chão e os guardas vêem e não dizem nada.</p> <p>Estão ali porque têm que estar olha-se para eles, e vê-se que estão contra a vontade. Já dei a comida no refeitório e é complicado. Quando a comida não agrada quem leva de frente são os que estão na cozinha porque os guardas não fazem nada...e por isso tiraram-me logo da cozinha e não olham à razão, dizem só que não tinha que reagir aos insultos.” (E12);</p>		
<p>Atitudes do espaço dos hábitos alimentares: Estrutura do dia alimentar Nº de tomadas (perg 9) Formas (p. almoço, almoço, merenda, jantar, ceia) Horários (perg 9) Conteúdos alimentares em cada refeição Horários (Perg 7, 8,9,10, 11,) Modalidades do consumo (comer com as mãos, talheres, faca proibida? (perg 12) Contextos sociais (descrever as atitudes face ao espaço das refeições (Perg 7,8,9,10,11,14, 15, 32)</p>	<p>(Perg 7 tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>(Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇÃO 1- Livres</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições) Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h30- P.ALMOÇO 12h00 às 12h30- ALMOÇO</p>	<p>(Perg 7- tempo das refeições) Todos entrevistados responderam 1 turno</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Todos entrevistados responderam OPÇÃO 1- Livres</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições) Todos os entrevistados responderam 8h00 às 8h45- P.ALMOÇO</p>	<p>(Perg 7- tempo das refeições) Guardas responderam 1 turno “Ali e tudo a mesma hora e têm um tempo e têm que vir todos a mesma hora e se não vierem dá direito a participação. Podem não querer, não são obrigados a comer mas têm que vir ao guarda, porque eles de manhã nem querem sair da cama e nem querem comer, mas lá esta os que têm visita. Tá a</p>	<p>(Perg 7- tempo das refeições) 1 turno (EntrG1); 1 turno (EntrG2)</p> <p>(Perg 8- Agrupamento reclusos) Livres EntG1); Livres EntG2)</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições) “O horário é das</p>

	<p>18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2 pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Menos de meia hora (E1 e E5) Restantes entrevistados 3/4hora a 1 hora, opção 4</p> <p>(Perg 11- escolha de definição de alimentar um recluso) Resposta 1 – (E1; E5; E6; E7; E8; E12) Resposta 2 – (E3; E4) Resposta 3 – (E2) Não escolheu nenhuma – (E11) Escolheu as 3 – (E10)</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições) “Haver respeito, paz, a ordem social, cada um ocupa o seu lugar; Haver respeito e a ordem para não haver discussão o que não tem havido” (E1);</p> <p>“Desde que entrei aqui é sempre a mesma coisa...Se virem a fazer mais barulho, chamam-nos logo a atenção...Pedem para não estarmos a brincar” (E2);</p> <p>“Sim, eles estão ali para haver segurança e não conflitos, porque senão estivessem ali guardas era só</p>	<p>11h30 às 12h30- ALMOÇO 17h45 Às 18h45- JANTAR + REFORÇO “Entregam o suco com 2pães, 2 peças de fruta e 1 leite ou sumo o iogurte.”</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) Todos os entrevistados responderam 3/4hora a 1 hora, opção 4</p> <p>(Perg 11- escolha de definição de alimentar um recluso) Resposta 1 – (E1; E4;E5;E7;E10; E11) Resposta 2 – (E2;E8; E12) Resposta 3 – (E6) Não escolheu nenhuma – (E3; E9)</p> <p>(Perg 14- Precauções dos GP nas refeições) "Eu penso que a função principal deles ali é a segurança.reclusos que vão comer como para os que vão servir.É lógico que numa cadeia destas há sempre conflitos." (E1);</p> <p>“Você tem que dar o número é mais a segurança, para ninguém andar lá ao murro, abater nos outros. Porque às vezes acontece.” (E2);</p> <p>“Tirar o número. E para ordem, para não haver desacato, para não passar à frente dos</p>	<p>ver, eles têm visitas e as visitas levam as coisas, ora aqui esta o seu estudo e verdade, e muito bem pensado este tema [...] porque os outros têm sempre que comer e o estado estava a pagar as refeições [...] assim eles vêm ao guarda e até tomam um bocado e leite. Eles têm que ir lá ao refeitório a falta e tirada junto ao refeitório, lá no refeitório” (Ent2)</p> <p>Perg 8- Agrupamento reclusos) Guardas responderam livres “fazem fila, fazemos o conto e vão entrando conforme vai havendo vaga no refeitório, é tudo igual, ordem de chegada e aguardam, as celas disciplinares não temos tido”. (Ent1)</p> <p>“o recluso quando entra vai sempre para uma cela, onde estão os entrados, deveria funcionar mais ou menos assim, os reclusos vão para uma cela onde estão os entrados, estão ali uns dias para analisar...esta a ver...depois de uns dias, uma semana, quinze dias ou isso, depois de os conhecermos mais ou menos, depois são retirados por antiguidade, por mais antigo que já estava lá</p>	<p>8h00 às 8h30- P. ALMOCO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí.” (EntG1) “O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOCO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí.” (EntG2)</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições) 3/4hora a 1 hora, opção 4 (EntG1) (3/4hora a 1 hora, opção 4 EntG1)</p> <p>(Perg 11- escolha de definição de alimentar um recluso) Resposta 3- “ ensinar os hábitos não sei, a ementa é variada, mas os hábitos de comer eles já trazem... o hábito do silêncio neste refeitório não dá...porque noutras cadeia onde estive eles iam-se sentando onde estava desocupado...e ia preenchendo o refeitório aqui não,</p>
--	--	--	---	--

	<p>conflitos, havia confusão...Ninguém respeita ninguém são 10 pessoas que sabem ter cultura e cidadania...de resto não se aproveita mais nada" (E3);</p> <p>"Organização, estão organizados de forma que não hajam grande situação de desconforto, a presença deles é relevante...Pois põem respeito, estão sempre 4 incluindo o chefe. ...A média é sempre 4 no início da porta, a meio e no final pode haver uma situação de emergência que esteja menos 1, mas é pontual...Há uma relação aqui entre nós porque eu até fiquei surpreendido com a aproximação que é de tal forma que parecem que estão como reclusos também....Controlam assim mais o pessoal, não se impõem, mas se tiverem de atuar com mais rigor também o fazem. A aproximação é boa,uma cadeia com mais reclusos não é assim." (E4);</p> <p>"Só se for para uma pessoa não levar os pratos para a cela. Ou que não faltem os talheres da copa talvez, de resto não vejo grandes preocupações....Há mais guardas, porque podem haver atritos,...um recluso</p>	<p>outros. Um guarda com os números. Um guarda efetivo na cozinha com chaves da dispensa. Quatro guardas em cada ala e 1 graduado de serviço para as 2alas." (E3);</p> <p>"A preocupação deles é meter a conversa em dia. É chefes, é guardas,...agente precisa de algo...ele manda ir berrar com o cozinheiro...se mandamos um prato para trás/linha, somos logo propostos para castigo," (E4);</p> <p>"Ahh... não fazem nada, metem-se ali a tirar os números do pessoal e a ver se há algum desacato" (E5);</p> <p>"Eu vejo os chefes por exemplo de manhã ao pequeno almoço, eles guardam a empresa. Eles não dão mais pão,..aqui, é diferente eles não deixam que se dê mais comida. É triste estar preso, e passar fome, tem peixe aqui que nem aos gatos se dá, eles morriam." (E6);</p> <p>"Eles apenas tomem em precaução só a roupa, não ir de calções para o refeitório, não passar uns pelos outros e não fazem mais nada. De resto estão ali de corpo presente." (E7);</p> <p>"As preocupações, são só se uma pessoa vai fazer queixa, ainda</p>	<p>a mais tempo, ou porque pedem ou porque entendemos que deverá ir para o pé daquele individuo, ou porque fuma, ou porque poderia ir para ao pé do familiar ou etc.. os mais recentes portanto depois vão se distribuindo" (Entr2)</p> <p>(Perg 9- Horas das refeições)</p> <p>"O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOCO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí." (Ent1)</p> <p>"O horário é das 8h00 às 8h30- P. ALMOCO 12h00 às 12h30- ALMOÇO 18h00 às 18h30- JANTAR + REFORÇO, levam a ceia ao jantar é distribuído logo aí." (Ent2)</p> <p>(Perg 10- Tempo de cada grupo para refeições)</p> <p>"comem rápido, meia hora para todos" (EntG1)</p> <p>"mais ou menos meia hora para todos" (EntG2)</p> <p>(Perg 11- escolha de definição de alimentar um recluso)</p>	<p>eles sentam-se onde querem e com querem. É mais ter o hábito das refeições certas...não passa por mais nada. " (Ent1)</p> <p><u>"São as 3. porque de facto, alimentar um recluso, certa forma é fazê-los perceber, que a refeição, são estudadas e preparadas, as ementas são preparadas por nutricionistas portanto que há partida estão previamente seleccionadas asa refeições de modo a que os reclusos tenham uma alimentação o mais equilibrada possível, ora peixe, ora carne, ora legumes, portanto isso tudo esta no principio da alimentação que esta aqui distribuída. um espaço de comunhão de partilhas de convivência também e um bocado do principio, porquê? Nós até costumamos dizer que o refeitório é sagrado, porque, porque é onde há uma grande concentração de reclusos e onde é partilhada uma refeição é onde todos vão ali naquele espaço comer uma refeição que por si só de também cultural, é no fundo aquilo que se passa na casa de cada um... pessoas lá fora na hora das refeições, partilham as famílias</u></p>
--	---	---	---	---

	<p>pode agredir com os objetos....Pôr respeito. Ainda aqui há dias, pra sopa vão e chatearam-se e a sopa foi virada no copo do outro e ainda se sujou e é mais por causa dessas coisas” (E5);</p> <p>“Não vejo nada de anormal. ..Claro que estão sempre atentos se há mais barulho e claro aqui não se passa isso, o pessoal é pacífico, há mais convivência todos se conhecem é diferente. Tentam estar sempre mais guardas” (E6);</p> <p>“É manter a ordem não deixar que discutem uns com os outros...Eles estão todos assim do lado da parede e às vezes debruçam-se no gardeão a olhar uns para os outros e a gente a querer comer pão e eles a olhar para nós, a meter o pão à boca é embaraçoso...É porque alguma coisa aconteceu em tempos...não sei e não servem o comer sem estar ali a autoridade” (E7);</p> <p>“Isto é uma coisa pequena....e não for os guardas têm sempre que ver onde anda o recluso....nunca houve (conflitos físicos guardas...pode-se falar mais alto um bocado e eles próprios dizerem para</p>	<p>ouve, este fim-de-semana fui lá era pescada e eles disseram que estava muito bom. Ninguém morre de fome, mas ao menos uma vez uma vez ao dia que tivesse a vitamina necessária. A sopa não tem azeite é só banha, uma vez ao dia.” (E8);</p> <p>“Não, é tudo igual. Eles estão ali para a segurança, eles são 10/12, os subchefes têm que estar sempre no refeitório. O pavilhão e refeitório são locais “sagrados”, não se pode arranjar conflitos, nem confusões, caso hajam é logo castigo fechado. Se nós pedirmos mais 2 pães de manhã não nós dão e o pão é pequenino.” (E9);</p> <p>“Chegar atrasado não come, manda fechar, e se eu reclamar da comida, não fazem nada, manda embora, as pessoas é que trocam o prato ele não quer saber, só não querem é que façam barulho.” (E10);</p> <p>“ Acho que é ao nível com confronto, entre reclusos que recebem e o que esta do lado de lá...Eles estão mais atentos a isso, à quantidade da comida, porque há conflitos entre o recluso do lado de cá e do lado de lá e pode haver motins e conflitos. Estão mais atentos.” (1 E11);</p>	<p>Escolheu a opção 1 “ não incutimos regras, mas há muitas regras, e têm que ter um pouco de norma, incutimos o alimentar” (Ent 1)</p> <p>Opção 2 “eles entenderem que o facto de ser uma refeição de carne, ser uma refeição de peixe, para a nossa saúde que é bom, não é? A nível de nutrição e bom é ótimo, percebe? é isso que nos lhe dizemos “oh pah, porque é que vocês não querem peixe, que o peixe faz muito bem” eles, “ohh senhor guarda, eu comi só carne, eu peixe não quero, eu peixe não puxa carroça aquela conversa que eles têm [...] é isso que ouvimos mesmo deles”</p> <p>“eles vêm nas dietas pahh, que eles muitas vezes não querem a dieta [...] e nos dizemos-lhes que eles têm que comer aquele prato de dieta porque veio para eles [...] e não é porque lhe agrada mais a comida do geral que ele vai deixar de comer a dieta que veio mesmo só para ele. Ta a ver porque eles muitas vezes fazem isso... se nós não nos apercebermos eles tentam com a senhora, se a outra refeição chega eles tentam trocar” (Ent2)</p>	<p><u>partilham o espaço, só jantam ou só almoçam quando estão todos portanto e isto no fundo é um bocado igual, este espaço é pela comunhão e pela partilha, tudo está interligado.</u></p> <p><u>Se escolher uma penso que diria mais os hábitos alimentares, e onde nascem mais protestos ao nível alimentar, sempre peixe, sempre daqui e dali, acham pouco e não é, as quantidades, são razoáveis e muita gente jovem pensa que comer demais.... Às vezes não é ... portanto aqui há logo uma educação ao nível alimentar, as refeições são preparadas com base em ementas previamente seleccionadas, estudadas e analisadas por nutricionistas, há aqui, desde logo a uma formação nutricional. é aquela que a gente debate que há maior resistência, portanto ao haver mais resistência o trabalho tem que ser maior e surte mais efeito. aparece muita gente cá subnutrida e obesa, portanto este dois contrastes dizem-nos que há má alimentação de muita gente que vem de fora, e nós aqui temos este trabalho.”(Ent2)</u></p>
--	---	--	--	---

	<p>baixarem o tom de voz, é muito difícil acontecer e a maior parte das pessoas conhecem-se.” (E8);</p> <p>“É estar atento, para ver se esta tudo bem, não haver muito barulho. ver como esta a correr as dadas do comer, às vezes algum reclama, há chatices porque as mulheres da cozinha têm tanto no tabuleiro e não dão mais e no fim sobra e não, oferecem. e dão também a quem trabalha na copa e não dão a uns e dão a outros para favorecer.” (E9);</p> <p>“Aqui o espaço e estabelecimento é muito pequeno ...tomam as medidas normais dos estabelecimentos prisionais....Há mais 2,3 guardas, são 3,4 guardas sempre com um chefe graduado, um na medicação, apartar as faltas, a contagem é feita no pequeno almoço e têm que ir ver onde eu me encontro e fazem a noite....Houve um desentendimento no corredor entre reclusos que um recluso deu uma chapada num mais vulnerável e outro veio em sua defesa e acabou foi participado. ” (E10);</p> <p>“Têm sempre mais guardas que o</p>	<p>"podem ver alguém a atirar os tabuleiros, a atirarem algo para o chão, não chamam a atenção e custa-me ver porque eu limpava e aqui há de tudo...Não têm atenção são porcos e há coisas que fazem, que são capazes de levar e atiram para o refeitório e o óleo e abrem e põe para o chão e os guardas vêem e não dizem nada. Estão ali porque têm que estar olha-se para eles, e vê-se que estão contra a vontade. Já dei a comida no refeitório e é complicado. Quando a comida não agrada quem leva de frente são os que estão na cozinha porque os guardas não fazem nada...e por isso tiraram-me logo da cozinha e não olham à razão, dizem só que não tinha que reagir aos insultos.” (E12);</p> <p>(Perg 15-Lugares nas mesas reservados)</p> <p>Não há lugares Marcados - (E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12)</p> <p>Há lugares Marcados – 0</p> <p>“Ai não, não.” (E1);</p> <p>“Não” (E2);</p>	<p>(Perg 14-Precauções dos GP nas refeições)</p> <p>“O refeitório é um lugar sagrado, é um lugar importante a não podemos levantar rancho, estar em desacordo com o racho servido. O nosso trabalho é que eles tomem a refeições sem grandes tumultos, às vezes existem. Quando existem é o levantamento do rancho e por norma é porque a comida é pouca ou não agrada. Quando é peixe, eles não gostam muito de peixe” (Ent1)</p> <p>“ é um local onde estão muitos reclusos e nos temos que ter em conta se eles tiverem alguma iniciativa mais desagradável dentro do refeitório temos que agir [...] eles estão todos juntos é muito homem junto [...] nós as vezes estamos 4 ou 5 e um graduado e um subchefe. Temos que ter sempre em atenção porque eles sabem que qualquer [...] qualquer coisa que façam dentro do refeitório é punível E eles também têm um bocado de receio por isso [...] Ou fazem bem feito ou então muitas vezes dizem “ohh pahh não vamos comer” – estão no direito deles, há o</p>	<p>(Perg 14-Precauções dos GP nas refeições)</p> <p>“A principal é a segurança, mas depois há aquela de ver se as coisas estão a ser bem servidas, as quantidades... Esta muita gente junta, há esperas para poderem entrar juntos e pode haver a qualquer momento desacatos.” (Ent1) como função, o bom funcionamento da distribuição e manter a ordem e a segurança dentro do estabelecimento prisional, nomeadamente dentro do refeitório, a principal preocupação é que não haja qualquer divergência entre reclusos, com funcionários na distribuição, entre reclusos, portanto onde há um grande aglomerado de reclusos, qualquer problema, qualquer foco que ali suja pode ser, um problema difícil de controlar. Mas o principal <u>problema é o controlo do espaço, controlo do espaço e organização e funcionamento, bom funcionamento do espaço.</u> Sim, tentamos canalizar para lá toda a gente disponível para que o refeitório seja povoado, quanto mais melhor. Sendo essa uma das preocupações que é básica. Quase que</p>
--	--	--	---	--

	<p>normal..estamos para uma refeição e podem reclamar...pode pôr um prato pelo ar,...acontece na precária estão mais alteradosos guardas aí ..mandam logo calar.” (E11);</p> <p>“Segurança, muitos guardas.” (E12)</p> <p>(Perg 15-Lugares nas mesas reservados)</p> <p>Não há lugares Marcados – (E1; E2; E4; E5; E6; E8)</p> <p>Há lugares Marcados - (E3; E7; E9; E10; E12)</p> <p>“mas há o respeito”</p> <p>"As vezes há um bocadinho falta de respeito nesse aspeto. <u>Não há lugares marcados</u>, ma há respeito, a atitude minha é não me sentar no lugar por exemplo da Sra. Doutora, porque é respeito" (E1);</p> <p><u>"Não há.</u> Eu tenho o meu sitio, mas se alguém lá estiver eu sento-me noutro sitio, não há lugares....não nos põe dela para fora, porque se lhe disséssemos algo, o chefe dizia logo “não há lugares marcados.” (E2);</p> <p>“Há, eu por exemplo tenho é uma questão</p>	<p>“Não, Não.” (E3);</p> <p>“Não” (E4);</p> <p>“Não, é quem chegar primeiro senta-se onde quer.” (E5);</p> <p>“Não, não aqui não, nem aqui nem em Custóias, não há lugares estabelecidos.” (E6);</p> <p>“Não.” (E7);</p> <p>“Não, não” (E8);</p> <p>“Não, você come onde quiser, porque na guarda, temos lugares até ao fim.” (E9);</p> <p>“Não” (E10);</p> <p>“Não, há pessoas que gostam de comer sempre no mesmo sitio...Mas não fazem questão de ficar naquele sitio...Eu sento-me em qualquer sitio. Não há conflitos nesse sentido... as pessoas não fazem pressão, não fazem.” (E11);</p> <p>“Não” (E12).</p>	<p>levantamento de ranche, meia dúzia deles nos fazemos o levantamento do numero, saiem para fora, deixam comer quem quer, que muitas vezes que os outros adiram “porque eu não vou, mas não quero que o tu também vás” “pahh mas eu não vou passar fome porque não tenho quem me traga nada”, e eles às vezes tentam sem nós nos percebemos forçar [... “ohh pa tu não vais, eu até te dou umas bolachas, ou pago um café ou dou-te um cigarro, mas tu hoje não vais” que é para arranjar um maior número não e? se calhar o castigo ira ser mais atenuado, do que se for só um ou dois... isso também existe. “ (Ent2)</p> <p>(Perg 15-Lugares nas mesas reservados)</p> <p>“ Cada um senta-se onde estiver vago, conforme vão entrando vão se sentando, não há lugares” (Ent1)</p> <p>“ nos sempre lhe dizemos que não.... mas eles gostam e tomar posição e ter o lugar deles percebe?... depois eles adaptam-se é mais com os entrados. ” (Ent2)</p>	<p><u>toda a gente disponível vai para o refeitório.</u> (Ent2)</p> <p>(Perg 15 -Lugares nas mesas reservados)</p> <p>“Não” (Ent1)</p> <p>“ <u>Não! É aleatório, cada um senta-se onde quiser, onde entender... de forma natural, eles se juntem, em grupos, mas isso a nós não nos diz nada, porque é assim, o facto de eles estarem lá juntos e até partilharem a mesma mesa e todos juntos a nós não nos diz nada, porque é assim, eles partilham esse espaço no recreio se quiserem ou noutros espaços... Há determinados grupos que gostam de comer juntos e sempre na mesma mesa e ate vão mais cedo, mas isso não nos diz nada.</u>” (Ent2)</p>
--	---	--	--	---

de respeito, já estou ali à 2 anos e janto ali e almoço ...Normalmente quando entramos de novo é que não conhece as regras e chamamos a atenção "atenção que já há gente mais velha que já comia ai", eu mudo eu, para não causar conflitos, por via de confusões. ...eu já vi os chefes quando estão lá no canto, dizem que não há lugares certos para o pessoal se sentar, é o respeito, se os meus colegas me vêm ali sempre naquele sítio, já não se sentam, porque aqui é uma cadeia pequena, em grande era diferente, comia-se em qualquer lado...Já estive em Paços de Ferreira, come-se por alas, e vão sempre 2 alas mas em separados. Lá são 700 a 800 reclusos e normalmente eram sempre em sítios diferentes, mas com amigos sempre" (E3);

"Não, porque o próprio chefe diz que não há lugares. Há lugares que nos respeitamos, mas a pouco a pouco acabamos por saber que é daquele.....não há lugares destinados e marcados, mas é uma questão de respeito, apesar de estatuto de preso que tens." (E4);

“Não, não há lugares marcados, mas há o respeito por aquela pessoa comer naquele lugar e pronto....Eu como há 2 anos e tal naquele sítio e chamo a atenção se se sentarem naquele lugar. ...Só os entrados é que não digo nada sento-me de lado, mas chamo-o a atenção. Mas é uma atenção de respeito.(E5);

“Não, não aqui não, nem aqui nem em Custóias, não há lugares estabelecidos.” (E6);

“Entre eles...se algum se sentar ali, ele espera que o outro coma e senta-se no seu lugar....Às vezes quase no fim do comer ter que levantar o tabuleiro e ir para outro lugar é complicado porque a prisão é para todos e não é só de uns...Se houver berros, os guardas mandam, logo calar eles estão lá intervêm logo.” (E7);

“Não há lugares marcados, há é o respeito entre nós ...Nós estamos habituados a ficar aqueles 8, naquela mesa e se for um recluso entrado que se senta, (que a gente não conhece), mas se é um recluso que já está cá há mais tempo e se alguém se senta lá, ai não avisamos...omos

todos reclusos e nós
pessoas nos
respeitámo-nos.” (E8);

“Alguns têm esse
hábito...o chefe diz
que não há lugares
marcados. É normal
os novos entrarem e
sentam-se: «Se te
sentas lá mais, levas
com o prato», muitos
deles não gostam que
ocupem os
lugares...Podem haver
brigas entre eles, se te
sentas aí, levas com o
prato, levas com a
comida, água,
começas a falar um
com o outro e
começam à porrada”
(E9);

“Não há lugares
marcados. há um
respeito e se eu como
na sua mesa, há às
vezes há até num tom
de brincadeira a
chamada de atenção
em relação ao
lugar....como ali há 15
meses...portanto.”
(E10);

“Há sim, há lugares
para comer.” (E12)

Anexo XIII

**Exemplo de Ementa Estabelecimento Prisional Regional de Guimarães – Semana 23
a 29 de dezembro de 2013**

Estabelecimento Prisional Regional de Guimarães

Direcção-Geral dos Serviços Prisionais

Semana de 23 a 29 de Dezembro de 2013



UNISELF

EMENTA - Semana 2

Dia	Refeição	ALMOÇO	JANTAR
segunda-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	pão com mortadela, sumo d.i., fruta da época
	Sopa	de feijão verde	de brócolos
	Dieta Normal	randho de carnes com couve branca	gardineira do mar com salada mista
	Dieta Ligera	carne estufada ao natural com massa de legumes	gardineira do mar ao natural com salada mista
	Sobremesa	fruta da época	gelatina
terça-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com compota	pão com queijo, leite simples d.i., fruta da época
	Sopa	creme de legumes	de abóbora com hortaliça
	Dieta Normal	panadinhos de queijo e fiambre com arroz, batata frita e salada	bacalhau cozido com todos
	Dieta Ligera	fêvera com arroz e legumes salteados	bacalhau cozido com todos
	Sobremesa	iogurte de aromas	arroz doce, bolo rei e café
quarta-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	pão com fiambre, sumo d.i., fruta da época
	Sopa	de feijão branco e couve coração	de couve flor
	Dieta Normal	perú assado com forma de arroz e salada	pescada estufada com tomate e batata cozida e juliana de legumes
	Dieta Ligera	perú assado ao natural com arroz e legumes	pescada estufada simples com batata cozida e juliana de legumes
	Sobremesa	rabanadas	fruta da época
quinta-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com queijo	pão com chouriço, leite achocolatado d.i., fruta da época
	Sopa	creme de cenoura	creme de ervilhas
	Dieta Normal	moelas estufadas com puré e salada de alface	arroz de aves com salada mista
	Dieta Ligera	perna de frango estufada ao natural com puré	arroz de aves simples com salada mista
	Sobremesa	aletria	fruta da época
sexta-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com compota	pão com queijo, sumo d.i., fruta da época
	Sopa	de repolho	creme de legumes
	Dieta Normal	espetada no forno com arroz e salada mista	arínca no forno com salada de batata e juliana de legumes
	Dieta Ligera	espetada grelhada com arroz e salada mista	arínca no forno com salada de batata e juliana de legumes
	Sobremesa	bolo	fruta da época
sábado	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	pão com mortadela, leite simples d.i., fruta da época
	Sopa	à lavrador	à primavera
	Dieta Normal	almôndegas com molho de tomate e massa	carapauzinhos com arroz de tomate e legumes cozidos
	Dieta Ligera	almôndegas ao natural com massa e couve	carapauzinhos no forno com arroz de tomate e legumes cozidos
	Sobremesa	gelatina	fruta da época
domingo	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com queijo	pão com fiambre, sumo d.i., fruta da época
	Sopa	de nabos	de feijão branco e couve lombarda
	Dieta Normal	frango assado com arroz de cenoura e couve-de-bruxelas	macarronete de carnes à Primavera
	Dieta Ligera	frango assado simples com arroz de cenoura e couve-de-bruxelas cozida	carne guisada com cenoura e macarronete
	Sobremesa	leite creme	iogurte de aromas

Anexo XIV

**Exemplo de Ementa Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira – Semana 21 a
27 de abril de 2014**



EMENTA 2 Semana de 21 a 27 de Abril de 2014

DIA		ALMOÇO		JANTAR
segunda-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	Refrico	1 iogurte, bolacha d.l., fruta da época
	Sopa	de couve lombarda	Sopa	de ervilhas
	Dieta Normal	feijoadã à Brasileira	Dieta Normal	pescada grelhada com arroz de legumes
	Dieta Ligeira	perú grelhado com arroz e legumes	Dieta Ligeira	pescada grelhada com arroz de legumes
	OLVegetariana	feijão guisado com soja, arroz branco e hortaliça	OLVegetariana	jardineira de legumes
	Sobremesa	gelatina	Sobremesa	fruta da época
terça-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com compota	Refrico	1 pão com mortadela, sumo de fruta d.l., fruta da época
	Sopa	de feijão branco com couve portuguesa	Sopa	de feijão verde
	Dieta Normal	frango estufado com massa esparguete	Dieta Normal	hambúrguer de aves grelhado com arroz e salada
	Dieta Ligeira	frango estufado simples com massa esparguete	Dieta Ligeira	hambúrguer de aves grelhado com arroz e salada
	OLVegetariana	esparguete de legumes	OLVegetariana	caril de legumes com arroz e salada
	Sobremesa	gelado	Sobremesa	fruta da época
quarta-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	Refrico	1 pão com chouriço, leite simples d.l., fruta da época
	Sopa	creme de legumes	Sopa	de abóbora com hortaliça
	Dieta Normal	massa à lavrador	Dieta Normal	carapazinho frito com arroz de tomate e salada
	Dieta Ligeira	massa de carnes e legumes cozidas	Dieta Ligeira	carapau grelhado com arroz e legumes
	OLVegetariana	soja fina com massa catovelinhos e legumes	OLVegetariana	crepe de legumes
	Sobremesa	fruta da época	Sobremesa	fruta da época
quinta-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com doce	Refrico	1 iogurte, bolacha d.l., fruta da época
	Sopa	canja	Sopa	caldo verde
	Dieta Normal	feijoadã à portuguesa	Dieta Normal	pataniscas de bacalhau com arroz e salada
	Dieta Ligeira	frango cozido ao natural com legumes	Dieta Ligeira	palmeta grelhada com arroz e salada
	OLVegetariana	feijoadã de legumes com arroz	OLVegetariana	massa catovelinhos e legumes
	Sobremesa	gelatina	Sobremesa	fruta da época
sexta-feira	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	Refrico	1 pão com fiambre, sumo de fruta d.l., fruta da época
	Sopa	de repolho	Sopa	creme de legumes
	Dieta Normal	francesinha	Dieta Normal	rissóis de camarão com arroz de feijão verde
	Dieta Ligeira	fêvera grelhada com arroz e legumes	Dieta Ligeira	peixe boba ao natural com arroz e feijão verde
	OLVegetariana	omelete com batata frita e legumes	OLVegetariana	rissóis vegetarianos com arroz de feijão verde
	Sobremesa	gelado	Sobremesa	fruta da época
sábado	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com compota	Refrico	1 pão com pão, leite simples d.l., fruta da época
	Sopa	de minestrone	Sopa	à primavera
	Dieta Normal	frango assado com esparguete salteado	Dieta Normal	iscas de figada com arroz e cebolada
	Dieta Ligeira	frango assado simples com esparguete salteado	Dieta Ligeira	iscas com arroz e legumes cozidos
	OLVegetariana	esparguete salteado com soja	OLVegetariana	arroz de caril com cogumelos
	Sobremesa	gelatina	Sobremesa	fruta da época
domingo	Peq. Almoço	300 ml de café e/ou leite, 2 pães com manteiga	Refrico	1 pão com queijo d.l., sumo de fruta d.l., fruta da época
	Sopa	de legumes	Sopa	à lavrador
	Dieta Normal	lombo assado com arroz e salada	Dieta Normal	almôndegas estufadas com arroz e salada
	Dieta Ligeira	lombo assado ao natural	Dieta Ligeira	almôndegas estufadas com arroz e legumes
	OLVegetariana	crepe de legumes com arroz e salada	OLVegetariana	legumes estufados com arroz e salada
	Sobremesa	pudim	Sobremesa	fruta da época

Anexo XV

**Despacho interno nº 6/RGEP/2013 – Objetos permitidos no espaço de alojamento
prisional em regime comum**

GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DESPACHO n.º 6/RGEP/2013

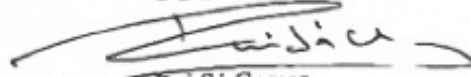
Objectos permitidos no espaço de alojamento prisional em regime comum:
ALIMENTOS DO EXTERIORArtigos 37.º, n.º 3, alínea g) e 48.º, n.º 3 do
Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais

Para efeitos do disposto nos artigos 37.º, n.º 3, al. g) e 48.º, n.º 3 do Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, aprovado pelo DL 51/2011, de 11 de Abril, determino:

1. É permitida a entrada nos estabelecimentos prisionais dos seguintes tipos de alimentos:
 - a) Biscoitos, tipo sortido;
 - b) Bolo seco fatiado;
 - c) Bolachas sem creme;
 - d) Pão fatiado;
 - e) Produtos de charcutaria fatiados;
 - f) Carne assada fatiada e desossada;
 - g) Frutos secos embalados.
2. Os alimentos são entregues nos termos e condições previstas no número 4. do artigo 48.º do Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais.

Lisboa, 12 de Setembro de 2013

O Director-Geral


Rui Sá Gomes